UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927):
uma análise historiográfica do *rã-txa hu-ni-ku-~i*
em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929

Beatriz Protti Christino

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Lingüística Geral, do Departamento de
Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
como requisito para a obtenção do Título de Doutor.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Fernandes Salles Altman

São Paulo
2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927):
uma análise historiográfica do *rã-txa hu-ni-ku-~i*
em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929

Beatriz Protti Christino

São Paulo
2006

*A meu irmão Fernando Protti Christino
e a Maria Clara de Sousa, minha estrela-guia.*

AGRADECIMENTOS

A investigação da ‘rede’ de Capistrano de Abreu tornou-se possível e prazerosa porque pude contar com a minha própria ‘rede’, multifacetada e multicultural, de contatos. Nesse espaço, deixo registrados alguns dos vários “muito obrigada” que devo. Em primeiro lugar, agradeço à Profa. Dra. Cristina Altman, presente desde os tempos do mestrado, pela orientação constante, precisa, estimulante e encorajadora. Meu agradecimento especial também ao meu co-orientador na Philipps-Universität Marburg, o Prof. Dr. Mark Münzel.

Não posso deixar de mencionar o Prof. Dr. Elias Thomé Saliba (Departamento de História Social da USP) que me sugeriu o *rã-txa hu-ni-ku--i* como objeto de estudo e apoiou, de muitas maneiras, minha pesquisa. Devo agradecimentos também ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto (DLCV – USP) e à Profa. Dra. Margarida Tadoni Petter (DL – USP), cujos cursos de Pós-graduação tanto contribuíram para o amadurecimento do meu projeto de pesquisa. Sou grata também aos professores que compuseram minha banca de qualificação: Profa. Dra. Margarida Petter e Prof. Dr. Angel Corbera Mori (IEL-UNICAMP), pela leitura atenta de meu relatório e pelos comentários que conduziram ao aperfeiçoamento do trabalho.

O Prof. Dr. Angel Corbera Mori e a Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar (UFG) merecem destaque por sua solicitude em sanar minhas dúvidas relativas à estrutura das línguas Pano e em me revelar fontes bibliográficas de extrema importância. Pelo envio de textos relevantes sobre ergatividade em línguas Pano, expresso minha gratidão ao Prof. Dr. Eduardo Rivail Ribeiro.

Declaro meu “muito obrigada”, ainda, a muitos outros fornecedores de ‘tesouros’ bibliográficos: a bibliotecária-chefe do Museu Paraense Emílio Goeldi; todo o pessoal da Biblioteca Central da FFLCH-USP, sobretudo Márcia Elisa de Grandi, Ana Cláudia Pastor e Marta Glória dos Santos, do Serviço de Atendimento ao Usuário; a equipe de bibliotecárias do IEB-USP; a Profa. Dra. Cristina Alberts-Franco e o Pedro Affonso (mestrando do Departamento de História da USP), um “capistraneano” como eu.

Sou particularmente grata pela bolsa de Doutorado da CAPES que me foi concedida pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo e que viabilizou as, por assim dizer, ‘etapas paulistas’ de minha pesquisa. No DL-USP, aliás, pude sempre contar com o auxílio inestimável dos incansáveis Érica, Ben-Hur e Robson. Para que essas ‘etapas paulistas’ fossem realmente produtivas, desempenharam papel decisivo as discussões com meus colegas do Grupo de Estudos em Historiografia da Linguística do DL-USP. Faziam

parte desse grupo, Luciana Gimenes, que muito me apoiou quando me candidatei à bolsa de Doutorado-sanduíche na Alemanha, Ceda Hackerott, sempre disposta a me oferecer conselhos utilíssimos e a minha grande amiga Aline da Cruz. Agradeço à Aline pelas críticas pertinentes e certas a meus textos, nas mais variadas fases de sua elaboração, bem como por ter me ensinado muito quando escrevemos em co-autoria um artigo sobre a visão do contato lingüístico para Martius (1794 – 1868), Steinen (1855 – 1929) e Ehrenreich (1855 – 1914) e por termos partilhado tantas experiências pessoais.

Cabe, agora, lembrar aqueles que colaboraram para o sucesso da ‘etapa cearense’ de minha pesquisa, realizada em julho de 2003. Primeiramente, vale ressaltar o auxílio financeiro, proveniente de verba PROAP-CAPES, a mim destinado pelo DL-USP para a compra de passagens aéreas e para cobrir meus gastos com moradia, alimentação e microfilmagem de documentos em Fortaleza. Merece especial agradecimento o, então presidente do Instituto Histórico do Ceará, Prof. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, por ter me autorizado a empreender investigações no arquivo pessoal de Capistrano de Abreu, que não se encontrava disponível para consulentes. É preciso, ainda, sublinhar o apoio significativo que recebi de toda a equipe do Instituto Histórico do Ceará: do vice-presidente Prof. Geraldo da Silva Nobre e, em particular, dos funcionários do setor de consulta -- Marineis Alves de Sousa e Harnoldo Márcio da Silva Marcos -- e do pessoal encarregado dos serviços gerais -- Antônio Barroso Filho, Maria de Lourdes Bezerra Alves e Raimundo Nonato Inoia Gomes. Devo agradecer, também, aos funcionários do Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública do Ceará, por seu empenho. Sei que Dona Ester, minha mais do que simpática anfitriã cearense, receberá meu abraço, muito carinhoso, aconchegadinho em sua colorida rede.

Meu percurso investigativo muito se beneficiou com as informações e contatos possibilitados pela ‘etapa alemã’ de minha pesquisa. Agradeço particularmente, portanto, ao convênio CAPES-DAAD pela bolsa de Doutorado-sanduíche que durou de dezembro de 2004 a março de 2006. Ao DAAD, sou muita grata pela chance de ter frequentado um curso intensivo de Alemão, com duração de quatro meses, no Speak and Write em Marburg e pelo custeio de minha moradia, de meu seguro-saúde e pela concessão de um auxílio financeiro por todo esse período. À equipe alemã do DAAD devo, ainda, o financiamento do Teste DAF (Alemão como língua estrangeira), que fiz em fevereiro de 2005, e o reconhecimento por seu esforço constante para tornar minha estadia na Alemanha ainda mais agradável e proveitosa.

Antes de nomear os muitos colegas e amigos com quem pude conviver em solo alemão, deixo registrado meu agradecimento aos que me apoiaram durante o processo de

candidatura àquela bolsa-sanduíche: Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco, Prof. Dr. Wolfgang Roth, Prof. Dr. Wolf Dietrich, Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues e Profa. Dra. Telê Ancona Lopez. Não posso me furtar, ainda que de passagem, a agradecer aqui à Profa. Dra. Telê Ancona Lopez por ter me propiciado uma iniciação científica, no real sentido do termo, no Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da USP nos anos de 1997 e 1998.

Tenho ótimas recordações da minha longa temporada de pesquisa no Arquivo Theodor Koch-Grünberg, graças ao apoio e simpatia de meus colegas do Departamento de Etnografia da Philipps-Universität Marburg. Preciso agradecer, em especial, à secretária do instituto Ciska van der Welle e às minhas companheiras de sala, e de muitas reflexões, Barbara Alberts e Ferdaouss Ada. Também orientandos do Prof. Dr. Mark Münzel, Camilo Roballo e Heike Tote se revelaram leitores pacientes e atentos de meus textos em Alemão e, muito mais do que isso, verdadeiros amigos. São igualmente agradáveis as lembranças de minhas duas temporadas de pesquisa em Berlim. Naquelas ocasiões, muito me valeram os préstimos e o jeito amável dos funcionários do setor de consulta do Museu Etnológico e, em especial, a colaboração da Sra. Zenner e da Sra. Wichmann. Ao Prof. Dr. Richard Hass, da equipe científica do museu, agradeço pelo apoio à minha pesquisa e pelo fornecimento de indicações bibliográficas. Quando estive no Instituto Ibero-Americano, recebi toda a atenção da parte do responsável pelo setor de Etnografia, o Prof. Dr. Peter Masson, como também da parte do encarregado das Coleções Especiais, o Prof. Dr. Gregor Wolff. A eles, meu “muito obrigada”.

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Elke Nowak pelo vivo interesse que dispensou às minhas análises lingüísticas e por ter me dado a oportunidade de proferir duas palestras: em 21 de junho de 2005, na Bergische Universität em Wuppertal e em 21 de novembro do mesmo ano, na Technische Universität em Berlim. Sou grata, também, às suas orientandas de Doutorado Nadine Proske e Hanna Stöcker, que, além de me auxiliarem no estudo da estrutura informacional de textos de Capistrano, me mostraram as belezas berlinenses. Devo à Hanna, inclusive, a revisão do texto em que se baseou a segunda palestra.

Tive o privilégio, ainda, de dialogar com o Prof. Dr. Bruno Illius em Berlim e em Marburg. Muito generosamente, ele colocou à minha disposição o seu profundo conhecimento de Sipibo e dedicou-se a avaliar minhas análises do –rã Caxinauá. Além disso, ajudou-me a obter bibliografia de grande utilidade e leu detidamente uma versão preliminar de meu artigo sobre o *Vocabulario Conivo* e o *Diccionario Sipibo*. Comentários pertinentes à primeira versão desse artigo correspondem, igualmente, a um dos muitos motivos que me levam a agradecer à Profa. Dra. Iris Bachmann (Universidade de Manchester). Vale ressaltar, também,

que ela corrigiu com minúcia textos meus em Inglês e em Alemão e tem sido uma interlocutora das mais valiosas. No conjunto dos meus interlocutores mais preciosos, tem lugar de honra Michael Kraus, para quem todos os agradecimentos são poucos. Ele não apenas me revelou os segredos do Arquivo Theodor Koch-Grünberg, como também facilitou, de várias formas, meus períodos de pesquisa em Berlim.

Sem o carinho dos amigos que fiz na Alemanha, não traria comigo recordações tão boas dos ‘tempos do sanduíche’. Mando meu “muito obrigada” para os queridos Eva Klein, Denis Habib, Hala Ferwanah, Lothar Denk, Michael Schröder, Sandra Jungherr e Tim Krause. Não tenho como esquecer, naturalmente, meus ‘irmãos-DAAD’, de quem sinto tanta falta: Danielle Naves, Edison Schneider, Eduardo Zancul, José Maria Menezes Neto, Zemar Soares, Liliana Fernandes, Lucia Melloni, Sarwar Amin, Tzutzuy Hernandez, Yulia Chmutova, Wael Marouf, Navid Jamali e Paula Viviane Ramos. Agradeço ao Navid e à Paula pela hospedagem, respectivamente, em Wuppertal e em Berlim.

Seria injusto não agradecer também aos amigos da “velha guarda”, ainda e sempre presentes e amados: Adriana Jurado, André Luís Paulilo, Andréia dos Santos Menezes, Bárbara Maués, Cristiano Augusto da Silva, Fabiana Valéria Tavares, Frank Nabeta, Karin Kansog, Luciane Rigolo, Maria Clara de Sousa, Rita Jover Faleiros e Roberta Montenegro. Agradeço muito, ainda, o apoio incondicional de minha família e a admirável compreensão que nunca deixaram de demonstrar. A serenidade e o carinho de meus pais, Luiz e Selma, de meus avós, Roberto, Cida e Jandyra e de meu irmão, Fernando, me trouxeram força e confiança.

De modo muito especial, agradeço ao José Cleriston Campos de Souza (o ‘meu Zé’), que, com sua inigualável doçura, me ensinou a sonhar.

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo compreender, em função de seu contexto de produção e recepção, as soluções descritivas reconhecíveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, obra sobre o Caxinauá (família Pano), escrita pelo brasileiro João Capistrano de Abreu (1853-1927) e publicada em 1914. De maneira a delinear o circuito de circulação do saber em que aquele trabalho se encontrava inserido, foi realizada uma investigação do ideal de ciência e do modelo de organização social do grupo de especialistas, de diversas nacionalidades, que se dedicaram ao exame das línguas e culturas da América do Sul, entre os anos de 1890 e 1929. De outro lado, levantaram-se as estratégias de segmentação e categorização de unidades lingüísticas do Caxinauá adotadas por Capistrano de Abreu e verificou-se a adequação descritiva de algumas das propostas de análise identificadas.

Palavras-chave: Historiografia da Lingüística; Línguas Pano; Caxinauá; Americanística; Capistrano de Abreu (1853-1927).

Abstract

This research aims to analyse the linguistic description of the Cashinaua language (a Pano language) presented by the Brazilian researcher João Capistrano de Abreu (1853-1927) in his study entitled *rã-txa hu-ni-ku-~i* (published in 1914) with respect to its context of production and reception. The analysis comprises the concept of science and the patterns of social relationship that characterized the international scientific community devoted to the study of South-American languages and cultures during the years 1890-1929. In addition, Capistrano de Abreu's system of segmentation and categorization of words and their affixes in Cashinaua was identified and the descriptive accuracy of some of his analyses tested.

Keywords: Linguistic Historiography; Pano languages; Cashinaua; South-American linguistics; Capistrano de Abreu (1853-1927).

Zusammenfassung

Ziel dieser Studie ist die Beschreibung des Kashinaua (Pano-sprache) in der von dem Brasilianer Capistrano de Abreu verfassten und 1914 veröffentlichten Arbeit *rã-txa hu-ni-ku-~i* im Hinblick auf ihren Entstehungs- und Rezeptionskontext zu untersuchen. Zu diesem Zweck wurden der Wissenschaftsbegriff und die Organisation des internationalen wissenschaftlichen Austauschs unter Südamerikanisten in der Zeit von 1890-1929 analysiert. Darüber hinaus wurden Capistranos Segmentierung und Kategorisierung von Wörtern und Affixen im Kashinaua dargestellt und die deskriptive Angemessenheit einiger seiner Analysen untersucht.

Schlüsselwörter: Historiographie der Sprachwissenschaft; Pano-sprachen; Kashinaua; Amerikanistik; Capistrano de Abreu (1853-1927).

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1.1 Natureza e quantidade dos textos da caixa 68 do Arquivo Paul Ehrenreich examinados	22
Tabela 1.2 Quantidade de cartas relevantes por pasta da Série “Correspondência” do Arquivo Theodor Koch-Grünberg	24
Tabela 1.3 Quantidade de notas manuscritas por seção do exemplar anotado de Abreu (1914)	30
Tabela 3.1 Tabela-resumo do conteúdo da <i>Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache</i>	101
Tabela 4.1 Resultados do levantamento de tipo de nota por sufixo	188

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1.1 Volumes consultados dos Autos do Museu Etnológico de Berlim	21
Quadro 1.2 Caixas consultadas do Arquivo Paul Ehrenreich	22
Quadro 1.3 Subtítulos da seção “Preliminares” em Abreu (1914)	27
Quadro 1.4 Número de textos em cada unidade temática da recolha de Abreu (1914)	28
Quadro 3.1 Vocabulário comparativo Uanana-Tukano presente na carta de Koch-Grünberg de 28 de agosto de 1903	95
Quadro 4.1 “Suffixos lexicos” apontados em Abreu (1914), ordenados alfabeticamente	166
Quadro 4.2 “Suffixos syntacticos” apontados em Abreu (1914), ordenados alfabeticamente	168
Quadro 4.3 A marcação casual do Caxinauá segundo Abreu (1914)	171
Quadro 4.4 A descrição dos paradigmas verbais por missionários castelhanos e por Abreu (1914)	181
Quadro 4.5 Tipologia proposta para as notas manuscritas de Capistrano às formas verbais	187
Quadro 5.1 Ocorrência de nasalidade final em sintagmas nominais-sujeito em Abreu (1914)	196
Quadro 5.2 Presença de nasal final nos sintagmas nominais-sujeito em Abreu (1914)	199
Quadro 5.3 Ocorrência de –rã em aposições, enumerações e repetições em Abreu (1914)	210

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	VI
Abstract.....	VI
Zusammenfassung.....	VI
Índice das tabelas.....	VII
Índice dos quadros.....	VII
 Introdução.....	 6
 Capítulo I	
Como seguir os fios da rede de Capistrano? A metodologia desenvolvida.....	9
1.1 Diretrizes da Historiografia da Lingüística.....	10
1.2 Os anos de 1890 a 1929: a periodização da pesquisa.....	12
1.3 Seleção do autor: Capistrano de Abreu, um sul-americanista modelar.....	14
1.4 As fontes primárias.....	19
1.4.1 Documentação relativa à Sul-Americanística dos anos 1890-1929.....	20
1.4.2 Documentação relativa às soluções descritivas adotadas por Capistrano de Abreu.....	25
1.5 Parâmetros de análise.....	31
1.5.1 Parâmetros ‘externos’ de análise.....	31
1.5.2 Parâmetros ‘internos’ de análise.....	33
 Capítulo II	
Um panorama da Sul-Americanística dos anos 1890-1929.....	38
2.1 A Sul-americanística em 1890-1929: uma ciência internacional.....	39
2.2 Os efeitos da Primeira Guerra Mundial para a Sul-americanística.....	41
2.3 A “terra incógnita” que fascinava os sul-americanistas.....	46
2.3.1 Gente que não era do ramo: os aventureiros.....	48
2.4 A “última hora” e a necessidade de especialistas.....	51
2.4.1 A exploração econômica e a extinção dos indígenas.....	54
2.5 Autores de referência: os guias no “trabalho de gabinete”.....	57
2.5.1 A necessária viagem ao redor da biblioteca.....	57
2.5.2 A natureza da bibliografia disponível.....	60

2.6 Críticas a Martius uma nova etnografia/ lingüística sul-americana se anuncia	68
2.6.1 Dados fornecidos por Martius: uma fonte imprescindível	70
2.6.2 A rejeição da visão de contato lingüístico característica de Martius.....	71
2.6.3 Palavras de “valor primário” e palavras de “valor secundário” ..	73
2.6.4 As críticas à “Tupimania”	74
2.6.5 O estabelecimento de critérios sólidos para a classificação etnográfico-lingüística.....	78
2.6.6 O legado de von den Steinen: método irretocável e resultados provisórios.....	82
2.7 Uma matriz disciplinar para o estudo dos povos sul-americanos	85
2.7.1 O vínculo indissociável entre etnografia e lingüística	85
2.7.2 A cultura material e a cultura espiritual	88

Capítulo III

A lingüística dos sul-americanistas	92
3.1 Reunião de vocabulários: o primeiro passo.....	93
3.1.1 O papel do vocabulário para a classificação lingüística.....	93
3.1.2 A arte de compor um bom vocabulário	96
3.1.3 Os numerais: uma categoria de palavras que ganhava atenção especial.....	98
3.1.4 Formas de organização dos vocabulários.....	99
3.1.5 Um guia para a coleta vocabular: a <i>Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache</i>	100
3.2 Análise gramatical: um passo para especialistas.....	102
3.2.1 O desafio de compreender a gramática de uma língua.....	103
3.2.2 A desejada independência do “molde descabido das línguas clássicas”	104
3.2.3 As tarefas de segmentar e classificar unidades lingüísticas	105
3.2.4 A polissíntese e a incorporação	108
3.3 A recolha de textos: o passo decisivo.....	111
3.3.1 Os estudos em mitologia comparada.....	111
3.3.2 A lingüística a partir do texto: um encontro com a verdadeira língua.....	114
3.3.3 A concepção de tradução ideal.....	117
3.3.4 Os relatos tradicionais como indicadores de mecanismos discursivos.....	120

3.4 A interação pesquisador-informante segundo a ótica dos sul-americanistas dos anos 1890-1929	123
3.4.1 A relevância conferida à interação pesquisador-informante	123
3.4.2 “A montanha vem a Maomé”: quando os informantes se deslocam.....	125
3.4.3 A interação pesquisador-informante durante as expedições de pesquisa	129
3.4.4 O “valor” do informante.....	131
3.4.5 Choques culturais, mal-entendidos e incompreensões	133
3.4.6 O pesquisador tem de ser o “homem certo”	137

Capítulo IV

A rede do texto: uma análise das soluções descritivas no <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i> ...	140
4.1 A terminologia do <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i>	141
4.2 “Mais adequado achar uma transcrição adequada dos sons”	145
4.2.1 A “pronuncia de seringueiro” é aprovada e divulgada.....	147
4.2.2 Estratégias para caracterizar os sons	149
4.2.3 O reconhecimento de alternâncias sonoras	151
4.3 Formas e critérios de segmentação lingüística identificáveis no <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i>	153
4.3.1 Os “monosyllabos significativos” e sua delimitação	154
4.3.2 Presença de “fricativas”: o contexto fônico problemático	156
4.4 Formas e critérios de categorização lingüística identificáveis no <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i>	156
4.4.1 Nome de quê?	157
4.4.2 A “instabilidade” das palavras caxinauás.....	159
4.5 Os “suffixos” do Caxinauá segundo Capistrano de Abreu	164
4.5.1 Os “suffixos lexicos”	165
4.5.2 Os “suffixos syntacticos”	168
4.5.3 O “suffixo obscuro”	172
4.6 Os “paradigmas de verbo” do Caxinauá segundo Capistrano de Abreu ..	175
4.6.1 O problema colocado pelas formas verbais.....	175
4.6.2 Os “paradigmas de verbo” no <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i> e em obras de missionários castelhanos	176
4.6.3 O (re)exame das formas verbais reconhecíveis nas notas manuscritas.....	181

Capítulo V

A minha “lingüística a partir do texto”	191
5.1 A nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito.....	192
5.1.1 O sistema nominativo-acusativo particular proposto por Capistrano de Abreu	192
5.1.2 Análises atuais: a ergatividade em línguas Pano.....	193
5.1.3 Manifestação da nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito no <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i>	194
5.1.4 Um exame da presença/ ausência de nasalidade final nos sintagmas nominais-sujeito	197
5.2 Alternância de sufixos adverbiais no <i>rã-txa hu-ni-ku-~i</i>	200
5.3 Contextos de ocorrência do(s) sufixo(s) <i>-rã</i>	203
5.3.1 Uma regularidade: a ocorrência em fronteiras de sintagma	204
5.3.2 O comportamento de <i>-rã</i> em contextos verbais.....	205
5.3.3 O comportamento de <i>-rã</i> em contextos nominais.....	207
5.3.4 A terminação <i>-rã</i> e efeitos de realce	211

Capítulo VI

Considerações Finais	215
-----------------------------------	-----

Bibliografia	220
---------------------------	-----

“Consegui finalmente apanhar o tipo sintático da língua, um verdadeiro ovo de Colombo, e agora aparece-me em toda a sua unidade através de todas as particularidades. **Aos vaivéns da rede**, parece-me tudo simples e harmônico.” (Capistrano de Abreu em carta a Pandiá Calogéras, de 28 de setembro de 1910, Abreu 1954: 364)

“Aqui no Rio só fiz duas aquisições: saber do alemão o bastante para lê-lo **na rede**, sem estar me levantando a cada instante para recorrer ao dicionário; e através de Wappoeus, Poschel e Ratzel compreender que a geografia é tão bela ciência como difícil.” (Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo, de 19 de março de 1917, Abreu 1954a: 38)

INTRODUÇÃO

Afastando-me dos historiadores mais tradicionais da Lingüística, não dirigi minha atenção a uma das correntes dominantes do pensamento lingüístico, nem priorizei a avaliação de obras de cunho marcadamente teórico. Preferi procurar contribuir para um campo de estudo que, segundo Nowak (1996a: 24), se acharia “*in statu nascendi*”: a historiografia das metodologias descritivas aplicadas a línguas não indo-européias.

A exemplo de Gimenes (2005) e de Cruz (2005), também pesquisadoras vinculadas ao Grupo de Historiografia da Lingüística da Universidade de São Paulo, tive como objetivo estudar descrições de línguas indígenas sul-americanas, bem como seu circuito de produção e circulação. Atraída pela possibilidade de investigar as soluções descritivas identificáveis em uma obra relativa a uma língua não-pertencente à família Tupi-Guarani, selecionei como objeto de análise o *rã-txa hu-ni-ku~i*, de autoria de João Capistrano de Abreu (1853-1927), mais comumente lembrado como um dos maiores historiadores brasileiros (cf., por ex., Saliba 2006: 11). Publicado em 1914, o livro contém uma breve gramática do Caxinauá (língua Pano), um extenso “Vocabulario caxinauá-brasileiro” e a transcrição de dezenas de narrativas tradicionais no original, acompanhadas de tradução interlinear.

De modo a contextualizar devidamente as soluções descritivas reconhecíveis no trabalho de Capistrano de Abreu sobre a língua Caxinauá, levantei as principais características da comunidade de estudiosos dedicados às línguas (e culturas) sul-americanas no período que abrange de 1890 a 1929. Com base em fontes primárias (que incluem um volume considerável de material não-publicado), acerquei-me dos referenciais teóricos dos sul-americanistas, de seus procedimentos metodológicos e dos mecanismos de divulgação de sua produção científica.

Essa investigação demonstrou, de modo flagrante, que o sul-americanista Capistrano de Abreu jamais poderia ser tomado por um pesquisador isolado, que tivesse permanecido sem leitores e interlocutores especializados. Tal realidade, no entanto, parece ter escapado à percepção da maior parte dos analistas da obra de Capistrano, que focalizaram sua atuação como historiador. Mais do que isso, referências aos estudos etnográfico-lingüísticos de Capistrano desprezaram-nos como uma extravagância (conforme destacou Saliba 2006: 12 e bem exemplifica Salles 1938: 96), que consumira inutilmente seu tempo e energia, ou como uma espécie de auto-exílio intelectual, que teria lhe ajudado a “olvidar su tristeza personal y la mediocridad que había invadido su ambiente académico” de historiador (Bosch 1970: 147, cf. tb., Amed 2006: 220-221, 236). A partir desses pontos de vista, fica difícil responder de

maneira esclarecedora à questão constante de uma resenha, publicada no jornal de grande circulação *O Paiz*, tão logo o *rã-txa hu-ni-ku--i* foi lançado: “Para que serve todo esse esforço de Capistrano de Abreu, que lucra elle e que lucramos nós na divulgação de um idioma de índios, idioma que ninguém quererá aprender e índios que a civilização vai absorver?” (Lopes 1914)¹.

Não acredito que a massa dos leitores d’ *O Paiz* tenha realmente encontrado grande vantagem na existência do *rã-txa hu-ni-ku--i*. Como declarou em carta de 21 de janeiro de 1914, Capistrano também não tinha a “ingenuidade” de esperar por uma reação positiva do grande público (Abreu 1954: 200). Sua meta, desde o início, era fomentar o diálogo entre especialistas. Em “janeiro de 1910”, Capistrano tencionava compor sobre a língua Caxinauá “um volume de no maximo cento e cincoenta paginas, impresso a tempo de figurar em Maio no Congresso dos Americanistas de Buenos Ayres” (Abreu 1914: 7).

Apesar de Capistrano não ter concretizado seus planos de apresentar-se em Buenos Aires, não faltou divulgação para o *rã-txa hu-ni-ku--i* em periódicos internacionais especializados (v., entre outros, Rivet 1910a: 223, 1914; Hestermann 1914). Sem fazer qualquer menção a seus estudos em História do Brasil e recheados de comentários elogiosos, os textos nessas revistas sinalizam que Capistrano de Abreu foi um membro da comunidade de especialistas cuja produção etnográfico-lingüística recebeu a merecida atenção. Com isso em mente, assim como levando em conta documentos expostos ao longo dessa tese, proponho a seguinte resposta à pergunta veiculada n’ *O Paiz*: Capistrano de Abreu escreveu o *rã-txa hu ni-ku--i* não por uma necessidade de fuga, mas porque era também um sul-americanista.

Segundo a minha interpretação, os estudos lingüísticos voltados ao Bacairi -- língua Caribe que ele investigou por vários anos -- e ao Caxinauá desenvolvidos por Capistrano de Abreu ganhariam a mesma justificativa que a fornecida pelo pesquisador alemão Theodor Koch-Grünberg (1872–1924) para a sua própria atividade como descritor de línguas sul-americanas.

Was wird bei meinem 4. Band herauskommen, der die sprachlichen Ergebnisse der letzten Reise enthält? Wer interessiert sich für eine Grammatik des Taulipang, des Yekuana, des Wapischana, und wie sie alle heißen? [...] [Ich schreibe] für die „wenigen Menschen, die es gebrauchen können“, um mit Karl von den Steinen zu reden. Ich bin im Grunde genommen nur ein simpler Amerikanist, ein Spezialist.

[O que vai surgir do meu quarto volume, que contém os resultados lingüísticos da última viagem? Quem se interessa por uma gramática do Taulipang, do Yekuana, do Wapischana, e como se chamam todos os demais? [...] [Eu escrevo] para os “poucos homens, que podem servir-se disso”, para falar como Karl von den Steinen. Eu sou, no fundo, apenas um simples americanista, um especialista.] (Carta de Theodor Koch-

¹ Nessa citação, como em todas as demais ao longo do trabalho, respeitou-se a ortografia do original.

Grünberg a Karl Weule, de 20 de abril de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 31, ATKG)²

Minha tese pretende mostrar porque o sul-americanista Capistrano de Abreu integrava, de fato, o seletto grupo dos que podiam fazer uso das descrições lingüísticas compostas por Koch-Grünberg. E, reciprocamente, porque Koch-Grünberg e outros sul-americanistas de projeção comparável contavam-se entre a audiência do colega Capistrano de Abreu. Para expor mais claramente como coloquei esse problema e busquei resolvê-lo, dividi meu texto em seis capítulos.

No primeiro deles, “Como seguir os fios da rede de Capistrano?” abordo a metodologia empregada na elaboração do trabalho, expondo e fundamentando a periodização da pesquisa e relatando as fontes utilizadas. Incluí, ainda, uma apresentação detalhada dos “parâmetros de análise” que nortearam meu exame da documentação reunida.

O capítulo seguinte, intitulado “Um panorama da Sul-Americanística do período 1890-1929”, tem a intenção de revelar o significativo intercâmbio científico internacional que então se processava na comunidade dos sul-americanistas, bem como de descrever o padrão de ciência estabelecido por aquele grupo de especialistas.

Avançando na descrição da matriz disciplinar da Sul-Americanística do período 1890-1929, enfoco, no capítulo 3, “A Lingüística dos Sul-Americanistas”. Examino, sucessivamente, o tratamento reservado às listagens de palavras, o modo como foram empreendidas análises morfológicas e os problemas levantados pelas recolhas de narrativas tradicionais. Por fim, dei destaque a reflexões atinentes à interação pesquisador-informante.

No quarto capítulo, que se liga diretamente à dimensão ‘interna’ do objeto de estudo, consideram-se as soluções descritivas identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i*. A análise reportada nesse capítulo deriva não apenas de uma apreciação da obra publicada, mas também de uma investigação exaustiva das notas manuscritas deixadas em um exemplar que pertenceu a Capistrano de Abreu, hoje conservado no Instituto Histórico do Ceará.

Interessada em avaliar a adequação de algumas descrições propostas por Capistrano de Abreu, analisei, segundo meus próprios referenciais teórico-metodológicos, dados constantes no *rã-txa hu-ni-ku-~i*. Esse processo encontra-se registrado no quinto capítulo, que decidi nomear “A minha lingüística do texto”.

Valendo como uma síntese de meu percurso interpretativo, o sexto capítulo delinea as conclusões a que cheguei.

² Todas as traduções, cuja autoria não é explicitamente mencionada, foram elaboradas por mim.

Capítulo I

Como seguir os fios da rede de Capistrano?
A metodologia desenvolvida

CAPÍTULO I

Como seguir os fios da rede de Capistrano?

A metodologia desenvolvida

1.1 Diretrizes da Historiografia da Lingüística

Os objetivos e as diretrizes metodológicas que nortearam a elaboração do presente trabalho enquadram-no no campo da Historiografia da Lingüística. Conforme definida por Koerner (1989), a Historiografia rejeita uma visão linear e de progresso cumulativo da história da reflexão e das práticas descritivas envolvendo a linguagem e as línguas. Em seu lugar, propõe a consideração de formas co-ocorrentes e concorrentes de abordagem das línguas e da linguagem, levando ao reconhecimento de tradições de pesquisa dominantes e de tradições de pesquisa marginais, em um dado momento histórico. Essa maneira de compreender a história da lingüística, que se opõe ao presentismo e a orientações teleológicas, possibilita a identificação de continuidades e descontinuidades ao longo do tempo, atentando para o aprofundamento, abandono, ou retomada (em novas bases) de referenciais teórico-metodológicos. Uma análise historiográfica cuidadosa permite diferenciar entre autênticas novidades teórico-metodológicas e casos em que, mesmo mantendo inalterados os fundamentos do conhecimento lingüístico anterior, uma geração adota uma ‘retórica revolucionária’ (Murray 1994: 23).

Para traçar adequadamente o percurso de surgimento e ressurgimento de dadas concepções lingüísticas e/ ou práticas descritivas, o historiógrafo da lingüística precisa estar atento à situação sócio-política e econômica vivenciada pelos estudiosos em foco e à atmosfera intelectual que os circundava. De outro modo, sua reconstrução histórica perde muito da validade, por deixar de obedecer ao princípio da contextualização (Koerner 1989: 25) e por negligenciar o, especialmente relevante, ‘clima de opinião’ da época (Koerner 1989: 34, 40, 49, 55, 84).

Por outro lado, o mergulho no espírito da época, na realidade política e na conjuntura sócio-econômica não deve assumir o primeiro plano, ofuscando o que há de específico no trato com as línguas e a linguagem no(s) período(s) investigado(s). O ideal a ser atingido pelo historiógrafo da Lingüística coincide, portanto, com a neutralização da dicotomia apontada por Swiggers (1990) entre uma historiografia “*content-oriented*”, voltada primordialmente para problemas lingüísticos e suas soluções descritivas, e uma historiografia “*context-oriented*”, interessada, sobretudo, no ambiente em que se formaram as reflexões sobre a

linguagem e as práticas lingüísticas. Sendo assim, o historiógrafo da lingüística deve combinar habilidades de historiador e de lingüista, como indicaram Koerner (1989: 48-9, 104) e Clercq e Swiggers (1991: 15). Sem o domínio do arcabouço teórico e metodológico da Lingüística, o historiógrafo fica impedido de avaliar a adequação de uma descrição (nos termos de Swiggers 1990a), ou seja, sua exaustividade, precisão e coerência. Além disso, ele não tem a chance de confrontar, de um ponto de vista técnico, o que o lingüista em exame afirmou que fazia e como ele efetivamente lidou com os dados.

Quando lhe falta a competência para lidar com fenômenos sócio-históricos, o historiógrafo da Lingüística peca por não conseguir avaliar o circuito de produção e recepção em que se inseria o conhecimento lingüístico. Como demonstrou Murray (1994), para o sucesso de uma teoria, a capacidade de seus defensores de conseguir meios de publicação, treinar seguidores, atuar em organizações científicas de prestígio e ocupar postos de destaque revela-se bem mais decisiva do que a elegância e capacidade explicativa das soluções propostas. Por isso, a formação de grupos científicos não se dá unicamente em torno de boas idéias, mas depende, em grande parte, de líderes intelectuais e de líderes organizacionais. Enquanto os primeiros escrevem textos programáticos e empreendem pesquisas exemplares, os líderes organizacionais viabilizam a produção científica em certa linha e asseguram sua publicação e circulação (Murray 1994: 22-23).

Tendo-se em vista a distinção estabelecida em Altman (1998: 37, 41), pode-se afirmar que a ação dos líderes organizacionais se liga à esfera social (ou dimensão ‘externa’) do conhecimento lingüístico, ao passo que os líderes intelectuais influem na dimensão ‘interna’ desse conhecimento. Embora suas naturezas não se confundam, a liderança intelectual e a liderança organizacional não são, necessariamente, exercidas por agentes diversos.

No exame da chamada dimensão ‘interna’ das reflexões sobre a língua e a linguagem, ganha importância central a noção de matriz disciplinar, tal como expressa em Koerner (1989), que efetua uma reelaboração de Kuhn (1998 [1970]). Koerner se juntou àqueles que sublinharam a distância entre as ciências naturais e as ciências humanas e, em função dela, descartaram uma aplicação estrita das idéias de Thomas Kuhn (1922-1996) na Historiografia da Lingüística. Apesar de contrário a uma noção estritamente kuhniana de ‘revolução científica’, que implica a total substituição de um (único) modo de fazer ciência por outro, Koerner se declarou favorável ao emprego, pelos historiógrafos da lingüística, do conceito kuhniano de ‘matriz disciplinar’ “[i]f we interpret it as the sum of concepts and procedures of analysis to which the student is introduced and which will permit him to account for the data that constitute the object of investigation” (Koerner 1989: 84-85).

Tanto na análise da dimensão ‘interna’, quanto na análise da dimensão ‘externa’ do conhecimento lingüístico em dado período, o historiógrafo deve privilegiar as fontes primárias e não se limitar aos textos publicados (como frisaram, por exemplo, Clercq e Swiggers 1991: 15, 17). Nessa linha, Koerner (1989: 105) defendeu que a correspondência privada entre colegas de especialidade constitui uma fonte documental de especial interesse. Creio que minha pesquisa pode valer como uma confirmação disso, visto que recolhi nas cartas trocadas entre estudiosos indicações preciosas acerca dos mecanismos de produção e circulação do saber lingüístico dos sul-americanistas no período 1890-1929.

1.2 Os anos de 1890 a 1929: a periodização da pesquisa

Para os historiógrafos da Lingüística, a periodização representa a hipótese inicial na construção do 'quadro de referência', que contextualiza sua seleção de problemas, autores e métodos de análise.

O período investigado pela presente pesquisa recobre os anos de 1890 a 1929, fase da história brasileira conhecida como “República Velha”, que tem por marcos cronológicos a Proclamação da República (1889) e a chamada “Revolução de [19]30”. Esse intervalo coincide, em grande parte, com a época de realização das viagens de etnógrafos alemães à região amazônica. De acordo com Kraus (2004), tal forma de produção científica, já institucionalizada e seguindo diretrizes teórico-metodológicas claras e próprias, incia-se com a primeira expedição através da região do Xingu, chefiada por Karl von den Steinen (1855-1929) em 1884 e pode ser considerada encerrada em 1929, ano da morte daquele pesquisador.

Em lugar de fornecer um relato pormenorizado e abrangente da época, tarefa que caberia ao historiador, em meu trabalho o olhar se particularizou, para focalizar a situação dos povos indígenas e as condições então vivenciadas pelos estudiosos de suas línguas e culturas. Sendo assim, não abordo o movimento de modernização tecnológica e cultural experimentado na época por nosso país (assunto de obras como Sevcenko 1998), mas efeitos dele, nomeadamente a sempre crescente necessidade de expandir as fronteiras agrícolas e as áreas de exploração econômica e a crença de que a extinção dos índios viria inevitavelmente e em um curto prazo.

Longe de encontrar-se restrita ao Brasil, a preocupação de que brevemente as culturas indígenas se tornassem irrecuperáveis motivou vários intelectuais a coletarem informações sobre elas. Em consequência, o movimento de estudar a etnografia e a lingüística dos povos americanos vinha se intensificando no período considerado, tanto em centros europeus quanto nos Estados Unidos (v. Comas 1954; 1974). A crônica fornecida por Comas (1954) registra que a primeira associação científica com tais interesses foi a *Société Américaine de France*,

criada em 1858. Sob os auspícios dessa sociedade realizou-se, em 1875, o primeiro Congresso Internacional dos Americanistas, sediado em Nancy.

Por muito tempo, os congressos continuaram a acontecer, a cada dois anos, exclusivamente em cidades européias. Apenas em 1895, vencida a resistência dos estudiosos europeus mais tradicionais, teve lugar a primeira reunião no continente americano, realizada na cidade do México. Dessa data em diante, os congressos passaram a ocorrer alternadamente nos dois continentes. Cabe dizer, portanto, que a segunda metade da década de 1890 parece assistir à inclusão dos estudiosos americanos na comunidade produtora de saber sobre a América, que experimentaria um processo de internacionalização. Mudanças na estrutura dos congressos internacionais de americanistas apontam efetivamente para uma progressiva internacionalização do campo. O Francês, que fora a única língua oficial do congresso até a sessão de Berlim em 1888, passou a figurar ao lado do Inglês, do Espanhol e do Alemão, a ele equiparados, na nova redação dos estatutos, empreendida em 1900. Por sugestão do brasileiro Oliveira Lima (1867-1928), na reunião de 1908 em Viena, o Português passou a integrar o rol das línguas oficiais do congresso (v. Clérot e Brandão 1924).

Como evidencia a história de seus congressos internacionais, a virada do século XIX para o século XX corresponde a um momento importante para a institucionalização dos estudos americanistas. Paralelamente ao fortalecimento do campo de estudo, que ganhava espaço em museus e universidades, teve lugar uma crescente especialização intra-campo. Cada vez mais, o diálogo científico passou a se dar, preferencialmente, entre interessados nas línguas e culturas de uma determinada região. Antes que análises parciais em profundidade fossem alcançadas, conclusões válidas para a toda a América eram tomadas como prematuras. Nesse contexto, delinear-se os subgrupos dos especialistas em tribos norte-americanas, dos especialistas nas culturas do México e América Central e dos especialistas em povos da América do Sul, que não deixavam, por sua vez, de comportar subdivisões internas. Diante da complexidade desse panorama, restringi minha investigação à comunidade dos pesquisadores voltados ao exame das línguas e culturas da América do Sul, no intervalo que vai de 1890 a 1929. Ao longo do presente trabalho, preferi utilizar o rótulo “sul-americanistas” para referir-me a esses estudiosos, lançando mão da denominação generalizante e mais tradicional “americanista”, apenas com relação a pesquisadores cujo objeto primordial de análise correspondia à etnografia e/ou à lingüística de outras regiões do continente americano.

Se, no plano internacional, verifica-se no período em foco o estabelecimento de uma comunidade consideravelmente bem delimitada de sul-americanistas, no Brasil assiste-se então a um relativo florescimento dos estudos de línguas indígenas não-pertencentes à família

Tupi-Guarani. Com efeito, os dantes, quase sempre, indistintos e esquecidos “tapuias” vão ganhando novos contornos em trabalhos sobre os Arés (Borba 1904), “os povos da família gê ou cran” (Sampaio s.d. ,c. 1912]), os “coroados-bororós” (Villeroy 1891), os Bororós (Colbacchini 1919), os Kaiapós (Sala 1920) e os Kaingangs (Taunay 1922), dentre outros. Por conta disso, os anos entre 1890 e 1929 revestem-se de relevância para a historiografia da lingüística brasileira e para a historiografia dos estudos sobre as línguas faladas em nosso país.

Capistrano de Abreu, conforme pretende mostrar o item seguinte e o trabalho como um todo, relevou-se figura-chave dentre aqueles que abraçaram a tarefa de registrar, descrever e analisar línguas indígenas sul-americanas não-filiadas ao Tupi.

1.3 Seleção do autor: Capistrano de Abreu, um sul-americanista modelar

Com o objetivo de identificar as soluções descritivas adotadas por um trabalho relevante sobre uma língua indígena não-tupi, elaborado no Brasil no período de 1890 a 1929, a presente pesquisa elegeu, como material de análise, uma obra lingüística de um autor julgado modelar pelos especialistas contemporâneos: o cearense João Honório **Capistrano de Abreu** (1853-1927). Suas análises lingüísticas publicadas, voltadas exclusivamente para línguas não-pertencentes à família Tupi-Guarani, foram elogiadas por seus colegas sul-americanistas em artigos e resenhas ou em cartas de caráter privado, o que fica testemunhado em diversas passagens dessa tese.

A relevante, prestigiada e influente produção historiográfica de Capistrano de Abreu não será por mim considerada, uma vez que intento reconstruir a concepção de ciência estabelecida pelos sul-americanistas do período 1890-1929. Ao contrário de seus estudos etnográfico-lingüísticos, a obra de Capistrano sobre a história do Brasil têm sido tema de diversos trabalhos, como Conrad (1965), Bosch (1970), Fringer (1971), Araújo (1988). Amed (2006: 26-46) detém-se no exame de vários trabalhos sobre a vida e/ou a produção historiográfica de Capistrano.

Em 23 de outubro de 1853 no Engenho Columinjuba, localizado no então distrito de Maranguape (CE), nascia Capistrano de Abreu. Ele fez seus primeiros estudos em Fortaleza, onde viveu até 1869, ano em que se mudou para Recife. Sua atuação como intelectual ganhou impulso em 1875, quando se transferiu em definitivo para o Rio de Janeiro. Nomeado em 1879 para o cargo de Oficial da Biblioteca Nacional, permaneceu na função até 1883. Nessa data, foi aprovado, em concurso, professor de Corografia e História do Brasil do Colégio Pedro II. Uma reforma educacional surgida em 1898 colocou-em disponibilidade e afastou-o da docência (cf. Studart 1910: 420-1). Até seu falecimento, em 1927, Capistrano de Abreu

colaborou ativamente na imprensa e dedicou-se a análises históricas e etnográfico-lingüísticas.

A homenagem que lhe prestaram os *Annaes do Museu Paulista*, pouco tempo depois de sua morte, trouxe em sua página de rosto a significativa frase: “A J. Capistrano de Abreu, mestre, ‘nec pluribus impar’, nas letras historicas de nossa terra e na **ethnographia brasileira**” (negrito adicionado). Tanto num como noutro domínio, Capistrano teria indicado uma nova maneira de proceder, em busca de maior rigor, inspirada por modelos científicos vindos da Alemanha.

Calógeras (1927: XXIX) esteve entre os contemporâneos que responsabilizaram Capistrano por operar uma reorientação no campo da etnografia produzida em nosso país e reconheceram a influência germânica nesse processo. Suas palavras sublinham que Capistrano “[r]enovou methodos de analyse [e] [t]ransplantou para o nosso meio os processos criticos da ethnologia alemã” e, por isso, servira de inspiração para a produção etnográfica que então se desenvolvia no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Também Pinto (1928) tomou as traduções, elaboradas por Capistrano de Abreu, de textos em que Paul Ehrenreich (1855-1914) divulgava novas bases para a classificação dos grupos indígenas brasileiros (v. Ehrenreich 1892, 1907; Abreu 1914: 3; Carmo 1953), ao lado dos trabalhos de Capistrano sobre os índios Bacairi e sua língua (v. Abreu 1895) e de sua obra acerca da língua e da cultura caxinauás (v. Abreu 1914) como um referencial teórico-metodológico de relevo.

A eleição de Capistrano de Abreu para sócio-correspondente da *Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* [Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-História] de Berlim já em 1895, ano da publicação de seus textos sobre os Bacairi na *Revista Brasileira*, assim como seu ingresso na *Société des Américanistes de Paris*, também na condição de sócio-correspondente, no ano de 1924, representam sinais do reconhecimento que Capistrano recebeu junto à comunidade internacional dos sul-americanistas (v. *Zeitschrift für Ethnologie* 1905, Abreu 1977[1954]: 417).

Nos limites dessa tese, ganham destaque as reações ao *rã-txa hu-ni-ku~i* — título da obra de Capistrano sobre a ‘língua dos caxinauas’ correspondente à maneira como os falantes chamam seu idioma. Primeiro trabalho publicado dedicado àquela língua, o volume foi composto com base em dados fornecidos por dois informantes nativos que moraram com o autor e avaliado, em uma resenha escrita no ano de sua publicação, como “tão completo e tão inteligente” e marcado por uma “honestidade absoluta de processos”, qualidades que o converteriam em “monumento da ethnologia brasileira” (Lopes 1914). Falando aos seus companheiros de especialidade no Congresso de Americanistas realizado em 1930, Oiticica

(1934: 274) citou o *rã-txa hu-ni-ku~i* como exemplo de “trabalho consciente e bem acabado” que teria vindo preencher uma das muitas lacunas da lingüística sul-americana. A importância indiscutível que Oiticica (1934: 276) conferia àquela obra como subsídio para a realização de estudos comparativos fica clara por meio do comentário “Que se podia fazer com o Caxinauá antes de **Capistrano de Abreu** ou com o Kainjgang antes de Val Floriana? Quasi nada. Aproximações escassas, incertíssimas, todas empíricas, tateantes” (negritos adicionados).

O sul-americanista Teodoro Sampaio (1855–1937) mostrou-se igualmente um admirador do *rã-txa hu-ni-ku~i*. Seu parecer sobre a obra de Capistrano torna patente a visão de que ela representaria um perfeito guia metodológico para as pesquisas com grupos indígenas, especialmente para as de natureza lingüística. Na visão de Sampaio (1955[1915]), os procedimentos relacionados à obtenção e ao tratamento dos dados, empregados na composição do *rã-txa hu-ni-ku~i*, deveriam ser repetidos por quem desejasse retratar fielmente o modo de vida, a linguagem e as concepções do “homem das selvas”, de modo a poder reconstruir rotas migratórias e estabelecer parentescos entre os povos.

Registrar o que em íntima e diuturna convivência com o índio se nos deparar como fenômeno de sua língua ou produto genuíno de seu intelecto e da sua memória, tal deve ser o escopo a atingir da parte de quem quer que porventura se proponha conhecer o homem das selvas no seu passado, na sua filiação em relação a outros povos.

Exemplo, entre nós, desse modo verdadeiramente científico de operar é o livro que há pouco publicou o nosso eminente historiador e filólogo, **João Capistrano de Abreu, a propósito da língua dos Caxinauás.** [...]

[...]

O *Rã-txa-hu-ni-ku-i* tem na Lingüística todo este alcance, como gramática, texto e vocabulário dos Caxinauás, e até como lenda, conto ou fábula, concorrendo para a decifração da marcha obscura desse povo no passado [...]. **O modelo, que ele por si só significa,** dará no futuro os seus bons frutos e a ciência das línguas indígenas, já hoje entrada em fase nova, há-de dar-lhe o **destaque que merece** como subsídio que é dos mais valiosos na solução do grande problema. (Sampaio 1955[1915]: 125-6, negritos adicionados)

Não foi preciso esperar muito para que ‘a ciência das línguas indígenas’ desse a Capistrano o reconhecimento devido. Tão logo sua obra sobre o Caxinauá ganhou divulgação, o prestigiado *Journal de la Société des Américanistes de Paris* dedicou-lhe uma resenha em que enfatizou a abrangência da recolha e a precisão na análise dos fenômenos lingüísticos. Uma e outra colocariam o Caxinauá no (reduzido) rol das línguas sul-americanas bem descritas, com a invejável posição de melhor descrita. Conseqüentemente, nesse texto, como no anterior, comparece a idéia de que o trabalho de Capistrano consistia num exemplo a ser seguido.

son livre est certainement un des documents linguistiques le plus importants que nous possédons jusqu'à ce jour sur les langues sud-américaines.

[...] Grâce à Capistrano de Abreu, ce dialecte [Caxinauá] est certainement maintenant celui sur lequel nous possédons **le matériel le plus complete et le meilleur**.

L'ouvrage est divisé en quatre parties. La première est une excellente étude grammaticale du Caxinauá. La deuxième ne renferme pas moins de 5926 phrases, dont la réunion forme un texte ethnographique des plus précieux.

[...]

[...] En le signalant tout particulièrement à leur attention, je ne puis qu'émettre le vœu que **l'exemple de Capistrano de Abreu soit suivi par d'autres chercheurs sud-américains**" (R. [ivet] 1914: 333, negritos adicionados)

Mais de dez anos depois de sua publicação, o trabalho de Capistrano de Abreu continuaria sem paralelo, na visão de renomados sul-americanistas franceses. Num artigo sobre "Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús", Paul Rivet (1876-1958) e Constantino Tastevin asseguraram que, enquanto sobre as línguas Pano "Yaminawa, Kanawary e Amahuaka" a documentação disponível restringia-se a vocabulários de pequena extensão, sobre o Caxinauá "[...] heuresement, grâce a un savant linguiste brésilien, **Capistrano de Abreu**, nous possédons, depuis quelques années, une étude, admirable de précision et aussi complete qu'on peut le désirer" (Rivet et Tastevin 1927: 814, negrito adicionado). Oiticica (1934: 273) aludiu a esse mesmo trecho, fornecendo a seus leitores uma versão em Português: "Felizmente graças a um sábio lingüista brasileiro, Capistrano de Abreu, possuímos, desde alguns anos, um estudo admirável de precisão e tão completo quanto se pode desejar, sôbre o kachinawá."

A comunidade alemã de sul-americanistas devotava a Capistrano de Abreu respeito e admiração semelhantes àqueles que se depreendem das palavras de Rivet e Tastevin acima citadas (v., por exemplo, as cartas de von den Steinen a Capistrano de Abreu *in* Abreu 1977). Para o lingüista alemão Ferdinand Hestermann (1887-1959), que Capistrano julgava "um dos mestres" no estudo comparativo das línguas Pano (Abreu 1914: 625), o *rã-txa hu-ni-ku-~i* corresponderia ao único trabalho de real valor na área da lingüística sul-americana escrito em língua portuguesa. Seu testemunho data da segunda metade da década de 1920 e não dá margem a dúvidas: "Nur ein Werk in portugiesischer Sprache ragt außergewöhnlich hervor und darf nicht übergangen werden: Das Werk über die Kaschinaua von DE ABREU (Rio de Janeiro 1914)." [Somente uma obra em língua portuguesa se destaca extraordinariamente e não deve ser deixada para trás: a obra sobre o Caxinauá de DE ABREU...] (Hestermann 1927: 3, nota 1). A obra de Capistrano não se singularizaria apenas em meio à tradição descritiva escrita em nossa língua, visto que Hestermann (1914: 21) qualificou-a também como "das bedeutsamste Werk über die Pano-Sprachen" [a obra mais significativa sobre línguas Pano].

Koch-Grünberg integrava o grupo dos sul-americanistas alemães de relevo que viam qualidades inigualáveis na obra escrita por Capistrano de Abreu sobre a língua e as lendas caxinauás. A admiração que Koch-Grünberg nutria por aquele volume fica patente, por exemplo, em uma resenha a ele dedicada:

Ein in der südamerikanischen Ethnographie und Linguistik **fast einzigartiges** Werk von hohem wissenschaftlichem Wert. Das größte und **beste Material**, das jemals über eine südamerikanische Indianersprache veröffentlicht wurde [...] (Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG, negritos adicionados³)

Obra de alto valor científico, **quasi sem paralelo** na linguística e ethnographia sul-americanas. O maior e **melhor material** que jámais se publicou sobre língua sul-americana de índios [...] (Koch-Grünberg *apud* Abreu 1941: 633, tradução de Manuel Said Ali)

Dentre as várias cartas de Koch-Grünberg que registram seu apreço pelo trabalho etnográfico e lingüístico de Capistrano de Abreu, vale lembrar uma que ecoa claramente o julgamento veiculado na resenha acima referida. Escrevendo ao estudioso de culturas da América Central Karl Sapper (1866-1945), Koch-Grünberg recomendou entusiasticamente a leitura do *rã-txa hu-ni-ku-~i* e não escondeu os laços, nascidos da profícua cooperação científica, que o ligavam ao pesquisador brasileiro.

Kennen Sie übrigens das grosse Werk „Ra-txa hu-ni-ku-i, a lingua dos Caxinauas, Rio 1914“ meines langjährigen Freundes, des ausgezeichneten bras. Gelehrten, Dr. João Capistrano de Abreu? Das ist das Beste, was je über einen brasilianischen Indianerstamm veröffentlicht worden ist!

[A propósito, o Sr. conhece a grande obra „Ra-txa hu-ni-ku-i, a lingua dos Caxinauas, Rio 1914“ de meu amigo de longos anos, o excelente intelectual bras. [ileiro], Dr. João Capistrano de Abreu? Ela é o melhor dentre o que já foi publicado sobre tribos indígenas brasileiras.] (Carta de Theodor Koch-Grünberg a Karl Sapper, 3 de outubro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG)

O alto prestígio conquistado junto aos especialistas contemporâneos, dentro e fora do Brasil, pelo trabalho desenvolvido por Capistrano de Abreu sobre as línguas indígenas brasileiras não foi o único elemento que se levou em consideração para elegê-lo objeto de estudo dessa tese. Também o interesse duradouro de Capistrano pelas línguas indígenas brasileiras contribuiu para sua seleção. Por um longo período de sua vida, ele estudou o Bacairi — língua da família Caribe, então falada nas “cabeceiras do Tapajós e do Xingu em Mato Grosso” (Abreu 1969[1895]: 137). Primeiramente, dedicou-se a tal atividade entre os anos de 1892 e 1895 e, posteriormente, conforme atestam os três volumes de sua

³ Resenha publicada em *Anthropos*, Cad. 5/6, Vol. XIV/ XV de 1917/ 1918 e mencionada na carta de P. W. Schmidt a Theodor Koch-Grünberg de 1º de dezembro de 1919 e na carta de Theodor Koch-Grünberg a Capistrano de Abreu de 8 de janeiro de 1920, respectivamente, Pasta 27 e Pasta 28, Série “Correspondência”, ATKG.

correspondência publicada, entre 1915 e 1927, o ano de sua morte. Parte de suas reflexões provenientes do trabalho com o Bacairi veio à luz em 1895 nos artigos publicados na *Revista Brasileira* (v. Abreu 1895, reeditado em Abreu 1969), dirigida por José Veríssimo (1857-1916). A porção maior delas, porém, permaneceu inédita e corre o risco de ter se perdido definitivamente (cf. Câmara 1965, Amoroso 1996). Durante investigação no Instituto Histórico do Ceará, atual instituição depositária do acervo pessoal de Capistrano de Abreu, localizei dois cadernos manuscritos dedicados ao estudo do Bacairi. Infelizmente, as limitações de natureza da presente tese não permitem que se desenvolva aqui uma análise desse material. Fica, no entanto, o registro de sua existência, para estudos futuros.

O Caxinauá, língua da família Pano em uso nas margens do rio Ibuaçu, na região do rio Tarauacá, afluente da margem direita do rio Juruá, no atual estado do Acre, ocupou-lhe, pelo menos, nos anos de 1908 a 1914. Desse esforço, resultou o *rã-txa hu-ni-ku~i*, obra de mais de seiscentas páginas, publicada em 1914, de que tratam as resenhas citadas nesse item e que constitui também material das análises empreendidas nos capítulos 4 e 5.

Capistrano de Abreu teria, ainda, planejado aprofundar seu conhecimento de outros idiomas indígenas. Na virada de 1895 para 1896, ele tencionava viajar para o Amazonas com o objetivo de conseguir informações acerca da língua dos Apiaká do Tocantins e da língua dos Krixaná, do rio Negro (v. carta ao Barão do Rio Branco, datada de 22 de junho de 1895, Abreu 1954a: 135). No ano em que faleceu, Capistrano pretendia voltar sua atenção para a cultura e a língua Xavante, da família Jê (v. Amoroso 1996), o que já tencionara fazer em 1923 (v. Abreu 1954a: 274). Os projetos que permaneceram irrealizados corroboram sua intenção de prosseguir no labor de sul-americanista, no qual Capistrano foi de fato considerado exímio.

1.4 As fontes primárias

Nos limites desse trabalho, dediquei-me a identificar os mecanismos de produção e circulação dos trabalhos lingüísticos dos sul-americanistas que atuaram entre 1890 e 1929 e seus referenciais teórico-metodológicos, assim como a investigar em profundidade as soluções descritivas adotadas por um deles: o brasileiro João Capistrano de Abreu.

Tanto para reconstruir o universo da Sul-americanística do período em foco, quanto para examinar análises lingüísticas propostas por Capistrano de Abreu vali-me de fontes primárias publicadas e não-publicadas. Os itens que se seguem destinam-se a apresentar a documentação de que me utilizei para a realização do presente trabalho.

1.4.1 Documentação relativa à Sul-americanística dos anos 1890-1929

I) Fontes publicadas

Sem que fosse empreendido um levantamento exaustivo de toda a produção publicada pelos sul-americanistas no período em foco, examinei diversos livros e artigos então em circulação, que tinham por tema o estudo de línguas e/ou culturas de povos da América do Sul e cujos autores eram então reconhecidos como especialistas na área (cf. listagem constante do item II da Bibliografia). Além desse material, recorri à edição em três volumes da correspondência publicada de Capistrano de Abreu (v. Abreu 1954, 1954a, 1977).

Indícios relevantes acerca do ideal de ciência e dos mecanismos de produção e circulação do saber na comunidade dos sul-americanistas do período 1890-1929 foram também encontrados em fontes não-publicadas, pertencentes a três acervos distintos.

II) Fontes não-publicadas

a) Pertencentes ao Museu Etnológico de Berlim

Fundado em 27 de dezembro de 1873, o Museu Etnológico de Berlim⁴ desempenhou um papel de destaque dentre as instituições que promoveram e apoiaram a Sul-americanística no período em foco. Naquele momento, o museu berlinense financiou importantes viagens de pesquisa à América do Sul e ajudou a tornar viável a publicação de seus resultados científicos. Para isso, muito contribuiu o empenho de sul-americanistas de primeiro time que atuaram em sua Seção “América”, como Karl von den Steinen, Theodor Koch-Grünberg, Konrad Theodor Preuss (1869-1938) e Max Schmidt (1874-1950).

Com o objetivo de conhecer melhor o funcionamento de sua seção voltada ao continente americano, assim como de reunir informações relacionadas ao dia-a-dia dos pesquisadores a ele vinculados, tanto em seu trabalho de gabinete quanto em meio a pesquisas de campo, investiguei uma parcela dos Autos do Museu Etnológico de Berlim. Os volumes consultados encontram-se listados no quadro abaixo, seguindo a ordenação alfabética da tradução portuguesa de seu título, proposta por mim.

⁴ Sobre a história do Museu Etnológico de Berlim, v. Westphal-Helbusch (1973).

Quadro 1.1: Volumes consultados dos Autos do Museu Etnológico de Berlim

Título do volume	Código do volume	Data da documentação reunida
Autos referentes a aquisições da Seção América	Vol. IB 29	1906-1907
Autos referentes a aquisições da Seção América	Vol. IB 32	1909
Autos referentes à Coleção Karl von den Steinen/ Paul Ehrenreich	Vol. IB Litt K	1891
Autos referentes a mudança e montagem das coleções	Vol. Ic 5	1901-1903
Autos referentes à primeira viagem do Dr. Max Schmidt	Vol. IB 83	1910-1914
Autos referentes à viagem do Dr. Kissenberth	Vol. IB 76	1907-1923
Autos referentes à viagem do Dr. Koch	Vol. IB 44	1903-1909
Autos referentes à viagem do Dr. Koch	Vol. IB 44a	1910-1928

Como confirma a coluna “Data da documentação reunida”, a delimitação cronológica da pesquisa foi rigorosamente respeitada, quando examinei os Autos do Museu Etnológico de Berlim. Sendo assim, datam de 1891 os registros mais antigos levados em consideração e de 1928 os mais recentes.

Ao longo do presente trabalho, sempre que fiz menção a documentos arquivados nos Autos do Museu Etnológico de Berlim empreguei como indicação de fonte o título do volume e seu respectivo código. Também não deixei de aludir ao nome da instituição, fazendo uso da sigla “MEB”. A título de exemplo, exponho a forma de referência ao volume que ocupa a primeira linha da tabela 1.1: Autos do MEB referentes a aquisições da Seção América, Vol. IB 29.

b) Pertencentes ao Instituto Ibero-Americano

O Instituto Ibero-Americano de Berlim, fundado há setenta e cinco anos, reúne um dos mais importantes acervos de obras produzidas na e/ou sobre a América Latina. Ao lado de milhares de livros, o Instituto conta também com diversos arquivos pessoais de intelectuais que se dedicaram ao estudo do continente. Integra esse conjunto o arquivo pessoal de Walter Lehmann (1878-1939), americanista que investigou a fundo línguas e culturas do México e da América Central.

Uma vez que os objetos de estudo privilegiados por Walter Lehmann não permitem sua inclusão no grupo dos sul-americanistas do período 1890-1929, optei por desconsiderar em minha investigação os documentos relacionados a suas pesquisas que constam no Instituto Ibero-Americano. Apesar disso, seu arquivo pessoal revelou-se de grande utilidade para minha investigação, pois dele faz parte tudo o que se conhece do arquivo pessoal de Paul Ehrenreich. A primeira organização do material deixado por Ehrenreich, aliás, foi estabelecida por Lehmann. É provável que, não muito tempo depois da morte de Ehrenreich

(que se deu em 1914), Lehmann já estivesse de posse dessa documentação. Fica fora de dúvida, de qualquer modo, que ele detinha o arquivo pessoal de Ehrenreich no ano de 1919, quando Koch-Grünberg escreveu a Rivet: “[ich] möchte [...] Ihnen noch mitteilen, dass der handschriftliche Nachlass Ehrenreichs in den Besitz Lehmanns übergegangen ist“ [eu queria ainda comunicar ao Sr. que os manuscritos do espólio de Ehrenreich tornaram-se propriedade de Lehmann] (Carta datada de 29 de outubro de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 30, ATKG).

Por limitações de ordem prática, não foi possível examinar os documentos do arquivo pessoal de Paul Ehrenreich (doravante APE) de forma exaustiva. Em virtude disso, efetuei um recorte temático, analisando detidamente as três caixas cujo assunto ligava-se mais de perto aos interesses de minha tese. A descrição sucinta desse material, englobando a numeração atribuída a cada caixa no sistema de catalogação adotado pelo Instituto Ibero-Americano, encontra-se registrada no Quadro 1.2, abaixo.

Quadro 1.2: Caixas consultadas do APE

Numeração	Título em Português*	Conteúdo
Cx. 27/28	América: Línguas	Fichamentos e notas de leitura
Cx. 47/48	América do Sul: Listas de palavras/ Línguas	Fichamentos, notas de leitura e recortes com indicações bibliográficas
Cx. 68	Resenhas	V. Tabela 1.2

*Os títulos em Português, sugeridos por mim, correspondem em Alemão, respectivamente a: “Amerika Sprachen”; “Südamerika – Wörterverzeichnis/ Sprachen” e “Buchbesprechungen”.

A Caixa 27/28 do APE contém exclusivamente manuscritos, enquanto a Caixa 47/48 agrupa material manuscrito (fichamentos e notas de leitura) e recortes de material impresso, correspondentes a indicações acerca da localização de obras raras sobre línguas sul-americanas, ou ainda, notícias acerca da reimpressão de estudos sobre as línguas sul-americanas empreendidos por missionários da época colonial. Na Caixa 68, há unicamente recortes de textos impressos cuja fonte, via de regra, não foi mencionada. Quando os separei por autor, notei que a imensa maioria deles foi escrita por Ehrenreich, conforme indica a Tabela 1.1.

Tabela 1.1: Natureza e quantidade dos textos da caixa 68 do APE examinados

Natureza	Quantidade
Resenhas de autoria de Paul Ehrenreich	66 textos
Resenhas de textos escritos por Paul Ehrenreich	5 textos
Comentário de Paul Ehrenreich sobre o XIV Congresso Internacional dos Americanistas	1 texto
TOTAL	72 textos

Contabilizadas na Tabela 1.1, as resenhas de autoria de Ehrenreich e as de outros autores (dentre os quais figuram von den Steinen) complementaram-se como indicadores dos referenciais teórico-metodológicos da comunidade dos sul-americanistas do período 1890-1929. Enquanto as 66 resenhas escritas por Ehrenreich foram capazes de fornecer um bom retrato dos critérios que orientavam os julgamentos do sul-americanista alemão, os cinco textos que comentavam suas obras ajudaram na recuperação do juízo de seus colegas de especialidade acerca de sua produção científica.

Todas as vezes em que minha argumentação apoiou-se sobre a documentação pertencente ao APE, comuniquei em que caixa foi coletada a informação, identificando-a por meio de seu número e título em Português. Desse modo, meu texto encerra indicações como “Cx. 68: ‘Resenhas’, APE”.

c) Pertencentes à Coleção Etnográfica da Philipps-Universität-Marburg

Grande parte da documentação não-publicada, em que minha análise das condições de produção e circulação do saber dos sul-americanistas do período 1890-1929 se fundamenta, foi localizada no arquivo pessoal do sul-americanista Theodor Koch-Grünberg, desde 1999 integrado à Coleção Etnográfica da Philipps-Universität-Marburg.

Dentre as muitas séries de documentos em que o arquivo Theodor Koch-Grünberg (doravante ATKG) se divide, dediquei-me à investigação das cinco vinculadas mais diretamente aos meus objetivos, nomeadamente: 1) “Listas de palavras/ Material lingüístico” (Wörterlisten/ Sprachliches Material); 2) “Manuscritos de palestras” (Vorlesungen/ Vorträge); 3) “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg” (Buchrezensionen von Koch-Grünberg); 4) “Resenhas a Koch-Grünberg” (Buchrezensionen zu Koch-Grünberg) e 5) “Correspondência” (Korrespondenz).

A série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg” colocou-me em contato com o juízo que o sul-americanista fazia a respeito de quinze diferentes obras. O conjunto de resenhas a seus trabalhos, ainda mais significativo, permitiu-me o acesso a trinta e quatro textos sobre obras de Koch-Grünberg. Sem igual no que tange à abrangência e interesse para a presente pesquisa, a série “Correspondência” compõe-se de 37 pastas, ordenadas pelo próprio Koch-Grünberg, que guardou não apenas cartas que recebeu, como também rascunhos ou cópias de muitas das que enviara. Como cada pasta conserva centenas de documentos e todas elas foram exaustivamente examinadas, fica difícil contabilizar quantas cartas foram lidas durante esse processo. Tive condições de registrar, por outro lado, de quantas cartas retirei efetivamente informações, ou seja, quantas delas mostraram-se ligadas aos problemas de meu interesse. A

tabela 1.2 noticia a quantidade de cartas revelantes, segundo o meu ponto de vista, identificadas por pasta.

Tabela 1.2: Quantidade de cartas revelantes por pasta da Série “Correspondência” do ATKG

Número da pasta	Quantidade de cartas de que foram retiradas informações
1	14
2	20
3	1
4	30
5	7
6	13
7	17
8	19
9	8
10	56
11	7
12	20
13	27
14	27
15	16
16	20
17	43
18	7
19	31
20	19
21	29
22	15
23	22
24	7
25	15
26	10
27	40
28	20
29	55
30	12
31	44
32	6
33	23
34	4
35	12
36	1
37	21
Total: 37 pastas	Total: 738 cartas

Alcançando um total de 738, conforme aponta a Tabela 1.2, as cartas significativas para a presente pesquisa encontradas na série “Correspondência” do ATKG em muito contribuíram para o reconhecimento dos mecanismos de produção e divulgação do saber dos sul-

americanistas do período em foco e, em especial, para a reconstrução do dia-a-dia de suas pesquisas de campo e de gabinete.

Quando cito, no decorrer desse trabalho, documentos pertencentes ao ATKG indico invariavelmente a série em que se acham, adotando o padrão: Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG. No caso de cartas e de outros textos que integram a Série “Correspondência”, acrescentei uma referência ao número da respectiva pasta, de modo a facilitar sua localização.

1.4.2 Documentação relativa às soluções descritivas adotadas por Capistrano de Abreu

I) Fonte publicada

Tendo em vista acercar-me das soluções descritivas desenvolvidas por Capistrano de Abreu, selecionei como material de investigação sua obra sobre a língua caxinauá, editada pela Typographia Leuzinger, do Rio de Janeiro, em 1914. Batizada com a denominação que os falantes nativos dão para a sua língua, *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, ela conta com o subtítulo “a língua dos caxinauás do rio Ibuacú, affluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá)” e corresponde ao trabalho lingüístico mais completo publicado por Capistrano de Abreu.

Com efeito, Capistrano não pôde organizar o material resultante de anos de estudo do Bacairi, em parte dado como irrecuperável pelo próprio autor, de maneira a dar-lhe uma forma sistemática. Embora se julgasse detentor de informações sobre a língua e as lendas dos Bacairis capazes de edificar obra “muito mais importante” do que o *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* (v. Abreu 1954a: 187) e tivesse iniciado o processo de impressão de textos nessa língua (v. cartas a Paulo Prado do ano de 1924, Abreu 1954a: 453-459), seu único trabalho publicado nesse domínio foram os três artigos estampados na *Revista Brasileira* no ano de 1895. Sendo assim, não se deve estranhar que o *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* tenha sido o trabalho de sua autoria a converter-se em modelo (como ficou expresso no item 1.2) para os estudiosos de línguas sul-americanas. Aliás, o reconhecimento alcançado pelo volume devotado à língua caxinauá junto aos sul-americanistas de sua época corresponde a mais uma de minhas motivações para selecioná-lo como objeto de estudo.

De acordo com Abreu (1914: 7), uma primeira versão do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, já em adiantado processo de impressão, perdeu-se em setembro de 1911 quando houve um incêndio na Imprensa Nacional. Do fogo, teriam se salvado “apenas cinco a seis colleções incompletas”. Como essa primeira versão da obra não pôde circular entre os sul-americanistas do período 1890-1929, não foi incluída no material de análise.

Também não me serviu de fonte a segunda edição de *rã-txa hu-ni-ku~i*, composta pela Sociedade Capistrano de Abreu em 1941 e patrocinada por Guilherme Guinle. Apesar de apresentar-se como contendo “as emendas do autor” deixadas em dois exemplares da primeira edição, ela ficou apartada do material de análise por tratar-se de publicação póstuma, uma vez que optei por trabalhar unicamente com textos sobre os quais Capistrano de Abreu tivera controle.

A estrutura da primeira edição do *rã-txa hu-ni-ku~i*

A fonte publicada que norteou o exame das soluções descritivas desenvolvidas por Capistrano de Abreu, a primeira edição do *rã-txa hu-nu-ku~i* saída em 1914, abarca um total de 630 páginas.

O volume se inicia por um prefácio de quatro páginas, datado de “Paraíso, Dezembro de 1909”. Esse texto repete, com ligeiras modificações, linhas saídas no *Jornal do Commercio*, em janeiro de 1910 -- e também na *Revista da Academia Cearense* (Abreu 1910) -- e que anunciavam a edição então em preparação e acabou consumida pelo fogo. Na seqüência, Capistrano apresentou um segundo prefácio, escrito no “Rio, Dezembro de 1913”, em que relatou o destino infeliz da sua primeira tentativa de publicar estudos sobre a língua caxinauá e transmitiu seu agradecimento aos tipógrafos, que teriam composto a obra após dois anos de duro trabalho.

A sucinta seção de descrição gramatical, assim como os prefácios que a antecedem, não foi integrada ao índice geral. Ela ganhou a denominação “Preliminares”, estende-se da página 11 à página 32 e foi subdividida em 8 partes distintas, segundo informação expressa logo abaixo de seu título: “1. Sons; 2. Partículas; 3. Indefinidos e numeraes; 4. Pronomes interrogativos e pessoas; 5. Nomes, adjectivos e substantivos; 6. Verbos; 7. Affixos e 8. Orações”. Os subtítulos insertos no texto, no entanto, nem sempre coincidem com estes, apontando para o destaque concedido a certos tópicos. Com o objetivo de fornecer um retrato mais preciso da estrutura das “Preliminares” e indicar que problemas lingüísticos foram privilegiados por Capistrano, o quadro 1.3 arrola os subtítulos presentes na seção.

Quadro 1.3: Subtítulos da seção “Preliminares” de Abreu (1914)

Subtítulo	Páginas
“Sons”	11-13
“Interjeições e Conjunções”	13
“Posposições e advérbios”	14-15
“Determinativos e indefinidos”	15-16
“Pronomes interrogativos e pessoais”	16-18
“Adjectivos e substantivos”	18
“Casos, gêneros e números”	19
“As formas do verbo”	20-21
“Paradigmas de verbo”	22
“Partículas modais do verbo”	23-24
“Verbos causativo e negativo”	24-25
“Prefixos”	26
“Prefixos lexicos e syntacticos”	27-28
“Affricação, nasalisação, remonosyllabamento”	28-29
“Suffixos syntacticos”	29-30
“Orações paratacticas”	30-31
“Orações ditacticas”	31
“Chinez e caxinauá”	31-32

Os dezoito subtítulos constantes do quadro 1.3 encontram-se dispostos no cabeçalho das páginas da seção “Preliminares”. Encerrada essa seção, tem início na página seguinte a transcrição e tradução interlinear de relatos sobre aspectos da cultura caxinauá e de mitos e lendas.

Ocupando da página 33 à 523, a copiosa recolha de textos foi dividida observando-se critérios temáticos. Capistrano de Abreu estabeleceu, assim, dezessete conjuntos de textos, cujo conteúdo encontra-se minuciosamente discriminado no índice do volume. Reportando quantos textos compunham cada uma dessas unidades temáticas, o quadro 1.4 busca reconstruir de maneira mais adequada a seção do *rã-txa hu-ni-ku-~i* dedicada a registrar as narrativas tradicionais caxinauás.

Quadro 1.4: Número de textos em cada unidade temática da recolha de Abreu (1914)

Unidade temática	N. de textos	Páginas
I. Primeiras phrases	6	33-39
II. Varia	9	40-52
III. Vida da aldeia	4	53-65
IV. Alimentação	6	66-99
V. Festas	6	100-114
VI. Vida sexual	5	115-136
VII. Vida, morte, feiticeiros	10	137-163
VIII. Anedoctas	5	164-176
IX. Caxinauás transformados em bichos	9	177-208
X. Bichos encantados em Caxinauás	6	209-239
XI. Bichos entre si	6	240-258
XII. Caxinauás e bichos	11	259-309
XIII. Caxinauás entre si	13	310-402
XIV. Feiticeiros e espiritos	9	403-435
XV. Astronomia	7	436-480
XVI. O fim do mundo e o novo mundo	3	481-506
XVII. A dispersão	68 (2 textos e 66 adivinhações)	506-523
Total	112 textos e 66 adivinhações	33 a 523

Todos os 112 relatos caxinauás constantes no *rã-txa hu-ni-ku-~i* e contabilizados no quadro 1.4 foram apresentados sob a forma de uma sequência de segmentos, numerados por Capistrano de Abreu. A numeração empregada leva em conta o conjunto de textos e não cada relato isoladamente, tendo como extremos “1” e “5860”⁵. É importante destacar que os segmentos variam em extensão e que não há um critério lingüístico claro capaz de determinar suas fronteiras. Desse modo, um segmento pode conter parte de uma frase, parte de um período, todo um período ou vários períodos. Em consequência disso, adotei a designação “fragmentos textuais” para fazer menção a tais unidades.

Nos capítulos 4 e 5, em que abordo as soluções descritivas reconhecíveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i* e analiso alguns dados constantes na obra, sempre que recorro a exemplos retirados dos mitos e lendas utilizo, como indicação de fonte, o número do fragmento textual a que pertencem, na intenção de facilitar a localização dos trechos aludidos.

Assim que se concluem as “Adivinhações”, oferece-se ao leitor um “Vocabulário brasileiro-caxinauá” que vai da página 524 à 546 e engloba 1781 verbetes. Por acreditar que esse vocabulário não fornece pistas seguras acerca do modo como Capistrano de Abreu preferencialmente agia para efetuar descrições e análises lingüísticas, optei por excluí-lo de minha investigação. Conforme sugerem as palavras do próprio Capistrano, a forma de coleta dos dados presentes nessa seção faria lembrar mais os procedimentos de que se valeram os

⁵ Os segmentos 5861 a 5926 correspondem às 66 adivinhações.

missionários castelhanos do que as diretrizes metodológicas abraçadas pelos sul-americanistas de sua época.

O vocabulário seguinte nada tem de comum com o que vêm depois. Foi feito por perguntas e respostas depois de compostos os textos. É obra exclusivamente de Tuxin~i: organizando-o, procurou-se ver como os Caxinauás traduzem certas idéas, que até pouco tempo lhe eram estranhas.

O vocabulário aproxima-se portanto dos que os missionários fizeram, levados por intuítos semelhantes. Abreu (1914: 524)

Não foi somente o emprego da estratégia de inquirir diretamente o informante, levando-o a traduzir para o Caxinauá palavras portuguesas, que influenciou na decisão de retirar do material de análise o “Vocabulário brasileiro-caxinauá”. Preferi desconsiderar essa seção, porque Capistrano não a elaborou sozinho e, muito provavelmente, desempenhou papel apenas secundário em sua composição. Embora não haja qualquer referência a respeito no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, trechos de cartas aludem à contribuição decisiva de Manuel Said Ali (1861-1953) para o “Vocabulário brasileiro-caxinauá”. Em 7 de agosto de 1910, Capistrano escreveu a seu amigo Luís Sombra, que desempenhara a função de delegado para o alto Tarauacá no então território do Acre (cf. Sombra 1913) e fora responsável pelo envio dos informantes caxinauás: “Felizmente meu vocabulário não pede senão revisão que levará poucos dias, e **Said Ali** também está trabalhando no dele.” (Abreu, 1977[1954]: 18, negritos adicionados). Enviada ao mesmo destinatário, uma carta de 28 de dezembro daquele ano não deixa dúvidas acerca de qual dos vocabulários se achava sob a responsabilidade de Said Ali:

Pretendo partir sábado e levar Tuxinim [um dos informantes caxinauás]. Peço-lhe, porém, que consinta continue comigo até sua partida ou até a conclusão da obra. O trabalho extensivo está terminado. A parte intensiva reclama a assistência dele, quer para corrigir o vocabulário, quer para ser comentado quanto à gramática. Além disso no **Vocabulário Brasileiro Caxinauá dele precisará com frequência Said Ali**. (Abreu 1977[1954]; 21, negritos adicionados).

A citação acima demonstra que, na divisão do trabalho lexicográfico, coube a Capistrano de Abreu desenvolver o “Vocabulário caxinauá-brasileiro”, que sucede ao “Vocabulário brasileiro-caxinauá”. Parcela significativa do material focalizado no exame das soluções descritivas identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, os 4329 verbetes do “Vocabulário caxinauá-brasileiro” estão dispostos entre as páginas 547 e 621.

A página 621 estampa, ainda, os primeiros parágrafos do “Postfácio”, parte final do *rã-txa hu-ni-ku-~i*. Alcançando até à página 630, essa seção abarca cinco subtítulos, grafados no cabeçalho: “Suffixos e desinências”; “Vocabulários panos”; “Grammaticas panas”, “Os co-autores deste livro” e “Explicações finaes”. À semelhança dos dois prefácios, o “Postfácio”

serviu-me principalmente de fonte para o reconhecimento de referenciais teórico-metodológicos que Capistrano compartilhava com outros sul-americanistas do período 1890-1929. De fato, para avaliar as soluções descritivas por ele adotadas fiz uso bem mais largo das “Preliminares”, de verbetes do “Vocabulário caxinauá-brasileiro” e de fragmentos textuais dos mitos e lendas, bem como de notas manuscritas, que correspondem à fonte não-publicada abordada no item seguinte.

II) Fonte não-publicada

Como exposto anteriormente, a segunda edição do *rã-txa hu-ni-ku~i*, viabilizada em 1941 pela “Sociedade Capistrano de Abreu”, não consiste em uma exata reimpressão da primeira. Com base em dois exemplares da edição de 1914, que continham notas manuscritas de autoria de Capistrano de Abreu, os editores incorporaram ao texto emendas e acréscimos. Fica impossível, no entanto, para o leitor da segunda edição, saber exatamente quais as alterações propostas por Capistrano. Em lugar de indicar o elemento modificado ou trazer alguma referência à forma na versão saída em 1914, os responsáveis por essa edição limitaram-se a acompanhar de um asterisco os números dos fragmentos textuais modificados em nota. Por isso, a segunda edição não representa um guia seguro para o exame de reanálises empreendidas por Capistrano de Abreu.

Durante minha temporada de pesquisa no arquivo pessoal de Capistrano de Abreu, atualmente sob a guarda do Instituto Histórico do Ceará, em Fortaleza, tive acesso a um dos exemplares da primeira edição anotados por Capistrano. Investigando criteriosamente o volume, realizei um levantamento exaustivo das notas marginais presentes em suas páginas. A tabela 1.3 dá notícia dos resultados desse levantamento, indicando quantas notas foram localizadas em cada uma das seções do *rã-txa hu-ni-ku~i*.

Tabela 1.3: Quantidade de notas manuscritas por seção do exemplar anotado de Abreu (1914)

Seção do <i>rã-txa hu-ni-ku~i</i>	N. de notas localizadas
Prefácios	-----
“Preliminares”	-----
Recolha de narrativas caxinauás	1475
“Vocabulário brasileiro-caxinauá”	115
“Vocabulário caxinauá-brasileiro”	131
“Postfácio”	1
TOTAL	1722

Terminado o processo de identificação e transcrição das notas manuscritas no volume conservado no Instituto do Ceará, as 1722 anotações registradas converteram-se na fonte não-

publicada de que lancei mão para avaliar as soluções descritivas adotadas por Capistrano de Abreu.

O modo como foi sistematizado o exame dessas notas manuscritas e das demais fontes primárias corresponde ao assunto do próximo item, encarregado de discriminar os “parâmetros de análise” desenvolvidos.

1.5 Parâmetros de análise

Seguindo as diretrizes metodológicas comuns ao Grupo de Historiografia da Lingüística da Universidade de São Paulo, de que sou integrante desde 1999, procedi à divisão inicial dos parâmetros de análise em ‘externos’ e ‘internos’. Dessa maneira, procurei, em um primeiro momento, considerar separadamente as variáveis ligadas ao contexto de produção e de recepção das obras lingüísticas compostas por sul-americanistas do período 1890-1929, de um lado, e, de outro, aquelas relativas às soluções descritivas identificáveis na obra lingüística de Capistrano de Abreu sobre o Caxinauá. A esse primeiro movimento, que teve por objetivo tornar a análise historiográfica mais rigorosa, seguiu-se uma tentativa de detectar como se estabeleceram as relações entre as duas esferas.

Sob esse ponto de vista, os parâmetros ‘externos’, orientados para a caracterização do grupo de especialidade engendrado pelos sul-americanistas dos anos 1890 a 1929, pautaram a análise dos livros e artigos arrolados no item II da Bibliografia, assim como o exame dos documentos pertencentes ao Arquivo Theodor Koch-Grünberg, ao Arquivo Paul Ehrenreich e ao Arquivo do Museu Etnológico de Berlim.

Uma vez que os parâmetros ‘internos’ por mim desenvolvidos, apresentados no item 1.5.2, ligam-se às estratégias de segmentação e aos critérios de categorização de unidades lingüísticas, utilizados por Capistrano de Abreu, foram aplicados exclusivamente a dados reconhecíveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i* e em notas manuscritas deixadas pelo estudioso em páginas do exemplar da primeira edição, hoje conservado no Instituto do Ceará.

1.5.1 Parâmetros ‘externos’ de análise

Os chamados ‘parâmetros externos’ colaboram na reconstrução do ‘clima de opinião’ da época (v. Koerner 1984, 1995), tarefa obrigatória para o historiógrafo da lingüística que pretende investigar o pensamento lingüístico de determinado momento sem cair em anacronismos. Uma das atribuições de tais parâmetros corresponde a auxiliar na identificação dos líderes intelectuais e organizacionais no interior do quadro de referência estabelecido (v. Murray 1994).

Nos limites dessa pesquisa, a aplicação desses parâmetros tem a intenção de levantar informações relativas ao circuito de produção e de recepção dos trabalhos sobre línguas indígenas sul-americanas escritos por especialistas entre 1890 e 1929. Não adotei qualquer critério *a priori* para separar entre especialistas e não-especialistas, pois fiz uso das distinções estabelecidas pelos próprios sul-americanistas do período em foco, que se tornaram evidentes a partir da análise das fontes primárias. A documentação consultada revelou que se traçavam, então, fronteiras claras entre os verdadeiros colegas, com quem se partilhava uma mesma postura intelectual e conduta científica, daqueles estudiosos que eventualmente voltavam sua atenção para sociedades e línguas americanas. Soltar um artigo sobre índios brasileiros não fazia de ninguém um sul-americanista, como, de maneira geral, não bastava escrever ou palestrar sobre as línguas e/ou culturas da América para merecer o título de americanista. Não fosse assim, Erland Nordenskiöld (1877-1932), renomado sul-americanista sueco, não teria como entender o recado de Koch-Grünberg, que desaconselhou a concessão de auxílio financeiro a dois pesquisadores alemães para a sua participação no Congresso Internacional dos Americanistas em 1924, afirmando simplesmente: “Beide sind jedenfalls keine Amerikanisten in unserem Sinne.” [Ambos não são, de qualquer modo, americanistas em nosso sentido]⁶.

Com a intenção de precisar o que significava ser um ‘autêntico’ sul-americanista nos anos entre 1890 e 1929, desenvolvi três parâmetros externos norteadores de minha investigação: 1) Referenciais teóricos dos sul-americanistas, 2) Procedimentos metodológicos dos sul-americanistas e 3) Mecanismos de divulgação da produção científica em Sul-americanística. O exame dos **referenciais teóricos** dos sul-americanistas englobou o levantamento de autores citados em seus textos publicados ou em sua correspondência privada, assim como a reconstrução das questões científicas de relevância para aquela comunidade de especialistas. Como se podia supor, essas duas linhas de investigação trouxeram indicações acerca da liderança intelectual então estabelecida.

No tocante aos **procedimentos metodológicos** adotados pelos sul-americanistas do período em foco quando empenhados em descrever as línguas indígenas, interessei-me pelo tipo de dado por eles privilegiado e por estratégias desenvolvidas nas duas faces complementares de seu ofício: a pesquisa de campo e o trabalho de gabinete.

De modo a obter informações acerca dos líderes organizacionais e da política científica da Sul-americanística daquele momento, coletei nas fontes primárias menções aos **mecanismos de divulgação da produção científica** naquela especialidade. Nesse âmbito,

⁶ Rascunho, sem data, de carta de autoria de Koch-Grünberg em resposta à carta enviada por Erland Nordenskiöld em 15 de dezembro de 1923, Pasta 35, Série “Correspondência”, ATKG.

atentei para as possibilidades de edição e publicação de textos sobre línguas indígenas sul-americanas e para os laços de cooperação acadêmica entre os sul-americanistas.

A visão geral acerca dos referenciais teórico-metodológicos dos sul-americanistas, fornecida pelos parâmetros ‘externos’, foi complementada pelo exame sistemático das soluções descritivas reconhecíveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, de autoria de Capistrano de Abreu. Para realizar tal análise, guiei-me pelos parâmetros ‘internos’, que são expostos no item a seguir.

1.5.2 Parâmetros ‘internos’ de análise

É certo que o processo de segmentação das unidades lingüísticas das línguas sul-americanas impunha grandes dificuldades a seus descritores, o que vinha tornar ainda mais complexa a tarefa de categorização dessas unidades, que, com freqüência, não se encaixavam facilmente nas categorias desenvolvidas para descrever as línguas européias. No dizer de Capistrano de Abreu, que então se voltava para o estudo do Caxinauá: “Cada vocabulo tem de ser examinado a parte para ser convenientemente decomposto” (Abreu 1914: 622). E, se poderia acrescentar, convenientemente categorizado.

Um dos principais guias de Capistrano nos campos da etnografia e da lingüística, von den Steinen, referindo-se ao Bacairi, deixa entrever como estavam intimamente relacionados os processos de segmentação e de categorização das unidades lingüísticas. Em particular, ele destacou a considerável dificuldade de estabelecer as fronteiras entre radicais e afixos, operação fundamental para os estudos lingüísticos da época. Seu comentário sinaliza que a distância entre as concepções lingüísticas e os métodos descritivos então vigentes e a realidade dos dados a ser examinados desorientava o lingüista.

Es gelingt leider um ihretwillen in zahlreichen Fällen nicht, den Wortstamm, dessen wir nach unserem Sprachgefühl in erster Linie befürden, aus der mit jenen Elementen vollzogenen Verschmelzung abzuschneiden. Der Stamm des Verbums ist ausser der Zusammensetzung mit Pronominalpräfixen in einer Weise mit adverbialen Ausdrücken vereinigt und verarbeitet, um das, was wir Flexionen nennen, zu geben, dass ein armer Teufel von Anfänger in helle Verzweiflung gerät. (Steinen 1894: 78)

não é felizmente possível, em numerosos casos isolar o radical (coisa indispensável segundo o nosso conceito filológico). Além da ligação com prefixos pronominais, o radical do verbo está muitas vezes unido e fundido, de certa maneira, com expressões adverbiais para formar aquilo que nós chamamos de flexões. Isto causa vivo desespero ao principiante. (Steinen 1940: 106, tradução de Egon Schaden.)

Duríssima no início do trabalho, como bem expressou von den Steinen, a tarefa de destrinchar a morfologia de uma língua indígena podia permanecer problemática mesmo quando o pesquisador já acumulava experiência considerável. Capistrano de Abreu, por

exemplo, revelou incertezas na divisão de vocábulos, que persistiram apesar dos anos de estudo (v. Abreu 1914: 12, 549).

São quatro os parâmetros de análise idealizados para viabilizar o exame das estratégias de segmentação e critérios de categorização das unidades lingüísticas no *rã-txa hu-ni-ku~i* e no conjunto de notas marginais reconhecido no volume conservado no Instituto do Ceará. As unidades lingüísticas presentes nas “Preliminares” e no “Vocabulario caxinauá-brasileiro” tiveram registradas sua “forma de segmentação”, o “critério de segmentação” utilizado em sua divisão, bem como sua “forma de categorização” e o “critério de categorização” empregado. Numa etapa posterior de minha investigação, algumas unidades lingüísticas foram submetidas a um quinto parâmetro de análise: o parâmetro complementar “Forma de ocorrência de fenômenos problemáticos”, que levou em conta unidades lingüísticas constantes da recolha de mitos e lendas caxinauás.

1) Forma de segmentação: Absoluta/ Relativa

Por “forma de segmentação”, compreende-se a maneira como foi dividida a unidade lingüística no material analisado, ou seja, nas “Preliminares” e no “Vocabulario caxinauá-brasileiro”, assim como nas notas marginais ao exemplar conservado no Instituto do Ceará. As unidades decompostas sempre do mesmo modo receberam a classificação “Forma de segmentação: Absoluta”. Analogamente, as unidades de análise para as quais Capistrano de Abreu ofereceu múltiplas opções de separação dos elementos componentes revelaram “Forma de segmentação: Relativa”.

Sendo assim, os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural foram considerados unidades com “**forma de segmentação: absoluta**”, pois não se encontrou nenhuma ocorrência em que tivessem sido decompostos de maneira divergente de “*nu-ku*; *nu-k~u*; *nu-ku-rã* e *nu-ku-na* (respectivamente ‘nos, nosco, nós com posposição’; ‘nós, nossos’, ‘nós’; ‘nosso predicativo’, Abreu 1914: 16, v. ainda p. 596)

“*max’*”, “*böç’*” e “*bix’*” exemplificam unidades que surgem com “**forma de segmentação: relativa**” no *rã-txa hu-ni-ku~i*. Consultando-se o “Vocabulario caxinauá-brasileiro”, listagem em que todos os itens tiveram suas sílabas separadas, elas tanto assumem a forma de sílaba independente quanto aparecem como parte de uma sílaba. No primeiro caso, enquadram-se “***max-ô*** (mucura, saruê, quadrúpede)”, “***boç’-tö-tê*** (tesoura)” e “***bix’-kô-a-k~u-bãi*** (ir atirando por todo o caminho)”. Em “*txa-max’wa*: assanhar maribondo”, “***böç’tö*** (aparar qualquer coisa, cortar o cabelo na frente)” e “***bix’kô*** (disparar flechas)”, as mesmas seqüências de sons observadas anteriormente ganharam estatuto diferente.

2) Critério de segmentação: Fonético/ Morfológico/ Etimológico

O parâmetro “critério de segmentação” procura identificar a orientação que presidiu à adoção de uma determinada forma de subdividir dada unidade lingüística. Quando Capistrano de Abreu estabeleceu as fronteiras das subdivisões de uma unidade de modo a obedecer aos padrões silábicos por ele identificados, caracteriza-se uma ocorrência de “**critério de segmentação: fonético**”. Para ilustrar essa situação, posso citar os monossílabos “*bõç*” e “*waç*”, traduzidos, respectivamente, como “exclusivamente” e “fazer exclusivamente qualquer coisa”, os dissílabos “*bõ-kã*” (estender a roupa para secar no chão) e “*ba-ti*” (espinha do rosto) e os trissílabos “*bi-na-nã*” (ninho de maribondo) e “*bõ-i-ku*” (abraçar a cara).

Capistrano segmentou, por vezes, unidades formadas pelos mesmos elementos de maneira diversa. Considerei, nesse caso, que a configuração fonética teria ficado em segundo plano e o sentido teria regido o processo de decomposição das unidades lingüísticas. Desse modo, marca presença a adoção do “**critério de segmentação: morfológico**”, que teria afastado *bõ-xõ* (cheirar a cara de outro, *bõ*, prefixo que indica dianteira, olho, rosto, + *xõ*, alguém/outrem) de *bõx-õ* (amarrar por cima, *bõx+õ*, cf. *bi-nõx-õ*, amarrar a perna, *kõx-õ*, costurar); *bõ-tça* (lavar por fora, cf. *tça*, lavar, *da-tça*, lavar em roda, cortar seringueira) de *bõtç-a* (outro, irmão, companheiro, cf. *bõtç-a-max'kô*, irmão mais moço e *bõtç-a-bô*, estranho, pessoa de fora) e *niç-a* (ralar, serrar) de *ni-ça* (folha que cai na água e fica no fundo, cf. *ni-ri*, cair, mais de um cabelo/ folha/ fruto).

Por último, as ocasiões em que a origem estrangeira da unidade lingüística determinou a maneira de segmentação de seus elementos formadores testemunham a aplicação do “**critério de segmentação: etimológico**.” É o que se pode notar em “*kariwa* brasileiro, palavra aprendida com os seringueiros” (Abreu 1914: 578), que Capistrano preferiu não decompor.

3) Forma de categorização: Absoluta/ Relativa

Se por “segmentação” entende-se o processo de obtenção das divisões da unidade lingüística, por “categorização” compreende-se o processo de inclusão dessa unidade em uma classe ou sub-classe gramatical. O Caxinauá, conforme se depreende da análise feita por Capistrano de Abreu, colocava dificuldades para quem pretendesse valer-se do modelo da tradição gramatical de inspiração greco-latina. Não existiria nessa língua, segundo ele, sequer uma distinção clara entre nomes e verbos (v. Abreu 1914: 13).

O parâmetro “forma de categorização” busca investigar em que medida Capistrano registrou as mudanças na natureza das ‘partes do discurso’. Sendo assim, diferencia entre

unidades lingüísticas incluídas invariavelmente na mesma categoria, submetidas à “**forma de categorização: absoluta**”, e unidades lingüísticas concebidas como capazes de pertencer a mais de uma categoria, ou seja, às quais se atribuiu “**forma de categorização: relativa**”.

A listagem dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural, já lembrada como contendo ocorrências de unidades lingüísticas com forma de segmentação absoluta, “*nu-ku*”; “*nu-k~u*”; “*nu-ku-rã*” “*nu-ku-na*” (Abreu 1914: 16, v. ainda p. 596) exemplifica igualmente o sub-tipo “**forma de categorização: absoluta**”. De fato, Capistrano de Abreu aborda as unidades acima sempre na condição de pronomes pessoais.

Vários verbetes do “Vocabulario caxinauá-brasileiro” indicam que Capistrano considerou as unidades neles tematizadas como passíveis de encaixarem-se nas categorias de nome ou verbo. Na página 559, tem lugar “*bö-tõe* sopa, fazer sopa”, enquanto na de número 565 “*daya* trabalhar, trabalhador”. Tais verbetes reportam a opção pela “**forma de categorização: relativa**”.

4) Critério de categorização: Distribucional/ Semântico/ Funcional-pragmático

À semelhança do que foi proposto para o processo de segmentação das unidades lingüísticas no *rã-txa hu-ni-ku~i*, focalizei o processo de sua categorização sob duas perspectivas: forma de categorização, exposta logo acima, e critério de categorização. Nesse sentido, tive a intenção de detectar não apenas ‘como’ (forma absoluta ou relativa), mas também ‘porque’ as unidades lingüísticas foram associadas a dada(s) categoria(s). Minha análise permitiu delinear três tipos de argumento lingüístico que Capistrano de Abreu teria selecionado para efetuar a categorização de unidades: distribucional, semântico e funcional-pragmático.

Reservou-se a classificação “**critério de categorização: distribucional**”, quando Capistrano de Abreu sublinhou o contexto de ocorrência da forma em análise, especificando as outras categorias com que ela se associava. Incluem-se, portanto, nessa estratégia de abordagem, “*da, daç*’, *dax*’” que “na composição, como primeiro termo, parece conter a ideia de corpo inteiro” e “*da, ra*” que “junto a verbo significa bem” (Abreu 1914: 563).

Empreguei o rótulo “**critério de categorização: semântico**” quando julguei que a natureza do significado da unidade lingüística havia determinado sua categorização. Esse processo pode ser exemplificado pela recusa em arrolar *bã* (plantar, queimar) e *k~i* (buraco) como sufixos. Embora Capistrano de Abreu soubesse de sua produtividade na formação de compostos, concedeu-lhes estatuto de “palavras independentes”, pois se apresentavam como “elementos semanticos independentes” (p. 27).

Em outra direção, pode-se inferir que, por vezes, Capistrano de Abreu deu prioridade à situação comunicativa em que se utilizava determinada unidade lingüística, na operação de analisá-la. Associei esse procedimento à eleição do “**critério de categorização: funcional-pragmático**”. A referência a diferenças lingüísticas condicionadas pelo sexo do falante — caso de “*ya* sim! (dito só por varões)” (p. 574) oposto a “*hõe* sim, dito por varão ou mulher” (p.571) — vale, aqui, como ilustração.

5) Forma de ocorrência de fenômenos problemáticos

Por meio da aplicação dos parâmetros “3) Forma de categorização” e “4) Critério de categorização” foi possível reconhecer fatos lingüísticos para os quais Capistrano de Abreu não forneceu tratamento que pudesse ser considerado sistemático ou inequívoco. Como, na intenção de compreender a especificidade das soluções descritivas reconhecíveis no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, interessam de maneira particular as dificuldades experimentadas por Capistrano, foi criado mais um parâmetro interno de análise, sob o título “**Forma de ocorrência de fenômenos problemáticos**” para avaliar tais casos.

A aplicação desse parâmetro complementar significou o confronto da forma de tratamento conferida por Capistrano a determinados fenômenos lingüísticos – reconstruível graças aos parâmetros 3) e 4) – com os contextos lingüísticos em que eles são atestados na coletânea de narrativas tradicionais caxinauás constante do *rã-txa hu-ni-ku-~i*. Tanto a relação da nasalidade final dos sintagmas nominais com o sistema de marcação de caso, quanto as ocorrências do sufixo *-rã* foram submetidos a essa avaliação. O mesmo se deu para uma parcela dos sufixos adverbiais, cuja caracterização no “Vocabulário caxinauá-brasileiro” não coincidia com soluções de tradução adotadas por Capistrano na passagem de relatos e lendas caxinauás para o Português.

A metodologia de pesquisa exposta no presente capítulo guiou-me na reconstrução da “rede” de Capistrano, assunto dos capítulos seguintes.

Capítulo II

Um panorama da Sul-Americanística dos anos
1890-1929

CAPÍTULO II

Um panorama da Sul-Americanística dos anos 1890-1929

2.1 A Sul-americanística em 1890-1929: uma ciência internacional

Ohne die internationalen Verbindungen ist unsere Wissenschaft zum Tode verurteilt.

[Sem os contatos internacionais nossa ciência está condenada à morte] (carta de Erland Nordenskiöld a Theodor Koch-Grünberg, de 10 de janeiro de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG)

Nur durch internationale Zusammenarbeit [...] ist unsere Wissenschaft möglich.

[Somente por meio da cooperação internacional, a nossa ciência é possível] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Affonso d’Escragnolle Taunay, de 21 de Junho de 1922, Série “Correspondência”, Pasta 33, ATKG)

Os livros, artigos de pesquisa, resenhas e cartas, que me serviram de fonte para reconstruir os mecanismos de produção e circulação do saber próprios da Sul-americanística do período 1890-1929, revelaram-me uma comunidade de especialistas realmente engajada em um projeto coletivo e internacional de construção do conhecimento. Na documentação analisada, os laços de cooperação científica de pesquisadores europeus (alemães, franceses, suecos e holandeses) entre si e com colegas sul-americanos (brasileiros, argentinos, venezuelanos, chilenos) surgem com muito mais força do que testemunhos de rivalidades ou de brigas por prestígio.

Textos em Alemão no *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, caso de Koch-Grünberg (1910, 1914) e Hestermann (1913, 1914) assim como textos em Francês na *Zeitschrift für Ethnologie*, a exemplo de Rivet e Beuchat (1909), evidenciam o caráter internacional da Sul-americanística daquele momento. Nesse sentido, igualam-se a algumas dedicatórias, como a do alemão Koch-Grünberg ao francês Rivet: “Herrn Dr. Paul Rivet zu eigen” [Para que pertença ao Dr. Paul Rivet, Koch-Grünberg 1928: p. de rosto]; a do sueco Erland Nordenskiöld a Koch-Grünberg: „Dem berühmten Südamerikaforscher/ Theodor Koch-Grünberg“ [Ao ilustre pesquisador da América do Sul/ Theodor Koch-Grünberg, Nordenskiöld 1924: p. de rosto] e a de Koch-Grünberg (1917) a Nordenskiöld: “Dem Freunde der Indianer Erland Nordenskiöld ist dieses Buch gewidmet” [Ao amigo dos índios, Erland Nordenskiöld, é dedicado este livro].

Deixando-se o terreno das homenagens públicas e focalizando-se o dia-a-dia dos pesquisadores, avultam os registros de intercâmbio de material publicado e/ou inédito entre os sul-americanistas. A troca de separatas consistia, então, em uma forma privilegiada de

divulgação dos trabalhos publicados. Não por acaso, são numerosas, na correspondência de Koch-Grünberg, as cartas comunicando, solicitando ou agradecendo o envio de separatas⁷. Pude localizar, na biblioteca pessoal de Capistrano de Abreu, hoje conservada no Instituto Histórico do Ceará, uma separata do “Vocabulario Chorote ó Solote”, acompanhada de dedicatória do autor – “Al distinguido colega/ Don J. Capistrano de Abreu,/ Robert Lehmann-Nitsche” – e oito separatas de trabalhos publicados por Rivet, contendo um carimbo com os dizeres “Hommage de l’auteur” na capa. Desse conjunto, não fazia parte a publicação referida em Abreu (1914: 626): “P. Rivet [reproduz com algumas divergências noções gramaticais presentes em Armentia] no *Journal des Américanistes de Paris*, VII, 242 (p. 24 da separata *Sur quelques dialectes panos peu connus*, que devo á benevolencia do autor, a quem sou muito grato).”

Na intenção de divulgar amplamente seus trabalhos e de fomentar a cooperação científica internacional, os sul-americanistas não hesitavam em mandar livros e artigos para pesquisadores com quem nunca dantes haviam travado contato pessoal, desde que se pudesse notar um real interesse de parte do destinatário. Como exemplo disso, pode figurar a primeira carta de Teodoro Sampaio a Koch-Grünberg, em que fica registrado, inclusive, o papel de Capistrano de Abreu na aproximação entre os dois interessados nas línguas brasileiras.

Exmo. Snr. Dr. Th. Koch-Grünberg

Accuso recebidos e muito agradeço a V. Ex. os livros e publicações que me remetteu a proposito de suas viagens no valle do Orenoco e do Amazonas e dos estudos das linguas Aruak e dos indios Uitoto do Japurá, os quaes tinha eu ja visto citados varias vezes e de que me falou ultimamente o nosso eminente amigo, o philologo e historiador, J. Capistrano de Abreu do Rio de Janeiro.

O estudo das linguas brasilicas a que me tenho dedicado, me levaram [sic] a desejar possuir os trabalhos de V. Exa. sobre os indios do Orenoco e do Amazonas e manifestei esse desejo a Capistrano, a quem decerto devo o conseguir de V. Exa. a remessa alludida (Carta de Teodoro Sampaio a Theodor Koch-Grünberg, de 1º de agosto de 1914, Série “Correspondência”, Pasta 17, ATKG, sublinhados originais).

Pôde-se coletar facilmente, ainda, exemplos de disponibilização de dados inéditos para colegas de outras partes do mundo. Rivet enviou ao alemão, radicado na Áustria, P. Wilhelm Schmidt (1868-1954) as provas de impressão do capítulo sobre as línguas americanas que preparara para a obra coletiva *Les langues du Monde*, que teriam sido muito úteis na composição de Schmidt (1926, cf. p. IV e 210). Nordenskiöld, por sua vez, forneceu

⁷ Solicitam o envio de separatas, por exemplo, as cartas a Koch-Grünberg de Walter Lehmann (sem data, Pasta 17), de L. Jacobsohn (sem data, Pasta 14) e de Čestmír Loukatka (de 14 de maio de 1916, Pasta 21 e de 27 de março de 1918, Pasta 25). As cartas remetidas a Koch-Grünberg por Fritz Krause (em 2 de setembro de 1915, Pasta 19), por Theodor Preuss (de 27 de abril de 1911, Pasta 10), e por Samuel Lafone Quevedo (de 19 de novembro de 1913, Pasta 14), dentre outras, informam acerca do envio de separatas. Grato pelo recebimento de 8 separatas, Teodoro Sampaio escreveu a Koch-Grünberg em 16 de janeiro de 1915, Pasta 17 (pertencente, como as demais cartas mencionadas, à Série “Correspondência”, ATKG).

documentação lingüística inédita a Rivet e Créqui-Monfort (1913; 1921) e uma coleção manuscrita de lendas Tacána, Baure e Itonáma a Koch-Grünberg (1924 [1916]). Seguindo a praxe entre os sul-americanistas, o venezuelano Luis Ramón Oramas (1884-1967) escreveu a Koch-Grünberg: “Puedo suministrarle datos, vocabularios inéditos” (Carta datada de 16 de janeiro de 1914, Série “Correspondência”, Pasta 15, ATKG). Ciente de que a publicação dos resultados lingüísticos de sua segunda expedição ao Brasil ainda tardaria muito, Koch-Grünberg ofereceu-se para mandar cópias datilografadas dos vocabulários reunidos para Rivet⁸.

Também Capistrano de Abreu não fez segredos acerca de seus trabalhos em andamento no campo da Sul-americanística. Uma nota de rodapé em Rivet (1910a: 223) informa aos leitores: «1. M. J. CAPISTRANO DE ABREU prépare en ce moment un ouvrage sur la langue des Kaxinawás, qui comprendra de nombreuses phrases, des textes, un vocabulaire abondant et une grammaire.» Mais do que somente uma notícia da obra em preparação, Hestermann recebeu as primeiras provas do vocabulário caxinauá de Capistrano⁹, fundamentais para a elaboração de seu artigo sobre a forma de transcrição das palavras em vocabulários de línguas Pano (v. Hestermann 1914).

Considerada o ideal de conduta científica pelos sul-americanistas do período 1890-1929, a estreita colaboração com colegas de outros países viu-se enormemente dificultada pela Guerra Mundial de 1914-1918.

2.2 Os efeitos da Primeira Guerra Mundial para a Sul-Americanística

Wir wollen von Herzen hoffen, dass bald wieder Friede in der Welt wird! Dieser furchtbare Krieg, den wir, weiss Gott nich gewollt haben, vernichtet so viele Hoffnungen. Er fügt auch unserer, im besten Sinne internationalen Wissenschaft unermesslichen Schaden zu.

[Nós queremos de coração ter a esperança de que haja, em breve, novamente paz no mundo! Essa guerra terrível, que Deus sabe que não queríamos, aniquila tantas esperanças. Ela inflinge também à nossa ciência, que é internacional no melhor sentido, inestimáveis danos] (Carta de Theodor Koch-Grünberg a Alfredo Jahn, de 2 de outubro de 1914, Série “Correspondência”, Pasta 17, ATKG)

Prolongada e brutal, a guerra desestruturou economicamente os países envolvidos e trouxe grandes empecilhos para as relações e comunicações internacionais. Apesar das condições extremamente adversas, que incluíam a suspensão do financiamento à pesquisa em

⁸ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Paul Rivet, datada de 1º de novembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG.

⁹ Cf. carta de Capistrano de Abreu a Mário de Alencar, de 16 de março de 1912 (v. Abreu 1954: 230-1).

etnologia e lingüística¹⁰ e a carência de recursos dos museus etnológicos¹¹, os sul-americanistas alemães e franceses procuraram não interromper sua produção. Sem cogitar o abandono de seus estudos, o especialista em povos do Araguaia Fritz Krause (1881-1960) lamentou: “Das wissenschaftliche Arbeiten ist eben jetzt in Krieg stark erschwert.” [O trabalho científico, agora na guerra, está duramente dificultado] (carta a Koch-Grünberg, de 18 de novembro de 1915, Série “Correspondência”, Pasta 19, ATKG).

Na medida do possível, os sul-americanistas alemães buscavam também, em meio ao conflito, preservar sua rede de contatos internacionais. Como uma carta escrita por um alemão dificilmente alcançaria seu destinatário na França, Koch-Grünberg pediu ao ‘neutro’ Nordenskiöld¹²: “Wenn Sie an Rivet schreiben, grüssen Sie ihn, bitte von mir und sagen Sie ihm, auf meine Freundschaft für ihn hätten diese unseligen Zeitverhältnisse keinerlei Einfluss“ [Se o Sr. escrever para Rivet, cumprimente-o, por favor, por mim e diga a ele que as terríveis circunstâncias atuais não teriam qualquer influência sobre a minha amizade por ele] (carta de 2 de outubro de 1916, Série “Correspondência”, Pasta 21, ATKG). Dirigindo-se a Teodoro Sampaio, Koch-Grünberg afirmou que prosseguia no exame do material etnográfico-lingüístico que trouxera do Brasil e que prezava, mais do que nunca, a manutenção do intercâmbio com pesquisadores brasileiros:

Ihr liebensw. Schreiben vom 1. August kam infolge des Krieges erst jetzt in meine Hände. Ich spreche Ihnen meinen verbindlichsten Dank dafür aus.
[...] Ich bearbeite jetzt die Ergebnisse meiner letzt Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, 1911-1913, die fünf Bände umfassen werden: [...]
[...] Die Verbindung mit meiner brasilian. Freunden und Kollegen ist mir jetzt besonders wertvoll, da der furchtbare Krieg so viele internationale Beziehungen in unserer schönen Wissenschaft unterbrochen hat.
[Sua gentil carta de 1º de agosto [de 1914], por causa da guerra, só agora chegou às minhas mãos. Eu lhe expressei meus mais cordiais agradecimentos por ela.
[...] Eu trabalho agora nos resultados de minha última viagem pelo norte brasileiro até o Orenoco, de 1911 a 1913, que englobará cinco volumes [...]
[...] O contato com meus amigos e colegas brasileiros é, para mim, agora especialmente valioso, uma vez que essa guerra terrível interrompeu tantas relações internacionais na nossa bela ciência] (Rascunho a lápis para “Herrn Dr. Theodoro Sampaio/ Bahia/ Ladeira de S. Bento 22”, sem data [1915], Série “Correspondência”, Pasta 17, ATKG)

¹⁰ Cf. cartas de Theodor Koch-Grünberg a Emilia Snethlage, então pesquisadora do Museu Goeldi, de 7 de dezembro de 1915 e a T. A. Bendrat, de 8 de março de 1916; arquivadas, respectivamente, nas Pastas 19 e 20 da Série “Correspondência”, ATKG.

¹¹ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Albert Frič, de 2 de maio de 1916, Série “Correspondência”, Pasta 20, ATKG.

¹² Durante a guerra, Nordenskiöld teria ajudado Koch-Grünberg também a se manter inteirado acerca da produção em Sul-americanística (conforme solicita a carta enviada a ele pelo colega alemão em 24 de outubro de 1916, Série “Correspondência”, Pasta 21, ATKG). É certo, ao menos, que Nordenskiöld fez com que os artigos de Rivet, saídos então, chegassem ao conhecimento de Koch-Grünberg (v. carta de Theodor Koch-Grünberg a Paul Rivet, de 27 de outubro de 1919, Série “Correspondência”, ATKG.)

É bem provável que as palavras acima transcritas não tenham conseguido alcançar Teodoro Sampaio. As sérias restrições que a guerra impunha ao correio internacional estiveram entre os fatores que provocaram a interrupção dos contatos entre Koch-Grünberg e seus colaboradores na América do Sul.

Para a comunidade dos sul-americanistas, o fim da guerra representou um momento de agir em prol do reestabelecimento da cooperação internacional. No processo de reaproximação dos pesquisadores franceses e alemães, Rivet desempenhou papel preponderante e despontou como um dos principais líderes organizacionais da especialidade. Figura central na *Société des Américanistes de Paris*, em que era oficialmente o secretário-geral adjunto (cf. Verneau 1928), atuou decisivamente para que a instituição se tornasse a primeira sociedade científica francesa a reatar os laços com os sócios-correspondentes alemães e austríacos, o que se deu já no verão de 1919¹³. No mesmo ano, Rivet enviou à redação de *Anthropos* uma das mais significativas cartas em defesa dos vínculos científicos internacionais então endereçadas ao prestigiado periódico austríaco, em que figuravam relevantes trabalhos etnográficos e lingüísticos¹⁴. Além disso, Rivet, cujo papel como líder intelectual não pode ser menosprezado¹⁵, demonstrou a intenção de contribuir para uma obra coletiva em homenagem ao americanista alemão Eduard Seler (1849-1922, segundo Eisleb 1973: 176, o verdadeiro fundador da Seção “América” do Museu Etnológico de Berlim). Koch-Grünberg aplaudiu a idéia de Rivet “im Interesse des internationalen Charakters unserer Wissenschaft” [no interesse do caráter internacional de nossa ciência] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Walter Lehmann, de 11 de outubro de 1921, Série “Correspondência, Pasta 31, ATKG).

Sempre empenhado em viabilizar e intensificar a natureza internacional da Sul-Americanística, Koch-Grünberg procurou resgatar seus contatos científicos na América do Sul, tão logo houve a suspensão do conflito armado. Um de seus principais interlocutores no Brasil, Capistrano de Abreu não tardou a receber notícias acerca das atividades científicas de Koch-Grünberg durante a guerra, algumas delas estreitamente relacionadas ao *rã-txa hu-ni-ku-~i*. Nessa correspondência, Koch-Grünberg não descuidou do intercâmbio de publicações: ao mesmo tempo que enviou trabalhos seus a Capistrano, pediu que lhe fosse remetido o maior número possível de textos escritos por estudiosos brasileiros. Por conta de seu conteúdo particularmente significativo, permiti-me citar essa carta de forma longa.

¹³ Cf. cartas de Theodor Koch-Grünberg a Wilhelm Sievers, sem data e a R. Martin, de 4 de maio de 1921, ambas arquivadas na Pasta 31, Série “Correspondência”, ATKG.

¹⁴ Cf. carta de K. W. Koppers (redator de *Anthropos*) a Theodor Koch-Grünberg, de 14 de dezembro de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG.

¹⁵ Cf., por exemplo, Hestermann (1927).

Ich freue mich sehr, dass dieser schreckliche Krieg, der so viel Unglück über die Menschheit gebracht hat, endlich vorüber ist, und dass ich jetzt wieder Gelegenheit habe, mit Ihnen in Verbindung zu treten. – Unsere Wissenschaft hat durch den Krieg sehr gelitten, und wir müssen jetzt doppelt arbeiten nachzuholen. Nur durch die internationalen Verbindungen ist dies möglich.

Ihr ausgezeichnetes und in der Südamerika-Forschung wohl einzig dastehendes Werk über die Caxinaua habe ich im letzten Jahr genau studiert. Ich bewundere das riesige, wertvolle Material, das in dem Buch enthalten ist. [...] – Einige Ihrer schönen Mythen habe ich ins Deutsche übersetzt und in meinem demnächst erscheinenden Buch „Südamerikanische Indianermärchen“ zum Abdruck gebracht, wofür ich sie nachträglich um Erlaubnis bitten möchte.

Über die Ergebnisse meiner letzten Reise habe ich bis jetzt zwei Bände meinen Verleger beauftragt, Ihnen die beiden Bände zu schicken, und bitte Sie, die Bücher als ein Zeichen meiner Bewunderung und Verehrung annehmen zu wollen. – Gleichzeitig sende ich Ihnen einige kleinere Arbeiten von mir, die während der letzten Jahre erschienen sind.

Ich wäre Ihnen sehr dankbar, wenn Sie mir alle ethnographischen Arbeiten schicken würden, die seit 1914 in Brasilien erschienen sind, soweit dies möglich ist

[Eu muito me alegro que essa terrível guerra, que trouxe tanta infelicidade para a humanidade, finalmente terminou e que eu agora tenho novamente oportunidade de colocar-me em contato com o Sr. – A nossa ciência sofreu muito por conta da guerra e nós agora temos que trabalhar dobrado para recuperar. Somente por meio dos contatos internacionais isso é possível.

Estudei minuciosamente no ano passado sua excelente obra sobre os Caxinauás, realmente singular na pesquisa sobre a América do Sul. Eu admiro o material imenso e valioso, que está contido no livro. [...] Alguns dos seus belos mitos traduzi para o Alemão e serão impressos no meu próximo livro a ser publicado “Südamerikanische Indianermärchen“ [Lendas indígenas sul-americanas¹⁶], pelo que gostaria de pedir-lhe, *a posteriori*, autorização.

Acerca dos resultados da minha última viagem, incumbi meu editor de enviar-lhe os dois volumes até agora publicados e peço ao Sr. que queira receber os livros como um sinal da minha admiração e de meu respeito. Ao mesmo tempo, envio-lhe alguns trabalhos, de menor extensão, de minha autoria, que foram publicados durante os últimos anos.

Eu lhe seria muito grato, se o Sr. me enviasse, na medida do possível, todos os trabalhos etnográficos que foram publicados no Brasil desde 1914] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Capistrano de Abreu, de 8 de janeiro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 28, ATKG.)

Assim como Capistrano de Abreu, muitos outros pesquisadores sul-americanos atenderam ao apelo de Koch-Grünberg e despacharam para a Alemanha livros e artigos que o ajudaram a ficar a par do conhecimento produzido durante a guerra. Empolgado com a retomada de sua rede de contatos científicos na América do Sul, Koch-Grünberg festejou: “Mit südamerikanischen Kreisen habe ich jetzt mehr Verbindung als vor Jahren. Fast jede Post bringt mir wertvolle Bücher und Schriften und herzliche Briefe.“ [Com círculos sul-americanos tenho agora mais contato do que anos atrás. Quase toda a entrega do correio me traz livros e escritos de valor e cartas cordiais] (carta a Karl Sapper, de 3 de outubro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG).

¹⁶ O livro a que aludiu Koch-Grünberg acabou por ser batizado *Indianermärchen aus Südamerika* [Lendas indígenas da América do Sul], cf. Koch-Grünberg 1927[1920].

Conforme se pôde perceber, pouco tempo depois da guerra, os sul-americanistas europeus já tinham conseguido reatar seus contatos em outros países e reavivar o caráter internacional da especialidade. Mas, no que tange a outros aspectos, igualmente vitais para o desenvolvimento de sua produção científica, eles continuavam se deparando com as maiores dificuldades. Em economias arrasadas, não havia evidentemente recursos financeiros para museus e institutos de pesquisa¹⁷. Os livros, principalmente os estrangeiros, tornaram-se muito caros¹⁸ e a falta de papel e de outros insumos inviabilizava impressões. Por isso, muitas revistas científicas foram extintas ou tiveram sua publicação interrompida por longos períodos¹⁹ e a edição de obras extensas ou ricamente ilustradas era impraticável. Além disso, as sociedades científicas quase não tinham condições de manter-se. Fundada em 1896, a *Société des Américanistes de Paris* teria deixado de existir, senão tivesse encontrado um mecenas – o marquês Georges de Créqui-Monfort (cf. Verneau 1928: 398).

Mesmo com a grave crise por que passava a sua ciência no pós-guerra²⁰, os sul-americanistas europeus fizeram o possível para manter-se ativos e produtivos. Nesse sentido, é exemplar a declaração de Koch-Grünberg a seu colega Samuel Lafone Quevedo (1835-1920), então diretor do Museu de la Plata, na Argentina.

Germany has become poor through this fatal war. Our scientific life is disturbed for many years and it is scarcely possible today to publish a large illustrated work. Paper is wanting, money is wanting, nearly everything is wanting!

In spite of all this **I do not lose heart at my work** and I hope that we shall be able to subdue this crisis. (Carta de Theodor Koch-Grünberg a Samuel Lafone Quevedo, de 25 de junho de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG, negritos adicionados).

Persistindo em seu trabalho, os sul-americanistas europeus não esperaram que uma atmosfera propícia surgisse para dar sua contribuição para o projeto coletivo e internacional de construção de conhecimento acerca das línguas e culturas da América do Sul, cuja natureza as próximas seções têm o objetivo de detalhar.

¹⁷ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Hermann Schmidt, de 21 de fevereiro [de 1921], Série “Correspondência”, Pasta 31, ATKG.

¹⁸ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Alfredo Jahn, de 4 de outubro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG.

¹⁹ Cf. cartas de Theodor Koch-Grünberg a Eric Booman, de 14 de julho de 1920, e a C. C. Uhlenbeck, de 6 de julho de 1920, Série “Correspondência”, respectivamente, Pasta 28 e Pasta 29, ATKG.

²⁰ Assunto, por exemplo, da carta de Theodor Koch-Grünberg a Erland Nordenskiöld de 28 de junho de 1920 e da carta do mesmo remetente para Paul Rivet de 24 de abril de 1921; respectivamente, Pasta 29 e Pasta 31, Série “Correspondência”, ATKG.

2.3 A “terra incógnita” que fascinava os sul-americanistas

Dahi em diante então era tudo absolutamente “**terra incognita**”.

[...]

Durante estes 13 meses exploramos um territorio na sua mor parte **desconhecido**, uma grande parte do Brazil absolutamente **ignota** na extensão de seis grãos equatoriais foi por nos atravessada, explorada e cartograficamente levantada. (“Descrição resumida da expedição científica do Dr. Theodor Koch-Grünberg de 1911-á-1913”, apensa a carta de W. Moers, Hamburgo, sem data, Série “Correspondência”, Pasta 15, ATKG, negritos adicionados)

Além do interesse por uma dada área do globo terrestre, a comunidade dos sul-americanistas do período 1890-1929 compartilhava referenciais teórico-metodológicos e uma determinada concepção de fazer científico. Para alcançar a devida contextualização (nos termos de Koerner 1989: 25) de tal ideal de ciência, é relevante verificar como aqueles estudiosos concebiam o continente, cujos habitantes originais lhes serviam de objeto de estudo.

Vastas áreas da América do Sul permaneciam então inexploradas e o conhecimento de sua constituição física e de seus habitantes assumia caráter desafiador. Como lembrou Kraus (2004), tratava-se, numa expressão cara a escritos da época, de verdadeira “terra incógnita”²¹. Não fosse assim, Nordenskiöld (1924) não teria escolhido o título “Das unbekannte Südamerika” [A desconhecida América do Sul] para uma das seções de sua obra. Na mesma linha, quando agradecia as homenagens que recebia de sociedades científicas, Theodor Koch-Grünberg costumava ressaltar que ainda havia muito o que pesquisar no continente sul-americano. Para a *Gesellschaft für Erdkunde* [Sociedade para a Geografia], que lhe confiara uma medalha distintiva, ele escreveu: „In der Erforschung Südamerikas u. seiner Eingeborenen bleibt noch so viel zu tun, wie kaum in anderem Erdteil. Weite Gebiete sind wissenschaftliche ganz unbekannt.“ [Na pesquisa sobre a América do Sul e seus habitantes há ainda muito por fazer, como em nenhum outro continente. Amplas regiões são ainda, do ponto de vista científico, totalmente desconhecidas] (carta de Theodor Koch-Grünberg ao Conselho da *Gesellschaft für Erdkunde*, Série “Correspondência”, Pasta 24, ATKG). Expressando sua satisfação ao ser nomeado membro honorário da *Verein für Völkerkunde* [Associação para Etnologia] de Leipzig, Koch-Grünberg declarou:

²¹ Cf., por exemplo: Schmidt (1910: 131), carta de Walter Lehman a Theodor Koch-Grünberg, 15 de Janeiro de 1910, Série “Correspondência”, Pasta 8, ATKG; resenha de Paul Ehrenreich a *Voyage entre Tocantins et Xingú 3 avril 1898 – 3 nov. 1898* de Henri Coudreau, Série “Resenhas”, Caixa 68, APE; Carta de Karl von den Steinen datada “Cuyabá, Matto Grosso”, 2 de Maio de 1884, Autos do MEB referentes à Coleção Karl von den Steinen/ Paul Ehrenreich, vol. IB Litt K.

Ich spreche Ihnen für diese Anerkennung meiner Arbeit meinen herzlichen Danken aus. Sie ist mir ein reicher Lohn für manche Mühen u. wird mir ein Ansporn sein, weiterzuarbeiten an der Erforschung **dieses noch so dunklen Erdteils**.

[Eu expresso meus mais cordiais agradecimentos por esse reconhecimento do meu trabalho. Ele é para mim uma valiosa recompensa por alguns esforços e será para mim um estímulo para prosseguir trabalhando na investigação **desse ainda tão obscuro continente**] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Karl Weule, então presidente da *Verein für Völkerkunde*, Leipzig, Série “Correspondência”, Pasta 21, ATKG, negritos adicionados)

Os estudiosos que traziam um pouco de luz a campo considerado (inclusive por intelectuais sul-americanos) tão obscuro, retrazendo mapas e oferecendo outras informações confiáveis, podiam contar com a admiração de seus pares e, até mesmo, almejar a da sociedade, como um todo. Nesse contexto, quanto mais inacessível a região visitada, maior relevo ganhavam os resultados científicos obtidos e, conseqüentemente, maior era o prestígio de que se investia o pesquisador-viajante. Por conta disso, a alusão a territórios dantes pouco ou nada explorados desempenhava papel importante nos textos de divulgação científica. No *Geographical Journal* de abril de 1910, por exemplo, saiu estampada uma notícia acerca da expedição do Capitão Thomas Whiffen à bacia Amazônica que alertava para o fato de que “he traversed ground of which very little had hitherto been known.” (Recorte apenso à carta de H. Singer a Theodor Koch-Grünberg, datada de Berlim, 14 de abril de 1910, Série “Correspondência”, Pasta 7, ATKG). Jornais alemães que abordaram a viagem de pesquisa à selva colombiana então planejada pelo sueco Gustaf Bolinder (1888-1957) não deixaram de destacar o ineditismo da empreitada, indicando que ele rumaria para a América do Sul “um verschiedene noch vollkommen unbekannte Gegenden zu erforschen” [para investigar diversas regiões ainda completamente desconhecidas] (*Stuttgarter Tagblatt*, 25 de Fevereiro de 1917, Recorte conservado na Pasta 22 da Série “Correspondência”, ATKG; cf., ainda, recorte sem indicação de fonte, conservado na mesma pasta).

Fica fácil entender, portanto, porque Koch-Grünberg fazia questão de frisar seu pioneirismo, na condição de primeiro cientista (e, em alguns casos, primeiro branco) a percorrer certas áreas da Amazônia. Segundo um manuscrito conservado em seu arquivo pessoal, uma de suas palestras sobre a primeira expedição chefiada por ele, na *Anthropologische Gesellschaft* [Sociedade Antropológica] de Berlim, teria sido iniciada pelas seguintes palavras: „Meine Damen und Herren!/ Meine Reise nach Südamerika in den Jahren 1903-1905 führte mich in die teils noch wenig bekannten, teil gänzlich unbekannten Gegenden Nordwestbrasieliens, die Flussgebiete des oberen Rio Negro und Yapurá, der beiden grössten linken Nebenflüsse des gewaltigen Amazonenstroms.“ [Senhoras e senhores!/ Minha viagem à América do Sul, nos anos de 1903 a 1905, conduziu-me a regiões em parte pouco

conhecidas, em parte totalmente desconhecidas do Nordeste do Brasil: a bacia fluvial do alto Rio Negro e Japurá, os dois maiores afluentes da direita da violenta corrente do Amazonas] (Série “Manuscritos de Palestras”, ATKG). Como o *Frankfurter Zeitung* tardava em publicar a resenha de von den Steinen ao primeiro volume de *Vom Roraima zum Orinoco* (Koch-Grünberg 1917), Koch-Grünberg ressaltou, em carta ao jornalista responsável pelo suplemento científico-literário do periódico, o valor único de seus escritos: “Ich glaube, dass viele Ihre Leser Interesse daran haben werden, handelt es sich doch um deutsche Pionierarbeit in den unbekanntesten Gebieten Südamerikas“ [Eu acredito que muitos de seus leitores terão interesse nisso, tratando-se realmente de trabalho alemão pioneiro nos territórios mais desconhecidos da América do Sul] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Dr. Geck, 13 de abril de 1918, Série “Correspondência”, Pasta 24, ATKG). A seu editor, Koch-Grünberg sugeriu que a orelha do primeiro volume de *Vom Roraima zum Orinoco* poderia conter dizeres, endereçados ao público em geral, como “T.[agebuchblätter] einer Reise in unerforschte Gebiete Südamerikas“ [Folhas de um diário de uma viagem em território inexplorado da América do Sul] (carta a Ernst Vohsen, responsável pela editora Dietrich Reimer, 18 de junho de 1917, Série “Correspondência”, Pasta 23, ATKG).

2.3.1 Gente que não era do ramo: os aventureiros

A glória que advinha das expedições por regiões ainda não desbravadas aticava também viajantes que eram vistos, diversamente de nomes como Nordenskiöld e Koch-Grünberg, com suspeita pela comunidade dos sul-americanistas. Julgados indiferentes ao trabalho verdadeiramente científico, e, mais ainda, desqualificados para tal, ganhavam a pecha de meros aventureiros, recebendo o desprezo dos especialistas. Apesar disso, acabavam por acirrar a concorrência entre os pesquisadores-viajantes (v. Kraus 2004).

Se a atuação desses exploradores não preocupasse os sul-americanistas, não haveria vários registros na correspondência de Koch-Grünberg acerca das viagens ao Brasil empreendidas pelo jornalista inglês Henry Savage Landor (1865-1924) e pelo ex-presidente americano Theodor Roosevelt (1858-1919) no ano de 1914. Landor foi descrito por Hermann Meyer (1871-1932), chefe da primeira expedição ao Brasil de que tomou parte Koch-Grünberg, como pintor e ‘Globetrotter’. O segundo qualificativo soa bastante adequado, uma vez que Landor teria percorrido regiões da Espanha, do Marrocos, dos Estados Unidos e Canadá, do Japão, da Coréia, da China, da Austrália e do Tibet antes de aportar nos sertões mato-grossenses e goianos. Cada viagem gerou um ou mais livros e o referente ao Tibet, em especial, atingiu um número considerável de leitores. Do ponto de vista científico, no entanto,

seus livros, recheados de passagens mirabolantes e que exageravam a gravidade dos percalços enfrentados, nada acrescentariam, como apontou também Verneau (1928: 403). Por tudo isso, Meyer expressou em carta escrita a Koch-Grünberg a revolta que experimentou ao saber que o governo brasileiro conferiu uma verba de 30 contos (equivalentes então a cem mil francos, segundo a conta de um jornal francês e, de qualquer forma, recursos financeiros que muitas vezes faltavam aos sul-americanistas ‘sérios’) ao despreparado Landor, para que este estudasse as línguas e os costumes dos índios entre os rios Uruguai e Madeira:

Das Geld für die Reise des Herrn Landor ist herausgeworfen. Dr. Landor wird wieder ein amüsantes und phantasievolles Buch schreiben, aber unsere Kenntnis von den Indianern wird er nicht fördern. Dazu fehlt ihm jede Vorbildung.

[O dinheiro para a viagem do Sr. Landor foi jogado fora. Ele escreverá novamente um livro divertido e fantasioso, mas não irá fomentar nosso conhecimento sobre os índios. Para isso, falta-lhe de toda instrução] (carta de Hermann Meyer a Theodor Koch-Grünberg, Leipzig, 25 de março de 1911, Série “Correspondência”, Pasta 10, ATKG)

Um recorte de artigo saído no jornal *Täglicher Rundschau* (e preservado na pasta 17 da Série “Correspondência”, ATKG) indica que a previsão de Meyer se confirmou. Poucos meses depois de regressar do Brasil, Landor lançou seu *Across unknown South America*. Como sugere aquele texto jornalístico, antes mesmo de avaliar seu conteúdo, os sul-americanistas já cobriam de desconfiança a obra, pois julgavam seu surgimento apressado e acreditavam que a região visitada por Landor não fosse tão novidade quanto faria supor seu título. Uma quantidade considerável de trabalhos geográficos, que Landor parecia ignorar completamente, já teria sido publicada sobre aquela área. No coro dos críticos de Landor, Walle (1914) dedicou-se a desautorizar o *Across unknown South America*, bem como as palestras de seu autor sobre a viagem ao Brasil e chegou a afirmar que as fotografias então exibidas tinham sido artificial e convenientemente compostas.

Krause, sul-americanista que empreendeu uma expedição ao Brasil central em 1908, com o apoio do Museu Etnológico de Leipzig (cf. Krause 1909), comunicou em carta ao colega e amigo Koch-Grünberg as impressões deixadas pela leitura de *Across unknown South America*, volume que o destinatário tinha lhe emprestado. Seus comentários não permitem duvidar que a ciência nada tinha lucrado com a publicação do trabalho e, mais ainda, que o pouco criterioso Landor apesar de ser, inegavelmente, um viajante, não devia, em nenhuma hipótese, ser tomado por um **pesquisador**-viajante. Mesmo indiferente aos ideais de ciência resguardados pelos sul-americanistas, Landor procurava construir para si a imagem de “pesquisador”, que aumentaria seu prestígio. Tal pretensão foi ridicularizada por Krause, que declarou: “Das ganze Werk ist einfach unglaublich! Und so was nennt sich **Forschungsreisender!**“ [A obra, como um todo, é simplesmente inacreditável! E uma coisa

dessas se intitula **pesquisador-viajante!**] (carta de Fritz Krause a Koch-Grünberg, Leipzig, 3 de janeiro de 1915, Série “Correspondência”, Pasta 17, ATKG, negritos adicionados).

Fazia parte da estratégia de Landor, para posar de verdadeiro pesquisador, desmerecer a capacidade de Roosevelt, assim como menosprezar a viagem do ex-presidente norte-americano à América do Sul, realizada pouco tempo depois da sua. Se podia chegar a iludir a massa dos leitores de jornais, essa atitude não enganava os entendidos, que criticavam na mesma medida Roosevelt e Landor por sua ignorância nos terrenos da geografia, da etnografia e da lingüística sul-americana. Aqueles que condenavam os fantasiosos relatos de viagem saídos da pena de Landor, tinham Roosevelt, de modo semelhante, na conta de um caçador interessado em registrar suas façanhas²². Por outro lado, diante da notoriedade de Roosevelt, pouco importavam ao mercado editorial a seriedade dos procedimentos e a profundidade dos resultados atingidos pelo sul-americanista exemplar (no sentido de Murray 1994) Koch-Grünberg. Em agosto de 1913, a editora londrina Hutchinson & Co. desaconselhou a execução e publicação da tradução inglesa de um livro de Koch-Grünberg, pois Roosevelt já havia anunciado que viajaria à América do Sul no ano seguinte. Esse fato impediria que qualquer outro livro sobre expedições àquele continente saído na mesma época conseguisse boa vendagem (carta de Hutchinson a Theodor Koch-Grünberg, Londres, 28 de agosto de 1913, Série “Correspondência”, Pasta 14, ATKG).

Incomodava particularmente aos sul-americanistas que nenhum etnógrafo tivesse integrado a comitiva de cientistas que acompanhara Roosevelt em sua rápida passagem pelos sertões brasileiros. Sem a participação de um especialista, preciosas informações sobre os indígenas da região teriam deixado, talvez para sempre, de ser coletadas. Koch-Grünberg não disfarçou o desapontamento que isso lhe trazia:

Gerade aber, weil es sich um eines der unbekanntesten Teile Südamerikas handelt, muss man es sehr bedauern, dass Roosevelt nicht einen [...] **Ethnographen** unter seine Begleiter zählte [...]. Die Bodenbeschaffenheit, die Flora, die Fauna werden noch lange dieselben bleiben. **Die Menschen** aber, die diese Einöden bewohnen, **schwinden rasch** dahin, und mit ihnen gehen unersetzliche Dokumente für die Entwicklung der Menschheit verloren.

[Mas, justamente porque se trata de uma das partes mais desconhecidas da América do Sul, deve-se lamentar muito que Roosevelt não tenha contado com um [...] **Etnógrafo** entre seus companheiros [...]. O relevo, a flora, a fauna permanecerão ainda muito tempo os mesmos. **Os homens** que habitam esses ermos, entretanto, dali **desaparecem velozmente** e com eles se perdem documentos insubstituíveis acerca do desenvolvimento da humanidade] (carta de Theodor Koch-Grünberg ao jornal *New York World*, sem data, Série “Correspondência”, Pasta 17, ATKG, negritos adicionados)

²² Cf. carta de Koch-Grünberg a Dr. Mansfeld, 2 de fevereiro de 1922 e carta de A. Florence a Koch-Grünberg, Dresden, 25 de abril de 1914, Série “Correspondência”, respectivamente Pasta 33 e 16, ATKG.

Muito mais do que uma opinião pessoal, essas palavras de Koch-Grünberg exprimem uma preocupação central dos sul-americanistas do período 1890-1929: a ameaça premente do desaparecimento dos indígenas. Infelizmente, não se podia negar que as selvas da América do Sul, apesar de consideravelmente desconhecidas pela ciência, já vinham sofrendo as consequências nefastas da exploração econômica.

2.4 A “última hora” e a necessidade de especialistas

Quanto mais a realidade dos sertões e das florestas sul-americanas se tornava conhecida pelos cientistas, mais se enfraquecia a esperança de encontrar regiões completamente intocadas pelo homem branco. Nesse contexto, ganhavam toda a relevância as informações sobre povos que ainda se mantinham completamente afastados dos modelos europeus de civilização e conservavam como que imaculadas sua língua e suas manifestações culturais. Não é de admirar que tais sociedades fossem a “menina dos olhos” dos etnógrafos-lingüistas, interessados em recompor rotas migratórias dos povos americanos e, muitas vezes, em utilizar os então chamados “povos primitivos” para iluminar capítulos iniciais da história da humanidade, como um todo.

Para a platéia reunida na *Anthropologische Gesellschaft* [Sociedade Antropológica] de Berlim, com o intuito de acompanhar suas palestras sobre a expedição ao Brasil em 1903-1905, Koch-Grünberg enfatizou que convivera com índios ainda “in ihrer ganzen Ursprünglichkeit” [em todo o seu caráter original], pertencentes a “unberührten Indianerstämme” [tribos intocadas] (cf. “Fragmentos de Palestras na Sociedade Antropológica”, Série “Manuscritos de Palestras”, ATKG). Seu público de então devia ter consciência do caráter extraordinário desse fato, que nenhum sul-americanista poria em dúvida.

A comunidade dos sul-americanistas, com efeito, lamentava que fossem incomparavelmente mais comuns as notícias de tribos já extintas, em processo de desaparecimento²³ ou severamente atingidas por epidemias (v., por exemplo, Schmidt 1910: 143, Kissenberth 1912: 52, 59), do que relatos como o de Koch-Grünberg. Diante de tal situação, os especialistas ressaltavam a necessidade urgente de promover pesquisas lingüísticas e etnográficas ‘sérias’. Tratava-se, efetivamente, de uma corrida contra o tempo, evidenciada pelo freqüente recurso a expressões como “última hora” e “última

²³ Referem-se a tribos não mais existentes ou com número extremamente reduzido de indivíduos, por exemplo, Ehrenreich (1891), Brinton (1901: 265), Koch-Grünberg e Hübner (1908: 10), Chamberlain (1910), Ihering (1911: 135), Ribeiro (1912), Nordenskiöld (1922) e Tessmann (1930).

oportunidade”²⁴. Ciente dessa situação, Teodoro Sampaio declarou, em seu estudo sobre *Os Kraôs do Rio Preto no Estado da Bahia*: “como língua viva [o Kraô], está **bem perto de desaparecer**, tão apertado se está tornando de dia para dia o círculo de ferro, em que a civilização encerrou os **últimos sobreviventes** desta nação gentia.” (Sampaio, s.d. [c. 1912]: 157-8, negritos adicionados).

Segundo uma carta que endereçou a Sampaio, Koch-Grünberg tomara conhecimento desse trabalho sobre os Kraôs graças a uma resenha saída no *Journal de la Société des Américanistes de Paris* (R[ivet] 1913). Sua reação à iniciativa de Sampaio foi entusiástica. Sempre preocupado com a urgência de se estudar os povos indígenas antes de seu total desaparecimento, Koch-Grünberg destacou que seria desejável que outros intelectuais brasileiros seguissem o louvável exemplo do destinatário e de Capistrano de Abreu: “Möchten sich doch in Brasilien nicht viele Gelehrte finden, die sich wie Sie und der trefflicher Dr. J. Cap. de Abreu, dem interessanten Studium der Ureinwohner widmen, **bevor es zu spät ist**. [Não se queira, de fato, encontrar no Brasil muitos intelectuais, que, como o Sr. e o excelente Dr. J.[oão] Cap.[istrano] de Abreu se dedicam ao interessante estudo dos habitantes primitivos, **antes que seja tarde demais**] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Teodoro Sampaio, rascunho sem data, Pasta 17, Série “Correspondência”, ATKG, negritos adicionados).

De fato, Capistrano de Abreu pertencia ao grupo de sul-americanistas que julgava que os estudos acerca das línguas e culturas indígenas não podiam esperar. No exemplar de *The indian and his problem* pertencente à sua biblioteca pessoal fica clara essa preocupação, pois uma anotação à margem assinala o seguinte trecho, referente à total impossibilidade de uma sobrevivência duradoura das danças indígenas:

There is no room for question that the Indian dance is doomed to disappear, and will do so before many years, regardless of whether or not we lift voice or hand against it. The evolutionary forces which have marked it for extinction are the spirit of the age and the invasion of the commercialism. Something of the spirit of the age finds its way into the Indian camp whenever a labourer returns thither for a season spent working for the white people of the outside world. (Leupp 1910: 250-1).

De forma inequívoca, Capistrano justificou porque dava preferência a prosseguir no exame da língua Bacairi, em lugar de escrever uma obra capaz de sistematizar sua relevante produção historiográfica: “Mais importante [que projetos de história] é dar conta dos bacairis:

²⁴ Essas expressões surgem, por exemplo, nas cartas de Theodor Koch-Grünberg a Curt Nimuendajú-Unkel (16 de setembro de 1920, 13 de novembro de 1921, 11 de fevereiro e 10 de março de 1924), na carta de Theodor Koch-Grünberg a seu editor August Schröder datada de 10 março de 1924 e na carta escrita por Fritz Krause em 20 de outubro de 1918 para Koch-Grünberg. Elas se encontram, respectivamente, nas pastas 29, 31, 37 (no caso das três datadas de 1924) e 25 da Série “Correspondência”, ATKG.

estes vão todos os dias diminuindo; em breve não haverá mais; historiadores tivemos em roldão” (Carta datada de 25 de setembro de 1922, Abreu 1977: 90). Na mesma linha, Capistrano escreveu ao grande amigo Mário de Alencar (1872-1925):

Depois de um longo período de amortecimento cerebral, voltei ao bacaeri. Darei conta da mão? Depois de vinte anos de abandono, serei capaz de recomeçar? Em todo caso, viro as costas à História; não faltarão Tácitos e Suetônios: **os pobres índios sumir-se-ão do mundo**; quero apenas que não vão sem acompanhamento ao túmulo. (Carta de 6 de setembro de 1915, Abreu 1954: 239, negritos adicionados)

A Afonso Taunay (1876–1958), Capistrano indagou de maneira direta: “Terá V. meios de obter um vocabulário dos xavantes do Paraná e S. Paulo? É uma língua que tende a desaparecer e é preciso andar depressa” (carta de 22 de janeiro de 1917, Abreu 1954: 284). Alguns anos depois, revelou ao historiador português João Lúcio de Azevedo (1855-1933) a intenção de assumir para si a tarefa de estudar a ameaçada língua Xavante: “Existe em São Paulo um problema lingüístico, que não sei se ainda será tempo de estudar — o dos xavantes. Já são muito poucos, muito reduzidos os vocabulários²⁵ [...] Agora encontrei um [...] fazendeiro no Paranapanema; pedi-lhe reunisse uns índios com os quais se poderia tentar alguma coisa. Prometeu-me. Se cumprir a palavra, lá irei” (Carta datada de “Oitava de Tiradentes”, 1923, Abreu 1954a: 274). Noutra carta, Capistrano explicitou que a preocupação em registrar a língua dos Caxinauás, permitindo que a posteridade tivesse memória de sua existência, levou-o a compor o *rã-txa hu-ni-ku-~i*. De acordo com suas palavras, “[o]rganizei-o para não suceder com esta o mesmo que com uma língua do Orinoco, conservada apenas por um papagaio, afirma Humboldt” (Carta a Alfredo Pujol, datada de 29 de abril de 1916, Abreu 1977: 66).

Em muitas ocasiões, os sul-americanistas se depararam com quadros quase tão desoladores quanto a sobrevivência de um único falante. Curt Nimuendajú-Unkel (1883-1945) informou a Koch-Grünberg que o Palikúr contaria com apenas três falantes (Carta datada de 26 de junho de 1921, Pasta 31, Série “Correspondência”, ATKG). Robert Lehmann-Nitsche (1872-1939), por sua vez, contabilizou os falantes do Puelche (do Norte da Patagônia) como cerca de uma dúzia, todos com mais de sessenta anos (Carta a Theodor Koch-Grünberg datada de La Plata, 21 de abril de 1915, Pasta 19, Série “Correspondência”, ATKG). Exemplos como esses poderiam facilmente ser multiplicados.

²⁵ Como o constante em Borba (1908), obra que integra a biblioteca pessoal de Capistrano de Abreu, hoje conservada no Instituto Histórico do Ceará. Acerca da documentação sobre o Xavante então disponível, v. Chamberlain (1910: 185).

2.4.1 A exploração econômica e a extinção dos indígenas

Não escaparam, também, à percepção dos sul-americanistas as razões que engendravam o declínio constante do contingente de população indígena e a perda sempre mais acentuada de seus traços culturais. Sem partilhar das teorias de desigualdade racial, em voga em outros círculos de intelectuais no período 1890-1929²⁶ e que tão bem serviam para justificar o imperialismo europeu, os sul-americanistas recusavam-se a aceitar que as civilizações ‘inferiores’ não-brancas teriam, sempre que se desse o contato, naturalmente de sucumbir diante da superioridade intelectual e cultural dos brancos. Embora considerassem a civilização européia como detentora de um mais alto grau de desenvolvimento, seus textos mostram claramente que o domínio dos brancos se fundamentava no uso da força e da violência e não nascia de um desejo de divulgar formas mais avançadas de vida em sociedade, mas da intenção de explorar economicamente as áreas habitadas pelos indígenas. Koch-Grünberg, por exemplo, declarou de maneira contundente e sem deixar margem a dúvidas: “Die Hauptgründe für das Aussterben der Naturvölker²⁷ kann man, meiner Absicht nach in dem einen Wort zusammenfassen: **Kapitalismus**“. [A principal razão da extinção dos ‘povos-natureza’ pode, na minha concepção, ser resumida em uma palavra: **Capitalismo**] (carta a Karl Sapper, 8 de novembro de 1916, Pasta 21, Série “Correspondência”, ATKG, negrito adicionado).

Como lembrou Nordenskiöld (1922: 71), o perverso mecanismo, presente desde a conquista da América, sempre se renovava: os colonos brancos praticavam as maiores atrocidades e impetravam verdadeiros genocídios em busca da obtenção de lucro. As mudanças se restringiam, tão-somente, ao produto que provocava a cobiça dos invasores dos territórios indígenas. Se, no período colonial, o motor da exploração tinha sido a busca por ouro e prata, os sul-americanistas em foco assistiam a tentativas de difusão da pecuária no oeste paulista, à sanha de explorar a borracha onde havia seringais e, em algumas regiões montanhosas, como a Serra de Perijá, na Venezuela, então habitada pelos índios Motilones, a investidas à caça de Petróleo²⁸.

Tornada item de primeira necessidade pela indústria automobilística, a borracha convertia áreas antes fora do alcance da esfera de influência do capitalismo internacional em

²⁶ Sobre o impacto das teorias raciais no período 1890-1929, v. Skidmore (1976), Ventura (1988), Schwarcz (1993).

²⁷ Na literatura etnográfica em Alemão, durante o período estudado, utilizava-se freqüentemente a distinção *Naturvölker* (povos-natureza) x *Kulturvölker* (povos-cultura), de modo a marcar o que se percebia como diferentes graus de complexidade da organização social e cultural das civilizações, cf. por ex., o título de Steinen (1894) e Ehrenreich (1910: 53).

²⁸ Cf. carta de Alfredo Jahn a Theodor Koch-Grünberg, de 25 de maio de 1923 e a resposta de Koch-Grünberg, datada de 30 de junho do mesmo ano, Série “Correspondência”, Pasta 35, ATKG.

forneedoras de insumo para um setor de ponta (v. Nordenskiöld 1922, Weinstein 1993, Renard-Casevitz 1998: 207). A intensa, acelerada (e dramática, do ponto de vista das populações indígenas) transformação do cenário regional foi testemunhada de modo direto por vários sul-americanistas que, por ela, responsabilizaram seringalistas e, principalmente, seringueiros (cf., por exemplo, Kissenberth 1912: 38). Ehrenreich revelou que a presença sempre intensificada dos seringueiros (“Kautschuksammler”) na região do Xingu fez com que Henri Coudreau (1859-1899) encontrasse, em 1896, contingentes consideravelmente menores de indígenas em liberdade do que a expedição de von den Steinen tivera oportunidade de contactar, nove anos antes. Os Peua, por exemplo, contabilizados anteriormente em sete dezenas não passariam de quarenta. Números ainda mais chocantes, levaram Ehrenreich a expressar uma cruel e inegável realidade: “Der rapide Rückgang der indianischen Rasse ist ebenso bedauerlich wie bemerkenswert” [O rápido decréscimo da raça indígena é tão lamentável quanto notável] (resenha de Ehrenreich a *Voyage au Xingu* e *Voyage au Tocantins-Araguaya* de Henri Coudreau, Cx. 68: “Resenhas”, APE).

Koch-Grünberg destacou que somente permaneciam a salvo os indígenas que habitavam a região das nascentes do Xingu, onde não havia meio de se extrair borracha. No médio e alto cursos do rio, bem como nas regiões vizinhas, os “Caucheiros” travavam verdadeira guerra de extermínio (“Vernichtungskrieg”) contra os índios (Carta ao Consul Dr. Hermann Meyer, 4 de setembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG). Fosse em território brasileiro, fosse em território colombiano, o cerco imposto pelos exploradores da borracha se fechava cada vez mais, levando os sul-americanistas realmente a acreditarem que se tratava da “última hora” para recolherem dados legítimos. Durante a primeira expedição ao Brasil chefiada por ele, Koch-Grünberg escreveu a seus companheiros do Museu Etnológico de Berlim, destacando a missão de aproveitar ao máximo a oportunidade de reunir material etnográfico e lingüístico relevante para futuras pesquisas, antes que a difusão da Língua Geral se consolidasse completamente²⁹ e a exploração da borracha exercesse de todo sua ação deletéria.

²⁹ Nordenskiöld (1922: 181) referiu-se a um processo semelhante ao presenciado por Koch-Grünberg, destacando que a expansão do Guaraní ameaçava outras línguas em regiões do Paraguai e da Bolívia. Sobre a difusão da Língua Geral, que levou caciques e pajés de diversas tribos a adotarem-na como segunda língua, ver a resenha de Koch-Grünberg a *Le langue Tapihya* de P. Tastevin (Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG). Koch-Grünberg (1914) fez referência a empréstimos da Língua Geral no Ipuriná, enquanto Koch-Grünberg (1928) deu notícia de empréstimos da Língua Geral em línguas Caribe e Aruak.

Mehrere Jahre lang müsste man Zeit haben, um all dies genau studieren zu können. Denn auch hier heisst es „**ultima hora!**“ -- Die „Lingoa Geral“ breitet sich immer weiter aus und verdrängt die alten Sprachen, immer weiter dringen **die brasilianischen Seringueiros** von der Mündung aus, **die kolumbianischen Caucheros** von den Cabeceiras aus bis in die kleinsten Nebenflüsse vor [...] Es wäre eine Sünde, wenn ich die [...] sehr beschränkt Zeit, die ich mir für diese Forschungen gesetzt habe, nicht voll ausnützen wollte, um **für die Wissenschaft zu retten**, was noch zu retten ist.

[Seriam necessários muitos anos para que tudo isso pudesse ser rigorosamente estudado. Sendo assim, isso significa aqui também “**ultima hora!**” – A “Língua Geral” se difunde cada vez mais e suplanta as antigas línguas, **os seringueiros brasileiros** cada vez mais penetram a partir da foz, **os Caucheros colombianos** desde as cabeceiras até os menores afluentes. Seria um pecado, se eu não quisesse aproveitar o tempo tão restrito que fixei para essas pesquisas **para salvar para a ciência**, o que ainda há para salvar] (carta de Theodor Koch-Grünberg a seus superiores no Museu Etnológico de Berlim, datada de “São Felipe, próximo da Boca do Rio Içána”, 28 de agosto de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44, negritos adicionados).

Nordenskiöld (1922: 3) denunciou que “a febre da borracha” (“das Kautschukfieber”) tinha, de forma direta ou indireta, devastado a maior parte do oeste da Bolívia e tornou público que o processo de obtenção da borracha contava com mão de obra indígena escravizada. Para dar ao leitor a dimensão da tragédia humana que se passava nos seringais, recordou as palavras, ouvidas de um branco estabelecido há muito na região Amazônica e para quem a indignação do sul-americanista soava descabida: “Ohne Indianer keine Kautschukindustrie!” [Sem índios, sem indústria da borracha!, Nordenskiöld 1922: 113].

Em torno dos afluentes do Juruá, onde habitavam os Caxinauás estudados por Capistrano de Abreu, não deixava também de valer aquela máxima. Sombra (1913) fez menção às nefastas conseqüências do convívio forçado daqueles índios com os seringueiros. Evidentemente, Capistrano sabia da grave ameaça que os exploradores da borracha representavam, não apenas para os Caxinauá, mas para os povos Pano, de um modo geral, e aludiu a ela na seguinte passagem do *rã-txa hu-ni-ku-~i*:

Nas linguas estudadas pelos missionarios [Conivo, Sipibo e Pano], o accento cáe na penultima. Continuarão no mesmo rumo? dar-se-á o remonosyllabisamento pela atonação, ou quebrarão o molde e assumirão nova estrutura? Os **seringueiros** terão cuidado de sepultar a resposta no limbo dos “ignorabimus” (Abreu 1914: 29, negrito adicionado)

Incapazes, naturalmente, de fazer frente aos ditames do capitalismo internacional, os sul-americanistas tinham, no entanto, a possibilidade (e, mesmo, se viam na obrigação) de resgatar a tempo do “limbo dos ‘ignorabimus’ “ questões relativas às línguas e culturas indígenas. A urgência imposta pelo vertiginoso avanço da exploração econômica e pelo acelerado processo de aculturação/extinção dos indígenas não permitia que o conhecimento

acerca dos índios sul-americanos ficasse na dependência de leigos que, esporádica e aleatoriamente, fornecessem informações sobre o assunto. Os sul-americanistas surgiam, nesse contexto, como os autênticos especialistas, versados em etnografia e lingüística, correspondendo, assim, às únicas pessoas realmente habilitadas a agir combinando o rigor científico e a rapidez e eficiência necessárias. Por conta disso, um pesquisador que planejava realizar uma expedição à região Amazônica, foi aconselhado por Koch-Grünberg a formar uma comitiva que incluísse diversos especialistas trabalhando nas áreas de Topografia, Geologia, Mineralogia, Zoologia, Botânica e a não esquecer “**vor allem die Ethnographie** in diesem noch völlig unbekannten Quellgebiet. Denn nichts ist vergänglicher als der Mensch, zumal der primitive Mensch in seiner Eigenart.“ [sobretudo, a Etnografia nessa região das nascentes, ainda totalmente desconhecida. Afinal, nada é mais efêmero do que o homem, e, em especial, o homem primitivo em sua singularidade] (carta datada de 8 de março de 1916, Série “Correspondência”, Pasta 20, ATKG, negritos adicionados).

Na seção que se encerra, abordou-se a necessidade -- reconhecida pelos sul-americanistas do período 1890-1929 -- de que verdadeiros especialistas se encaregassem de estudar as línguas e as culturas da América do Sul, posto que a reunião de material de qualidade não podia tardar. A próxima seção tem por assunto um aspecto relevante da formação intelectual desse grupo de especialidade, nomeadamente, os autores e obras que serviam de base aos sul-americanistas.

2.5 Autores de referência: os guias no “trabalho de gabinete”

2.5.1 A necessária viagem ao redor da biblioteca

A nítida distinção entre aventureiros e sul-americanistas, tratada anteriormente, permite notar que chefiar uma expedição não garantia a ninguém o direito de ser encaixado na segunda categoria. Fica claro, portanto, que a realização de uma viagem não representava condição suficiente para o ingresso na comunidade dos especialistas nas línguas e culturas de uma região. Em 1901, um viajante que havia percorrido parte da África e publicado um livro sobre o Togo escreveu ao Museu Etnológico de Berlim oferecendo-se para atuar na instituição como voluntário em qualquer um de seus departamentos. Recebeu uma resposta um tanto áspera em que se sublinhou a necessidade imprescindível do conhecimento de diversas línguas americanas ou asiáticas, da parte de quem se propusesse a trabalhar nas seções voltadas àquelas áreas do globo (Carta de Felix von Luschan a remetente não-identificado, datada de 8 de novembro de 1901, Autos do MEB referentes a mudança e montagem das coleções, Vol. Ic. 5).

Ainda que as expedições ‘sérias’ a lugares desconhecidos trouxessem inegável prestígio aos autênticos pesquisadores-viajantes, as viagens não chegavam sequer a constituir uma condição necessária para que um intelectual figurasse no primeiro time da Sul-Americanística dos anos 1890-1929. Isso porque, a forma de tratamento dos dados assumia então, no julgamento da relevância científica de um trabalho, maior peso do que a recolha *in loco* dos mesmos. Dito de outra maneira, dados de segunda mão tratados com rigor mereciam mais respeito do que dados coletados no campo pelo próprio pesquisador, mas não submetidos a um procedimento julgado confiável de análise.

A lista de sul-americanistas de destaque que não haviam participado de expedições inclui Capistrano de Abreu, Ferdinand Hestermann e P. Wilhelm Schmidt. Embora P. W. Schmidt não tivesse se dedicado exclusivamente ao estudo da lingüística e etnografia sul-americanas³⁰, sua produção nessa área gozava de prestígio e foi publicada tanto de forma independente quanto como parte de tratados de alcance geral sobre lingüística e mitologia (v. Schmidt 1912, 1926). Mesmo sem nunca ter visitado a América do Sul, ele escreveu em 1905, para as *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft* [Informações da Sociedade Antropológica] de Viena, uma influente resenha do *Diccionario Sipibo*, manuscrito composto por volta de 1815 por dois missionários franciscanos e editado por von den Steinen no ano anterior ao da circulação do texto de Schmidt. Além disso, P. W. Schmidt endereçou, nos anos de 1921 e 1922, críticas a duas das principais obras de Nordenskiöld. Na sua visão, o sul-americanista sueco, que convivera diretamente com os índios, não teria conseguido se libertar do “evolucionismo tradicional” no exame de problemas etnológicos (cf. César 1972).

Também Hestermann fez das línguas e culturas da América do Sul um de seus interesses. De sua pena saiu uma tese de natureza histórico-comparativa sobre as línguas Caribe, finalizada em 1930 na Universidade de Münster. Tudo indica que esse trabalho e os demais que desempenhou tenham sido baseados em dados coletados por terceiros, uma vez que não há registros de que Hestermann tenha empreendido autêntica pesquisa de campo. Como primeiro e, por muitos anos, único redator da revista especializada *Anthropos, Internationale Zeitschrift für Völkerkunde und Sprachenkunde* [*Anthropos*, revista internacional de etnologia e lingüística] (editada por seu antigo mestre P. W. Schmidt) muito contribuiu para a divulgação de textos etnográficos e lingüísticos. Atuou, ainda, na edição do quarto volume da obra do precocemente falecido Koch-Grünberg sobre sua segunda expedição ao Brasil, em que ficam registrados os estudos lingüísticos dela resultantes (cf.

³⁰ Henninger (1956) apontou que, a partir de 1912, P. W. Schmidt passou a demonstrar um interesse crescente pelo estudo da América do Sul, deixando de voltar sua atenção preferencialmente para as línguas e culturas da Oceania.

Hestermann 1928, Koch-Grünberg 1928)³¹. Vale mencionar, igualmente, seu empenho para transformar em obra impressa os manuscritos do reverendo Thomas Bridges (1843-1898) acerca do Yamana, uma língua fueguina (cf. Bridges 1933).

Biografias como a de Hestermann tornam patente que, para fazer jus ao reconhecimento dos que publicavam artigos, por exemplo, no *Journal de la Société des Americanistes de Paris*, não era preciso obrigatoriamente passar longas temporadas em meio aos índios. Por outro lado, só mereciam sanções positivas da comunidade dos sul-americanistas aqueles que dominavam a literatura específica e adotavam os conceitos e procedimentos de análise consagrados. Dessa maneira, carecia de verdadeiro valor o trabalho de campo que não fosse complementado por um trabalho de gabinete respeitável. Dentre os textos que podem confirmar essa visão, encontram-se recortes de dois jornais alemães que noticiaram os planos de Bolinder de excursionar pela segunda vez pela Colômbia. Nos artigos, ressalta-se a competência do pesquisador para captar informações relevantes e, sobretudo, para reelaborá-las e transmiti-las adequadamente à comunidade científica. Ganharam elogios, sobretudo, os trabalhos de Bolinder sobre os índios Motilones. É significativo, ainda, que ambos os textos tenham sublinhado que a nova viagem só teria início no momento em que Bolinder concluísse a publicação dos resultados de sua primeira expedição³². Fica subentendido, portanto, que pesquisadores-viajantes sérios deviam levar a cabo seu trabalho de gabinete antes de aventurar-se novamente pelas selvas (sobre isso, cf. tb. Carta de Theodor Koch-Grünberg a Herbert König, 24 de fevereiro de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG).

Não por acaso, Hestermann (1928: XII) enalteceu o legado de Koch-Grünberg para a Sul-americanística fazendo referência às duas faces complementares do trabalho etnográfico-lingüístico. Ele lembrou que o autor de *Vom Roroima zum Orinoco* fora tão exímio no trabalho de campo, quanto analisando o material que colhera em comparação com a bibliografia disponível. Em função disso, Koch-Grünberg teria recebido, desde muito “die Anerkennung seiner Forschungsarbeit, der im **Felde** und der am **Gelehrtentisch**“ [o reconhecimento por seu trabalho de pesquisa, no **campo** e na **escrivania de erudito**, negritos adicionados]. O próprio Koch-Grünberg aludiu indiretamente à cooperação entre os estudiosos que obtinham dados em suas viagens e se empenhavam posteriormente em sua

³¹ Numa resenha ao quarto volume de *Vom Roroima zum Orinoco* ficou comprovada a autoridade de Hestermann no que tangia ao estudo das línguas Caribe: “Die wissenschaftliche Herausgabe lag in Händen FERDINAND HESTERMANN’S, dessen umfassende Kenntnis des karibischen Sprachmaterials dem Werk zugutekam“ [A editoração científica ficou nas mãos de FERDINAND HESTERMANN, cujo vasto conhecimento dos materiais lingüísticos caribe deu suporte à obra] (Roth-Lutra 1928: 157, Documento pertencente à Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG).

³² Cf. recorte não-identificado e recorte, segundo anotação manuscrita de Koch-Grünberg, de artigo publicado no jornal *Stuttgarter Tagblatt* em 25 de fevereiro de 1917, Série “Correspondência”, Pasta 22, ATKG.

elucidação e aqueles que, de modo igualmente válido, buscavam explicar fenômenos observados por outrem. Quando dirigia o Linden-Museum em Stuttgart, Koch-Grünberg tencionou fundar uma revista que divulgasse a cada quatro meses a produção científica ligada à instituição. Seu objetivo era tornar públicos artigos originais de “Forschern u.[nd] Forschungsreisenden” [pesquisadores e pesquisadores-viajantes] (carta de Theodor Koch-Grünberg à “Vossa Alteza” Herzog Wilhelm, sem data, Série “Correspondência”, Pasta 12, ATKG). Um ponto inegável de contato entre as rotinas de trabalho dos ‘pesquisadores’ (os homens de gabinete) e dos ‘pesquisadores-viajantes’ (os homens de campo e gabinete) correspondia à leitura de textos atinentes a sua especialidade.

2.5.2 A natureza da bibliografia disponível

Tanto obras clássicas quanto as últimas produções de outros sul-americanistas representavam instrumento indispensável quando se tratava de enfrentar os percalços surgidos, por assim dizer, na escrivania.

De importância indiscutível, as obras de referência que serviam de guias para o trabalho de gabinete eram em quantidade bem inferior à desejada pelos sul-americanistas do período 1890-1929. Frequentemente, aqueles especialistas tematizaram a escassez de bibliografia sobre as línguas e as culturas da América do Sul, que impunha mais uma dificuldade a seu trabalho. Ehrenreich (1891: 86-87) afirmou que não havia material adequado para possibilitar comparações gramaticais rigorosas entre idiomas sul-americanos. Restringindo seu comentário às línguas indígenas faladas no Brasil, Capistrano de Abreu assegurou, em texto escrito em 1900, que “[a] maior parte [delas] perderam-se; de outras restam escassos glossários; textos não possuímos de mais de duas ou três (tupi, cariri, kiriri, bacaeri)” (Abreu 1976: 160).

Nas décadas seguintes, a situação não parece ter experimentado mudança significativa, pois lê-se em Tessmann (1930: 627) que a falta de material confiável impedia uma comparação entre os mecanismos gramaticais das diferentes famílias lingüísticas da América do Sul. Durante o XXIV Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em Hamburgo em setembro de 1930, coube a José Oiticica (1882-1957) lamentar “[e]ssa mesquinheza clamorosa do material lingüístico sulamericano” e sublinhar que “[t]odos reconhecem a deficiência, quase geral, dos vocabulários e gramáticas até hoje levantados” (Oiticica 1934: 275, 272; sobre a falta, ainda mais dramática, de bibliografia em Português sobre lingüística americana, ver Stella 1928: 9). Assim como a abrangência e a profundidade dos trabalhos lingüísticos disponíveis ficavam aquém do que os sul-americanistas gostariam, também as

informações sobre mitos e lendas eram consideradas insatisfatórias. Para empreender uma análise comparada da mitologia das tribos sul-americanas, Ehrenreich (1905: 3) viu-se na dependência de materiais parcos, fragmentários e de valor desigual. Koch-Grünberg e, seu colega no Museu Etnológico de Berlim, Preuss estiveram igualmente entre os que julgaram muito restrita a documentação sobre narrativas indígenas sul-americanas (cf. carta de Theodor Preuss a José Steinbach, Berlim 19 de setembro de 1909, Autos do MEB referentes a aquisições da seção “América”; Vol. IB 32; Koch-Grünberg 1927[1920]: II, Koch-Grünberg 1924[1916]: 307)³³.

Em busca de suprir a carência de informações sobre os povos da América do Sul, os especialistas recorriam freqüentemente a obras de missionários de várias ordens religiosas que tinham se empenhado, durante o período colonial, na catequese de povos indígenas. Volumes como *Conversión de Piritú*, escrito pelo franciscano Matias Ruiz Blanco em 1690 e reimpresso em 1892 (citado por Capistrano, em Abreu 1969[1895]: 158 e 1914: 25) ou como o *Saggio di Storia Americana*, de autoria do jesuíta Filippo Salvatore Gilij (1721-1789)³⁴ continham registros de interesse etnográfico. Uma resenha a *Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul*, obra de Carlos Teschauer (1851-1930) saída em 1911, afirmou que o pesquisador brasileiro se servira de escritos conhecidos dos jesuítas dos séculos XVI e XVII, assim como de material manuscrito conservado nos arquivos da Companhia de Jesus (resenha de A. W. Sellin, sem indicação de fonte ou data, Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG).

Não se podia dispensar, acima de tudo, a documentação lingüística deixada pelos missionários, como confirmam muitos exemplos. Quando iniciava seus estudos do Bakairi, von den Steinen escreveu a um colega berlinense, na intenção de que este lhe enviasse cópias do material acerca de línguas sul-americanas constante no *Vocabolario Poliglotta*, do jesuíta Lorenzo Hervás (1735-1809)³⁵. Anotações bibliográficas e fichamentos sobre as línguas da América do Sul que acompanhavam pesquisas de Ehrenreich e se encontram preservados na Caixa 47/48 de seu arquivo pessoal revelam que o *Saggio pratico* de Hervás trazia material considerado relevante pelo sul-americanista alemão sobre um bom número de idiomas. Além disso, o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652) é lembrado em mais de um passo dos manuscritos de Ehrenreich. Para Brinton (1970[1890]: 380), a *Arte, Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani, ó mas bien Tupi* de Montoya merecia elogios, pois representava “[a]n

³³ Cf., tb., Cartas de Theodor Koch-Grünberg a Walter Lehmann de 24 de março de 1919 e a Erland Nordenskiöld, de 30 de janeiro de 1919 e 22 de março do mesmo ano, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG.

³⁴ Em carta ao livreiro Karl W. Hiersemann de 10 de abril de 1916, Theodor Koch-Grünberg negocia compra de um exemplar dessa obra de Gilij (cf. Série “Correspondência”, Pasta 20, ATKG).

³⁵ Cf. carta a destinatário não-identificado, Marburg-Lahn, 2 de julho de 1885, Autos do MEB referentes à coleção Karl von den Steinen/ Paul Ehrenreich, Vol. IB Litt K.

admirable work representing the southern Tupi as it was in the first half of the seventeenth century.”

Tanto para as análises de línguas Pano empreendidas por von den Steinen quanto para as realizadas por Capistrano de Abreu, o *Vocabulario Cunibo* do franciscano Buenaventura Marqués (?–1822) forneceu importantes subsídios. Os dois sul-americanistas tiveram acesso ao conteúdo do manuscrito depositado na British Library³⁶. Capistrano, que nunca deixou o Brasil, detalhou como esse material chegara a suas mãos:

A meu patricio, Dr. Henrique Samico, agradeço a copia manuscripta com que me mimoseou do *Vocabulario Cunibo* de fray Boaventura Marquez, existente no British Museum, obtida por intermedio do Dr. Regis de Oliveira, antigo ministro do Brasil em Londres, hoje sub-secretario dos negocios exteriores (Abreu 1914: 8).

Em seus *Materiaux pour servir a l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille caribe* (publicados em 1893), Lucien Adam (1833-1918) lançou mão de várias obras compostas por missionários. Dentre elas, pode-se mencionar a *Relation des missions des P. P. de la Cie. de Jésus dans le isles et dans la terre ferme de l'Amérique Méridionale, avec une introduction à la langue des Galibis sauvages de la terre ferme* que Pierre Pelleprat (1609-1667) publicou em Paris em 1655 e o *Saggio della lingua tamanaca*, de autoria de Gilij e saído em Roma 1780. Parte das obras lingüísticas de missionários consultadas por Adam (1893) serviu de referência igualmente ao estudo da língua Bacairi e de suas relações com outras línguas Caribe empreendido por Capistrano de Abreu, caso de *Arte y bocabulario de la lengua de los indios Chaymas*, escrita pelo capuchinho Francisco de Tauste (1626-1685) e publicada inicialmente em 1680 e do *Confessionario mas lato en lengua Cumanagota*, da pena de Fr. Diego de Tapia (1549-1591), dado à publicidade em 1723. A biblioteca pessoal de Capistrano de Abreu, hoje conservada no Instituto Histórico do Ceará, conta com um exemplar da reimpressão da obra de Diego de Tapia, correspondente ao quarto e penúltimo volume da série “Algunas obras raras sobre la lengua cumanagota publicadas de nuevo por Julio Platzmann”, editada em 1888 por ocasião do sétimo Congresso Internacional dos Americanistas.

Sem o empenho de Julio Platzmann que viabilizou a reimpressão de vários trabalhos lingüísticos de missionários, tornadas verdadeiras raridades, os sul-americanistas teriam enfrentado dificuldades ainda maiores para reunir sua bibliografia de apoio. Além das obras sobre a língua Cumanagota, Platzmann tornou mais acessíveis, dentre outras, a *Arte y*

³⁶ Ainda hoje essa versão do trabalho de Buenaventura Marqués encontra-se unicamente sob a forma de manuscrito. Uma outra versão, mais completa e preservada na Biblioteca Nacional de Lima, foi publicada na *Revista Histórica* em 1931 (cf. Marqués 1931[1880], sobre o *Vocabulario Cunibo* v. Christino 2006).

gramatica general de la lengua que corre en todo el Reyno del Chile, do jesuíta Luis de Valdivia (1561-1642), cuja primeira edição data de 1606 e a reimpressão de 1887; a *Grammatica, ó arte de la lengua general de los Indios de los reynos del Peru*, do Domingo de Sancto Thomas, saída inicialmente em Valladolid em 1560 e reimpressa em Leipzig em 1891 e a *Arte de la lengua Moxa, con su vocabulario y catechismo*, de autoria do jesuíta Pedro Marbán, dada à publicidade em Lima em 1701 e em Leipzig, em 1894. Ninguém, na comunidade dos interessados em línguas e culturas da América do Sul, punha em dúvida a importância da contribuição de Julio Platzmann. Pelo contrário. Em carta a Koch-Grünberg, Emílio Goeldi (1859-1917) afirmou possuir a cópia de um Dicionário Tupi-Português, conservado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O remetente julgava que o manuscrito anônimo dava valorosas indicações acerca do tupi jesuítico (“Jesuiten-Tupi”) e, como tal, deveria ser publicado. Lamentava, ao mesmo tempo, que tal empresa não pudesse ficar a cargo de Platzmann, então já falecido. Goeldi apontou, ainda, que Platzmann cuidara da edição de outro vocabulário Tupi de autoria desconhecida³⁷. Com efeito, Platzmann, que teria doado os clichês de “um ou dois” dos volumes por ele reimpressos para a Biblioteca Nacional do Rio (cf. Abreu 1954b: 408), correspondia a uma referência em se tratando de procedimentos editoriais. Capistrano de Abreu, sempre dedicado a evitar que a memória sobre as línguas indígenas brasileiras se perdesse, deu uma sugestão a seu superior na Biblioteca Nacional em que se pode entrever o reconhecimento do trabalho de Platzmann como padrão de qualidade:

De reimpressões eu lhe recomendaria a da primeira edição da *Gramática da Língua-Geral* do Padre Luís Figueira. Aqui não existe exemplar, na Biblioteca Nacional de lá [Lisboa] existe. É pequena, menos de 100 páginas, creio. A segunda edição foi reimpressa na Alemanha, em fac-símile, por Julius Platzmann. Se a sua reimpressão fôsse também fac-similar, seria mais elegante e creio não sairia mais cara. (Carta a Ramos Paz, de 17 de fevereiro de 1900, Abreu 1954: 12)

Os sul-americanistas faziam uso, também, de fontes de outras naturezas que vinham complementar os dados presentes nas descrições elaboradas pelos missionários da época colonial e divulgadas por meio de reimpressões. Ainda que registros lingüísticos e etnográficos não representassem o objetivo central dos naturalistas viajantes que percorreram regiões da América do Sul nos séculos XVIII e XIX, suas obras documentaram características dos povos com que tiveram contato. Em sua participação no “Primeiro Congresso de História Nacional” [c. 1914] Teodoro Sampaio focalizou justamente a contribuição desses naturalistas

³⁷ Carta de Emílio Goeldi a Theodor Koch-Grünberg, de 27 de dezembro de 1908, Série “Correspondência”, Pasta 4, ATKG.

viajantes para “o progresso da etnografia indígena no Brasil” (cf. Sampaio e Teschauer 1955: 9-30). Muitos foram os nomes por ele lembrados, que surgem acompanhados de referências às tribos visitadas. Assim, somos alertados de que o Barão de Eschwege (Wilhelm Ludwig von Eschwege, 1777-1855) engenheiro e mineralogista alemão que esteve “nos sertões de São Paulo e Minas Gerais” nos idos de 1810 “reuni[u] dados para o estudo da língua dos Chicriabás, Acroamirim, Macunis, Botocudos e os Coroados de Xopotó”, assim como de que o Príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied (1782-1867), que chegou ao Brasil em 1815 para estudar nossa fauna, “organiz[ou] vocabulários da língua dos Meniens, Cotoxós, Maxacalis, Patachós, Macunis, Camacans ou Mongoiós, bem como dos Coroados Puris e Coropós do Rio Doce; dos Botocudos do Mucurí e do Belmonte” (Sampaio 1955: 16, 17). Não escaparam à atenção de Sampaio, igualmente, os legados do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), do botânico austríaco Johann Emanuel Pohl (1782-1834), do naturalista austríaco Johann Natterer (1787-1843), do naturalista francês Francis de Castelnau (1810-1880), do Príncipe Adalberto da Prússia (1811-1873), do naturalista e lingüista suíço Johann Jakob von Tschudi (1818-1889), do geólogo canadense Charles Frederick Hartt³⁸ (1840-1878), do explorador alemão Franz Keller Leuzinger (1787-1843) e do explorador francês Jules Crevaux (1847-1882).

Ehrenreich (1891) já havia se reportado às obras de vários desses autores. Segundo ele, o Barão de Eschwege, o Príncipe de Neuwied e Saint-Hilaire dariam notícia sobre os Camacans e Pataxós (p. 116). Afigurava-se digna de nota, na sua opinião, a “descrição clássica” que o Príncipe Neuwied forneceu acerca dos Botocudos (p. 82). O renomado sul-americanista alemão assegurou ao leitor que informações sobre as tribos caiapós do rio Tocantins podiam ser colhidas em textos de Pohl e Castelnau (p. 117) e que Natterer abordava com minúcia os grupos de Bororos “semi-civilizados” do alto Paraguai. Tanto Brinton (1901: 170) quanto Koch-Grünberg³⁹ tinham esperanças de que vocabulários coletados por Natterer, que estiveram em posse de von Tschudi, fossem um dia recuperados e levados ao conhecimento da comunidade dos sul-americanistas. Se isso acontecesse, as anotações do naturalista alemão poderiam orientar estudos comparativos, da mesma forma que Adam encontrou nos dados acerca do Roucouyenne, do Apalai, do Trio e do Carijona, reproduzidos em *Entre le haut Oyapoc et le haut Paru* publicado por J. Crevaux em 1882, evidências para promover uma delimitação clara entre Tupis, Caribes e Aruaks (cf. Ehrenreich 1891, Adam 1893 e Abreu 1969[1895]: 139).

³⁸ Os estudos sobre cerâmica indígena empreendidos por Charles Frederic Hartt foram lembrados por Capistrano de Abreu (cf. Abreu 1976: 167, nota de rodapé 15).

³⁹ Cf. carta a Lehmann-Nitsche, 16 de junho de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG.

O britânico William Chandless percorreu o rio Purus e alguns dos seus principais afluentes entre os anos de 1864 e de 1865 e relatou sua expedição no 36º Volume do *Journal of the Royal Geographic Society of London* (cf. Sem autoria 1867). Provavelmente, Capistrano de Abreu localizou nessa publicação as referências à tribo dos Picinauás, contidas em seu artigo “Os caxinauás”, publicado pelo *Jornal do Commercio*: “São ariscos [os Picinauás], quase nômades, e parecem profundamente atrasados. Afirmo Chandless que não possuem ainda canoas, e só se aproximam dos rios na época das tartarugas” (Abreu 1969[1912]: 218). Durante a primeira expedição à Amazônia que chefiou, Koch-Grünberg teve oportunidade de registrar cerca de cinquenta palavras ipurinás, ouvidas de índios que trabalhavam para um rico latifundiário. Na ocasião, lamentou que só dispusesse, para confronto com tais dados, das poucas palavras ipurinás publicadas por Chandless, que transcrevera anteriormente (Carta datada de 30 de maio de 1903, entre Pará e Manaus, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44).

Embora boa parte dos sul-americanistas desaprovasse a catequese dos indígenas, eles não davam as costas para os materiais etnográficos e lingüísticos produzidos no âmbito das missões então em atividade. Koch-Grünberg afirmou, na carta citada logo acima, que teria lhe prestado grande auxílio um vocabulário Ipuriná publicado por missionários ingleses ligados à South American Missionary Society. Resenhando o artigo “The lengua Indians of the Paraguayan Chaco”, de autoria do missionário Seymour H. C. Hawtrey, ele destacou sem reservas as qualidades do trabalho, que tinha na conta de relevante contribuição para a Sul-americanística (Resenha saída no LXXXII Volume de *Globus*, 1902 e conservada na Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG). Juízo semelhante demonstrou a *Société de Américanistes de Paris* em face dos estudos do missionário dominicano José Pío Aza (1865-1938) acerca da língua Machiguenga (cf. González 2005: XV). Na mesma direção, Krause, quando planejava sua expedição ao Brasil central, considerou imprescindível a obtenção da gramática e do vocabulário Bororo compostos por missionários salesianos (Carta a Koch-Grünberg, datada de Leipzig, 26 de janeiro de 1914, Série “Correspondência”, Pasta 14, ATKG).

Capistrano de Abreu, por sua vez, esteve também a par da produção etnográfica e lingüística dos salesianos, como testemunha sua biblioteca pessoal que inclui Colbacchini (1919) e A Missão Salesiana (1919). Vendo-se impossibilitado de explicar etimologicamente o nome do ente mítico bacairi *Nakoeri* com base na língua da tribo em exame, Capistrano socorreu-se de um vocábulo registrado “[n]a tradução [para o Acawoyo] da primeira parte do Gênesis, e do Evangelho de S. Mateus, recentemente publicado em Londres pela ‘Society for

promoting Christian Knowledge’ “(Abreu 1969[1895]: 160). Para aludir a outro exemplo, os estudos de línguas Pano levados a cabo por Capistrano muito deveram ao trabalho publicado pelo franciscano Manuel Navarro em 1903, citado textualmente em várias passagens do *rã-txa hu-ni-ku--i* (cf. Abreu 1914: 14, 28, 622, 623, 626). Além disso, Capistrano deu a conhecer sua avaliação daquela obra:

Em nitidez de impressão avanta-se o *Vocabulario castellano-quechua-pano* de Fr. Manuel Navarro, Lima 1903. O autor podia entender-se em pano com os índios do Ucuyali [sic] (p. 175), mas as phrases que dá no fim do volume formulou primeiro em quechua e “las personas de que nos servimos para este trabajo nos traducian literalmente las oraciones del quechua, tal como las proponiamos”. Em outras palavras: a um cabedal mais ou menos grande juntam-se perguntas e respostas. Vê-se bem isto na formação das palavras com affixos por assim dizer sclerotizados [...] em outras a retraducção é evidente [...] Não quer isto dizer que seja destituído de valor; ao contrario muitos vocabulos genuinos só elle fornece e sua grammatica é digna de apreço. (Abreu 1914: 624-5)

Como evidencia o *rã-txa hu-ni-ku--i*, em que se nota a presença de uma bibliografia crítica oferecendo essa apreciação do livro de Navarro ao lado de menções a P. W. Schmidt, Rivet, Rudolf Schuller (1873-1932), von den Steinen e Raoul de la Grasserie (1839-1914), os sul-americanistas acolhiam os trabalhos de valor dos missionários contemporâneos da mesma maneira que os de seus colegas de especialidade (sobre isso, v. Nordenskiöld 1924: 6-7). Naturalmente, a literatura escrita por e para sul-americanistas desempenhava papel relevante na reunião e circulação de conhecimentos acerca das línguas e culturas do continente que se estende das Guianas à Terra do Fogo. Frequentemente citado, Daniel Garrison Brinton (1837-1899) polemizou com o igualmente renomado Adam, por conta de divergências quanto à natureza e ao papel da incorporação nos idiomas americanos (cf. Brinton 1970[1890]: 389). Em 1893, Adam já respondia a *Die Bakairi Sprache* [A língua Bacairi], publicado por von den Steinen no ano anterior. O sul-americanista francês louvou a obra do alemão, mas não se convenceu de que os povos caribe fossem originários do Brasil central.

Nenhuma censura significativa integrou a resenha escrita por Ehrenreich a *Beiträge zur Kenntnis einiger Indianerstämme des Madre de Dios-Gebiets* [Contribuições ao conhecimento de algumas tribos indígenas da bacia do Madre de Deus], de autoria do sueco Nordenskiöld. Sem deixar de fazer uma ressalva à brevidade da obra, saída em 1905, Ehrenreich sublinhou a importância dos registros etnográficos ali presentes, referentes a tribos que ele acreditava em processo de extinção (Resenha preservada na Caixa 68 APE). Nordenskiöld voltou a receber elogios de Ehrenreich endereçados a *Indianer och hvita i nordöstra Bolivia*, impresso em 1911. Ehrenreich encerrou sua resenha anunciando que uma tradução alemã do ‘importante trabalho’ encontrava-se em preparação. Além disso, festejou,

na obra, a presença de documentação inédita sobre os Chacobo e os Siriono e a inclusão de um apêndice que continha um ensaio sobre a linguagem gestual dos indígenas e alguns vocabulários.

É plausível crer que Capistrano de Abreu se referia a estes vocabulários, quando arrolou o material que havia, na então capital do Brasil, acerca da família lingüística por ele abordada: “Se a êstes e a vocabulários maiores juntarmos alguns glossários pequenos divulgados por Cardus⁴⁰ e Nordensk[iö]ld fica esgotada a lista do que se conhece, no Rio, quanto ao grupo dos Panos” (Abreu 1969[1911]: 177, negrito adicionado). Seja como for, a tradução alemã da obra de Nordenskiöld tardou muito mais do que esperava Ehrenreich. Somente em 1922 veio a público *Indianer und Weisse in Nordostbolivien* [Índios e brancos no noroeste da Bolívia] e, para a decepção de muitos, sem os apêndices com o material lingüístico e as informações relativas à comunicação por gestos (cf. Nordenskiöld 1922; Carta de Theodor Koch-Grünberg a Erland Nordenskiöld de 4 de fevereiro de 1924, Série “Correspondência”, Pasta 37, ATKG).

Não é de admirar que, no momento da elaboração do *rã-txa hu-ni-ku-~i*, fosse uma árdua tarefa garimpar material sobre as línguas Pano nas livrarias do Rio de Janeiro. Os trabalhos que Capistrano de Abreu publicou sobre os Caxinauás não aludem a qualquer autor brasileiro (cf. Abreu 1969[1911-1912] e 1914), num silêncio que sinaliza a ausência de produção científica nacional na área. Com efeito, o acesso a obras de pesquisadores estrangeiros revelou-lhe a “família pana, cuja existencia só me deram a conhecer dois estudos [publicados em 1891 e 1904] do eminente ethnologo Dr. Paulo Ehrenreich” (Abreu 1914: 3). Mais do que isso, o contato com os textos vindos da Europa mudou a forma como Capistrano concebia os indígenas brasileiros. No trabalho que lhe valeu a aprovação para lente da Cadeira de História do Brasil do Colégio Pedro II, escrito em 1883, sua abordagem dos primeiros habitantes do nosso país baseou-se em eruditos brasileiros adeptos de

modernos estudos craneológicos [que] têm distinguido entre [...] pelo menos três raças: primeiro a dos Tupis, a mais numerosa, a mais importante, a menos bárbara, geralmente localizada no litoral e na margem dos rios, e que parece ter vindo do norte, dos Galibis e Caraíbas; segundo a dos Botocudos ou Aimorés terror das capitâneas que hoje formam a província da Bahia, ainda agora encantonados em Espírito Santo e Minas [...]; terceiro a dos Bugres, localizados entre o Uruguai e o Paranapanema, continuação evidentemente dos homens dos sambaquis. (Abreu 1976: 78)

Bem outra revela-se a posição assumida por Capistrano em “O Descobrimento do Brasil – Povoamento do Solo – Evolução Social”, dado à publicidade em 1900. Nesse texto, em que Ehrenreich surgiu na condição de maior autoridade acerca dos povos Gê e von den Steinen

⁴⁰ A obra de R. P. Fr. José Cardus a que Capistrano se reporta é *Las misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia*, publicada em 1886.

como a grande referência para o estudo das povoações Caribe, Capistrano abandonou de todo a antropologia física e atentou para características culturais dos indígenas (como a maneira de confeccionar redes, as estratégias de caça e pesca e o significado de adornos corporais). Sem conferir dessa vez qualquer primazia aos Tupis, Capistrano dividiu os indígenas brasileiros em: 1) Tupis, 2) Cariris ou Kiriris, 3) Gês, 4) Caraíbas [Caribes] e 5) Maipures, segundo Gilij ou Nu-aruaqs, segundo von den Steinen. A classificação oferecida reconheceu, ainda, a presença em nosso território de grupos indígenas de abrangência consideravelmente mais restrita (cf. Abreu 1976: 165).

Nesse último caso, segundo Capistrano, enquadrava-se “o grupo do pano, primeiro isolado pelo estouvado Raul de la Grasserie, que desta vez acertou” (Carta a José Veríssimo, de 20 de novembro de 1909, Abreu 1954: 197). Ressalvas vindas de Capistrano aos trabalhos de la Grasserie ficam claras também noutra carta saída de sua pena, em que um de seus amigos íntimos pôde ler:

Como sabes, resolvi estudar a língua do Vicente. Pertence ao grupo dos panos, que começa no Ucaíali ou Iulaga e vai pelo interior até as cachoeiras do Madeira. Martius publicou os glossários acessíveis, Raul de la Grasserie isolou o grupo com este material mínimo e, cousa rara naquele tipo, que, sobre tudo entende escrever, acertou (Carta a Guilherme de Studart, de 19 de setembro de 1909, Abreu 1954: 182)

Ao contrário de Capistrano de Abreu, P. W. Schmidt não limitou à esfera privada seus senões à atuação do sul-americanista la Grasserie. O editor de *Anthropos* definiu o colega francês como “unermüdlich, aber nicht immer exakt und oft wenig tief” [incansável, mas nem sempre exato e freqüentemente pouco profundo] (Schmidt 1926: 33). De suas palavras, tiramos uma lição: para os sul-americanistas do período em exame pouco valia uma produção rica em quantidade, mas que descuidasse da qualidade. Ou seja, apesar da escassez de bibliografia sobre as línguas e culturas da América do Sul não se adotava qualquer texto como guia do ‘trabalho de gabinete’.

A recepção que os sul-americanistas dos anos 1890-1929 destinaram à obra lingüística do naturalista bávaro Karl Phillip von Martius (1794-1868), indicativa do estabelecimento de novos referenciais teórico-metodológicos, representa o tema da seção que se segue.

2.6 Críticas a Martius: uma nova etnografia/ lingüística sul-americana se anuncia

Dentre os autores citados pelos sul-americanistas do período 1890-1929 cabe, de fato, destacar Martius. Embora seus métodos fossem considerados ultrapassados e sua classificação lingüística das tribos do Brasil tenha sido alvo de uma drástica revisão, os dados registrados por ele ainda serviam de baliza para a comunidade dos sul-americanistas, que

sofria de uma falta crônica de fontes confiáveis. As menções a Martius, fosse na correspondência entre especialistas, fosse em textos publicados, nos ajudam a reconstruir os referenciais teórico-metodológicos daquele grupo de especialistas. Uma parcela dessas menções mostra de que maneira se dava o aproveitamento e a reelaboração de informações anteriormente coletadas, enquanto outra porção deixa marcado em que medida o novo paradigma de fazer científico se afastava das noções advogadas e da metodologia praticada por Martius.

Nos textos „Die Ethnographie Süd-Amerikas im Beginn des XX. Jahrhunderts” [“A Etnografia da América do Sul ao começar o século XX”, segundo tradução de Capistrano de Abreu] e “Über die Einteilung und Verbreitung der Volkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse” [“Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos”, artigo igualmente traduzido por Capistrano] Ehrenreich refutou de modo explícito muitas das proposições expressas por Martius. Apesar de reconhecer em Martius “o alicerce firme para a construção de uma ethnographia do Brasil” (Ehrenreich 1892: 8, trad. Capistrano de Abreu), Ehrenreich realmente colocou em questão os pressupostos do trabalho etnográfico-lingüístico do naturalista, de modo a sugerir que uma nova era da etnografia/ lingüística sul-americana se iniciava.

Ainda sem entrar no terreno das concepções teórico-metodológicas, já se torna possível identificar uma importante distinção entre Martius e a geração de etnógrafos-lingüistas que atuou entre 1890 e 1929. O objetivo principal da expedição empreendida por Martius, nas então colônias portuguesas do Brasil e Grão-Pará, entre 1817 e 1820, ao lado de Johann Baptist Spix (1781-1826) consistia na realização de estudos botânicos. Sendo assim, cabe considerar marginal o interesse de Martius pelas línguas e culturas indígenas que levou à composição dos *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas's zumal Braziliens* (1867) -- com seus *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, copiosa reunião de dados de 109 línguas por ele classificadas (sobre a obra lingüística de Martius, v. Cruz 2005).

Com relação à finalidade primordial de suas viagens de pesquisa, os sul-americanistas do período 1890 a 1929 efetuaram uma inversão na hierarquia posta em prática por Martius. Embora não tivessem abandonado por completo observações de aspectos geográficos e da fauna e flora dos locais visitados, voltavam sua atenção preferencialmente para a compleição física, e, sobretudo, para língua e a para cultura de seus habitantes. Nada de espantoso, pois, na condição de ‘sul-americanistas’ (e não de geógrafos, geólogos ou botânicos, que geralmente os acompanhavam nas expedições) tinham no homem sul-americano seu objeto

próprio de estudo. Muito claro, nesse sentido, revela-se o ofício “Reise-Instruktion für Herrn Dr. Theodor Koch” [Instrução de viagem para o Sr. Dr. Theodor Koch], de autoria de von den Steinen, seu superior no Museu Etnológico de Berlim, e referente à viagem à Amazônia que Koch-Grünberg iniciaria em 1903. Para fazer jus ao apoio financeiro que recebera, Koch-Grünberg deveria ter em mente que

1. **Ihre Hauptaufgabe** besteht darin, bei Stämmen der Pano-gruppe sowie deren Nachbarn – und zwar wenn irgend möglich bei solchen, die abseits des Verkehrs leben und noch wenig oder gar nicht bekannt sind—eine **systematische Sammlung** mit möglichster Rücksicht auf Serien anzulegen und **ihre ethnographisch-linguistische Aufnahme** vorzunehmen.

[1. **Sua principal tarefa** corresponde a empreender, entre tribos do grupo Pano como entre seus vizinhos e, se possível, entre aqueles que vivem afastados do contato e ainda são pouco ou nada conhecidos, uma **coleção sistemática**, com o maior empenho possível de compor séries, e seu **registro etnográfico-lingüístico**] (Ofício assinado por Karl von den Steinen, 20 de fevereiro de 1903, Autos do Museu Etnológico de Berlim referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44, negritos adicionados)

A tarefa de reunião e análise de documentação lingüística e etnográfica, definidora do fazer do sul-americanista, englobava o confronto entre os dados de que se dispunha e os já publicados. Em tal processo, compareciam freqüentemente informações presentes na obra de Martius.

2.6.1 Dados fornecidos por Martius: uma fonte imprescindível

Enviado ao Brasil central em 1908 pelo Museu Etnológico de Berlim, Wilhelm Kissenberth (1878-1944) pertencia ao grupo dos pesquisadores que se socorreram de dados veiculados por Martius. Relatando o andamento de suas investigações junto aos Guajajara, ele assegurou que não duvidava da filiação deste povo ao grupo dos Tupis, comprovada em parte pela comparação de vocábulos que colhera com palavras da “Lingoa-geral”, publicadas por Martius, assim como com o “Dizionario [sic] Tupi”, do mesmo autor (cf. Wilhem Kissenberth, carta a Koch-Grünberg escrita em 29 de setembro de 1908 em Barra do Corda, Pasta 4 da Série “Correspondência”, ATKG).

Durante suas pesquisas de campo com os Uerekéna do rio Içana, Koch-Grünberg comprovou a semelhança entre seu falar e a recolha efetuada pelo naturalista e geógrafo galês Alfred Russell Wallace (1823-1913) em meio aos Baniva desse rio, que encontrou nas páginas 262 e 263 do segundo volume das *Beiträge* (Martius 1867)⁴¹. Naturalmente, para o complementar “trabalho de gabinete” Martius representava também uma referência das mais

⁴¹De acordo com carta de Theodor Koch-Grünberg endereçada a seus superiores no Museu Etnológico de Berlim datada de Rio Negro, 8 de julho de 1903, conservada no volume IB 44 dos Autos da instituição e parcialmente publicada na *Zeitschrift für Ethnologie*, Caderno 2, 1904: 294.

importantes. O levantamento de vocabulários de línguas sul-americanas presente em manuscritos de Ehrenreich incluía referências a ele, no caso de dados relativos aos Jívaros e aos Coroados, dentre outros povos (cf. Caixa 47/48 APE). Capistrano de Abreu reconheceu a dívida que os estudos pano tinham com Martius, ao afirmar que la Grasserie pudera identificar o grupo com base em alguns vocabulários impressos nos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (cf. Abreu 1969a[1911-12]: 175 e Abreu 1954: 182). Além disso, Capistrano lembrou o papel do ‘pequeno glossário da língua dos Pimenteiras’, apanhado por Martius, para a delimitação da família Caribe (Abreu 1969[1895]: 138).

Novas investigações, que se somaram a dados tornados acessíveis por Martius, efetivamente possibilitaram aos estudiosos da geração de von den Steinen a remodelação do mapa da classificação lingüística da América do Sul. No entanto, nem toda a documentação reunida pelo autor das *Beiträge* foi complementada pelos sul-americanistas do início do século XX. Em carta de 1919, Koch-Grünberg lembrou sete tribos amazônicas (“Juri, Passé, Cauixana, Coeruna, Coretu, Jumana, Uainuma”) que, após a expedição de Martius, nunca mais tinham sido visitadas⁴². Casos dessa natureza ajudavam a tornar inegável a relevância de Martius como fonte, ainda que aspectos de sua obra se encontrassem verdadeiramente obsoletos (cf. Brinton 1901: 169). Não foi outro o juízo de Koch-Grünberg acerca do legado de Martius, de forma geral, em correspondência ao antigo companheiro de expedição Hermann Schmidt: “Martius’ Ethnographie ist ein sehr wichtiges Quellenwerk, aber bezüglich der Stammesgruppierung dürfen Sie sich nicht alle Ansichten zu eigen machen, da sie zum Teil veraltet sind“ [A Etnografia de Martius é uma obra-fonte muito importante, mas, com relação ao agrupamento das tribos, o Sr. não deve abraçar todas as considerações, porque elas, em parte, são ultrapassadas] (carta de 10 de maio de 1916, Pasta 23, Série “Correspondência”, ATKG).

2.6.2 A rejeição da visão de contato lingüístico característica de Martius

Como pretendo evidenciar, os sul-americanistas do período 1890 a 1929 discordavam de Martius não apenas no que tangia à divisão das tribos em grupos lingüísticos, mas também pautavam-se claramente por referenciais teóricos e metodológicos diversos, que os permitiam mostrar-se como renovadores do campo. Um dos muitos elementos em que se pode identificar a distância que separava conceitualmente Martius e a geração que seguia as diretrizes de von den Steinen diz respeito ao modo como julgavam o contato lingüístico (cf. Christino e Cruz 2005). Martius não via com bons olhos o convívio e a aproximação entre

⁴² Cf. carta a Werner von Hoerschelmann, 29 de março de 1919, Pasta 26 da Série “Correspondência”, ATKG.

línguas indígenas. Quando se encontravam línguas faladas por povos que ele considerava detentores de uma cultura inferior surgiria, em sua visão, um linguajar desprovido de ‘fundamento gramatical’ denominado *Rothwälsch* nos textos em alemão e ‘geringonza corrompida’ nas versões portuguesas (cf., por exemplo, Martius 1867: 331). Esses falares híbridos representariam uma mistura de “elementos muito diversos e sem regra alguma”, e, conseqüentemente, revelariam uma tendência exacerbada à mudança, sendo levados inevitavelmente à extinção.

Uma vez que a compreensão de Martius acerca das conseqüências advindas do contato lingüístico imbricava-se com o julgamento que fazia do grau de civilização dos povos envolvidos, ele entendia como uma miscelânea deturpadora e destinada ao desaparecimento o linguajar desenvolvido nos agrupamentos indígenas interétnicos (que denominava pejorativamente de ‘*colluvies gentium*’⁴³), mas destacava o aperfeiçoamento da Língua Geral que os missionários jesuítas teriam promovido, empregando, dentre outros processos de criação lexical, o empréstimo de palavras do Português (v. Martius 1863: XV).

Para von den Steinen e Ehrenreich, diversamente, o contato não acarretaria a decadência ou o aprimoramento das línguas, mas tão-somente a sua transformação (v. Steinen 1894: 403; 1940: 513), em um raciocínio que se mostra despido de qualquer julgamento de valor. Empenhados em desterrar da etnografia sul-americana as ‘idéas antigas’, Ehrenreich e von den Steinen rechaçaram as noções de *colluvies gentium* e da anarquia lingüística que o caracterizaria, como fica claro nos dois trechos reproduzidos a seguir.

Para Martius tem ainda valor o conceito de uma *colluvies gentium*, isto é, bandos agregados de Índios de tribus diferentes e linguas diversas, usando entre si uma especie de giria. Formações destas em parte alguma se têm apurado com segurança, e caso tenham ocorrido, devem ter sido phenomenos inteiramente ephemeris, provocados pela influencia de aventureiros brancos. (Ehrenreich 1907: 285, trad. Capistrano de Abreu, negrito adicionado)

Devido à confusão que reina no próprio país, não podemos estranhar que Martius tenha tido concepções errôneas a respeito dos Bororo. Trata deles entre os Tupis centrais; [...] duvida porém, e com razão, que representem uma tribo tupi, mas torna-se então vítima de **idéias singulares que dominaram outrora** sobre a composição de tribos índias e que melhor se externam pela sua expressão predileta “**colluvies gentium**”. -- “É possível que em Bororo se compreendam geralmente índios inimigos, sem determinação certa de nome, e até talvez um ‘**colluvies gentium**’, que, sem nacionalidade característica e conservada, em língua, costumes e aparência física, dividida em pequenos bandos e sem morada fixa, vagou roubando e matando. Tais hordas salteadoras talvez tenham tido por fundadores indivíduos de origem tupi. Mas, tendo-se aliado com eles outros índios,

⁴³ O dicionário Latim-Português de Saraiva, explica o termo *colluvio* como uma mistura de coisas grosseiras, imundas. Acrescenta ainda que em Titus Livius, encontra-se a expressão *colluvio gentium* como mistura, confusão de família (Saraiva 2000)

transformaram a sua língua em uma gíria de ladrões (!).” (Steinen 1940: 571, trad. Egon Schaden, negritos adicionados)

A forma como Ehrenreich e von den Steinen percebiam as línguas indígenas da América auxilia a explicar porque tanto a idéia de *colluvies gentium* quanto a de *Rothwälsch* lhe soavam inconcebíveis. Enquanto Martius sublinhara a ‘volubilidade’ das línguas dos povos sul-americanos, Ehrenreich (1892: 18) assegurava que “[a] fixidez tenaz da língua da família é um dos principais caracteres dos Americanos” (trad. Capistrano de Abreu)⁴⁴. Sendo assim, ele recusava-se a aceitar o retrato da América do Sul como uma “babylonisch[e] Sprachverwirrung” (Ehrenreich 1891: 84) [“confusão babilônica de línguas”]⁴⁵, negando que tivessem ocorrido numerosas trocas de línguas e constantes alterações lingüísticas, como postulava Martius. Além disso, Ehrenreich rejeitou veementemente a idéia, antes corrente, de que as línguas de tradição ágrafa se modificariam com maior velocidade (Ehrenreich 1907: 281).

Prova de que o contato entre tribos de grupos diversos não instaurava mescla lingüística desordenada, de acordo com von den Steinen e Ehrenreich, residiria na existência de um falar característico das mulheres em ilhas caribenhas de Martinica, Guadalupe e Dominica. Longe de instaurar um caos, a conquista de territórios Nu-aruak por guerreiros Caribe, que passaram a ter esposas do povo dominado, levou paulatinamente a um “dualismo lingüístico” (Ehrenreich 1907: 293). Num primeiro momento, as esposas raptadas teriam conservado sua língua materna, ao passo que os homens teriam continuado a valer-se da língua Caribe. Von den Steinen (1942: 346) defendeu que as gerações seguintes alteraram esse panorama, chegando a uma fusão em que se mantiveram as palavras caribes relacionadas às atividades culturais masculinas e, ao mesmo tempo, passaram a integrar a língua os termos que “a criança ouvia da mãe na vida cotidiana” (Steinen 1942: 347, trad. de Catarina Baratz Cannabrava), ou, no original, “die Wörter aber, welche das Kind täglich von der Mütter hörte” (Steinen 1886: 296).

2.6.3 Palavras de “valor primário” e palavras de “valor secundário”

Embora tenha sido encarado sem assombro, o “completo dualismo linguístico” (Ehrenreich 1907: 293) das ilhas caribenhas configurava um caso excepcional. Von den Steinen e Ehrenreich defendiam que um dos principais efeitos da convivência de línguas seria representado por mudanças no vocabulário restritas às chamadas “palavras de valor

⁴⁴ Na versão original, “Das zähe Festhalten an der Stammessprache ist ein Hauptcharakterzug des Amerikaners” (Ehrenreich 1891: 86).

⁴⁵ Ehrenreich (1892: 12), tradução de Capistrano de Abreu.

secundário” (Steinen 1942: 343, trad. de Catarina Baratz Cannabrava), ou “Wörter secundären Werthes” (Steinen 1886: 293). Na categoria de “palavras de valor primário”, as “Wörter primären Werthes”, incluíam-se as denominações para as partes do corpo, elementos da natureza (como água, madeira, fogo), corpos celestes (caso de lua, sol), relações de parentesco e tipos humanos (a exemplo de homem, mulher, menino, anciã, cacique).

Se duas línguas apresentavam vocabulário primário coincidente, podia-se postular seu parentesco genético. Quando eram identificáveis apenas semelhanças no vocabulário secundário ficava atestado o contato e afastada a hipótese de filiação comum. Por isso, Steinen (1904: 33*-36*) valeu-se da comparação entre as denominações para partes do corpo em diferentes línguas Pano como evidência de sua origem comum. Primeiramente, ofereceu uma listagem com vinte e seis itens lexicais, dispostos segundo a ordenação alfabética de seus correspondentes latinos. Von den Steinen arrolou, caso a caso, os dados disponíveis em cada uma das treze línguas consideradas (Amahuaca, Chacobo, Conibo segundo o *Vocabulario* de Buenaventura Marqués, Conibo segundo a recolha de Paul Marcoy, Caripuna, Jaminauá, Caxinauá, Maioruna ‘domestica’, Maioruna ‘fera’, Maxoruna, Pano, Pacaguara e Sipibo), chegando a formulações como: “**dens** Si seta, Cn seta, Pa schaita, Pg tsena, Cp setá, Cl dza, Mx tschittá, Ka jeltá, Am jelta.” (Steinen 1904: 33*).

Na seqüência, Von den Steinen restringiu-se ao Sipibo e ao Conibo registrado por Buenaventura Marqués (cujas semelhanças, afirmou, fariam pensar não em línguas diversas, mas em dialetos), abordando 101 palavras referentes às partes corporais. Elas encontram-se divididas, de acordo com sua distribuição espacial no corpo humano, em oito grupos: “Kopf” (cabeça); “Hals” (garganta/ pescoço); “Rumpf vorn” (tronco anterior); “Rumpf hinten” (tronco posterior); “Obere Extremitäten” (extremidades superiores); “Untere Extremitäten” (extremidades inferiores); “Haar, Haut, Knochen, Sekrete Körper” (cabelo, pele, ossos, secreções corporais) e “Eingeweide” (vísceras). Há, ainda, oito vocábulos relativos a partes do corpo de animais, caso de “Schale der Schildkröte” (casco de tartaruga) e “Schwanz” (cauda).

2.6.4 As críticas à “Tupimania”

Em lugar de integrar uma dada língua na condição de empréstimos, os termos provindos de outros idiomas podiam tornar-se componentes de uma ‘*lingua franca*’ (Ehrenreich 1891: 86) que servisse para a comunicação interétnica. Conseqüência do contato e facilitadora dele, seria composta pelas “palavras mais importantes de uma ou outra língua”

(Ehrenreich 1892: 17, trad. Capistrano de Abreu)⁴⁶ e contaria, no caso dos indígenas da América, com o auxílio da mímica. Segundo Ehrenreich, Martius teria coletado palavras da *lingua franca*, utilizadas no trato com estrangeiros, como se fossem próprias da língua materna de seus informantes. Em consequência disso, dera erroneamente força à sua crença em “tribus que haviam perdido a propria lingua para aceitar um calão composto de todos os idiomas possíveis” (Ehrenreich 1892: 17-18, trad. Capistrano de Abreu). Na versão original, Ehrenreich retomou um termo caro a Martius, embora em grafia modificada, usando “e” em lugar de “ä”: “von Stämmen zu sprechen, die ihre eigentliche Sprache verloren, um ein aus allen möglichen Idiomen zusammengesetztes ‚**Rotwelsch**‘ anzunehmen” (Ehrenreich 1891: 86, negrito adicionado).

A condenável noção de *Rotwälsch* não corresponderia à única consequência nefasta da interpretação inadequada da *lingua franca*, reservada para interações com forasteiros, como a linguagem característica de certas tribos. De acordo com Ehrenreich, a ignorância da difusão da língua veicular levava Martius a considerar palavras de origem tupi como constitutivas de línguas pertencentes a outros grupos e contribuíra, assim, para “ideas exageradas da expansão dos povos Tupis” (Ehrenreich 1892: 17-18, trad. Capistrano de Abreu). Von den Steinen e Ehrenreich cunharam o termo ‘tupimania’ (‘Tupimanie’, v. Ehrenreich 1891, 1907: 284; Steinen 1892: 61) justamente para designar a tendência de negligenciar o estudo de outros povos, e suas línguas, e de associar tribos as mais díspares a uma pretensa herança tupi comum. Essa concepção foi abraçada por toda uma geração de estudiosos brasileiros que se pautava pelas lições de Martius.⁴⁷

Deve-se, porém, confessar que dando a independencia do imperio tambem entre os sabios indigenas affirmou-se activo interesse pelo estudo da população primitiva da sua patria. Numerosas memorias da Revista Trimensal do Instituto Historico do Rio dão testemunho disso. Todavia, em vez de instituir observações singelas e independentes, limitaram-se no fundo a commentar as noticias antigas sobre os **Tupis da costa, cuja lingua até modernamente foi estudada com solicitude**. Na investigação dos Tupis selvagens que ainda existem pelo sertão, ninguém pensou; **muito menos se occuparam com o enredo de linguas e povos não Tupis** ou Tapuyas.

A consideração unilateral de um fragmento relativamente pequeno da primitiva população brasilica levou a extremas generalisações. Os Tupis cada vez mais passavam como os Indios brasileiros característicos e sua lingua como lingua geral brasilica, da qual se procurava derivar as outras. Como outrora na Europa a celtomania, formou-se aqui uma **tupimania**. (Ehrenreich 1892 [1891]: 7, trad. Capistrano de Abreu, negritos adicionados).

⁴⁶ No original, “Die wichtigsten Wörter der einen oder anderen Sprache” (Ehrenreich 1891: 86).

⁴⁷ Cavalcanti (1883: s. n.), dentre outros, exemplifica a atitude condenada por Ehrenreich, von den Steinen e, também, por Nimuendajú-Unkel (1914: 284), ao conceder claramente ao Tupi e ao Guaraní a primazia entre os ‘dialetos’ indígenas do Brasil. Segundo ele, “We use the terms ‘Brazilian language’, as embracing the several dialects spoken in Brasil by the savage tribes, since the discovery of the country. Among those dialects, the Guarany and the Tupy are the most important.”

O movimento intelectual mencionado por Ehrenreich foi também descrito por Edelweiss (1987), que vinculou ao nosso período imperial um ‘indianismo filológico’. Embora consideravelmente menos desenvolvido do que o indianismo literário, teria funcionado como seu complemento (cf. tb. Münzel 2002: 91). Naquela ocasião, de fato, poucos eram os trabalhos que não se ocupavam do Tupi e do Guaraní (v. tb. Sampaio e Teschauer 1955: 120-1) e, além disso, reinava uma confusão generalizada no que tangia aos conceitos referentes às denominações “Tupi”, “Guaraní” e “Nheengatu” (Edelweiss 1987: 36). Com isso em mente, cabe afirmar que a tentativa de determinar com precisão a esfera de influência dos Tupis, intimamente relacionada com o intuito de empreender uma classificação solidamente fundamentada das línguas sul-americanas consiste em mais uma divergência entre o conjunto dos sul-americanistas aqui focalizados e a tradição anterior de pesquisa das línguas brasileiras ou estudiosos ainda fiéis a suas idéias.

Desse modo, os partidários da dita moderna etnografia e lingüística sul-americana⁴⁸ procuravam preencher lacunas de há muito tempo, voltando-se para a análise de povos não-tupis e procurando expurgar do campo distinções grosseiras, como aquela que só enxergava Tupis, de um lado, e Tapuias, de outro, herança deixada pelos jesuítas. Em tal contexto, fica fácil entender a exasperação de Koch-Grünberg em sua resenha a *La langue Tapihiya*, de Tastevin (cf. Tastevin 1910). Ainda que tenha reconhecido muitos méritos na obra, o sul-americanista alemão julgou inadmissível a separação simplista, ali presente, entre Tupis e Caribes e censurou o silêncio acerca do “grande” grupo Aruak, assim como sobre os grupos Gê, Pano e Betoya. A filiação, por Tastevin, dos Umáua do alto Japurá, tribo a que o pesquisador alemão tinha dedicado atenção especial (cf. Koch-Grünberg 1908) ao grupo Tupi, e não ao grupo Caribe, motivou o seguinte comentário, revelador da intenção, da parte de Koch-Grünberg, de se mostrar identificado a uma nova maneira de fazer ciência:

Die Umáua des oberen Japurá würde Verfasser nicht zu den Tupi-Tapihiya rechnen, wenn er meine Arbeit „Die Hianákoto-Uamáua“ [...], die er mehrfach zitiert, aufmerksam durchgelesen hätte. Denn sie soll gerade beweisen und beweist auch, daß diese Gruppe von Stämmen nicht zu den Tupi gehört, wie man früher allgemein annahm, sondern zu den Karaiben, deren selbständige sprachliche Stellung **kein ernsthafter moderner Forscher** leugnet.

[O autor não teria incluído os Umáua do alto Japurá entre os Tupi-Tapihiya, se tivesse lido com atenção meu trabalho „Die Hianákoto-Uamáua“ [...], que ele várias vezes cita. Afinal, ele [o trabalho] justamente tem a intenção de provar, e prova, que esse grupo de tribos não pertence aos Tupis, como se considerava em geral anteriormente, mas aos Caribes, cuja posição lingüística independente **nenhum pesquisador moderno sério** nega] (Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG, negritos adicionados).

⁴⁸ Dentre outras, uma carta de Wilhelm Kissenberth a Theodor Koch-Grünberg, datada de 20 de abril de 1911, faz referência a “den gegenwärtigen Stand der ethnograph-ethnologischen Kenntnise Südamerikas” [“o estado atual do conhecimento etnográfico-etnológico da América do Sul”] e à “modern[e] Ethnologie Südamerikas” [moderna etnologia sul-americana], v. Pasta 10, Série “Correspondência”, ATKG.

Tradutor de textos de von den Steinen e Ehrenreich para a língua portuguesa⁴⁹ e, possivelmente, o principal introdutor de suas idéias no Brasil, Capistrano de Abreu, já no final do século XIX, integrava sem dúvida o conjunto dos pesquisadores modernos ‘sérios’, a que fez referência Koch-Grünberg. Como tal, opunha-se declaradamente à Tupimania, pois defendia a independência dos Caribes frente aos Tupis e negava-se a aceitar que, sem qualquer critério de base científica, povos indígenas fossem (ou, em boa parte dos casos, continuassem sendo) associados ao grupo Tupi. Numa carta a Hermann von Ihering (1850-1930), então diretor do Museu Paulista, Capistrano marcou sua posição.

Considero, como V. Steinen, os tupis e caraibas troncos diversos; as relações gramaticais são muito remotas, as coincidências lexicais raríssimas, as tradições divergentes. De trinta ou quarenta lendas bacairis que possuo, não há talvez cinco que se assemelham às que em língua-geral colheram Hartt, Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues. [...]

[...]

Tenho-me ocupado alguma coisa da distribuição dos tupis, mas até agora apurei apenas que ela é muito mais difícil do que geralmente se supõe.

[...] Ao N. do Rio Grande do Norte, acompanhando o litoral até o Amazonas, os tupis só chegaram depois de descoberto o Brasil. No alto S. Francisco, pelo menos na margem esquerda, creio que não havia tupis, que só apareciam nos confins da Bahia, Piauí e Pernambuco. [...]

A respeito dos guanás posso garantir com toda segurança que não eram tupis. Em S. Paulo julga-se geralmente o contrário, porque acreditam numas histórias que Frei Gaspar da Madre de Deus andou inventando, e que não tem o mínimo fundamento. (Carta de Capistrano de Abreu a H. von Ihering, datada de 26 de agosto de 1895, Abreu 1954: 61-2).

Evocando como argumentos que afastavam por completo a possibilidade de parentesco entre Caribes e Tupis a considerável divergência gramatical de suas línguas, o reduzido fundo léxico comum e a ausência de mitos e lendas comparáveis, Capistrano reproduziu a essência da metodologia de pesquisa preconizada por von den Steinen e Ehrenreich.

⁴⁹ Capistrano de Abreu traduziu para o Português os capítulos iniciais de *Durch Central-Brasilien* (Steinen 1886). Com o título de “Na gema do Brasil”, sua tradução começou a ser publicada no número 203 da *Gazeta de Notícias*, em 22 de julho de 1888. A impressão do trabalho teve continuidade nos números 204 a 215, 217, 218, 220, 222, 225, 231, 254, 261, 264, 267 e foi interrompida no número 302, de 29 de outubro do mesmo ano (cf. Abreu 1922: 331). A parte traduzida (as primeiras 115 páginas do original) ganhou nova publicação como apêndice a *Do Rio de Janeiro a Cuyabá* do norte-americano Herbert Smith (1851–1919), texto também passado por Capistrano para o Português (cf. Smith 1922).

Capistrano tornou acessíveis ao público brasileiro, igualmente, os seguintes textos de Ehrenreich: “Über die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse”, saído na *Pettermanns Mitteilung*, 37 em 1891 e “Die Ethnographie Süd-Amerikas im Beginn des XX. Jahrhunderts”, saído em *Archiv für Anthropologie*, 3 em 1904. A primeira dessas traduções foi estampada no *Jornal do Commercio* em junho de 1891 (cf. Abreu 1914: 3 e Baldus 1948) e posteriormente reproduzida na *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo VIII, 1892. A tradução de “Die Ethnographie [...]” saiu na *Revista do Instituto Historico de São Paulo*, vol. XI (Ehrenreich 1907a), e na coletânea *Brasil Antigo, Atlântide e Antiguidades Americanas* (Ehrenreich 1910a). Uma versão mais concisa — desprovida dos parágrafos iniciais — saiu no *Almanack Brasileiro Garnier* de 1907, batizada de “Ethnographia selvagem” (Ehrenreich 1907).

2.6.5 O estabelecimento de critérios sólidos para a classificação etnográfico-lingüística

“A Etnografia da América do Sul ao começar o século XX”, para lembrar o título em Português do artigo de Ehrenreich, libertava-se da arbitrariedade que caracterizaria certos agrupamentos de línguas propostos por Martius e estabelecia critérios etnográficos e, sobretudo, lingüísticos claros e consistentes, que teriam se mostrado capazes de revelar a ordem por trás do aparente caos das línguas sul-americanas. Ou, de acordo com as palavras de von den Steinen, em conferência proferida na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro pouco tempo depois de encerrada sua segunda expedição ao Xingu: “Assim fiquei habilitado a fazer uma nova classificação nesta babel das inúmeras línguas indígenas no norte e no sul do Amazonas, a qual separa uma grande parte destes idiomas sem nexos para formar grupos determinados” (Steinen 1998: 28).

Ainda que o contato com povos nunca antes visitados pelos brancos tenha contribuído para que von den Steinen imprimisse uma reviravolta na divisão das línguas da América do Sul, não pode ser tomado como o fator preponderante nesse processo. Maior importância do que a descoberta de novos objetos de estudo assumiu o modo de examiná-los, que engendrou uma “classificação **racional** das tribos sul-americanas”, como frisou Ehrenreich (1907: 208, trad. Capistrano de Abreu, negrito adicionado). Sem que tivesse reconhecido uma fronteira clara entre semelhanças acidentais e semelhanças sistemáticas entre as línguas, von den Steinen não poderia ter posto em prática o plano, comunicado em carta a Capistrano de Abreu, de refutar concepções de Martius em seu livro sobre a expedição realizada em 1884.

Das Buch wird später erscheinen als ich erwartet habe, wahrscheinlich erst Ostern 1886: Doch hoffe ich, dass es manches Interessante und Unvermuthete bringen wird. Die bekannte Classification des so verdienstvollen Martius muss ich in mehreren wichtigen Punkten zurückweisen [...] und an einigen Orten werde ich versuchen, eine andere Eintheilung an die Stelle zu setzen. Speziell die Gucktheorie kann ich für Schritt widerlegen. (Carta de Karl von den Steinen a Capistrano de Abreu, 28 de setembro de 1885, Abreu 1977[1954]: 121)

[O livro aparecerá mais tarde do que eu tinha esperado, provavelmente só pela Páscoa de 1886. Espero, todavia, que contenha muito de interessante e imprevisto. Devo refutar em vários detalhes importantes a conhecida classificação do meritíssimo Martius [...] em alguns lugares tentarei substituí-la por outra divisão. Sobre tudo a *Gucktheorie* poderei refutar ponto por ponto] (trad. de José Honório Rodrigues, Abreu 1977[1954]: 123, nota 1, itálico original)

Um dos principais achados teórico-metodológicos de von den Steinen repousa justamente na separação inequívoca entre tribos cognatas, cujas línguas revelariam efetivo parentesco, e tribos afins. No segundo caso, o contato explicaria as coincidências esporádicas entre as línguas (v., por exemplo, Steinen 1942: 343). Já se fez referência a um critério

norteador dessa distinção: a natureza das ditas palavras “primárias”. Em lugar de contentar-se com a descoberta de quaisquer identidades lexicais entre línguas em análise, para comprovar laços genéticos entre elas, os pesquisadores deveriam observar se os nomes julgados essenciais, a exemplo dos relativos às partes do corpo, podiam ser vinculados a um fundo comum. Como reza o método histórico-comparativo, a hipótese de parentesco lingüístico ganhava ainda mais força quando se chegava a constatar semelhanças de cunho gramatical durante o cotejo lingüístico. Os americanistas do final do século XIX e inícios do XX, no entanto, geralmente não dispunham de dados confiáveis que viabilizassem comparações desse tipo, limitação apontada por Brinton (1901: 333). Ehrenreich (1891: 86-87), referindo-se particularmente à documentação acerca das línguas da América do Sul, também destacou a carência de fontes.

Die strenge Methode linguistischer Forschung fordert mit Recht den Nachweis grammatischer Übereinstimmung zur Feststellung der Sprachverwandtschaft, während sich unser Material bis jetzt fast ausschliesslich auf dürftige, schlecht transkribierte Vokabularen beschränkte.

[O methodo severo dos estudos linguisticos exige com razão a prova de concordância grammatical para o fim de determinar-se o parentesco linguistico; entretanto o nosso material limitou-se até hoje quasi exclusivamente a vocabularios escassos e mal transcriptos.] (Ehrenreich 1892: 19, trad. Capistrano de Abreu)

La Grasserie, no artigo em que propôs a existência da família lingüística Pano, revelou-se como um dos estudiosos de idiomas sul-americanos que se viram diante da impossibilidade de recorrer a evidências no plano da morfologia. De acordo com seu esclarecimento, ele foi obrigado a restringir-se a provas lexicais do parentesco, nunca dantes devidamente reconhecido, entre as sete línguas com que trabalhou (“le Pano, le Mayoruna Domestica, le Mayoruna Fera, le Maxuruna, le Caripuna, le Culino, le Conibo et le Pacavara”).

Malheureusement les preuves les plus importantes, les preuves morphologiques nous fêront défaut; en effect, sauf les quelques notions grammaticales que nous donneron à la fin de cette étude, il n'existe, et faute de textes il n'est possible de constituer actuellement aucune grammaire de ces langues (Grasserie 1890: 438)

A despeito da escassez de informações que revelassem traços gramaticais das línguas sul-americanas, detectar as tribos indígenas que possuiriam uma mesma origem, bem como determinar trajetos de migrações e recuperar situações de contato, seriam, na etnologia proposta por Ehrenreich e von den Steinen, tarefas que demandavam primeiramente investigações no campo da lingüística. Para esses autores, características físicas e culturais poderiam conduzir a uma classificação errônea das tribos sul-americanas. Ehrenreich (1907:

282) lembrou, entre outros inconvenientes das classificações orientadas por levantamentos antropométricos, que tribos de um mesmo grupo lingüístico, disseminadas por grande extensão, revelariam características corporais diferenciadas. Tanto von den Steinen como Ehrenreich afirmaram reiteradamente (e, com isso, seus textos parecem ganhar um teor programático) que a única base sólida para a classificação das tribos sul-americanas seria o estudo comparado de suas línguas. Não por acaso, os sul-americanistas que se nortearam por suas idéias tinham consciência da impossibilidade de mapear afinidades entre tribos e recompor rotas migratórias com base em um isoformismo entre língua e cultura. Koch-Grünberg, por exemplo, destacou em uma resenha à obra de Max Schmidt sobre os Aruaks (*Die Aruaken: ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung*⁵⁰, publicada em 1917) que a unidade das tribos Aruak revelava-se no plano lingüístico, uma vez que seus estilos de vida e traços culturais divergiam em larga escala. Mencionou, ainda, que o volume continha múltiplos exemplos de adoção de aspectos culturais relevantes por tribos sem afinidade lingüística (Theodor Koch-Grünberg, texto publicado originalmente na *Zeitschrift für Ethnologie*, Caderno 6, 1916 e conservado na Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG).

Von den Steinen (1942: 376) sublinhou, com efeito, que, no processo de mapeamento das relações entre as tribos, “os primeiros resultados aproveitáveis são decididamente os da comparação filológica”, restando às observações antropológicas e etnológicas o papel de confirmar — situação desejável, mas não imprescindível — o que ficou sugerido pelo confronto lingüístico. Fiel a esse preceito, ele duvidou que os Coroados e os Puris, que acreditava aparentados entre si, fossem parentes dos Gês-botocudos, vínculo postulado por Martius, por qualificar como insuficientes os argumentos oferecidos. Faltaria, nesse caso, justamente a necessária comprovação lingüística. Para von den Steinen, a observação criteriosa de dados de língua favoreceria a hipótese de contato entre aquelas tribos (ou seja, de sua afinidade apenas), afastando a idéia da identidade de origem.

Os indícios que Martius fornece como provas, isto é, a concordância das linhas do corpo essenciais e dos costumes, das suas casas, armas, do nomadismo selvagem, só podem concorrer, em primeiro lugar, para provar que ambas essas famílias de tribos se tenham encontrado num mais baixo nível de cultura do que se conheceu depois. **A comparação das línguas coroadas e botocudas, contudo, não decide a favor de um parentesco sanguíneo dessas tribos.** Mas eu preferia admitir que devem ter existido **relações afins** e que aqui se formou também uma espécie de nivelação histórico-cultural, porque **certos vocábulos** não sem valor estão a demonstrar essa união. (Steinen 1942: 370-1, trad. Catarina Baratz Cannabrava, negritos adicionados)

⁵⁰ Título que poderia ser traduzido como “Os Aruaks: uma contribuição ao problema da difusão cultural”.

Em linhas gerais, dois dos alvos principais das censuras de von den Steinen e de Ehrenreich ao trabalho de Martius foram a inclusão “extremamente obscura” (Ehrenreich 1892: 9, trad. Capistrano de Abreu) das tribos Caribe no grupo Tupi e a postulação do grupo lingüístico Guck, ou a ‘Gucktheorie’, como evocada por von den Steinen na já citada carta a Capistrano de Abreu. Martius tinha reunido no Grupo “Guck” ou “Coco” aproximadamente vinte e cinco tribos, localizadas nas Guianas, nas proximidades de numerosos afluentes do rio Amazonas, assim como no Brasil oriental e na Bolívia, “que em parte diferem muito com respeito ao caráter etnográfico e lingüístico” (Steinen 1942: 342). Por abarcar elementos heterogêneos, pertencentes às famílias Caribe e Nu-aruaque na proposta de divisão apresentada por von den Steinen, o grupo Guck foi tachado por Ehrenreich (1892: 28) como “artificial [...] ao qual [Martius] sujeita tudo que não pôde classificar”, segundo a tradução cunhada por Capistrano de Abreu, ou, no original em Alemão: “künstlich zusammengewürfelten Guckgruppe [...] in welche er [Martius] alles Nichtklassifizierbare unterbringt” (Ehrenreich 1891: 114). Em verdade, a opinião de Ehrenreich talvez encerre certa injustiça, posto que conduz o leitor a acreditar que Martius agiu sem qualquer diretriz no processo de determinação daquele grupo lingüístico.

Von den Steinen adotou posição menos radical, dando relevo à “**falibilidade do princípio** que inspira a classificação Guck” (Steinen 1942: 354, negrito adicionado). O erro capital de Martius teria sido a eleição de uma única palavra como critério classificador. Afinal, ele considerou descendentes de uma mesma tribo povos vários que adotariam denominações como *guck*, *cuccuh* ou *coco* para o tio paterno. Uma divisão fundada sobre esse item lexical específico ficava, ainda por cima, particularmente sob suspeita, pois, em vez de integrarem de modo indiscutível o “vocabulário primário”, “os vocábulos que designam parentesco [...] circulam entre tribus que se tocam, mas que não são afins e confundem extraordinariamente o investigador.” (Steinen 1942: 340). Além disso, Martius teria tomado a liberdade de julgar relacionadas entre si duas línguas A e C, apenas “porque A e B possuem a palavra ‘guck’, mas C que não possui essa palavra, tem, entretanto, algumas outras semelhanças com B” (Steinen 1942: 343). Essa atitude contribuiu certamente para que Ehrenreich fizesse tão mau juízo do grupo Guck, sublinhando seu teor arbitrário.

2.6.6 O legado de von den Steinen: método irretocável e resultados provisórios

Foi o Dr. Carlos von den Steinen [...] quem estudando-os, [os Bacairis] abriu o que não é exagêro chamar uma nova época para nossa etnografia selvagem. (Abreu 1969[1895]: 137)

Postulada inicialmente por Hervás, a existência de um grupo lingüístico caribe independente tinha sido desconsiderada não apenas por Martius, mas também por nomes como Alcide D'Orbigny (1802-1857) e Batista Caetano (1826–1882) (cf. Abreu 1969[1895]: 137). Os dados lingüísticos colhidos entre os Bacairi, primeira tribo Caribe identificada ao sul do Rio Amazonas, permitiram a von den Steinen refutar definitivamente a hipótese de que os povos Caribe estariam contidos no grupo Tupi. Além disso, a percepção de que a linguagem dos Bacairis soaria antiquada em face das demais línguas Caribe levou-o a crer que a tribo longamente estudada por ele, em sua segunda expedição ao Xingu, guardasse vínculos mais estreitos com os primitivos Caribes, inclusive no tocante a sua distribuição geográfica. Divulgada tanto numa breve comunicação no Sétimo Congresso Internacional dos Americanistas em Berlim, em outubro de 1888 (cf. Steinen 1890), quanto em Steinen (1892) e em Steinen (1894), essa descoberta já havia sido comunicada numa carta enviada de Cuiabá por von den Steinen, em 8 de fevereiro de 1888, a seus colegas do Museu Etnológico de Berlim.

In Linguistischer Beziehung darf ich zufrieden sein: die Unterscheidung in Kariben und Nustämmen, die beide **nichts mit Tupi zu thun haben**, ist wohl gesichert. Auch wird man nicht mehr bezweifeln dürfen, dass **die Heimat der Kariben in Süden des Amazonas zu suchen ist**; wir können vorläufig ruhig **die Bakairis für die Urkariben** aussehen [...]
[No âmbito lingüístico posso ficar satisfeito: a diferenciação entre tribos Caribe e Nu, ambas não tendo **nada que ver com as Tupi**, é como que certa. Também não se poderá mais duvidar que **a pátria dos Caribes deve ser procurada ao sul do Amazonas**; nós podemos por ora considerar tranqüilamente **os Bakairis como os Caribes primitivos**] (Autos do MEB referentes à coleção Karl von den Steinen/ Paul Ehrenreich, Volume: IB Litt K., negritos adicionados)

Enquanto nenhum sul-americanista que assistiu à virada do século XX ousaria pôr em dúvida que Caribes e Nu-aruaques contavam com completa autonomia frente aos Tupis (v., por exemplo, Brinton 1901: 251), o reconhecimento da localização originária dos Caribes não escapou de divergências (que, aliás, ainda hoje permanecem, v., por exemplo, Derbyshire 1999: 24). A voz do renomado sul-americanista francês Adam levantou-se como uma das principais defensoras de uma primitiva pátria caribe ao norte do rio Amazonas. Uma vez que a dúvida persistia na comunidade de especialistas, mesmo anos depois da publicação dos resultados científicos das expedições de von den Steinen ao Xingu, o sul-americanista holandês

C. H. de Goeje (1879-1955) indagou em carta a Koch-Grünberg: “Glauben Sie auch dass die Urheimat der Karaïben südlich vom Amazonenfluss zu suchen ist? Ich finde es weit wahrscheinlicher dass die Hauptmasse von jeher im Guyana gewohnt hat.“ [O Sr. também acredita que a pátria primitiva dos Caribes deve ser procurada ao sul do Rio Amazonas? Eu acho muito mais provável que a massa principal morou desde sempre na Guiana] (carta datada de “Weltvreden (Java)”, 26 de setembro de 1911, Série “Correspondência”, Pasta 13, ATKG). A exemplo dessa carta, outros textos indicam que, se não se punha em questão os procedimentos metodológicos adotados por von den Steinen, referências válidas para todos os sul-americanistas, suas interpretações não gozavam necessariamente de aceitação universal.

Ainda no que tange às línguas Caribe, von den Steinen e Adam discordavam quanto à análise dos pronomes pessoais ligados a verbos (v. Adam 1893). O ponto final dessa aguerrida controvérsia teria sido propiciado apenas pelos dados do Taulipáng, e de outras línguas Caribe, reunidos por Koch-Grünberg e publicados postumamente no quarto volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, dedicado exclusivamente a estudos lingüísticos (cf. Hestermann 1928: XI-XII; Resenha ao quarto volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG).

Com efeito, seguindo a trilha aberta por von den Steinen e Ehrenreich, os sul-americanistas prosseguiram na busca por respostas mais precisas, refinando as análises acerca das línguas sul-americanas e de sua divisão e distribuição. Como parte dessas reformulações, a denominação “Nu-Aruak”, cunhada por von den Steinen por conta da forma “nu” do pronome de primeira pessoa, característica daquele grupo lingüístico, foi abandonada em favor de “Aruak”, com as formas variantes, para o plural em Alemão, “Arawaken” e “Arowaken”⁵¹. No intuito de promover um aperfeiçoamento da classificação das línguas sul-americanas, Rivet escreveu a Koch-Grünberg que a postulação de Ehrenreich (1897) de que línguas como o Paumari e o Jamamadi fossem aparentadas com línguas Aruak merecia uma revisão⁵² (Carta de Paul Rivet a Theodor Koch-Grünberg, 3 de novembro de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG). Em sua resposta, o sul-americanista alemão não apenas concordou com o colega francês, como também deixou evidente que havia muito por esclarecer no domínio da classificação das línguas sul-americanas: „Die Klassifikation der südamerikanischen Sprachen ist in der Tat noch sehr dunkel” [A classificação das línguas sul-americanas ainda é, na verdade, muito obscura]

⁵¹ Cf. Resenha de Koch-Grünberg a *Völkerkunde. II Beschreibende Völkerkunde*, de Haberlandt, publicado em 1920, Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG.

⁵² Para uma crítica recente a essa proposta de Ehrenreich (1897), v. Dixon e Aikhenvald (1999: 12-13).

(carta de Theodor Koch-Grünberg a Paul Rivet, 17 de novembro de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG).

De qualquer modo, um mapa das línguas sul-americanas “*segundo as classificações mais modernas*”, como destacou Schuller (1912: 181, itálico original, negrito adicionado) baseava-se obrigatoriamente em trabalhos de von den Steinen e de Ehrenreich. Dos dez grupos lingüísticos apresentados por Schuller (1912), apenas três correspondiam a reuniões sugeridas pela tradição de pesquisa anterior (caso de “I. TUPI-GUARANI”) ou por outros autores (caso de “VI. FAMILIA LINGUISTICA CAHUAPANA: *segundo Beuchat e P. Rivet*”). Von den Steinen surge como responsável pela determinação dos grupos lingüísticos “II. NU-ARUÁQUE”, “III. CARIBE”, “V. PANO”, “VIII. TAPÚYA-GE”, e teria inspirado, ainda, o rol de línguas de “DUVIDOSA AFFINIDADE”. Quatro agrupamentos foram associados aos trabalhos de Ehrenreich: “II. NU-ARUÁQUE”, “III. CARIBE”, “IV. BETÓYE” e a listagem contendo as línguas de filiação incerta. Sem surpresa, constatei que o nome de Martius ficou excluído do artigo, que menciona apenas estudiosos da “nova” geração, como Rivet, Koch-Grünberg e Ermanno Stradelli (1852-1926).

Para além de sua decisiva contribuição no agrupamento das línguas sul-americanas, Ehrenreich e, de maneira ainda mais proeminente, von den Steinen, impulsionaram, conforme procurei demonstrar, uma renovação dos referenciais teórico-metodológicos da Sul-americanística. Sendo assim, atuaram como líderes intelectuais, segundo a definição proposta por Murray (1994). Não por acaso, von den Steinen foi percebido, então, como delineando uma autêntica matriz disciplinar, tomando-se o conceito proposto por Koerner (1989: 84-85). É o que permite entrever Hestermann (1927: 3, negritos adicionados):

Aber auch die neuesten Auffassungen in der südamerikanischen Linguistik [...] [sind] in **V. D. STEINENs Theorien schon grundgelegt**, seine Theorie der Wanderung der Karaiben, der Nutzpflanzen, [...], der primitiven Wortwurzeln, die ganze Volksgruppe teilen und zusammenhalten: all diese Dinge werden wie schon damals so auch **heute** [...] **wieder Gegenstand der Forschung** sein.

[Mas também as mais novas concepções na Lingüística sul-americana, [...] estão **já prefiguradas nas teorias de von den Steinen**, sua teoria da migração dos Caribes, das plantas úteis, [...] das raízes primitivas das palavras, que dividem e reúnem todo um grupo de povos: todas essas coisas serão, como então, também hoje [...] **novamente objeto de pesquisa.**]

As palavras de Hestermann indicam que von den Steinen tinha estabelecido quais eram as perguntas relevantes no campo da lingüística sul-americana e quais os procedimentos autorizados na busca por respostas.

2.7 Uma matriz disciplinar para o estudo dos povos sul-americanos

2.7.1 O vínculo indissociável entre etnografia e lingüística

Ja, V.D. STEINEN war sich selbst bewußt, daß es gerade die sprachliche Ergebnisse waren, die den Hauptertrag der beiden Forschungsreisen darstellen, wenn auch die Ethnologie aufmerksam bedacht blieb. Wir jedoch können hinzufügen, daß **die Verbindung von Sprachwissenschaft und Völkerkunde** das Hervorstehendeste in den Werken V. D. STEINENS ist.

[De fato, V.D. STEINEN estava ciente, de que justamente os resultados lingüísticos representam a colheita principal das duas viagens de pesquisa, apesar de a Etnologia permanecer considerada com atenção. Nós podemos então acrescentar, que a **ligação entre lingüística e etnografia** é o que mais sobressai nas obras de V.D. STEINEN] (Hestermann 1927: 2, negrito adicionado)

A matriz disciplinar atribuível a von den Steinen, cujas diretrizes se pretende expor, assumia que o conhecimento científico dos povos da América do Sul devia fundar-se no estudo combinado de suas línguas e de suas culturas. Divergindo de outros pesquisadores, os sul-americanistas dessa linha davam pouco crédito à antropologia física, interessada em classificar os grupos humanos a partir da análise de suas características corporais, como dimensões e configurações de crânios. Sem meias palavras, Ehrenreich (1897: 1) assegurou que o pesquisador-viajante que acreditasse ser possível decidir acerca da origem e parentesco de uma dada tribo com base em índices craniométricos se veria num beco sem saída. Enquanto alguns haviam criticado Koch-Grünberg por não ter seguido estritamente os métodos antropométricos para compor seu *Indianertypen aus dem Amazonasgebiet* (1910), Ehrenreich destacou como uma grande virtude da obra justamente a presença de informações acerca de hábitos lingüísticos e culturais de cada tribo⁵³.

A documentação referente a expedições à América do Sul patrocinadas pelo Museu Etnológico de Berlim confirma o pouco prestígio de que gozava a antropologia física e, ao mesmo tempo, deixa registrado o interesse que os responsáveis pela seção dedicada ao continente americano nutriam pelas observações de natureza lingüística. Na carta de apresentação de um pesquisador a serviço da instituição nada dá a entender que ele tencionasse desempenhar medições antropométricas:

Se certifica al portador del presente, Señor José Steinbach domiciliado en Santa Cruz de la Sierra, República de Bolivia, que el Museo Real Etnográfico de Berlin encargó el dicho Señor hacer estudios arqueológicos, etnológicos y lingüísticos en el territorio de la Republica de Bolivia y hacer colecciones para el dicho Museo Real (Carta de apresentação assinada por Eduard Seler, então diretor da seção “América” do MEB, 1909, Autos do MEB referentes às aquisições da seção “América”, Vol. IB 32).

⁵³ Cf. resenha publicada em *Petermanns Mitteilungen*, dezembro de 1911, p. 358-359 e conservada sob a forma de recorte na Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG.

Assim como o portador da carta de apresentação transcrita logo acima, os demais pesquisadores a serviço da seção “América” do Museu Etnológico de Berlim contavam, dentre as atribuições determinadas por seus superiores diretos, a de providenciar registros lingüísticos. Quando von den Steinen escreveu à diretoria do Museu solicitando a concessão de uma verba de seis mil marcos para a primeira expedição chefiada por Koch-Grünberg, sublinhou que a investigação apresentava “eine besondere kulturgeschichtliche und **sprachliche** Bedeutung” [uma importância histórico-cultural e **lingüística** particular] (carta datada de Berlim, 17 de fevereiro de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44, **negrito adicionado**). Noutra correspondência administrativa, von den Steinen informou à diretoria-geral da instituição que a principal tarefa de Koch-Grünberg consistia na reunião de uma coleção etnológica sistemática, acompanhada de registros etnográfico-lingüísticos (cf. carta de von den Steinen à Administração-geral dos Museus Reais, Berlim, 22 de dezembro de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44). Incumbência semelhante coube a Kissenberth, que partiu para o Brasil central a serviço do Museu berlinense em 1908. Em seu trabalho de campo, ele coletou dados das línguas Guajajara, Tapirapé, Kaiapó, Karajá⁵⁴ e Xerente⁵⁵.

Quando, ao contrário de Koch-Grünberg e Kissenberth, pesquisadores-viajantes não retornavam munidos também de documentação lingüística, gerava-se um sentimento de decepção entre os sul-americanistas (Cf., por exemplo, carta de Koch-Grünberg a Rivet, de 30 de março de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG). Isso porque viam-se frustradas as esperanças, não apenas de conhecer melhor determinadas línguas sul-americanas, como também de levantar pistas capazes de responder questões então fundamentais no campo da etnologia e da etnografia. Em *The American Race*, obra que ganhou grande repercussão, Brinton declarou: “The linguistic is the only basis on which the subdivision of the race should be proceed [...] the linguistic classification of the American race [i]s the only one of any scientific value” (Brinton 1901: 56). Nem tão categórico, Ehrenreich (1897: 21) afirmou que uma classificação “natural” das raças humanas só seria alcançada pela consideração de diversos fatores, dentre os quais as relações entre agrupamentos étnicos e famílias lingüísticas.

O reconhecimento do parentesco lingüístico era tomado como a mais forte evidência de uma associação passada entre grupos humanos. Sem o recurso a dados lingüísticos, ficavam, portanto, obscuras as rotas migratórias dos povos sul-americanos, impedindo a desejada

⁵⁴ Cf. Kissenberth (1912: 40) e carta a Koch-Grünberg de 27 de dezembro de 1913, Série “Correspondência”, Pasta 14, ATKG.

⁵⁵ Cf. carta a Koch-Grünberg, de Conceição do Araguaia, 20 de dezembro de 1908, Série “Correspondência”, Pasta 6, ATKG.

recomposição do panorama pré-colombiano. Durante sua leitura de *Methode der Ethnologie*, Capistrano de Abreu assinalou com traço à margem uma passagem que tematiza a relevância do parentesco lingüístico para o exame das migrações: “Mit großer Bestimmtheit dürfen wir weiter auf Völkerbewegungen schließen bei sicherer **Sprachverwandtschaft**” [Para decidir com mais certeza acerca de movimentos de povos devemos nos basear no **parentesco lingüístico**] (Graebner 1911: 162, negrito adicionado). Certamente partidário do que afirmava o trecho destacado por Capistrano de Abreu, Koch-Grünberg acreditava que a lista de palavras Arara enviada por Nimuendajú-Unkel pudesse contribuir para a solução de uma das mais relevantes indagações da Etnografia sul-americana daquele momento, ajudando a esclarecer como se dera a expansão dos Caribes nas direções sul e oeste⁵⁶. Na mesma linha, Kissenberth animou-se com a perspectiva de que suas pesquisas lingüísticas viessem a lançar alguma luz acerca dos caminhos percorridos pelos Carajás e pelos Tapirapés⁵⁷. Não seria difícil reunir muitos outros exemplos dessa natureza, uma vez que os sul-americanistas prezavam especialmente a investigação da pátria primitiva e da história da distribuição dos diversos grupos indígenas.

Para além de seu vivo interesse pelas rotas migratórias, os sul-americanistas tinham consciência acerca das relações íntimas e indissolúveis entre língua e cultura, assim como sabiam que o conhecimento da língua indígena viabilizava o contato com o informante e permitia o acesso ao universo das crenças indígenas. Por tudo isso, os especialistas no estudo do homem sul-americano que se guiavam pelos referenciais teórico-metodológicos fornecidos por von den Steinen e Ehrenreich atuaram simultaneamente como etnógrafos e como lingüistas. Conforme já indicavam os ofícios redigidos na Seção “América” do Museu Etnológico de Berlim, soava impraticável a separação em dois domínios estanques de pesquisa, visto que nos “estudos ethnographicos, [...] a linguistica desempenha um dos mais importantes papeis” (Simoens 1913: 9). Ou, dito de outra maneira, “a linguistica [...] é fonte e apoio para a *ethnologia* e para a *ethnographia*” (Almeida 1901: 8, itálicos originais). Nesse sentido, Kissenberth frisou em carta a Koch-Grünberg e também em minuciosa resenha (que tentou, sem sucesso, publicar em *Anthropos*) a relevância que o trabalho de Schuller “Las lenguas indigenas de la cuenca del Amazonas y del Orenoco” apresentaria para a “moderna etnologia sul-americana” (Carta datada de 20 de abril de 1911, Série “Correspondência”, Pasta 10, ATKG; cf. tb. Schuller 1910, 1911).

⁵⁶ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg ao “Konsul Dr.” Hermann Meyer, 4 de setembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG.

⁵⁷ Cf. cartas de Wilhelm Kissenberth a Theodor Koch-Grünberg de 20 de dezembro de 1908, 30 de julho de 1914 e 16 de julho de 1917, Série “Correspondência”, respectivamente Pastas 6, 17 e 23, ATKG.

Seguindo à risca o que se esperava de um pesquisador-viajante, Wilhelm Hermann, membro da expedição alemã à região do Pilcomayo, carregou para a Europa uma rica coleção etnográfica e paleontológica, além de reproduzir padrões de tatuagens e obter festejados vocabulários das línguas Tapiéte, Toba, Mataco, Choroti, Japui e Chiriguano⁵⁸. Quando resenhou o *rã-txa hu-ni-ku-~i*, Koch-Grünberg ressaltou o valor da obra de Capistrano para a etnografia e para a lingüística sul-americanas, como atesta o trecho transcrito no item 1.2. Naquele mesmo texto, o sul-americanista alemão demonstrou confiar na expedição Rondon para trazer, entre outros resultados científicos, novidades nos terrenos da lingüística e da etnografia amazônicas (Resenha de Koch-Grünberg ao *rã-txa hu-ni-ku-~i*, Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”, ATKG). O chefe da Seção Arqueológica do Museu Nacional de Buenos Aires, por sua vez, parabenizou Koch-Grünberg por suas grandes descobertas no campo da lingüística sul-americana, que teriam elucidado muitos problemas etnológicos daquele continente (Carta de Eric Boman a Koch-Grünberg, de Buenos Aires, 5 de setembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 28, ATKG).

2.7.2 A cultura material e a cultura espiritual

Se, de um lado, ficava evidente o caráter complementar da etnografia e da lingüística sul-americanas, dado que o exame das línguas caminhava junto com o exame das culturas, era certo, por outro, que os sul-americanistas não faziam filologia. Um filólogo, concordavam muitos, debruçava-se sobre a tradição literária de uma civilização⁵⁹. Fica difícil, portanto, achar termo menos adequado do que esse para nomear pesquisadores que buscavam analisar sociedades ágrafas em toda a sua complexidade. Ou seja, procurando combinar, para fazer uso de uma distinção cara aos sul-americanistas do período 1890-1929, as esferas da cultura material e da cultura espiritual. Com isso em mente, o sul-americanista sueco Bolinder avaliou os resultados da sua temporada entre os Mutilones nos seguintes termos: “Leider hatte ich nur sehr geringe Gelegenheiten die geistliche Kultur der Mutilonen zu studieren. Ich kenne dagegen ziemlich vollständig ihre materielle Kultur.” [Infelizmente, eu tive apenas oportunidades muito limitadas para estudar a cultura espiritual dos Mutilones. Em contrapartida, eu tenho um conhecimento consideravelmente completo de sua cultura material] (carta a Theodor Koch-Grünberg, Série “Correspondência”, Pasta 20, ATKG).

⁵⁸ Cf. cartas de Wilhelm Hermann a Theodor Koch-Grünberg, datadas de 1 de outubro e 1 de novembro de 1906 e carta de Walter Lehmann a Koch-Grünberg de 27 de agosto de 1907, Série “Correspondência”, Pasta 2, ATKG.

⁵⁹ Cf. o verbete “Linguística” do *Diccionario grammatical* de João Ribeiro (Ribeiro 1906[1888-1889]: 195) e Ehrenreich (1910: 2, 20, 47).

Aproveitando a possibilidade de trabalhar por meses de forma intensiva e continuada com seus informantes, Capistrano de Abreu pôde realizar uma investigação realmente aprofundada da cultura espiritual dos Caxinauás. Seus colegas sul-americanistas louvaram esse feito, como demonstram as palavras de Hestermann: “Capistrano de Abreu [hat] in seinem geradezu klassischen Werke bezüglich der Kaschinawa uns so intim orientiert über und durch alle Faltungen des **Geisteslebens**” [Capistrano de Abreu nos orientou, na sua obra verdadeiramente clássica acerca dos Caxinauás, tão intimamente por entre cada reentrância da **vida espiritual**] (resenha de Ferdinand Hestermann ao segundo volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG, negritos adicionados).

Um tal mergulho na ‘vida espiritual’ dos povos indígenas ficava geralmente distante da realidade dos pesquisadores-viajantes. Não bastassem as dificuldades inerentes à travessia de regiões nunca dantes desbravadas e o tempo consideravelmente reduzido de convivência com os informantes, as obrigações impostas pelos financiadores das expedições ainda vinham tornar mais complicada a situação desses sul-americanistas em trânsito. Como compensação por seu investimento, os museus etnológicos que enviavam pesquisadores contavam receber ricas coleções de objetos, que valorizassem seus acervos e atraíssem visitantes (para uma análise detida dessa questão, cf. Kraus 2004). Conseqüentemente, os pesquisadores-viajantes viam-se pressionados a acumular (e manter intactos, apesar dos percalços da viagem) elementos da cultura material. No ano em que partiu para o Brasil a serviço do Museu Etnológico de Berlim pela primeira vez, Koch-Grünberg recebeu de von den Steinen, que conhecia bem os desejos da diretoria-geral da instituição, uma recomendação um tanto direta: „Setzen Sie Ihren ganzen Ehrgeiz auf eine **schöne Sammlung**.“ [O Sr. coloque toda a sua ambição em uma **bela coleção**] (carta de Karl von den Steinen a Theodor Koch-Grünberg, de 20 de abril de 1903, Série “Correspondência”, Pasta 1, ATKG, negritos adicionados).

Esse conselho divergia das intenções de Koch-Grünberg, que planejava inteirar-se verdadeiramente do modo de vida indígena e agir como um autêntico cientista. Ele, aliás, não fez nenhum segredo disso, o que deixa evidente a forma como se definiu em correspondência ao próprio von den Steinen, quando se encontrava nas selvas amazônicas: „Der Reisende, der in erster Linie Forscher und nicht blosser Sammler ist – und für einen solchen halte ich mich“ [O viajante que é, em primeiro lugar, pesquisador e não mero coleccionador – e como tal me considero] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Karl von den Steinen, de 1º de fevereiro de 1904, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44, sublinhados originais).

Mesmo sem ter se dedicado exclusiva ou principalmente à reunião de uma coleção etnográfica, Koch-Grünberg legou ao Museu Etnológico de Berlim, contabilizando-se suas

duas viagens a cargo da instituição à região amazônica, cerca de 1700 peças. A contribuição de Kissenberth não ficou muito atrás, atingindo a cifra de 1100 objetos. Ainda no final do século XIX, as duas viagens de von den Steinen aumentaram o acervo do Museu em quase 2000 peças (cf. Hartmann 1973: 226). Tamanho empenho em coletar objetos, chegava a prejudicar o exame da cultura espiritual das sociedades visitadas, como ressaltou Koch-Grünberg em carta a seu colega Krause⁶⁰:

Das ganze Unternehmen darf nicht den Charakter einer “Museumssammelreise” tragen. Der grösste Fehler der früheren Expeditionen in diese Gegenden war der zu kurze Aufenthalt bei den [...] Stämmen und das fieberhafte Zusammentragen von möglichst vielen Ethnographica, besonders auch Masken, ohne deren Verwendung und tiefere Bedeutung zu kennen. **Museumsverpflichtungen stören am meistens eine exakte wissenschaftliche Forschung.**

[A expedição como um todo não deve apresentar o caráter de uma ‘viagem para coletar para o museu’. O maior erro das expedições anteriores nessa região foi a permanência muito curta [...] nas tribos e a reunião febril do maior número possível de objetos etnográficos, também e especialmente máscaras, sem o conhecimento de sua utilização e significado mais profundo. **Obrigações com museus atrapalham, na maior parte dos casos, uma pesquisa científica exata**] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Fritz Krause, sem data (c. 1916), Série “Correspondência”, Pasta 21, ATKG, negritos adicionados)

Uma vez que instituições de outras naturezas não empregariam seu dinheiro em dispendiosas e arriscadas expedições etnográficas a regiões remotas da América do Sul, os pesquisadores-viajantes precisavam efetivamente adequar-se às exigências dos museus etnológicos. Afinal, melhor era ter sua liberdade de investigação cerceada, que nunca ter a chance de vivenciar o cotidiano indígena. Menina dos olhos dos sul-americanistas, a pesquisa propriamente científica, que concedia lugar de honra ao exame das línguas e da mitologia, não interessava de fato aos administradores-gerais dos museus. Para conseguir o financiamento de um museu etnológico, não adiantava usar como cartão de visita artigos sobre pronomes, trabalhos de mitologia comparada, minuciosos vocabulários ou propostas de reclassificação de famílias lingüísticas. O que pesava na decisão dos diretores-gerais de museus eram tão-somente o volume e o valor das coleções de objetos etnográficos que os pesquisadores-viajantes tinham no currículo. Pesquisador-viajante dos mais respeitados e diretor do Linden-Museum de Stuttgart entre 1915 e 1924, Koch-Grünberg conhecia bem os dois lados da questão. Alertando o menos experiente Nimuendajú-Unkel, ele ponderou:

Bei allen künftigen Unternehmungen möchte ich Sie darauf aufmerksam machen, dass bei einer späteren Finanzierung leider **nur die ethnographische Sammlung entscheidet**, nicht das **rein wissenschaftliche Resultat in Sprachen und Mythen**. Vom wissenschaftlichen Standpunkt aus muss ich sehr bedauern, obwohl ich selbst Direktor eines Völkermuseums bin.

⁶⁰ Sobre o tema, cf. tb. carta de Theodor Koch-Grünberg a Erland Nordenskiöld, rascunho não-datado, Pasta 19, e carta a Herbert König, de 12 de fevereiro de 1919, Pasta 27, Série “Correspondência”, ATKG.

[Para todas as expedições futuras, queira o Sr. estar atento ao fato de que, para um financiamento posterior, infelizmente **só a coleção etnográfica decide** e não o **resultado puramente científico em línguas e mitos**. De um ponto de vista científico, devo lamentar muito isso, apesar de ser eu mesmo diretor de um museu etnológico] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Curt Nimuendajú-Unkel, de 5 de dezembro de 1915, Série “Correspondência”, Pasta 19, ATKG, sublinhados originais, negritos adicionados)

Nos limites dessa tese de doutorado, permito-me adotar a perspectiva inversa à dos diretores-gerais de museus etnológicos do período 1890-1929. Assim, ficam fora das minhas preocupações os vasos, as lanças, as máscaras, as bonecas, os tambores e outros elementos da cultura material coletados pelos pesquisadores-viajantes. Em contrapartida, concedo uma importância central, no trabalho como um todo e, especialmente, no próximo capítulo, desmembrado em quatro seções, aos seus ‘resultados puramente científicos em línguas e mitos’. No que tange à análise dos mitos e lendas pelos sul-americanistas, restrinjo-me ao exame das estratégias de recolha e tradução desses textos. Ou seja, não focalizo a maneira como os sul-americanistas interpretaram as concepções identificáveis nas narrativas mitológicas, atendo-me exclusivamente ao tratamento conferido àqueles textos de um ponto de vista lingüístico. Por conta disso, incluí também esse aspecto no capítulo que se segue, intitulado “A lingüística dos sul-americanistas”.

Capítulo III

A lingüística dos sul-americanistas

CAPÍTULO III

A lingüística dos sul-americanistas

No campo dos estudos culturais, os sul-americanistas reconheciam uma diferenciação entre a etnografia e a etnologia. Enquanto a primeira tinha como tarefa a descrição de uma sociedade, em particular, ou do modo de vida em uma área restrita do globo, a segunda assumia um caráter geral, oferecendo explicações que sistematizavam as observações etnográficas (cf., por exemplo, Ehrenreich 1910: III).

Sem que isso ficasse tão evidente por meio da terminologia, a lingüística dos sul-americanistas também se desdobrava em dois planos. De um lado, havia a preocupação em estudar o mais profundamente possível uma determinada língua ou grupo lingüístico. De outro, os dados reunidos em diversas investigações parciais deviam servir à elaboração e ao refinamento de reflexões teórico-metodológicas de maior alcance. No capítulo que ora se inicia, teremos ocasião de observar exemplos de sul-americanistas trabalhando nessas duas direções. Assim como serão focalizados problemas levantados pela interpretação de formas lingüísticas características de dado idioma indígena, ganhará espaço também o debate em torno das noções de polissintetismo e incorporação, julgadas fundamentais para a compreensão das línguas de todo o continente americano.

Com a intenção de verificar mais precisamente como os sul-americanistas concebiam e punham em prática descrições e análises lingüísticas, decidi examinar em separado os procedimentos empregados por aquele grupo de especialidade para compor listas de palavras, para avaliar mecanismos gramaticais e para abordar a linguagem de narrativas. Além disso, voltei minha atenção para a maneira como os sul-americanistas retrataram a interação pesquisador-informante, elemento central em seu trabalho com as línguas indígenas sul-americanas.

3.1 Reunião de vocabulários: o primeiro passo

3.1.1 O papel do vocabulário para a classificação lingüística

Para além de se revelarem o primeiro material acessível ao pesquisador (que podia se valer até mesmo de gestos ou desenhos para coletá-las), as palavras do vocabulário primário, como bem frisou von den Steinen (1886: 293), assumiam importância central no processo de reconhecimento do grupo lingüístico a que uma língua se filiava. Dessa maneira, um conjunto não muito grande de palavras podia fornecer alguma luz para a solução do complexo

problema da distribuição das famílias lingüísticas sul-americanas e ajudar, inclusive, na reconstrução de rotas migratórias.

Adam (1892: 8-9) informa-nos que as dez palavras do Émérillon, publicadas pelo explorador francês Crevaux, teriam sido suficientes para que Ehrenreich classificasse essa língua acertadamente como pertencente à família Tupi-Guarani. Uma vez que as palavras para “dente”, “língua”, “pé”, “nariz”, “orelha” e “olho”, dentre outras consideradas igualmente relevantes, colhidas por Nimuendajú-Unkel (1914: 376) entre os Ofaié demonstravam semelhança com as registradas para línguas do grupo Gê, o pesquisador alemão concluiu que sua língua se ligaria indubitavelmente àquele grupo. Numa análise um tanto controversa, o venezuelano Oramas fundamentou-se na comparação de 27 itens lexicais para afirmar a afinidade entre o Piároa e o Sáliba. Ampliando o *corpus* para 91 palavras, Rivet (1920) viu-se autorizado a confirmar a conclusão do colega sul-americano. O exame das 200 palavras Trumai que von den Steinen levou ao conhecimento da comunidade científica determinou que a língua recebesse o rótulo de “isolada” (Chamberlain 1910: 200).

Levando-se em conta não apenas trabalhos publicados, mas também notícias de pesquisas de campo, pode-se mencionar que Kissenberth reconheceu que os Guajajaras vinculavam-se aos Tupis, tão logo confrontou uma lista de palavras que colhera com registros da “Lingoa-geral” divulgados por Martius⁶¹. Vale lembrar, ainda, que as cem palavras para partes do corpo humano anotadas por Koch-Grünberg entre os Uerekéna do rio Içana trouxeram-lhe a convicção de que vinha documentando um falar Nu-Aruak puro (Carta de Koch-Grünberg, Rio Negro, 8 de julho de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44). Numa etapa posterior da primeira expedição chefiada por ele à Amazônia, Koch-Grünberg identificou o parentesco próximo entre o Uanana e o Tukano. Seus superiores no Museu Etnológico de Berlim receberam então uma amostra de um vocabulário comparativo, selecionada dentre “den Hauptwörtern” [as palavras principais].

Testemunho significativo do procedimento de análise adotado por Koch-Grünberg, os dados então remetidos para a Alemanha são reproduzidos abaixo, sob a forma de um quadro. À exceção da segunda coluna, contendo o equivalente em Português das palavras arroladas, a organização do material repete a estabelecida por Koch-Grünberg (cf. carta de “São Felipe, próximo à boca do Rio Içana”, 28 de agosto de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44). Desse modo, a primeira coluna apresenta uma listagem em Alemão, a terceira as formas lingüísticas ditadas pelos informantes Uanana de Koch-Grünberg, a quarta

⁶¹ Cf. carta de Wilhelm Kissenberth a Theodor Koch-Grünberg, Barra do Corda, 29 de setembro de 1908, Série “Correspondência”, Pasta 4, ATKG.

as palavras Tukano registradas por Wallace, a quinta as palavras Tukano fornecidas por Coudreau (1897) e a última, as palavras daquela língua constantes num trabalho de Pfaff.

Quadro 3.1: Vocabulário comparativo Uanana-Tukano presente na carta de Koch-Grünberg de 28 de agosto de 1903

Alemão	Português*	Uanana (Koch-Grünberg)	Tukano (Wallace)	Tukano (Coudreau)	Tukano (Pfaff)
Zunge	língua	yamana	jáméro	zéméno	žem <u>e</u> no
Mund	boca	eséra	igséro	seró	esseró
Zahn	dente	píri	o(gh)píri	upiry	<u>o</u> píri
Nase	nariz	kána	ícken(g)a	ekéa. ekaa	<u>e</u> kenha
Kopf	cabeça	poá	righpóah	dipua	deχpoga
Haar	cabelo	poá	poárli	ipuari	poari
Wasser	água	kó	ógheogh	oco	ok <u>o</u>
Fluss	rio	(n)diá	_____	dia	dia
Regen	chuva	koró	_____	ocoró	oxkoro
Haus	casa	hué(χ)	wíi	_____	wii
Beil	machado	kumá	_____	come	kome
Affe	macaco	ká	_____	_____	aχke
Schwein	porco	yesé	yétste	_____	yeχse
Hund	cachorro	(n)diáro	dieiyi	diâhi	diae
Fisch	peixe	huaí	waii	uahi	oai
Schlange	cobra	pínona	_____	_____	pino
Banane	banana	hó	ohóh	oó	<u>o</u> ho
Farinha	farinha	poká	poóca	_____	_____
Beijú	beijú	nahõ	ahóna	_____	_____

*A segunda coluna foi acrescentada por mim.

A enumeração de vocabulários contrastivos, semelhantes ao exposto no quadro acima, compostos entre 1890 e 1929, poderia se estender longamente. Afinal, a comparação de listas de palavras em busca de parentesco lingüístico representava uma das principais atividades em lingüística sul-americana (cf., por exemplo, Adam 1893, Rivet e Beuchat 1909, Rivet 1910, Tavera-Acosta 1921: 228, Moreira e Silva 1932). Também se construíam vocabulários comparativos para línguas de uma mesma família, como em Koch-Grünberg (1910a). Por meio desse procedimento, os pesquisadores buscavam identificar que línguas tinham sido mais ou menos influenciadas por tribos vizinhas, pertencentes a outros grupos lingüísticos. Mais ainda, empenhavam-se na descoberta da língua mais ‘pura’ e ‘conservadora’ da família.

Na visão daqueles sul-americanistas, reconhecer onde se falava da maneira mais próxima à ‘língua-mãe’ os punha no verdadeiro rastro dos percursos migratórios.

Originalmente, Capistrano de Abreu tencionava incluir um vocabulário comparativo das línguas Pano em seu *rã-txa hu-ni-ku~i*, em lugar de limitar-se à apresentação do “Vocabulario brasileiro-caxinauá” e do “Vocabulario caxinauá-brasileiro”. No entanto,

[a] ideia primitiva de juntar aos vocábulos caxinauás os correspondentes culino, cunibo, mayoruna, pacaguara, pano, etc., foi abandonada desde que constou a próxima publicação do Pe. Ferdinand Hestermann S. V. D., tratando deste assumpto. (Abreu 1914: 549)

O redator de *Anthropos* nunca chegou a dar forma impressa a seu dicionário comparativo das línguas Pano, anunciado publicamente como em preparação em Hestermann (1914: 33). Apesar disso, ele deve ter acalentado tal projeto, ao menos, por alguns anos, pois em carta a Koch-Grünberg, de 20 de dezembro de 1916, revelou que pretendia escrever uma gramática do Caxinauá, acompanhada desse dicionário comparativo (Série “Correspondência”, Pasta 22, ATKG).

Em que pese o indiscutível prestígio do método de comparar listas de palavras para evidenciar o parentesco lingüístico, os sul-americanistas conheciam suas limitações. Sabiam que as listagens de vocábulos nem sempre podiam conduzir a uma resposta definitiva no processo de classificação lingüística. O vocabulário do Tuyoneri coletado no rio Madre de Deus por Nordenskiöld, segundo Rivet e Créqui-Monfort (1913: 5), não permitia a associação dessa língua com nenhuma outra, nem sua definitiva postulação como isolada. Em situação análoga se encontrava a documentação sobre a língua Haucipairi. Embora o reduzido vocabulário publicado por Cardus (1886) encerrasse um grande número de palavras aruaques, estas não bastariam para esclarecer a origem do idioma, na opinião de Rivet et Créqui-Monfort (1913: 5).

Nem sempre o problema nascia da quantidade de dados disponíveis. Listas de abrangência considerável podiam incluir, a um só tempo, palavras do vocabulário primário claramente vinculadas a um grande grupo lingüístico e pronomes pessoais que se comportavam como nas línguas de outro. Isso levava à postulação de ‘línguas mistas’, resultado não muito satisfatório.

3.1.2 A arte de compor um bom vocabulário

De qualquer modo, novas listas de palavras proporcionavam mais um acervo de elementos de comparação e, por conta disso, eram recebidas com entusiasmo pelos sul-americanistas. Koch-Grünberg (1910: 60) destacou que a extensa lista de palavras Uitoto agrupada por H. Schmidt “bildet einen wertvollen Beitrag zur Kenntnis dieser interessanten

Sprache und **zur amerikanistischen Sprachforschung** überhaupt” [corresponde a uma valiosa contribuição para o estudo dessa interessante língua e para a **pesquisa lingüística dos americanistas** em geral] (negrito adicionado)⁶². Na mesma linha, von den Steinen (1895: 329) elegeu um vocabulário Chamacoco de 450 palavras como o serviço de maior relevo prestado por Guido Boggiani (1861-1902) à investigação dos índios sul-americanos. O artista italiano, que rumara para a América do Sul com o objetivo de retratar paisagens, tinha vivido cinco anos na região norte do Chaco, onde tivera contato com os Chamacoco e oportunidade de angariar uma preciosa coleção de objetos de sua cultura material, destinada ao Museu Pré-histórico e Etnográfico de Roma (idem, p. 325).

As centenas de palavras Chamacoco levantadas por Boggiani atestam que não era preciso ser um sul-americanista para desempenhar coletas de itens lexicais. Assim como o artista italiano, cientistas de especialidades variadas atuaram paralelamente na composição de vocabulários. De acordo com Tavera-Acosta (1921: 221, 226), a primeira documentação acerca da língua Chakes corresponderia ao vocabulário reunido por Torres Arnáez, quando membro da comissão astronômica do Plano Militar da Venezuela, em 1909. Estimulado por Koch-Grünberg, o botânico Ernst Ule (1854-1915) trouxe de sua estadia na Amazônia um vocabulário Aricuna⁶³. Até mesmo pessoas sem formação acadêmica sólida podiam prestar auxílio valioso para a recolha de vocabulários. Um conhecido de Nimuendajú-Unkel na cidade paraense de Pacajá transmitiu àquele sul-americanista alemão palavras das línguas Parirí, Paracanã e Timileme (Carta de Curt Nimuendajú-Unkel a Koch-Grünberg, 18 de maio de 1915, Série “Correspondência”, Pasta 19, ATKG).

Ainda que a reunião de um vocabulário não exigisse necessariamente uma grande intimidade com os referenciais teórico-metodológicos da Sul-americanística, era desejável que os encarregados dessa tarefa seguissem certas diretrizes. Coletas realizadas de forma aleatória podiam deixar de cobrir justamente as palavras cruciais para apontar a origem de uma língua. Nesse sentido, Nimuendajú-Unkel mostrou-se desapontado com o trabalho lingüístico do chefe de um posto do Serviço de Proteção aos Índios, órgão do governo brasileiro. De acordo com Nimuendajú-Unkel, a lista de vocábulos Pirahã organizada pelo Capitão Amarante englobava quase exclusivamente “Vokabeln die für die Klassifikation

⁶² Koch-Grünberg transmitiu seu agradecimento pessoal a Hermann Schmidt pelo envio desse material e informou-o de que estava preparando seu artigo sobre a língua Uitoto para o *Journal de la Société des Americanistes de Paris* em carta, cujo rascunho encontra-se conservado na Pasta 6 da Série “Correspondência”, ATKG.

⁶³ Cf. as cartas de Ernst Ule a Theodor Koch-Grünberg, datadas de Roraima, 12 de dezembro de 1909 e “Manãos, Consulado allemão 5. VII. 1910”, Série “Correspondência”, Pasta 8, ATKG.

keinen Wert haben” [vocábulos que não têm qualquer valor para a classificação]⁶⁴. Para que não se desperdiçasse dessa maneira uma chance de dotar os sul-americanistas de novos instrumentos para a comparação lingüística, Koch-Grünberg orientou um missionário beneditino radicado na Amazônia a procurar obter na língua dos Pauixana,

wenigstens die wichtigsten Vergleichswörter [...] (Menschliche Körperteile, wie Kopf, Zunge, Mund, Zahn, Auge, u. s. w., [...] Wasser, Feuer, Himmel, Erde, Sonne, Mond, Stern, Haus, Hängematte, Kochtopf, u. a. Hausgerät, Mensch, Mann, Frau, Vater, Mutter, Kind, die hauptsächlichsten Tiere, Pflanzen, Zahlwörter, einige Adjektiva und Verben
[pelo menos as palavras mais importantes para a comparação [...] (partes do corpo, como cabeça, língua, boca, dente, olho, etc., [...] água, fogo, céu, terra, sol, lua, estrela, casa, rede, panela para cozinhar, entre outros utensílios domésticos, humano, homem, mulher, pai, mãe, criança, os principais animais, plantas, numerais, alguns adjetivos e verbos] (carta de Theodor Koch-Grünberg a P. Benedikt Eisenhart O. S. B., 26 de julho de 1923, Série “Correspondência”, Pasta 34, ATKG, negritos adicionados).

Na enumeração acima reencontramos, sem surpresa, as palavras primárias destacadas por von den Steinen.

3.1.3 Os numerais: uma categoria de palavras que ganhava atenção especial

Do conjunto de vocábulos priorizados pelos sul-americanistas em foco, vale a pena considerar o papel um tanto particular dos numerais. Acreditava-se que as formas lingüísticas utilizadas para contabilizar unidades não serviriam apenas para mapear parentesco lingüístico ou indicar empréstimos culturais, mas permitiriam avaliar em que medida uma sociedade podia manejar o pensamento abstrato. Com efeito, para alguns autores do período 1890-1929 (fase correspondente à plena vigência do imperialismo europeu), foi questão de relevo decidir se, e como, os povos indígenas efetuavam generalizações/ abstrações (cf. Ehrenreich 1910: 57; Grasserie 1911, 1914). Nesse contexto, cabia aos etnógrafos-lingüistas divulgar informações precisas sobre as estratégias de contagem desenvolvidas pelos povos que estudavam. Capistrano de Abreu (1969[1895]: 148) atestou que “os Bacaeris [...] não levam suas contas além de 3” e registrou que, em meio à sua coleção de lendas e relatos caxinauás,

[d]e numeros maiores ha, entre outros, os seguintes exemplos:

712: *na-mö-kõe-tê, na-mö-kõe-ti, na-mö-kõe-tê, na-mö-kõe-ti, na-mö-kõe-ti, na-mö-kõe-tê, na-da-bö*, trinta e dois.

4022: *na-möe-kõe-tê, na-möe-kõe-tê*, dez.

4781: *na hi-wö bö-tça, na hi-wö bö-tça, na hi-wö bö-tça, hi-wö da-bö, na-ra-bö, hi-wö na-ra-bö, na-ra-bö*, onze. (Abreu 1914: 16)

Pode-se notar, em tais compostos, a presença de *da-bö*, dois e de *na-mö-kõe-tê* “esta mão, cinco” (Abreu 1914: 15). Também em Carajá, segundo Ehrenreich (1894: 57), a palavra

⁶⁴ Carta de Curt Nimuendajú-Unkel a Theodor Koch-Grünberg, de 28 de dezembro de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 33, ATKG.

para “cinco” significaria “mão, os cinco dedos”. Nessa língua, apenas para os numerais de 1 a 4 existiriam expressões diferenciadas, formando-se os demais por adição: 15, por exemplo, equivaleria a “um pé”, ou seja, as duas mãos (10) mais os cinco dedos do pé. Koch-Grünberg (1928: 48) esclareceu que os Taulipang, os Makuxi e os Wapixana contavam usando inicialmente as mãos, a partir do dedo mínimo e recorrendo em seguida aos pés. Mesmo os pesquisadores que não abordavam explicitamente as estratégias de contagem adotadas por determinada tribo, não deixavam de incluir os numerais em suas listas de palavras⁶⁵.

Os numerais surgiram reunidos e em ordem crescente nos vocabulários, até nos casos em que a ordenação alfabética correspondia ao princípio geral de organização da listagem e não havia uma preocupação em agrupar as palavras relacionadas a um dado campo semântico.

3.1.4 Formas de organização dos vocabulários

Com relação ao modo de organização dos vocabulários, o exame de diversos trabalhos levou-me a perceber uma tendência. Empregada sistematicamente por sul-americanistas de renome como o líder intelectual e organizacional Rivet⁶⁶, a ordenação alfabética não marcava presença nos vocabulários preparados por seus colegas de especialidade alemães. Von den Steinen (1892), Ehrenreich (1894, 1895), Schmidt (1903), Koch-Grünberg e Hübner (1908), Koch-Grünberg (1910, 1914, 1928) e Nimuendajú-Unkel (1915) optaram por expor separadamente as palavras para as partes do corpo; para os fenômenos da natureza; para os utensílios domésticos e adornos; para os nomes de animais (às vezes, subdivididos em classes) e para as denominações de plantas, assim como reservaram uma seção para os adjetivos e outra para os verbos.

Motivos práticos teriam levado os sul-americanistas alemães a privilegiar a organização temática dos vocabulários, que facilitaria as pesquisas de orientação comparativa. Isso fica evidente por meio da instrução que Koch-Grünberg endereçou a Hermann Eugster Speicher (1893-?). Outro dos leigos que se aventurou a agrupar um vocabulário, Speicher quis saber se o material – colhido de forma assistemática -- seria digno de publicação e de que maneira deveria apresentá-lo. Koch-Grünberg recomendou-lhe que dividisse as palavras nas categorias acima mencionadas, em lugar de obedecer à ordenação alfabética geral. Segundo Koch-Grünberg, assim os pesquisadores estrangeiros também conseguiriam encontrar sem

⁶⁵ Para lembrar alguns exemplos: Schmidt (1903) apresentou as expressões Guaná e Moxo para os numerais de 1 a 10; Adam (1905) arrolou as formas para 1 a 5 em Accawai e palavras delas derivadas; Rivet (1910), as formas para 1, 2, 4, 5 e 10 em línguas Guaranis do alto Amazonas; Rivet (1910a), as palavras Arazaire para 1, 2, 3, 4 e acima de quatro; Koch-Grünberg (1910: 68), as formas Uitoto para os numerais de 1 a 10 e Tavera-Acosta (1921) os numerais de 1 a 7 em Chakes.

⁶⁶ Cf., por exemplo, Rivet e Beuchat (1909), Rivet (1910), Rivet (1920), Rivet (1921), Rivet e Reinburg (1921), Rivet e Tastevin (1932) e Tavera-Acosta (1921).

dificuldade os vocábulos desejados⁶⁷. Ehrenreich (1897a: 60), por sua vez, tornou público que não pôde aproveitar de fato os dados lingüísticos do Ipuriná oferecidos pelo missionário britânico Polak, porque estes teriam se afigurado pouco acessíveis devido à falta de um critério claro para sua apresentação.

Embora não se possa negar que os sul-americanistas alemães atentavam para a conveniência de seus leitores, é plausível defender que o tratamento temático do vocabulário nascia muito antes da fase de publicação dos resultados das pesquisas. Desde os primeiros contatos com os informantes, devia ter lugar a associação de palavras que remetiam a noções assemelhadas.

3.1.5 Um guia para a coleta vocabular: a *Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache*

A preferência pela organização temática das palavras, já durante o trabalho de campo, fica testemunhada por meio do instrumento de pesquisa lingüística de campo oficial do Museu Etnológico de Berlim. Sem indicação de autor ou data de impressão, a *Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache* [Lista para registro de língua sul-americana] contém 71 páginas impressas e algumas em branco, disponíveis para eventuais notas do pesquisador. As palavras foram informadas em três línguas: Alemão, Espanhol e Português⁶⁸ e divididas com base em um critério temático. Além disso, foram hierarquizadas. O responsável pelo material (possivelmente Karl von den Steinen) redigiu em negrito as palavras que via como absolutamente indispensáveis e acompanhou de uma exclamação outras, julgadas também de relevância.

Com o objetivo de reproduzir aproximadamente a estrutura da publicação, a tabela abaixo apresenta as diferentes seções na ordem em que aparecem, aponta quantas entradas existem em cada uma delas e alude a exemplos de palavras destacadas com negrito e com exclamação, nas diversas seções da *Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache*.

⁶⁷ Cf. carta de H. Eugster Speicher a Koch-Grünberg, de 30 de maio de 1923 e a resposta de Koch-Grünberg, datada de 8 de junho do mesmo ano, Série “Correspondência”, Pasta 34, ATKG.

⁶⁸ Koch-Grünberg, no exemplar que lhe serviu para registrar dados do Makuxi, não acrescentou apenas as formas na língua em estudo, mas criou ainda uma quarta coluna contendo traduções em Língua-Geral, idioma que devia ser de muita utilidade durante o processo de coleta dos dados (Cf. Cx. I 3, Série “Listas de palavras/ Material lingüístico”, ATKG).

Tabela 3.1: Tabela-resumo do conteúdo da *Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache*

Seção*	N. de entradas	Ex. em negrito	Ex. com exclamação
Partes do corpo	100	Mão, pé, língua	Nariz, orelha, joelho
Elementos, natureza	67	Água, sombra, Via Láctea	Raio, arco-íris, selva
Casa, utensílios	57	Machado de pedra, panela, casa	Esteira, algodão, pano
Canoa, armas	42	Flecha, canoa, anzol	Punhal, zarabatana, remo
Vestuário	40	Máscara para a cara	Sandálias, saia de mulher
Família e etc.	64	Mãe da mãe, velho, primo	Tribo, marido, irmã
Medicina, religião	20	Tabaco, fantasma, nome	imagem, alma de um moribundo
Mamíferos	20	Macaco, morcego, onça	Veado, preguiça, tamanduá-mirim
Pássaros	22	Pássaro, ovo, ema	Arara, periquito, papagaio
Peixes, répteis	18	Peixe, jacaré, cobra	Tartaruga terrestre, lagarto
Insetos	17	Abelha, mel	Piolho
Plantas	41	Milho, banana, batata	Feijão, amendoim, beijú
Números e expressões quantitativas	34	-----	-----
Pronomes	29	-----	-----
Adjetivos	37	Grande, seco, morto	Velho, jovem, bom, mau
Cores	8	Branco, vermelho, verde	Escuro, claro, sujo
Advérbios de lugar	30	-----	Aqui, perto, lá
Advérbios de tempo	10	Ontem, hoje, amanhã	-----
Verbos	64	-----	-----

*Como nem sempre a forma portuguesa empregada na publicação me pareceu a mais adequada, o título de algumas seções corresponde a uma adaptação.⁶⁹

A seqüência de tópicos exposta na tabela acima, provavelmente, coincide com a requisitada por Koch-Grünberg a seus informantes nas etapas iniciais de seu trabalho de campo. Por sua condição de pesquisador enviado à América do Sul pelo Museu Etnológico de Berlim, não espanta que seu arquivo pessoal contenha treze exemplares preenchidos do

⁶⁹ Optei pelas denominações “Canoa, armas”; “Vestuário”; “Peixes, répteis”; “Insetos” e “Cores”, em lugar, respectivamente, de “Barco, armas”; “Vestidos”; “Peixes, reptiles”; “Animales inferiores” e “Tintas”. Para efeitos de comparação, incluo a versão em Alemão dos títulos modificados: “Kanu, Waffen”; “Kleidung”; “Fische, Reptilien”; “Niedere Tiere” e “Farben”.

manual de pesquisa lingüística desenvolvido pela instituição. Há registros, por outro lado, de que estudiosos sem vínculo direto com o museu berlinense também tenham empreendido suas coletas de dados lingüísticos com o auxílio dessa *Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache*. De tal grupo, fez parte o botânico Ule, mencionado anteriormente, que presenteou Koch-Grünberg com um exemplar da *Tabelle* que empregara⁷⁰. Preuss, colega de Koch-Grünberg no Museu Etnológico de Berlim, deu notícia de um senhor em El Callao (cidade a oeste de Lima)⁷¹ que teria obtido um vocabulário Arekuna “nach unserer ‘Tabelle’ “ [segundo nossa *Tabelle*] (carta a Theodor Koch-Grünberg, de 10 de abril de 1912, Série “Correspondência”, Pasta 13, ATKG).

O fornecimento da *Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache* a interessados parece ter sido uma política da Seção “América” do Museu Etnológico de Berlim, com o intuito de apoiar estudos lingüísticos. Duas cartas de um suíço radicado no Chaco Paraguayo, conservadas nos Autos do Museu, confirmariam isso. Na primeira, ele se mostrou disposto a reunir objetos, realizar registros fotográficos e recolher dados lingüísticos. Solicitou, ainda, que lhe fossem remetidas *Tabellen*, capazes de subsidiar a última atividade. Alguns meses mais tarde, escreveu novamente ao museu berlinense para agradecer o envio do material⁷².

De utilidade indiscutível, os guias para a coleta lingüística -- como o criado pelo Museu Etnológico de Berlim ou o que de Goeje pretendia entregar aos membros de uma expedição holandesa às cabeceiras do rio Suriname⁷³ -- conferiam sistematicidade à pesquisa desempenhada por leigos e facilitavam os primeiros passos dos especialistas. À medida que preenchiam as *Tabellen*, os etnógrafos-lingüistas podiam antever alguns dos desafios que os esperavam, quando se lançassem a investigar os mecanismos gramaticais dos idiomas em estudo. O modo como os sul-americanistas do período 1890-1929 enfrentaram a intrincada tarefa de levar adiante análises morfológicas corresponde ao tema da próxima seção.

3.2 Análise gramatical: um passo para especialistas

Botânicos ou artistas tinham, conforme abordado anteriormente, condições de reunir vocabulários que despertavam o interesse da comunidade dos sul-americanistas. Mas, cabia exclusivamente aos especialistas determinar nas línguas indígenas se, e de que maneira, se

⁷⁰ Cf. carta da direção do Museu Etnológico de Hamburgo a Theodor Koch-Grünberg, de 18 de agosto de 1910, Série “Correspondência”, Pasta 7, ATKG.

⁷¹ Uma carta de Theodor Koch-Grünberg a Alfredo Jahn, datada de Stuttgart, 19 de setembro de 1921, e uma a Lisandro Alvarado, escrita dois dias depois (cf. Série “Correspondência”, Pasta 30, ATKG) me levam a crer que o “sr. em El Callao” se chamava Dr. Boussignac.

⁷² Cartas de Karl Friebig, datadas de 28 de setembro de 1906 e 5 de fevereiro de 1907, Autos do MEB referentes a aquisições da seção América, Vol. IB 29.

⁷³ Cf. carta de C. H. de Goeje a Theodor Koch-Grünberg, de 12 de maio de 1908, Série “Correspondência”, Pasta 4, ATKG.

dava a marcação de gênero e número; como se comportavam os pronomes pessoais; que regularidades podiam ser identificadas nas variações verbais; o que caracterizava interrogações e negações e que classes de prefixos e sufixos existiam. Só autênticos sul-americanistas estavam habilitados a empreender o exame, de acordo com uma afirmação de Hestermann (1910: 648), minucioso e profundo de cada língua e de cada dialeto, palavra por palavra e forma por forma, que se fazia necessário para o avanço da lingüística sul-americana.

3.2.1 O desafio de compreender a gramática de uma língua

Mesmo nos raros casos em que havia uma quantidade significativa de dados à disposição, as análises detidas de uma língua ou dialeto encerravam imensas dificuldades. E os sul-americanistas não fizeram qualquer segredo disso. Tessmann (1930: 4), por exemplo, declarou „Eine Grammatik aufzunehmen, die der Konstruktion der Sprache völlig gerecht wird, ist eine der schwersten Aufgaben des Forschers“ [Registrar uma gramática, que se torne totalmente adequada à construção da língua é uma das tarefas mais difíceis do pesquisador]. Koch-Grünberg revelou que a preparação do quarto volume de sua obra *Vom Roroima zum Orinoco*, voltado para estudos lingüísticos, exigia concentração absoluta e tomava-lhe todo o tempo em que podia se afastar de seus afazeres como diretor do Linden-Museum⁷⁴. Fazendo uma alusão à sua época de universitário, em que se aprofundou em Filologia Clássica, dissecando o Latim e o Grego Antigo, Koch-Grünberg destacou que os desafios impostos pela elaboração do quarto volume traziam-lhe também satisfação:

Nachdem kürzlich der vorletzte Band meines Reisewerkes erschienen ist, bin ich jetzt eifrig beim letzten, den „Indianersprachen“, einer **schwierigen, anstrengenden**, aber für mich, den einstigen Philologen, auch Freude bringenden Arbeit.

[Há pouco o penúltimo volume da minha obra de viagem foi publicado, eu estou agora devotado ao último, ao das “línguas indígenas”, trabalho **difícil, penoso**, mas, para mim, que já fui filólogo, também fonte de prazer] (carta a v. Eickstedt, 15 de dezembro de 1923, Série “Correspondência”, Pasta 34, ATKG, negritos adicionados)

Sem o entusiasmo reconhecível naquelas palavras de Koch-Grünberg, Capistrano de Abreu noticiou a um amigo íntimo como andavam suas pesquisas envolvendo o Caxinauá: “Vou agora rever e acrescentar o vocabulário: espero acabar dentro de poucos dias./ **A gramática me esmorece**, e ainda não me animei a arrostá-la, mas tomei contra ela as necessárias precauções: há de caber no leito procústeo de trinta e duas páginas” (carta a Arrojado Lisboa, de 29 de junho de 1912, Abreu 1954: 425, negritos adicionados). A angústia vivenciada por Capistrano não era de modo algum estranha aos etnógrafos-lingüistas que pretendiam desvendar o funcionamento da morfologia de idiomas sul-americanos e

⁷⁴ Cf. carta a Prof. Dr. Rudolf Martin, de 18 de setembro de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 31, ATKG. Cf. tb. carta a Willy Nornsusch, de 28 de dezembro de 1923, Série “Correspondência”, Pasta 35, ATKG.

deparavam-se com verdadeiros enigmas. Para oferecer apenas mais um exemplo nesse sentido, vale lembrar que Lafone Quevedo assim resumiu a impressão que lhe causou a gramática do Mascoy, língua do Chaco Paraguaio: “It is all complicated enough” (carta a Theodor Koch-Grünberg, La Plata, 22 de abril de 1911, Série “Correspondência”, Pasta 10, ATKG).

3.2.2 A desejada independência do “molde descabido das línguas clássicas”

Antes de focalizar problemas concretos de análise lingüística que se impuseram aos sul-americanistas, é relevante sublinhar sua preocupação em alcançar uma descrição realmente fiel à natureza das línguas em estudo. Como exemplificariam as gramáticas legadas pelos missionários dos tempos coloniais, a estrita aplicação de procedimentos analíticos válidos para línguas européias chegaria a impedir o estudioso de compreender de fato os mecanismos morfossintáticos em consideração (cf. Brinton 1970[1890]: 337 e Abreu 1969[1895]: 153). Um exame proveitoso de uma língua indígena demandava, portanto, a revisão dos modelos descritivos tradicionais e a tentativa de abandonar concepções eurocêntricas de linguagem. Tal diretriz surgiu lapidarmente expressa em palavras que Lehmann enviou a Koch-Grünberg, mas cujo interlocutor real correspondia a toda a comunidade dos etnógrafos-lingüistas: “Wir müssen was frei davon machen, die Sprache der Indianer mit **unserer ,Kulturbrille’** zu untersuchen.” [Nós devemos de algum modo nos libertar de examinar a língua dos índios com **nossos “óculos culturais”**, negritos adicionados⁷⁵]. Capistrano de Abreu, ao menos no juízo de Teodoro Sampaio, teria logrado a desejada independência dos modelos lingüísticos greco-latinos em sua obra sobre o Caxinauá, considerada

o registro precioso, autêntico, do modo de dizer de um povo, da elaboração característica de suas idéias, da sua maneira de sentir e de pensar, de como ele concebe o mundo e as cousas, de como ele narra, transmite ou se faz compreender.

Nesse aparente amontoado de frases bárbaras, como que fotografadas, está, porém, fixado **o Caxinauá do Alto Purus como língua**, isto é, como arte e vocabulário, **sem essa preocupação do molde descabido das línguas clássicas** (Sampaio 1955[1915]: 125, itálico original, negritos adicionados).

Ainda que não reproduzissem um “aparente amontoado de frases bárbaras”, muitos trabalhos de sul-americanistas deixavam transparecer sua intenção de funcionarem como “registro precioso, autêntico”, na medida em que contemplavam aspectos peculiares às línguas indígenas. Pondo claramente de lado o molde das línguas clássicas, estudiosos se

⁷⁵ Carta de Walter Lehmann a Theodor Koch-Grünberg, Munique, 3 de maio de 1910, Série “Correspondência”, Pasta 8, ATKG.

interessaram por confrontar o falar dos homens ao das mulheres (cf. Adam 1893; Ehrenreich 1894: 20, 23; Krause 1909: 499; Rivet 1921: 177, Koch-Grünberg 1928: 116) e atentaram, como haviam feito os missionários dos tempos coloniais, para a existência de pronomes de primeira pessoa do plural inclusivos e exclusivos (cf. Adam 1893: 10, Abreu 1969[1895], dentre outros). Além disso, avaliaram a importância da distinção animado x inanimado para a marcação de plural (cf. Adam 1905: 44, Rivet 1910: 171, Koch-Grünberg 1928: 118).

Vale notar, ainda, que nos textos dos sul-americanistas ‘sérios’, nunca se verificam referências a línguas de outros continentes. Via de regra, atribuía-se poder explicativo unicamente às comparações de fenômenos gramaticais no interior de uma mesma família lingüística. Em um movimento de mão-dupla, a descrição de uma língua conduzia a um conhecimento mais preciso da família lingüística em que esta se inseria, assim como a visão de conjunto vinha a enriquecer a análise de uma dada língua. Por isso, ganhou tanta significação o fato de que as línguas Aruak mostraram considerável unidade em seus mecanismos gramaticais, apesar de se espalharem por uma vasta área (cf. Ehrenreich 1897a: 59). Fica fácil entender, igualmente, porque Koch-Grünberg (1928: 116) pautou sua investigação do Taulipang (Caribe) nas gramáticas comparadas de línguas Caribe produzidas por Adam e de Goeje. Também não admira que Rivet e Créqui-Monfort (1913: 13) julgassem necessário o estudo comparado dos processos de sufixação nas línguas Pano, para que certos elementos das línguas da família faladas na Bolívia pudessem ser devidamente esclarecidos.

3.2.3 As tarefas de segmentar e classificar unidades lingüísticas

Em linhas gerais, encontra-se já traçado o perfil das análises gramaticais empreendidas pelos sul-americanistas do período em foco. Resta, agora, considerar como foi posto em prática o trabalho reservado exclusivamente aos especialistas de enfrentar as dificuldades oferecidas pela morfologia das línguas indígenas, buscando-se, ao mesmo tempo, uma descrição o mais independente possível de modelos eurocêntricos. Nesse processo, desempenharam papel central os procedimentos de segmentação e classificação das unidades lingüísticas. Com efeito, cada um dos etnógrafos-lingüistas viu-se diante da tarefa de reconhecer formas que se repetiam e de atribuir-lhes uma função. Agindo como qualquer outro dos seus colegas de especialidade, Schmidt (1903: 590-591) suspeitou da existência de um sufixo *-ti* em Guaná:

Viele der von mir aufgenommenen Worte, zumal diejenigen für die Körperteile und Verben, endigen auf ein „ti“. Schon der Umstand, dass die übrigen Guaná-Vokabulare dieses „ti“ häufig nicht haben, lässt erkennen, dass diese Endsilbe nicht zu dem Wortstamm gehört, sondern als **ein Suffix mit irgend welcher Bedeutung** aufzufassen

ist. Vielleicht sind die folgenden Beispiele aus dem von mir aufgenommenen Material geeignet, einige Aufklärung über das Wesen dieses Suffixes „ti“ zu geben.

[Muitas das palavras registradas por mim, sobretudo aquelas para as partes do corpo e verbos, terminam em “ti”. O fato de que os demais vocabulários Guaná freqüentemente não tem esse “ti” permite, por si, reconhecer que essa sílaba final não pertence à raiz da palavra, e sim, tem de ser compreendida como **um sufixo com um significado qualquer**. Talvez os exemplos seguintes do material recolhido por mim sejam adequados para dar algum esclarecimento acerca do caráter desse sufixo]. (Negritos adicionados)

Enquanto a distinção rigorosa entre elementos vinculados ao radical e aqueles que funcionariam como afixos torna fora de dúvida a confiabilidade da segmentação lingüística proposta por Schmidt (1903), não se pode defender que o sul-americanista alemão tenha cumprido a contento a missão de identificar um sentido preciso para o “sufixo *-ti*”. No entanto, muito mais interessante do que frisar que Schmidt (1903) tenha ficado impossibilitado de determinar o valor de *-ti* é investigar o que seus colegas de especialidade teriam pensado desse aparente fracasso. Certamente, a questão deixada em aberto em nada abalou a credibilidade científica de Max Schmidt ou do artigo que ele escrevera. Afinal, coerentes com um projeto coletivo de construção do conhecimento, os sul-americanistas em foco prezavam as análises ainda provisórias que eram levadas ao conhecimento público. De um lado, esse material contribuía para o enriquecimento do sempre restrito acervo de dados sobre as línguas e culturas sul-americanas. De outro, prestava-se a fomentar o debate científico.

Por conta disso, afixos que ainda não se podia bem compreender mereciam tanta atenção quanto aqueles, por assim dizer, devidamente segmentados e classificados. Provavelmente, o então misterioso *-ti* do Guaná chegava a se revelar mais instigante do que o verbalizador *-ne* Carajá (Ehrenreich 1894: 52); do que o sufixo *-tipa* que indicaria interrogação em Cocama e Omagua (Rivet 1903: 175); ou do que os cinco sufixos Taulipang de plural (Koch-Grünberg 1928: 117).

De qualquer modo, não se podia definitivamente dar por encerrada a análise de uma unidade lingüística para a qual um pesquisador tinha descoberto uma função específica. Como qualquer outra comunidade científica, os sul-americanistas estudados promoviam a reavaliação de resultados da literatura, o que implicava a remodelação ou refutação de alguns deles. Adam, que discordou do ‘prefixo transitivo’ identificado por von den Steinen no Bacairi (cf. Adam 1893: 53), teve seu exame dos prefixos possessivos do Cocama e do Omagua questionado por Rivet (1910: 173). Sua afirmação de que o Bacairi não conheceria sufixo marcador de plural também não escapou às críticas. Capistrano de Abreu opôs-se declaradamente a essa postulação de Adam, enfatizando que havia três sufixos pluralizantes naquela língua (Abreu 1969[1895]: 148).

Uma observação mais atenta das muitas classificações em suspenso reconhecíveis nos trabalhos lingüísticos dos sul-americanistas do período 1890-1929 indicou que nem todas se encaixariam exatamente no modelo oferecido pelo sufixo *-ti* mencionado por Max Schmidt. Considero semelhantes ao problema presente em Schmidt (1903) somente os casos em que o estudioso estava seguro acerca da natureza da unidade, mas não podia fornecer qualquer suposição envolvendo sua função. Nesse subtipo, podem-se citar Ehrenreich (1895: 162) -- que isolou um prefixo *aru*, *arua* no Xerente, considerado impossível de explicar com os exemplos disponíveis -- e Adam (1905: 68), onde se lê acerca de uma unidade lingüística do Accawai: “66. KAICHARRA. La signification exacte de cette postposition est indéfinie.”

Agrupei, numa segunda categoria, ocasiões em que os etnógrafos-lingüistas construíram hipóteses relacionadas à função dos elementos que haviam segmentado. Exemplos disso se verificam na sugestão de Rivet (1921: 180) de que o sufixo Itonama *-tya* atuasse na composição de frases nominais e a proposta de Koch-Grünberg (1914: 58) de explicar o sufixo *-či* do Ipuriná como uma espécie de ‘abstratizador’. Indeciso quanto ao real valor de pronomes pessoais do Bacairi, Capistrano de Abreu serve também como ilustração dessa modalidade de classificação em aberto: “*Kɣura* e *hina* pode duvidar-se se significam nós, ou a gente, *on* francês, *man* alemão, antigo *homem* português, hoje obsoleto.” (Abreu 1969[1895]: 149, *italicos originais*)

As tentativas de análise que compõem o terceiro conjunto, por sua vez, patenteiam incertezas no tocante à categorização das unidades em foco. Como boa parte das línguas sul-americanas não diferenciariam claramente entre nomes e verbos (cf. Ehrenreich 1894: 52) e muitas deixariam de apresentar fronteiras nítidas entre adjetivos e advérbios ou entre adjetivos e substantivos (cf. Koch-Grünberg 1928: 130), tornavam-se comuns as hesitações dos etnógrafos-lingüistas para rotular unidades. Nem é preciso recorrer às seções de apontamentos gramaticais dos trabalhos lingüísticos para comprovar essa realidade, evidente já em listas de palavras. No vocabulário Jamamadi, Ehrenreich (1897a: 70) registrou “Fisch *hodini* (Verbum?)” [peixe *hodini* (Verbo?)]. De maneira semelhante, Koch-Grünberg (1928: 13) anotou para o Taulipang: „Donnergrollen, ferner Donner *eténka* (Verbalstamm?)“ [Trovão, trovão mais distante, *eténka* (raiz verbal?)].

Enquanto o acesso a um maior número de dados e o conhecimento mais aprofundado da língua auxiliavam indiscutivelmente a tarefa da segmentação de unidades, o processo de sua categorização se dava de modo diverso. Afinal, quanto mais estreito o contato do estudioso com a língua viva, em uso, mais variada se afigurava a gama de possibilidades de emprego de uma forma lingüística. Por isso, muitos sul-americanistas faziam suas as palavras que Koch-

Grünberg (1928: 184) exprimiu na gramática do Taulipang: „Doch unterliegt der Gebrauch der Wörter innerhalb der lebenden Sprache einer solchen Überfülle von Bezeichnungen aller Art, daß es schwierig ist, sie nach Klassen und in Reihen zu gruppieren.“ [Na realidade, o uso das palavras na língua viva lhes confere uma tal profusão de marcas de todo o tipo, que é difícil agrupá-las segundo classes e séries].

Não raro, os etnógrafos-lingüistas enfrentavam dificuldades para distinguir entre uma sentença e um vocábulo. A forma *wadari* do Carajá levou Ehrenreich (1894: 50) a escrever: “kalt (wahrscheinlich: mir ist kalt)” [frio (provavelmente: estou com frio)]. Segundo os informantes Ipuriná de Koch-Grünberg (1914: 76), o termo correspondente para “inimigo” em sua língua materna seria “*konenonenimaninoēra*”. Suspeitando de que a equivalência semântica das formas não se fizesse acompanhar por uma identidade do ponto de vista categorial, Koch-Grünberg acrescentou em nota de rodapé: “Satz?” [Sentença?]. Na medida em que se liga a reflexões em torno do real estatuto das palavras e das sentenças, a questão colocada por Koch-Grünberg não deve ser tomada apenas como um problema pontual. Palavras que se comportavam como sentenças de línguas européias ocupavam então o centro do debate em torno das características definidoras das línguas americanas.

3.2.4 A polissíntese e a incorporação

No período em foco, cada vez que se punha em pauta a existência de uma configuração gramatical comum a todas as línguas da América, marcavam presença na discussão as noções de “incorporação”, “polissintetismo” e “holofrase” (cf. Brinton 1970[1890], Brinton 1901: 56, Ribeiro 1906: 307, Grasserie 1914, dentre outros). Nem sempre definidos igualmente pelos especialistas, esses fenômenos, que convidavam à revisão das relações entre unidades lexicais e frasais, foram considerados típicos (embora não exclusivos) das línguas americanas⁷⁶.

Da mesma maneira que a maior parte de seus colegas de especialidade, Capistrano de Abreu deparou-se com casos de incorporação em seus estudos lingüísticos. Informou aos leitores, por exemplo, que o Bacairi indicava o “complemento de coisa” “por incorporação ao tema” verbal (Abreu 1969[1895]: 153). No *rã-txa hu-ni-ku~i*, Capistrano sublinhou a relevância daquele processo gramatical em dois âmbitos. Sua declaração aludiu tanto à língua em exame quanto aos debates teóricos travados no campo da lingüística americana: “A questão da incorporação é das mais arduas e sobre ellas [sic] discutem e dissentem as melhores autoridades. No caxinauá a incorporação parece elementar e onnipresente” (Abreu 1914: 27). Conforme testemunha a correspondência de Capistrano de Abreu, o estudioso viu-

⁷⁶ Ainda hoje, os estudos acerca da incorporação se voltam preferencialmente para as línguas da América (cf. Nowak 2001: 8935).

se desprovido do apoio bibliográfico necessário quando pretendia se aventurar na complexa tarefa de destrinchar as incorporações presentes na fala de Borô e Tuxin~i, seus informantes nativos. Em 28 de outubro de 1912, assim relatou a etapa em que se encontrava sua investigação do Caxinauá:

Falta [...] a gramática, ainda por começar.

É a parte de maior responsabilidade; para o **fenômeno da incorporação** não disponho de subsídios; um livro de Brinton, encomendado há tempos, nunca chegou, o *American Anthropologist* deste ano, que traz um artigo sobre o assunto, creio não existir no Rio; terei assim de meter-me em camisa de onze varas. (Carta a Arrojado Lisboa, Abreu 1954: 429, negritos adicionados)

Considerando-se os textos sobre o Caxinauá publicados por Capistrano de Abreu, não há como decidir se os trabalhos então desejados chegaram a lhe fazer companhia nos vaivéns da rede que lhe servia de escrivania. Incluindo um estudo extenso e minucioso acerca da incorporação, da polissíntese e da holofrase nas línguas americanas intitulado “Some Characteristics of American Languages”, os *Essays of an Americanist*, saídos em 1890, correspondem muito provavelmente à obra de Brinton que Capistrano procurava obter.

Fica fora de dúvida, de qualquer modo, que Ehrenreich dedicou sua atenção às opiniões de Brinton acerca daqueles fenômenos lingüísticos. Em meio às anotações manuscritas que o pesquisador alemão deixou acerca de línguas sul-americanas, figura um fichamento da primeira versão impressa de “Some Characteristics of American Languages”, que circulou nos *Proceedings of the American Philosophical Society* em 1885 (cf. Caixa 47/48 APE). As definições de “incorporação”, “polissíntese” e “holofrase”, reproduzidas abaixo, foram cunhadas por Brinton e representam trechos transcritos por Ehrenreich em suas notas.

Polysynthesis is a method of word-building, applicable either to **nominals or verbals**, which not only employs juxtaposition with aphaeresis, syncope, apocope, etc. but also words, forms of words and significant phonetic elements which have no separate existence apart from such compounds. [...]

Incorporation, *Einverleibung*, is a structural process **confined to verbs**, by which the nominal or pronominal elements of the proposition are subordinated to the verbal elements, either in form or position; in the former case having no independent existence in the language in the form required by the verb, and in the latter case being included within the specific verbal signs of tense and mood. [...]

Holophrasis does not refer to structural peculiarities of language, but to the psychological impulse which lies at the root of polysynthesis and incorporation. It is the same in both instances – **the effort to express the whole proposition in one word**. (Brinton 1970[1890]: 358-9, itálicos originais, negritos adicionados)

O trecho citado torna evidente que Brinton concebia a incorporação e a polissíntese como dois processos claramente diferenciados. Isso não valia para todos os americanistas, o

que fica patente em Grasserie (1914: 82), onde comparecem na condição de sinônimos “L’ incorporation ou polysynthèse grammaticale”⁷⁷. De acordo com Brinton (1970[1890]: 353), a incorporação efetuaria a inclusão no tema verbal de formas específicas dos nomes e, sobretudo, dos pronomes, diversas das que seriam observadas quando os mesmos elementos eram expressos de maneira independente. Também atestável em contextos nominais, a polissíntese poderia se manifestar por meio de pronomes possessivos obrigatoriamente unidos aos termos para as partes do corpo ou para relações próximas de parentesco; por meio de afixos que indicariam a que classe pertenceria o objeto ou de que material ele se compunha; assim como pela presença de partículas negativas ou diminutivas, dentre outras (idem: 360).

Brinton filiou sua abordagem do que chamou ‘plano incorporativo’ das línguas (p. 307) a concepções inicialmente propostas por Wilhem von Humboldt (1767-1835) e Peter Du Ponceau (1760-1844). Segundo defendeu o autor norte-americano, Humboldt teria acrescentado um quarto tipo aos três existentes na célebre classificação tipológica das línguas humanas. Sendo assim, ao lado de línguas isolantes, aglutinantes e flexionais ganharam atenção as incorporativas, grupo que conteria quase exclusivamente línguas da América. Toda a argumentação de Brinton tinha como objetivo levantar-se contra pesquisadores franceses que assumiam uma postura teórica divergente. Suas críticas mais diretas e duras foram endereçadas a Adam, que teria fornecido definições inconsistentes e incoerentes para incorporação e polissíntese em dois de seus trabalhos (v. Brinton 1970[1890]: p. 356, 362). Tudo leva a crer que a polêmica em torno daqueles conceitos tenha sido realmente acirrada. Conforme noticiou Brinton (1970[1890]: 389), Adam teria atacado “vigorosamente” os argumentos e a conclusão de “Some Characteristics of American Languages”, já em 1886, nas páginas do XIX Tomo da *Revue de Linguistique et de Philologie Comparée*.

Se, de um lado, podiam diferir no modo de compreender a incorporação e a polissíntese, de outro, os sul-americanistas dos anos 1890-1929 nunca deixavam de concordar num ponto: textos mostravam-se objetos preciosos para as análises gramaticais. A seção seguinte destinava-se a avaliar como aqueles especialistas conceberam a tarefa de recolher narrativas e em que medida o contato com textos influenciou sua visão das línguas em estudo.

⁷⁷ Diversamente das noções de incorporação e polissintetismo, o conceito de holofrase foi marcado antes pelo consenso do que pela polêmica. No próprio Grasserie (1914: 87), por exemplo, lê-se praticamente o mesmo que consta no texto transcrito de Brinton: «L’holophrase consiste, comme le système incorporant, à exprimer, autant que possible tous les mots de la proposition par un seul mot.»

3.3 A recolha de textos: o passo decisivo

Aber ich konnte dann gerade hier so recht sehen, dass Nachrichten u. sprachliche Untersuchungen stets minderwertig sind, so lange sie sich nicht auf Texte stützen.

[Mas, eu pude então ver aqui nitidamente que notícias sobre línguas e análises lingüísticas são sempre de pouco valor, quando não se apóiam em textos] (carta de Theodor Preuss a Theodor Koch-Grünberg, La Esperanza, 2 de julho de 1915, Série “Correspondência”, Pasta 19, ATKG)

Como exposto anteriormente, os sul-americanistas combinavam, em geral, estudos etnográficos a estudos lingüísticos. No caso da recolha e interpretação de mitos e lendas fica, mais do que em qualquer outro domínio de sua especialidade, transparente a ligação íntima entre etnografia e lingüística. Afinal, sem que se houvesse atingido conhecimento lingüístico suficiente para agrupar e traduzir textos tradicionais, encontrava-se logicamente fora de cogitação o exame minucioso de seu conteúdo.

No entanto, fariamos uma falsa idéia da Sul-americanística no período 1890-1929, se imaginássemos que a reunião de uma documentação de interesse para a investigação da cultura espiritual encerrava o trabalho lingüístico voltado aos mitos e lendas. As atividades de descrição e análise lingüística em torno das narrativas tradicionais, na realidade, desmembravam-se em dois movimentos. Em uma etapa preliminar, desenvolvia-se o que se pode chamar uma “lingüística para o texto”, ou seja, o desenvolvimento das competências necessárias para a obtenção de relatos em língua indígena. Dispondo de um elenco de mitos e lendas, o etnógrafo-lingüista via-se, então, em condições de realizar abordagens científicas da mitologia indígena e, ao mesmo tempo, de empreender uma “lingüística a partir do texto”. Nesse segundo momento, ele procurava refinar suas análises gramaticais e suas noções acerca da natureza peculiar de uma dada língua com base no que julgava ser um testemunho do uso lingüístico real (cf., por exemplo, Koch-Grünberg 1928: 187).

3.3.1 Os estudos em mitologia comparada

Ainda que meus objetivos como historiógrafa da lingüística me levem obrigatoriamente a priorizar a avaliação da lingüística dos sul-americanistas, o panorama que pretendo reconstruir perderia muito, caso eu silenciasse acerca da atenção então dispensada à mitologia comparada. Então detendor de prestígio tanto nas ciências naturais quanto na lingüística (cf. Ehrenreich 1910: 20, Schmidt 1926: 28, 29, 38), esperava-se do método comparativo que fornecesse uma base científica sólida também para a busca de motivos coincidentes e

concepções similares em narrativas míticas de diversas regiões do mundo. Nesse contexto, os mitos registrados na América do Sul tanto serviam para iluminar tradições reconhecidas noutras partes do globo, como ganhavam significação mais precisa em face daquelas tradições.

Um pesquisador-viajante russo teria lembrado no XIV Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em Stuttgart em 1904, que mitos sul-americanos podiam ser associados a mitos asiáticos e do Pacífico (cf. Ehrenreich 1904). No ano seguinte, coube a Ehrenreich publicar o influente *Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der Alten Welt* [Os mitos e lendas dos povos primitivos da América do Sul e sua relação com os da América do Norte e do Velho Mundo]. Os objetivos perseguidos nessa obra irmanavam-se aos visados pelos membros da *Gesellschaft für vergleichende Mythenforschung* [Sociedade para pesquisa em mitologia comparada] fundada em Berlim em 6 de junho de 1906. Empenhada na divulgação da produção científica naquele campo, a Sociedade atuava inclusive na edição de obras, como Ehrenreich (1910).

A ordem de publicação dos volumes de *Vom Roroima zum Orinoco* vem comprovar que os sul-americanistas em foco prezavam as pesquisas no campo da mitologia. Conforme consta de uma carta a Teodoro Sampaio e de outra endereçada ao venezuelano Alfredo Jahn (1867-1940), Koch-Grünberg planejava inicialmente reservar o terceiro volume da série, reportando os resultados da sua expedição à Amazônia entre 1911 e 1913, para a reprodução e exame das narrativas tradicionais dos Taulipang e Arekuná⁷⁸. No entanto, afinado com os interesses de seus colegas de especialidade, Koch-Grünberg logo modificou o programa de sua obra, fazendo com que a mitologia se convertesse em assunto do segundo volume e a abordagem da cultura material das sociedades visitadas recheasse o terceiro. Da parte de Koch-Grünberg, não se nota qualquer pressa em publicar o primeiro volume que, por conter o relato do andamento da expedição, estaria muito mais voltado para o grande público do que para cientistas. Em 21 de outubro de 1915, Koch-Grünberg deixou claras, para seu editor, as intenções de inaugurar a publicação de sua obra de viagem pelo segundo volume, embora o quinto já se encontrasse em fase avançada de impressão. O sul-americanista justificou sua escolha sublinhando que os mitos e lendas assumiriam uma relevância científica superior à dos registros fotográficos reunidos no volume quase pronto (carta de Theodor Koch-Grünberg a Ernst Vohsen, responsável pela editora Dietrich Reimer, Série “Correspondência”, Pasta 19, ATKG). Mesmo sem esquecer que os retratos dos indígenas preservariam a imagem de

⁷⁸ Cf. rascunho manuscrito a lápis de carta a Teodoro Sampaio, sem data (1915) e carta a Alfredo Jahn, Freiburg, 2 de outubro de 1914, Série “Correspondência”, Pasta 17, ATKG.

grupos humanos que se considerava destinados a desaparecer em pouco tempo, Koch-Grünberg preferiu tornar acessível, sem muita demora, a sua contribuição para a mitologia comparada.

Nem se faz necessário recorrer a uma gama muito ampla de trabalhos publicados, como Kissenberth (1912: 40), para verificar que a mitologia comparada empolgava os etnógrafos-lingüistas. A correspondência pessoal de Koch-Grünberg oferece dezenas de cartas contendo aproximações entre lendas de diversas partes da América ou, mesmo, entre narrativas sul-americanas e tradições características de outros continentes. Para Lehmann-Nitsche, por exemplo, os relatos mitológicos que Koch-Grünberg escutou na Amazônia contavam com paralelos no México. Outro intelectual alemão assegurou a Koch-Grünberg que as lendas amazônicas o levavam a recordar narrativas vindas da Polinésia⁷⁹.

Não importa que regiões do globo um estudioso tinha em mente, sua interpretação somente merecia crédito se construída com base em relatos autênticos, desprovidos de influências européias. Afinal, pouco se podia inferir acerca das concepções verdadeiramente indígenas quando se tomavam por objeto de estudo lendas entremeadas de motivos espanhóis (cf. Nordenskiöld 1922: 134-135, Koch-Grünberg 1927[1920]: II) ou, por conta da ação dos missionários, judaico-cristãos (Koch-Grünberg 1924[1916]: 4). Isso explica porque Koch-Grünberg lamentou que Lehmann-Nitsche tivesse divulgado inicialmente sua coleção de lendas chilenas marcadas pelo influxo europeu, deixando em segundo plano o material de cunho mais fiel às raízes nativas (carta a Walter Lehmann, 24 de março de 1919, Pasta 27, Série “Correspondência”, ATKG). Esclarece, igualmente, a atitude de Koch-Grünberg no período em que compunha a coletânea *Indianermärchen aus Südamerika* [Lendas indígenas da América do Sul]. Ainda que o lançamento editorial visasse ao grande público, tendo na mira inclusive zelosas mães, seu organizador priorizou a reunião de “Märchen [...] ohne spanisch-christlichen Einfluss” [lendas [...] sem influência hispânico-cristã] (carta a Gustaf Bolinder, 26 de março de 1917, Pasta 22, Série “Correspondência”, ATKG⁸⁰).

⁷⁹ Cf. carta de Robert Lehmann-Nitsche a Theodor Koch-Grünberg, 24 de fevereiro de 1920, Pasta 19; Carta de Ludwig Harald Schütz a Koch-Grünberg, 19 de abril de 1917, Pasta 23; ambas pertencentes à Série “Correspondência”, ATKG. Também mencionam comparações entre relatos mitológicos, dentre outras, as cartas: de Theodor Preuss a Koch-Grünberg, 23 de maio de 1913, Pasta 15; de Erland Nordenskiöld a Koch-Grünberg, 10 de fevereiro de 1915, Pasta 17 e 12 de setembro de 1915, Pasta 19; de Dr. H. Kunike a Koch-Grünberg, novembro de 1916, Pasta 21; de Koch-Grünberg a Curt Nimuendajü-Unkel, 5 de dezembro de 1915, Pasta 19; de Koch-Grünberg a Erland Nordenskiöld, 2 de maio de 1916, Pasta 21 (todas parte da Série “Correspondência”, ATKG).

⁸⁰ Cf. tb. carta de Koch-Grünberg a Gustaf Bolinder, de 26 de fevereiro de 1917 e a resposta de Bolinder, em 15 de março do mesmo ano, Pasta 22, Série “Correspondência”, ATKG.

3.3.2 A lingüística a partir do texto: um encontro com a verdadeira língua

Conservadas até mesmo por alguns índios que já tinham entrado em contato com o ideário dos brancos (cf. Nordenskiöld 1924: 10), as narrativas autênticas que propiciavam o exame científico da mitologia indígena mostravam-se igualmente imprescindíveis ao que venho chamando a “lingüística a partir do texto” dos sul-americanistas em consideração. Por um lado, lendas e mitos forneciam dados que permitiam ajustes nas listas de palavras anteriormente recolhidas e o aperfeiçoamento de paradigmas e análises gramaticais antes propostos. Nesse sentido, chegavam a funcionar como “Kontrolle für das publizierte Material” [controle para o material publicado], segundo as palavras de Seler, um dos membros de maior destaque da seção “América” do Museu Etnológico de Berlim.⁸¹ Para além de servir de ‘prova dos nove’ para listagens lexicais e para descrições de fenômenos morfológicos, as narrativas tradicionais descortinavam aos estudiosos novas (e mais reais e fascinantes) dimensões da língua.

No período entre 1890 e 1929, os especialistas em línguas da América do Sul concordavam que o encadeamento natural, o colorido e a vivacidade dos relatos tradicionais correspondiam a um retrato muito mais fiel de uma língua do que as frases soltas, penosa e mecanicamente traduzidas, inevitáveis nos primeiros contatos entre pesquisador e informantes. Sendo assim, como lembrou Rivet (1921: 173), antes que se conhecessem textos de uma dada língua, nada de seguro poderia ser afirmado acerca de sua complexidade real. Nessa mesma linha, Preuss aconselhou um colega menos experiente que “wirklich zuverlässiges sprachliches Material nur erzielt werden kann, wenn man sich von Eingeborenen ihre Traditionen, Mythen und Märchen langsam diktieren lässt” [material lingüístico realmente confiável somente pode ser obtido, quando se deixa os nativos ditarem com vagar suas tradições, mitos e lendas] (carta a José Steinbach, Berlim, 19 de setembro de 1909, Autos do MEB referentes a aquisições da seção “América”, vol. IB 32). Em uma carta a Koch-Grünberg, P. W. Schmidt tocou na essência do que rotulo como “lingüística a partir do texto”, enfatizando que

haben die Mythen, wenn sie im Urtext aufgenommen werden, auch noch den unschätzbaren Vorteil, daß sie die zuverlässigste Grundlage bieten, aus der später in aller Muße die genaue Grammatik der Sprache herausgearbeitet werden kann
[os mitos, quando são registrados na versão original tem também a indiscutível vantagem de oferecer a base mais confiável para que, posteriormente, com todo o vagar, a exata gramática da língua possa ser esquadrinhada] (carta de P. W. Schmidt a Theodor Koch-Grünberg, de 6 de fevereiro de 1912, Série “Correspondência”, Pasta 13, ATKG).

⁸¹ Carta de Eduard Seler a José Steinbach, Berlim, 12 de agosto de 1909, Autos do MEB referentes a aquisições da seção “América”, Vol. IB 32.

O líder intelectual Koch-Grünberg⁸² também se valeu de sua correspondência com outros sul-americanistas para frisar que as narrativas tradicionais representavam o melhor campo para estudos gramaticais, uma vez que encerrariam a única via de acesso à língua ‘real’. As palavras dirigidas ao venezuelano Lisandro Alvarado (1858-1929) tornam isso evidente⁸³:

Nur in diesen Erzählungen, die fast unverändert durch Generationen von Mund zu Mund gehen, tritt uns die **wirkliche Sprache** eines Stammes entgegen. Deshalb bieten diese Traditionen, neben ihrer kulturellen und mythologischen Bedeutung, **das beste Material für die Grammatik einer Sprache**.

[Somente nessas narrativas, que vão quase inalteráveis de boca em boca por gerações, deparamo-nos com a **verdadeira língua** de uma tribo. Por isso, essas tradições oferecem, ao lado da sua importância cultural e mitológica, **o melhor material para a gramática de uma língua**] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Lisandro Alvarado, 21 de setembro de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 30, ATKG, negritos adicionados).

Escrevendo a Nimuendajú-Unkel, Koch-Grünberg fez questão de sublinhar quão limitadas, na tarefa de refletir a natureza da língua, se mostravam as recolhas de frases isoladas. Paralelamente, lembrou o papel central das narrativas para a formulação de interpretações gramaticais e indicou que os relatos, acompanhados de sua precisa tradução interlinear, detinham uma capacidade única de revelar ao estudioso a vivacidade da língua.

Am unfehlbarsten für die grammatikalische Beurteilung sind natürlich zusammenhängende Texte mit genauer Interlinearübersetzung, auf deren grosse Wichtigkeit ich Sie immer wieder von neuem hinweisen möchte. Sätze, die man den Indianern auf Portugiesisch oder Spanisch oder Lingoa geral vorspricht und in ihrer Sprache übersetzen lässt, sind natürlich auch von Wert, aber nur ein Notbehelf. Der Indianer übersetzt eben gezwungen, wie wir es auch tun, zumal wenn wir die fremde Sprache nicht ganz beherrschen. **Nur die zusammenhängenden Texte in Mythen und Legenden geben uns die natürliche, ungezwungene Sprache**.

[**A base mais certa para um julgamento gramatical são naturalmente textos coesos com exata tradução interlinear**, cuja grande importância gostaria de reafirmar sempre para o Sr. Frases, que se enunciam aos índios em Português, Espanhol ou Língua Geral para que as traduzam para sua língua, são também naturalmente de valor, mas apenas um recurso emergencial. O índio traduz forçado, inevitavelmente, como também nós fazemos, em especial quando não dominamos de todo a língua estrangeira. **Apenas os textos coesos dos mitos e lendas nos dão a língua natural, espontânea**] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Curt Nimuendajú-Unkel, 5 de dezembro de 1915, Pasta 19, Série “Correspondência”, ATKG, negritos adicionados).

⁸² Sobre a liderança intelectual de Koch-Grünberg, cf., por exemplo, Nordenskiöld (1922: 124-5, nota de rodapé), Hestermann (1927) e carta de Koch-Grünberg a Curt Nimuendajú-Unkel de 20 de maio de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG.

⁸³ Com conteúdo semelhante, pode ser citada, dentre outras, a carta de Theodor Koch-Grünberg a Paul Rivet, de 27 de novembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG.

A cuidadosa tradução interlinear, pouco interessante do ponto de vista da mitologia comparada⁸⁴, fazia-se indispensável sempre que os mitos e lendas convertiam-se em objeto de estudo da “lingüística a partir do texto”. Não chegam a provocar admiração, portanto, as repetidas e veementes investidas de Koch-Grünberg com o intuito de estimular seus colegas de especialidade a agrupar elencos de narrativas tradicionais, traduzidas dessa maneira. O pesquisador-viajante sueco Bolinder, por exemplo, foi aconselhado pelo autor de *Vom Roroima zum Orinoco* a coletar entre os Motilones e Guajiros preferencialmente mitos e lendas na versão original.⁸⁵ H. Schmidt foi convocado por Koch-Grünberg a registrar “im Urtext mit genauer Übersetzung in Lingoa Geral und Deutsch” [na versão original e com a exata tradução em Língua Geral e em Alemão] a lenda da festa de Jurupari segundo os Tariana⁸⁶. Tastevin, por sua vez, recebeu a seguinte recomendação de Koch-Grünberg:

Sehr wichtig sind Aufzeichnungen von Indianer-Mythen und –Erzählungen im **Urtext mit genauer (Interlinear-) Übersetzung**. Nur in diesen Erzählungen, die sich wörtlich vom Vater auf den Sohn vererben, kann man die wirkliche, grammatikalische Sprache des betreffenden Stammes kennen lernen.

[Muito importantes são os registros de mitos e narrativas indígenas na **versão original com exata tradução (interlinear)**. Somente nessas narrativas, herdadas, literalmente, de pai para filho, pode-se conhecer a verdadeira gramática da língua da tribo em foco] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Constantino Tastevin, de 13 de julho de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 31, ATKG, negritos adicionados)

Com efeito, várias cartas de autoria de Koch-Grünberg se filiam às citadas logo acima por conterem apelos visando que lendas em versão original fossem reunidas e providenciada sua tradução acurada. Dentre elas, julgo conveniente mencionar uma em que a investigação dos mitos e lendas caxinauás, desempenhada por Capistrano de Abreu, aparece como modelo a ser seguido.

Herr Alvarado [...] würde sich mit der Aufzeichnung venezolanischer **Indianersagen im Urtext mit genauer Übersetzung** ein grosses Verdienst erwerben. Kennen Sie das einzigartige, grosse Werk des Brasilianers Capistrano de Abreu über die Cachinaua-Indianer? Ich habe es mehrfach für mein „Märchenbuch“ benutzt. **So etwas Ähnliches müsste** Herr Alvarado auch für seine Karaiben **machen**.

⁸⁴ Em Nimuendajú-Unkel (1915), por exemplo, reproduzem-se dez lendas dos Tembé, unicamente em Alemão. Um cartão endereçado a Koch-Grünberg solicitando o envio, para uma revista especializada em história das religiões, exclusivamente da tradução para o Alemão de mitos da Guiana fornece mais um testemunho de que, para análises em mitologia comparada, a versão original dos mitos podia ser deixada de lado (Cartão remetido pela “Redaktion des Archivs für Religionswissenschaft der Religionsgeschichtlichen Versuche und Vorarbeiten der Religionswissenschaftlichen Bibliothek”, [c. 1913], Série “Correspondência”, Pasta 16, ATKG).

⁸⁵ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Gustaf Bolinder, de 24 de maio de 1918, Série “Correspondência”, Pasta 24, ATKG.

⁸⁶ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a “Herrn Schmidt”, sem data, Série “Correspondência”, pasta 6, ATKG.

[O Sr. Alvarado [...] alcançaria um grande mérito com o registro de **lendas indígenas** venezuelanas **na versão original com tradução exata**. O Sr. conhece a singular, grande obra do brasileiro Capistrano de Abreu sobre os índios Caxinauá? Eu a utilizei várias vezes para o meu ‘livro de lendas’ [Koch-Grünberg 1927(1920)]. **Algo similar deveria fazer** o Sr. Alvarado para os seus Caribes] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Alfredo Jahn, Stuttgart, 9 de abril de 1921, Série “Correspondência”, ATKG, sublinhado original, negritos adicionados).

3.3.3 A concepção de tradução ideal

Nesse ponto de minha exposição, vale a pena questionar o que os sul-americanistas do período 1890-1929 compreendiam por ‘tradução exata’ dos mitos e lendas. Afinal, não existe uma noção inequívoca e dada de antemão para isso. Como destacou Illius (1999: 29), as traduções de textos indígenas freqüentemente não conseguiram fugir aos extremos. Enquanto algumas mostraram-se livres demais, outras, na intenção de ater-se a cada palavra e imitar a sintaxe do original, acabaram construindo textos desajeitados e que soam injustamente ingênuos.

Uma pista significativa acerca do caráter ideal de uma tradução para aqueles sul-americanistas reside no elogio de P. W. Schmidt à “so **objektiv**-wissenschaftlicher Übersetzung” [tradução tão científica e **objetiva**, negrito adicionado] dos mitos Taulipang e Arekuná oferecida por Koch-Grünberg no segundo volume de *Vom Roroima zum Orinoco*⁸⁷. A opinião do diretor de *Anthropos* deixa entrever a meta que os etnógrafos-lingüistas de então perseguiram: a reprodução dos textos indígenas com a menor interferência possível da subjetividade do estudioso. Diversamente de um missionário protestante britânico criticado por Koch-Grünberg (1927[1920]: II), jamais um sul-americanista ‘sério’ se atreveria a alterar a linguagem das narrativas que coletara. Fiel a esse preceito, Nimuendajú-Unkel (1914: 285) ressaltou que, apesar de seu excelente domínio da língua Guaraní, não havia mudado em uma vírgula o que seus informantes lhe contaram. Assim, evitara que se intrometesse em algum dos relatos seus “einigen Stil und [...] individuellen Anschauungen” [estilo próprio e concepções individuais] (Nimuendajú-Unkel 1914: 285).

Os sul-americanistas do período em foco viram Capistrano de Abreu como outro dos colegas que souberam libertar-se de suas preferências estilísticas e julgamentos pessoais ao lidar com as narrativas indígenas. Não fosse assim, Koch-Grünberg (1924[1916]: 304, nota 4) não teria destacado a importância do *rã-txa hu-ni-ku-~i* com a seguinte formulação: “Die Sammlung ist besonders dadurch wertvoll, daß sie sämtliche Legenden im Urtext **mit genauer Übersetzung** enthält” [A coletânea é especialmente valiosa, porque contém todas as lendas na versão original **com exata tradução**] (negritos adicionados). Se, por um lado,

⁸⁷ Cf. recorte de resenha de P. W. Schmidt acerca dos dois primeiros volumes de *Vom Roroima zum Orinoco*, publicada em *Anthropos* XII/XIII, 1917/1918, Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG.

ficava fora de dúvida que Capistrano não tinha empreendido uma tradução ‘livre demais’ dos relatos caxinauás, as versões portuguesas que cunhou não primam pela fluência e inteligibilidade, uma vez que obedecem rigorosamente à sintaxe do original. Enquanto seu artigo sobre a língua Bacairi estampa uma “tradução livre” para esclarecimento da “tradução interlinear”, cuja compreensão demandaria familiaridade com aquela língua indígena (Abreu 1969[1895]: 155-156), Capistrano oferece no *rã-txa hu-ni-ku-~i* exclusivamente traduções interlineares.

A falta de traduções paralelas, em Português corrente, dos mitos e lendas caxinauás exige do leitor do *rã-txa hu-ni-ku-~i* um considerável esforço de interpretação e representava um incômodo para quem desejasse acessar rapidamente elementos do conteúdo dos textos. Na correspondência de Koch-Grünberg, encontra-se um exemplo concreto dessa situação. Sabendo que Nordenskiöld buscava informações sobre ritos indígenas que envolviam o enegrecimento dos dentes, o colega alemão sugeriu-lhe a consulta de trechos do *rã-txa hu-ni-ku-~i*.⁸⁸ Em sua resposta, Nordenskiöld agradeceu a indicação e aludiu às dificuldades que a leitura da obra de Capistrano impunha: “Dank auch für das Zitat aus Capistrano de Abreu [...] Abreu ist ja grässlich zu lesen.” [Obrigado também pela citação de Capistrano de Abreu [...] Abreu é mesmo horrível de ler] (carta de Erland Nordenskiöld a Theodor Koch-Grünberg, de 11 de junho de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG, sublinhado original). Erraria quem procurasse responsabilizar a língua Portuguesa pela sensação desagradável experimentada por Nordenskiöld. Com efeito, compatriotas de Capistrano também revelaram-se pouco à vontade diante da versão portuguesa dos textos caxinauás. Sirva de ilustração, o que Teodoro Sampaio afirmou acerca do *rã-txa hu-ni-ku-~i*: “Parece esse livro, [...] uma massa informe de impossível compreensão, um amontoado de frases, numeradas, tão estranhas no seu contexto bárbaro, como **desconcertadas na versão portuguesa** que de lado as acompanha” (Sampaio 1955[1915]: 125, negritos adicionados).

A preparação de *Indianermärchen aus Südamerika*, coletânea que inclui a tradução para o Alemão de treze lendas retiradas do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*⁸⁹, obrigou Koch-Grünberg a ordenar

⁸⁸ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Erland Nordenskiöld, de 20 de maio de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG.

⁸⁹ Na enumeração que se segue, apresento o título dado às treze lendas caxinauás em Alemão por Koch-Grünberg, antecedido pela numeração estabelecida por Koch-Grünberg (1927[1920]) e o título original em Abreu (1914), entre parênteses: 84. Die Sintflut (o cataclismo); 85. Der Mond (a lua); 86. Der wunde Mann, die Aasgeier und die Ratte (o chagado, os urubús e o rato); 87. Lehmhans (maria de barro); 88. Wie der Hirsch die Kaschinaua den Ackenbau lehrte (veado ensinando a fazer roça); 89. Nasenbär, Taube und Faultier (coaty, jurity e preguiça); 90. Die Jaguarin, die ihre Enkel fraß (a onça que comeu os netos); 91. Wie der Zitteraal entstand (o caxinauá que virou puraquê); 92. Wie die Wespe die Aasgeier betrog (o maribondo e os urubus); 93. Ich’tika, die Kröte (sapo); 94. Der Krüppel, der sich in eine Schildkröte verwandelte (o aleijado que virou jabuty); 95. Die Ratte, die sich in die Fledermaus verwandelte (o rato que virou morcego) e 96. Der aufmerkte Ameisenbär (tamanduá resuscitado).

aquele “amontoado de frases”. Antes de procurar formas correspondentes em sua língua materna, o sul-americanista alemão tinha, obrigatoriamente, de recompor o texto em Português. Tal processo de trabalho foi abordado em carta a outro renomado etnógrafo-lingüista: „Ich übersetze jetzt die Kaschinaua-Mythen aus Capistrano de Abreu's famoser Sammlung ra-txa hu-ni-ku- [sic]. Es sind prächtig ursprüngliche Sachen, aber man muss sie erst hineinlesen, da er fast nur Interlinearübersetzungen gibt“. [Agora estou traduzindo os mitos caxinauá da esplêndida coletânea de Capistrano de Abreu ra-txa hu-ni-ku [sic]. São coisas magnificamente originais, mas é preciso inicialmente decifrá-las, porque ele dá quase exclusivamente traduções interlineares] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Walter Lehmann, de 24 de março de 1919, Série “Correspondência”, Pasta 27, ATKG, sublinhado original). Comparando-se um trecho do *rã-txa hu-ni-ku-~i* (I) à sua tradução para o Alemão (II), pode-se fazer uma idéia mais clara da árdua tarefa levada a cabo por Koch-Grünberg.

(I) 5404. os caxinauás moram, casas fizeram, muito aldeias bonitas com moram, muito legumes abundam.

5405. os caxinauás em coisa alguma pensam não (nada receiam), muito felizes são, moram, longe-não de rio caudaloso à beira moram.

5406. caxinauás todos moram.

5407. chove compridamente, chove, ao sol alto chove, escuro dentro chove, muito chovendo compridamente está. (Abreu 1914: 481)

(II) Die Kaschinaua lebten zufrieden, bewohnten viele schöne Dörfer und hatten Überfluß an Nahrungsmitteln. Sie dachten an nichts Schlimmes. Sie waren sehr glücklich. Sie wohnten am Ufer des reißenden Stromes. Da begann es zu regnen, unaufhörlich. Es regnete am hellen Tag; es regnete in tiefer Nacht.

[Os Caxinauás viviam satisfeitos, habitavam muitas belas aldeias e tinham fartura de alimentos. Eles não pensavam em nada ruim. Eles eram muito felizes. Eles moravam às margens da corrente caudalosa. Então começou a chover, ininterruptamente. Chovia no dia claro; chovia na noite fechada] (Koch-Grünberg 1927[1920]: 229)

O cotejo de (I) com a versão original em Caxinauá assumia grande utilidade para quem tinha em mente o exame da “lingüística a partir do texto”, caso de Hestermann que manifestou o desejo de publicar uma gramática do Caxinauá⁹⁰. O pesquisador que quisesse se embrenhar na mitologia comparada, por sua vez, preferiria evidentemente trabalhar com textos cuja estrutura se assemelhasse à de (II). Lembrando que os sul-americanistas, não raro, dedicavam-se com afínco comparável às duas atividades científicas fica patente sua necessidade tanto de versões das lendas capazes de tornar mais transparente a natureza própria da língua indígena, como de traduções com sintaxe adaptada que reproduzissem de modo mais acessível motivos, imagens e concepções. Não é difícil verificar que Koch-Grünberg, ao

⁹⁰ Cf. carta de Ferdinand Hestermann a Theodor Koch-Grünberg, 20 de dezembro de 1916, Pasta 22, Série “Correspondência”, ATKG.

publicar os resultados científicos de sua expedição à Amazônia entre 1911 e 1913, levou em consideração essa dupla demanda. Dedicado ao estudo dos mitos e lendas Taulipang e Arekuná, o segundo volume da série, saído pela primeira vez em 1916, contém cinquenta e dois relatos. Para catorze deles, foi apresentada a versão original e sua tradução interlinear para o Alemão, além da tradução mais livre obtida a partir de uma narração em Português. Claramente destinada aos interessados em análises gramaticais, essa tradução interlinear encerra a divisão das palavras em suas partes componentes, auxiliando a identificação de radicais e afixos. Assim, sem que tivessem de esperar pelo surgimento do quarto volume, voltado especificamente para investigações lingüísticas, os sul-americanistas já podiam conhecer dados como *y-élema-ko* / mich sieh! [me veja!] ou *konó-za*/ Regen [chuva] (Koch-Grünberg 1924[1916]: 195, 193).

Koch-Grünberg (1924[1916]: 2) nos adverte que nem sempre teve condições de segmentar as palavras presentes nas traduções interlineares. Em consequência disso, o segundo volume de *Vom Roroima zum Orinoco* ostenta notas de rodapé aludindo à impossibilidade de se ‘traduzir gramaticalmente’ um termo (caso da nota 3 na p. 111 e da 1 na p. 114) ou esclarecendo que a tradução pôde unicamente ater-se ao significado global do original (como na nota 5 da p. 123). Há notas, ainda, que remetem a problemas incontornáveis para as análises morfológicas trazidos por formas lingüísticas arcaicas, conservadas apenas na linguagem dos feiticeiros e nas narrativas míticas (cf., por exemplo, p. 238, nota 4).

3.3.4 Os relatos tradicionais como reveladores de mecanismos discursivos

Merecem especial atenção, dentre as notas de rodapé presentes em Koch-Grünberg (1924[1916]), as que indicam o quanto os relatos tradicionais ensinavam acerca do estilo de narrar e dos procedimentos discursivos da comunidade lingüística em foco. Em diversas ocasiões, Koch-Grünberg registrou que os Taulipang não marcavam a reprodução do discurso de outrem com as expressões “falou” ou “ele falou”, quando se podia inferi-las (cf., por ex., p. 155, nota 5; p. 195, nota 1; p. 197, nota 1 e p. 204, nota 1). Afiguram-se igualmente numerosas as notas de rodapé que destacam partículas enfáticas como *-kanan*, *-nag* e *-kulu*⁹¹. Vale mencionar, no conjunto das notas de rodapé atinentes a hábitos lingüísticos dos Taulipang, uma em que Koch-Grünberg comentou, a respeito de “*au-íži-mã* / du bist?” [você está?]: “Oft gebraucht Redensart in den Erzählungen und im Verkehr. Sinn: ‘Was machst du da?’ ” [Expressão idiomática utilizada freqüentemente nas narrativas e na comunicação

⁹¹ Sobre *-kanan*, v. Koch-Grünberg (1924[1916]): 190, nota 8; 206, nota 2; 225, nota 3. Sobre *-nag*, v. Koch-Grünberg (1924[1916]): 197, nota 3; 242, nota 2. Sobre *-kulu* v. Koch-Grünberg (1924[1916]): 205, nota 4; 207, nota 3; 217, nota 4; 234, nota 5.

ordinária. Sentido: “O que você está fazendo aqui?”] (Koch-Grünberg 1924[1916]: 193, nota 5).

Especificamente encarregado da investigação lingüística dos mitos Taulipang e Arekuná, o quarto volume de *Vom Roroima zum Orinoco* teve sua publicação retardada por causa da crise financeira do pós-guerra⁹². Embora Koch-Grünberg esperasse vê-lo composto no final de 1924⁹³, somente em 1928 saiu a edição póstuma organizada por Hestermann. Já na primeira seção da obra salta aos olhos seu duplo objetivo: comunicar os resultados da lingüística a partir dos textos empreendida por Koch-Grünberg e servir como instrumento para que outros estudiosos desenvolvessem sua própria lingüística a partir dos textos. Afirmo isso porque a listagem de palavras e expressões Taulipang, que inicia o volume, conta com um minucioso sistema de remissivas apontando em que trecho dos mitos e lendas se podia identificar ocorrências de cada um de seus itens. Koch-Grünberg teve, também, o cuidado de revelar quais formas lingüísticas não pertenciam ao uso cotidiano, surgindo apenas nas fórmulas mágicas (cf., por ex., Koch-Grünberg 1928: 10-11, 30, 32).

O mergulho mais profundo na lingüística dos textos Taulipang e Arekuná, que caracteriza o quarto volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, levou Koch-Grünberg a modificar em diversos pontos a tradução anteriormente impressa no segundo (cf. Koch-Grünberg 1928: 98, 130, 153, 204). Numa dessas alterações pode-se perceber nitidamente um movimento de recategorização do item lexical, além do reconhecimento de uma construção enfática. O segundo volume traz a forma verbal no imperativo “warte!” [espera!] como o correspondente alemão para o vocábulo Taulipang *ma:sá*, enquanto no quarto volume é proposta uma equivalência com os advérbios de tempo “sofort” e “sogleich” [imediatamente]. Atento às intenções comunicativas dos narradores indígenas, Koch-Grünberg (1928: 56, nota 1) assinalou, ainda, que a associação entre *ma:sá* e verbos no imperativo conferia ênfase ao processo verbal.

Tanto no segundo como no quarto volumes de *Vom Roroima zum Orinoco*, seu autor destacou o papel das muitas interjeições, em que enxergava “[e]in Zeichen für die Lebhaftigkeit der Sprache” [um sinal da vivacidade da língua, Koch-Grünberg 1924[1916]: 2]. Se tivesse investigado o Taulipang com base unicamente em listas de palavras e coletas de frases isoladas, Koch-Grünberg provavelmente teria ficado impedido de reconhecer o mecanismo, que considerou bastante produtivo naquela língua, de converter formas verbais em interjeições (cf. Koch-Grünberg 1928: 147).

⁹² Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a P. W. Schmidt, 28 de fevereiro de 1922, Série “Correspondência”, Pasta 33, ATKG.

⁹³ Cf. carta de Theodor Koch-Grünberg a Dr. Karl Ebel, de 17 de abril de 1923, Série “Correspondência”, Pasta 34, ATKG.

Da mesma maneira que as narrativas Taulipang sugeriram a Koch-Grünberg o caráter enfático de *mä:sá* e *-kanan*⁹⁴, outros etnógrafos-lingüistas que fundaram seus estudos lingüísticos em textos puderam notar a existência de partículas de ênfase. Como abordará o item 4.5.4, Capistrano de Abreu buscou compreender o funcionamento de elementos dessa natureza em Caxinauá. Prosseguindo na trilha aberta por Steinen (1892), Capistrano reportou-se também a construções enfáticas em Bacairi. Em Abreu (1969[1895]: 146) ficou registrado: “Difícilmente escapará ao leitor a freqüência com que os substantivos e verbos terminam em *l* ou *r* seguido de uma vogal. É que o Kɣura-itano [denominação dada ao Bacairi pelos falantes nativos] possui uma partícula que Steinen escreve *lō*, própria para indicar a ênfase.” Capistrano informou, no mesmo artigo, que a terminação bacairi *di-li*, *wi-li*, *li-li* podia atuar como um verbo auxiliar ou apresentar valor “unicamente enfático” (idem). Além disso, defendeu que o uso de uma partícula enfática seria um meio do falante de Bacairi transmitir uma idéia aproximável à de adjetivo no grau superlativo em Português (Abreu 1969[1895]: 149).

A seção “II. Dialekt [Dialeto]” de Nimuendajú-Unkel (1914: 295-300) configura um exemplo modelar de “lingüística a partir do texto”. Em sua grande maioria, as observações lingüísticas ali expostas foram motivadas e ilustradas por estruturas constantes de mitos religiosos Apapocúva-Guarani. Como vários de seus colegas de especialidade, Nimuendajú-Unkel (1914: 299) não esqueceu de examinar nas narrativas indígenas os procedimentos de que o falante dispunha para expressar ênfase. Segundo ele, o emprego de *catú* nas narrativas dos Apapocúva fazia lembrar o emprego de „wohl, recht, doch, gleich“ pelos alemães.

Em decorrência do contato com autênticos contadores de histórias, os sul-americanistas do período 1890-1929 puderam não apenas distinguir marcadores lingüísticos de ênfase, como também tiveram chance de admirar o colorido que imprimiam aos relatos a movimentação corporal e as inflexões vocais dos narradores indígenas. Koch-Grünberg referiu-se ao ímpeto dramático dos índios que, durante uma narração, gesticulavam animadamente e davam saltos e louvou, em especial, o talento de ator e a arte de contar histórias do feiticeiro Arekuná Möseuaípu (Koch-Grünberg 1927[1920]: IV; 1924[1916]: V). Em Nordenskiöld (1924: 98), a Mosetene Tomasa foi qualificada como uma “wunderbare Schauspielerin” [atriz maravilhosa], dona de uma voz fantasmagórica e capaz, realmente, de encarnar o que relatava. Comentários nessa direção demonstram que o modo de estruturação de uma narrativa não podia ser desvinculado da pessoa do emissor. Dito de outra forma, quem

⁹⁴ O caráter enfático de *-kanan* é mencionado não só no segundo volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, como também em Koch-Grünberg (1928: 69).

contava algo exercia inegável influência sobre como aquilo era contado. Ganhava relevo, portanto, a personalidade do informante.

Conforme aborda a próxima seção, a participação decisiva do informante se fazia sentir não apenas no processo de recolha de narrativas, mas em todas as dimensões do trabalho lingüístico dos sul-americanistas em exame.

3.4 A interação pesquisador-informante segundo a ótica dos sul-americanistas dos anos 1890-1929

3.4.1 A relevância conferida à interação pesquisador-informante

No âmbito do parâmetro externo “Procedimentos metodológicos dos sul-americanistas”, cabe, ainda, analisar de que maneira o conjunto de especialistas envolvidos na descrição de línguas sul-americanas, no período que vai de 1890 a 1929, concebeu as relações entre pesquisador e informante(s). Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que os estudiosos em foco estiveram conscientes da importância fundamental da interação pesquisador-informante para a efetivação de pesquisas lingüísticas e etnográficas e deram a essa interação lugar de destaque em suas reflexões teórico-metodológicas, abordando-a em seus relatórios parciais de pesquisa, em suas obras publicadas e quando resenhavam o trabalho de colegas. Tal preocupação pontuava, portanto, todas as etapas do fazer científico daquele grupo de especialidade e não espanta que o perfil dos informantes e o caráter do trabalho em parceria com eles tenham se convertido em uma medida da confiabilidade dos registros lingüísticos que eram oferecidos à comunidade da Sul-americanística.

Não se pode esquecer, por outro lado, que ao expressar julgamentos acerca da ‘inteligência’, da ‘serventia’ para e do ‘interesse’ dos índios pelas pesquisas, os sul-americanistas de então partiam, inevitavelmente, de seus próprios parâmetros culturais e objetivos, reproduzindo em geral inconscientemente posturas etnocêntricas a que, com frequência, pretendiam se opor.

Significativamente, Capistrano de Abreu nomeou Tuxin~i e Borô, os dois Caxinauás que em sua companhia viveram e lhe forneceram os dados para a composição do “Vocabulario caxinauá-brasileiro” e lhe ditaram as lendas e relatos veiculados no *rã-txa hu-ni-ku--i* “co-autores deste livro” (Abreu 1914: 627), deixando inequívoco o reconhecimento da relevância da sua participação. Para diferenciar a contribuição de cada um dos seus “companheiros de trabalho” (Abreu 1914: 7), Capistrano anotou à frente do título dos textos a inicial do nome de quem lhe apresentara a narrativa, a exemplo de “T – O caxinauá que virou puraquê” (Abreu 1914: 305 a 309) e “B – Dança de fogo novo” (idem: 108 a 111). Com esse

procedimento, ficaram evidentes as variantes de um mesmo texto recolhidas por Capistrano, caso de “O sovina”, segundo Tuxin~i nas páginas 287 a 293 e, de acordo com Borô, nas páginas 294 a 304; e de “O valente”, cuja versão assinalada com “T” ocupa da página 360 a 379, enquanto a marcada com “B” vai da página 379 a 399. Também Koch-Grünberg (1924[1916]) registrou que narrativas e, até mesmo, que apartes e esclarecimentos, devia a cada um de seus informantes – o feiticeiro Arekuná Möseuaípu e o Taulipang Mayûluaípu, que distinguiu como filho de um exímio contador de histórias.

A colaboração dos informantes representou não apenas um fator imprescindível à feitura da copiosa obra de Capistrano sobre a língua caxinauá, mas, como ele afirmou explicitamente, determinou a natureza desta. Com efeito, o material reunido encerra dados lingüísticos e tradições que permaneciam vivos nas mentes dos índios consultados, valendo a ressalva: “Si em vez de dois fossem tres ou mais informantes, si em vez de dois adolescentes fossem velhos, naturalmente o aspecto de todo o livro mudaria” (Abreu 1914: 627). Capistrano tampouco ignorava que as informações sobre alguns aspectos da língua tinham ficado prejudicadas pelo recurso a uma quantidade extremamente limitada de falantes. Numa passagem das “Preliminares”, ele declarou: “É natural inquirir si não existem verbos irregulares: existem certamente, mas só **o tracto com maior numero de Indios, a assistencia prolongada no meio delles** poderiam fornecer dados sufficientes.” (Abreu 1914: 23, negritos adicionados)

Para o bem e para o mal, em todas as fases do processo de descrição e análise lingüística empreendido por Capistrano mostrou-se decisiva a ação dos informantes. De fato, eles não prestavam inestimáveis serviços somente na etapa de recolha dos dados, como também cooperavam para a identificação dos mecanismos gramaticais e para o aperfeiçoamento do exame dos fenômenos lexicais de seu idioma. Não fosse assim, Capistrano não teria pedido a Sombra permissão para prolongar o mais possível a convivência com Tuxin~i, em carta datada de 28 de dezembro de 1910:

Pretendo partir sábado e levar Tuxinim. Peço-lhe, porém, que consinta continue comigo até sua partida ou até a conclusão da obra. O trabalho extensivo está terminado. **A parte intensiva reclama a assistência dele**, quer para corrigir o vocabulário, quer para ser comentado quanto à gramática. Além disso no Vocabulário Brasileiro Caxinauá dele precisará com freqüência Said Ali. (Abreu 1977[1954]: 210, negritos adicionados)

3.4.2 “A montanha vem a Maomé”: quando os informantes se deslocam

Evidentemente, o primeiro passo na construção de uma produtiva e proveitosa relação pesquisador-informante correspondia à obtenção/ eleição dos próprios informantes. Em várias cartas, Capistrano referiu-se à impossibilidade de avançar em suas pesquisas lingüísticas por conta da falta de um falante nativo que pudesse sanear suas dúvidas⁹⁵. Esse assunto surgiu, por exemplo, em missiva enviada no equinócio de 1919 ao amigo Mário de Alencar e que tematizava o desenvolvimento de seus estudos de Bacairi:

Trouxe os manuscritos bacairis e dêles quase exclusivamente tenho tratado. Da gramática estou ainda senhor e penetro bem a estrutura das frases. Faltam-me muitos significados. Para a obra ser imprimível, **preciso de um índio do Paranatinga**. (Abreu 1954: 251, negritos adicionados)

Pesquisador que não saía a campo, fazendo da rede em sua residência ou em fazendas pertencentes a amigos seu local preferencial de trabalho, Capistrano carecia da ajuda de terceiros que lhe pusessem em contato com um “vocabulário vivo”, como expresso por ele numa carta de 19 de março de 1923 (Abreu 1954a: 442). Ao contrário dos sul-americanistas que organizaram expedições científicas, Capistrano de Abreu esperou, por assim dizer, que a montanha viesse a Maomé. E não foi o único.

Em junho de 1911, Teodoro Sampaio aproveitou que três índios Kraôs estiveram, com o objetivo de levar as reivindicações de seu povo ao conhecimento do administrador da província, alojados “aqui na cidade, no edifício da estação policial da minha vizinhança” para “obter delles, em longas horas de paciente colloquio, informações dos seus usos e costumes e tambem o resumido vocabulario de sua lingua” (Sampaio s. d.[c. 1912]: 146). Descrita como intensiva, a coleta de dados teria durado três dias consecutivos e foi viabilizada pela “complacente” cooperação do chefe Katôme, que recebeu menção agradecida. Tudo indica que Sampaio tenha ficado satisfeito com os resultados científicos de tal esforço, pois tencionava prosseguir na descrição da linguagem de indígenas que pudessem ser levados a seu encontro. Desse modo, conseguiria evitar os grandes perigos e desconfortos das viagens para regiões pouco ou nada desbravadas. É o que se depreende das palavras que dirigiu a Koch-Grünberg em carta de 15 de julho de 1915:

⁹⁵ Pode-se lembrar as cartas escritas em 7 de março de 1919 para João Lúcio de Azevedo e em 13 de janeiro de 1924 para Paulo Prado (Abreu 1954a: 114, 451).

Tenho muito desejo de continuar os estudos linguísticos de referencia às tribus não tupís, de que ainda ha alguns restos, perdidos nos sertões bahianos. Mas dificuldades são muitas, e eu nem sempre posso viajar até me por em contacto com aquella gente selvagem. Estou a empenhar-me com o Governo a ver se consigo delle que **me mande conduzir para aqui**, para a Bahia, um índio Patachó, que desconho subordinado ao grupo Gê, o qual fala regular.^{te} o portugues, e móra na comarca dos Ilheós. Si o conseguir, será para mim uma fortuna. (Carta de Teodoro Sampaio a Theodor Koch-Grünberg, Pasta 19, Série “Correspondência”, ATKG, sublinhados originais, negritos adicionados).

Embora indubitavelmente mais cômoda que as onerosas, desgastantes e arriscadas expedições organizadas por homens como von den Steinen e Koch-Grünberg, a opção abraçada por Capistrano e aventada por Teodoro Sampaio contava também com seus inconvenientes. Via de regra, os informantes tardavam mais do que o desejado e, exaustos por conta do longo traslado e desabitutados à vida na cidade, não demonstravam a capacidade de trabalho ansiada por aquele que há tempos os aguardava (cf., dentre outras, as cartas de Capistrano de Abreu a Afonso Taunay, Abreu 1954: 335; e a Luís Sombra, Abreu 1977[1954]: 58).

Capistrano confiava na convivência próxima e continuada com os índios para ser bem-sucedido em seus estudos lingüísticos e sabia bem que o Rio de Janeiro não lhes propiciava a atmosfera mais adequada - o que fica patente, por exemplo, no desabafo “índio na cidade é grande maçada” (Abreu 1954a: 190). Quando possível, mudava-se com os informantes nativos para propriedades rurais de amigos chegados e nesse ambiente procurava minimizar o estranhamento vivenciado pelos índios em meio bastante diferente de sua aldeia ou dos seringais. Tal cuidado, entretanto, não representava o suficiente para assegurar uma interação produtiva entre pesquisador e informantes. Frequentemente, Capistrano queixou-se de desinteresse ou falta de aptidão por parte daqueles que deveriam assistir-lhe. Apontou a gripe, por exemplo, como um fator capaz de liquidar a motivação dos índios (cf. carta a Afonso Taunay, Abreu 1954: 321 e carta a João Lúcio de Azevedo, Abreu 1954a: 218).

Não é de se estranhar, igualmente, que a obrigação do esforço continuado e a necessária insistência em tarefas repetitivas -- e certamente tediosas -- tenham provocado desânimo nos informantes. Em algumas ocasiões, desse sentimento não escapou sequer o próprio Capistrano:

Quero acabar com a prebenda do caxinauá: cada dia passado aí é duplamente perdido, porque não adianto, perdido porque, quando volto, em vez de achar os índios melhor dispostos, tenho, ao contrário, de novamente fazer vapor para a máquina por-se novamente em movimento. (Carta a José Veríssimo, 23 de dezembro de 1909, Abreu 1954: 198-9)

Mogóí, informante Bacairi que viveu com Capistrano entre 1924 e 1925 e tinha a incumbência de responder a questionamentos que surgissem durante a impressão e revisão final da planejada obra sobre sua língua materna, também não teria conseguido atingir um aperfeiçoamento contínuo e imperturbável. Cartas de Capistrano sinalizam que ele teria experimentado uma certa decepção no tocante às possibilidades de seu ‘língua’. Os primeiros relatos deixam clara a esperança de obter indicações preciosas daquele que, embora tivesse passado a infância fora da aldeia e, por isso, desconhecia as tradições tribais, “como glossário [era] excelente, poucas palavras ignora[va] e [ia]-se interessando pelos fatos gramaticais” (Abreu 1954a: 305). Além disso, encarado sob a ótica da sociedade a que pertencia Capistrano, seria ‘inteligente’, com condições de ‘ler regularmente’ e aprender a contar e desenhar (Abreu 1954a: 309). Todavia, sua disposição para a pesquisa e sua vivacidade teriam sucumbido ao contato deletério com o ambiente estranho, a ponto de Capistrano declarar: "No bacairi não vou bem. O índio não resistiu a um ano de contato com os civilizados e está ficando ruim. Estou agora procurando meio de reexportá-lo." (Abreu 1954a: 316) Assim como outros momentos de sua correspondência, o trecho citado informa que Capistrano era tão dependente de terceiros para reconduzir os índios a sua morada original, quanto para tê-los como hóspedes.

Nem sempre a passagem do tempo acarretou um desgaste nas relações pesquisador-informante documentadas em textos de Capistrano de Abreu. As primeiras páginas do *rã-txa hu-ni-ku~i*, destinadas justamente a indicar a procedência e caráter dos informantes consultados e a delinear que tipo de dinâmica de trabalho estabeleceram com o estudioso, testemunham um progressivo envolvimento dos auxiliares indígenas com a investigação. No início, Borô, o primeiro a chegar e mais velho que seu primo, teria se afigurado verdadeiro merecedor da alcunha ‘*É mesmo*’, que Capistrano encontrara, descrevendo caciques que tinham servido de informantes, no relato de Franz Keller-Leuzinger sobre sua expedição ao Paranapanema, assim como em páginas de von den Steinen acerca de sua viagem ao Paranatinga (cf. Abreu 1910: 164, 1914: 6; Steinen 1886: 119-120, 1942: 145-6).

Indiferentes às preocupações dos pesquisadores, os índios apelidados de tal maneira concordavam com qualquer hipótese que lhes fosse oferecida, para se ver livres de uma tarefa desagradável e a seus olhos, compreensivelmente, desprovida de sentido. No caso de Borô, com o avanço do trabalho em conjunto e devido à influência do segundo informante, que teria “comunic[ado] um pouco de azougue ao parente” (Abreu 1914: 6), teria ocorrido uma transformação em informante de grande valia. Para isso, em muito auxiliaram dados constantes no *Diccionario Sipibo*, editado por von den Steinen (Steinen 1904). Quando

Capistrano abandonou as palavras portuguesas como ponto de partida e valeu-se das palavras Sipibo, registradas naquele volume, para que seu colaborador fornecesse as correspondentes caxinauás, Borô “deu mostras de grande capacidade linguística e trabalhou com prazer; instintivamente percebeu as relações fonéticas dos dois idiomas” (Abreu 1914: 5).

A forma como Tuxin~i, que teria aproximadamente 13 anos na época em que foi enviado à casa de Capistrano de Abreu, reagiu aos inquéritos lingüísticos também passou por mudanças no decorrer da investigação. Apesar de seu ótimo conhecimento da língua portuguesa, que -- sem apresentar o ‘empenho da pronúncia’ (Abreu 1914: 3) próprio do falar de seu primo --, manejava sem sotaque, ele não teria, nas primeiras tentativas, contribuído realmente. Alcançando quatro anos, o afastamento da tribo provavelmente explicaria “sua indiferença ao ouvir qualquer palavra da língua materna” que teria durado “não poucos dias” e teria sido vencida gradualmente, “a poder de paciência” (Abreu 1914: 6). Ainda depois do custoso resgate de sua língua materna, Tuxin~i não teria se revelado grande apaixonado pelas questões etnográfico-lingüísticas. Sem fazer cerimônias, adormecia se requisitado a cooperar longamente com Capistrano, como Salles (1938: 97) teve ocasião de presenciar. “[E] não era somno fingido”, assegurou Abreu (1910: 164).

No ano de 1921, Capistrano deparou-se com uma realidade um tanto diversa em companhia do Bacairi Antônio, que havia anteriormente atuado na coleta de dados em que se fundamentou *Die Bakairi Sprache* [A língua Bacairi] (Steinen 1892). Embora esse informante tenha sido descrito como “disposto a trabalhar” (Abreu 1954a: 361), a interação com ele não significou uma investigação livre de empecilhos. Dono da imagem de maior autoridade em língua e cultura Bacairi desde que von den Steinen o tomara como seu principal instrutor (v. Kraus 2004: 364-366), Antônio recusou-se a atribuir, de imediato, o devido valor ao primeiro informante de Capistrano. Em lugar de rever e precisar os dados fornecidos por Irineu, base do ensaio saído em 1895 na *Revista Brasileira*, Antônio começou desautorizando por completo o conhecimento do outro índio, que deveria ver como um concorrente e uma ameaça a seu prestígio. Para sorte de Capistrano, tal situação não se mostrou incontornável e ‘tacitamente’ Antônio foi deixando de pôr em questão o que fora ditado anteriormente, a despeito de sublinhar que o saber de Irineu revelava-se um tanto superficial por conta deste ter passado somente a infância na aldeia.

Junto com Antônio, natural do Paranatinga (cabeceira do Tapajós) como Irineu, veio viver com Capistrano um Bacairi do Culuene (cabeceira do Xingu), falante de um outro dialeto. Ansioso por terminar o estudo há muitos anos iniciado, o pesquisador não pretendia ocupar-se de uma segunda variedade lingüística e, em consequência, tachou de inútil a

presença desse índio que, ainda por cima, aumentava as despesas e agravava as dificuldades de acomodação (Abreu 1954a: 216-7).

3.4.3 A interação pesquisador-informante durante as expedições de pesquisa

Problemas financeiros e toda a sorte de dificuldades de acomodação eram muito familiares igualmente aos sul-americanistas europeus que se deslocaram de sua pátria para irem ao encontro dos indígenas. Mesmo não tendo apartado seus informantes do meio que habitavam, eles vivenciaram interações pesquisador-informante em muitos aspectos semelhantes às relatadas por Capistrano de Abreu. Para suas investigações, evidentemente, afigurava-se fundamental conquistar o engajamento do informante. Com esse objetivo, assim como para conseguir dados da maior autenticidade possível, Kissenberth teria desenvolvido um procedimento de campo que conferia considerável autonomia ao Caiapó que o iniciava em sua língua e cultura. Em carta endereçada a Koch-Grünberg a partir de Conceição do Araguaia, o pesquisador assegurou que não impunha sua vontade ou sobrecarregava seu informante com perguntas. Sua estratégia consistia em deixar o índio à vontade para que, por si próprio, chegasse a enunciar o que ele desejava ouvir e transmitir a seus companheiros de especialidade na Europa (cf. carta de Wilhelm Kissenberth a Theodor Koch-Grünberg, de 20 de dezembro de 1908, Pasta 6, Série “Correspondência”, ATKG).

Da mesma maneira que a conversão do, inicialmente ‘É mesmo’, Borô em informante com intuições de lingüista e o paulatino processo de recuperação da língua caxinauá por Tuxin~i, as recolhas de material lingüístico e etnográfico empreendidas *in loco* pelos pesquisadores-viajantes não se tornaram viáveis miraculosamente da noite para o dia. O prolongado labor de Koch-Grünberg pode ser lembrado como exemplo disso. Conforme destacou o texto concebido para apresentar ao público o segundo volume, dos cinco constantes da obra *Vom Roraima zum Orinoco*, a reunião dos mitos e lendas ali reproduzidos era consequência de “eines **fast zweijährigen engen Zusammenlebens** mit verschiedenen Indianerstämmen Guayanas” [um **estreito convívio de quase dois anos** com diversas tribos indígenas das Guianas] (carta de Theodor Koch-Grünberg à editora Dietrich Reimer, de 20 de dezembro de 1916, Série “Correspondência”, Pasta 21, ATKG, negritos adicionados).

Não por acaso, os editores e o próprio Koch-Grünberg, sobretudo, quiseram destacar o vagar com que o etnógrafo-lingüista tinha efetuado suas pesquisas e acentuar a proximidade que teria estabelecido com os índios. Kraus (2004: 257-265) focaliza o papel central que a duração da efetiva pesquisa de campo desempenhava nas discussões metodológicas então travadas pelos sul-americanistas alemães. Para aquele grupo de especialidade, careciam de

crédito os pesquisadores-viajantes que se limitavam a realizar passagens rápidas pelos povoados indígenas e optavam por mencionar generalidades acerca de numerosas etnias. O ideal corresponderia a conhecer em profundidade poucas tribos ou mesmo uma única. Tal concepção ficou explícita na “Reise-Instruktion für Herrn Dr. Theodor Koch” [instrução de viagem para o Sr. Dr. Theodor Koch], documento redigido em 20 de fevereiro de 1903 por von den Steinen para formalizar os procedimentos que seu subordinado deveria seguir, de modo a honrar o financiamento do Museu Etnológico de Berlim. Dentre outras informações detalhando os objetivos da expedição, pode-se ler no ofício: “Wollen Sie unter allen Umständen dem **längeren Aufenthalt bei einem einzigen Stamm den Vorzug geben** vor flüchtigem Besuch einer Anzahl von Stämmen“ [Queira o Sr., sob qualquer circunstância, **dar preferência a uma mais longa permanência em uma única tribo** a visitas apressadas a uma quantidade de tribos.] (Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44, negritos adicionados).

De um contato duradouro com os índios dependeria, naturalmente, o estabelecimento de laços essenciais para a concretização de análises lingüísticas e/ou etnográficas produtivas e confiáveis. Resenhando *Indianerleben*, a versão alemã publicada em 1912, de uma obra do sul-americanista sueco Nordenskiöld, Ehrenreich sublinhou que o pesquisador soubera conquistar a confiança dos indígenas e minimizar os choques culturais (cf. Caixa 68 APE). Em obra posterior, Nordenskiöld enfatizou a necessidade de se tratar os índios como iguais, abandonando (ou buscando abandonar) pretensões etnocêntricas, o que seria condição *sine qua non* para alcançar o entendimento de sua cultura. As palavras do pesquisador sueco não deixam margem à dúvida e valem indiretamente como um alerta de que a interação pesquisador-informante deveria ser a mais próxima e democrática possível: „Will man die Indianer kennenlernen, so muß man als Kamerad, als Gleichstehender zu ihnen kommen.“ [Se se quer conhecer os índios, deve-se chegar a eles como camarada, como igual] (Nordenskiöld 1922: 132). Certamente, Koch-Grünberg (1924[1916]: VI), para quem os índios não deviam ser tomados como mero objeto de estudo, estava no grupo dos que assinariam embaixo dessa declaração.

Uma vez que indígenas faziam sempre parte das comitivas dos pesquisadores-viajantes europeus que se aventuravam pelos rincões ainda desconhecidos da América do Sul, havia oportunidade de recolher dados lingüísticos também fora das aldeias. Na realidade, parcela significativa das informações coletadas era fruto de levantamentos efetuados durante as longas travessias ou quando a expedição se achava temporariamente impedida de prosseguir, como demonstrou Kraus (2004) e exemplificam Kissenberth (1912: 40, 45) e Nordenskiöld

(1924: 271). Dessa maneira, os pesquisadores conferiam uma utilidade a períodos pouco produtivos e enervantes de espera, atenuando o desperdício de seu tão precioso tempo e apropriando-se de importantes subsídios para análises futuras.

Os relatórios parciais de pesquisa que enviavam para a Europa aludem a essa realidade, como as cartas em que Koch-Grünberg noticiou ter registrado mais de 600 palavras e frases dos idiomas Baré e Baniwa a bordo do vapor “Solimões”, valendo-se da ajuda de falantes nativos empregados de companheiros de viagem venezuelanos (cartas datadas de 4 e 6 de julho de 1903 e 28 de agosto do mesmo ano, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44).

3.4.4 O “valor” do informante

O recurso a informantes que não se encontravam nas aldeias indica que ‘onde’ se dava a coleta de dados não representava um aspecto de real relevância. Por outro lado, ganhava destaque ‘de quem’ provinham as informações, como patenteia uma resenha ao artigo “Betóya Sprachen” de Koch-Grünberg, em que se fez referência a seus mestres de Tucano: “Aufgenommen wurde dieses Vokabular in den Jahren 1904 und 1905 mit den eigentlichen Tucáno am Rio Tiquié sowie während der Reise in São Felipe und am Rio Curicuriary mit einem ebenfalls das Tucáno sprechenden Kuraná-tapuyo vom mittleren Caiary-Uaupés” [Esse vocabulário foi registrado nos anos de 1904 e 1905 com os autênticos Tucanos no Rio Tiquié, assim como durante a viagem em São Felipe e no Rio Curicuriary com um Kuraná-tapuyo também falante do Tucano do médio Caiary-Uaupés] (cf. Série “Resenhas a Koch-Grünberg”, ATKG.)

Muitas vezes, essa questão da identidade dos informantes englobava dois aspectos, sendo encarada tanto de um ponto de vista quantitativo quanto, por assim dizer, de um ponto de vista qualitativo. Um procedimento de Günter Tessmann (1884-1969), etnógrafo que atuou entre os indígenas do Noroeste do Peru e escreveu uma obra com a intenção de servir de modelo para a realização de investigações culturais de caráter sistemático e que possibilitassem estudos comparativos, confirma essa tendência. Em Tessmann (1930), ele seguiu efetivamente o mesmo roteiro para as dezenas de etnias focalizadas, abordando em seqüência determinada cada um dos tópicos em exame, como as acomodações para dormir no item 16; os animais domésticos encontráveis no item 20 e os tipos de tambores utilizados no item 45. Assume especial importância, para a discussão que aqui se desenvolve, o tópico de número 75, dedicado a registrar “Anzahl und Wert meiner Berichterstatter” [Quantidade e valor dos meus informantes]. Nesse item, Tessmann (1930) mencionou que nível de

conhecimento de Espanhol detinham os informantes e indicou as situações em que o recurso à língua Quechua ou à ajuda de intérpretes se tornou necessário para viabilizar seu trabalho de pesquisa. Além disso, apontou que alguns informantes já haviam esquecido, em parte ou quase totalmente, a língua materna, por conta de há tempos viverem entre os brancos ou em comunidades muito influenciadas pela cultura Quechua (cf., por ex., Tessmann 1930: 352, 455).

Nenhum dos dois extremos, evidentemente, soava desejável aos olhos de Tessmann ou de seus companheiros de especialidade: a completa ignorância do Português ou do Espanhol atrapalhava enormemente, ou chegava mesmo a impedir, a interação pesquisador-informante; enquanto o pouco traquejo na língua materna fazia do índio bem menos interessante do ponto de vista lingüístico e etnográfico. Koch-Grünberg foi um dos que sentiu na pele as enormes dificuldades de comunicação com indígenas que não dominavam um idioma europeu. Dentre seus informantes Ipuriná, apenas um falava um pouco de Português (Koch-Grünberg 1914: 93). Em sua comunicação com os Uerekena do rio Içana e no processo de obtenção de dados dessa língua, o sul-americanista alemão não pôde dispensar a mediação de um conhecedor da Língua Geral:

Diese Aufnahme stellt sich insofern schwieriger, als die Leute fast kein Spanisch, sondern nur Uerekéna, Baniwa und Lingoa geral verstehen. Da helfe ich mit meinem Baniwa-Vokabular, oder der Patrão verdolmetscht es ihnen aus dem Spanischen in die Lingoa geral.

[Essa recolha se mostra até aqui mais difícil, pois as pessoas não entendem quase nenhum Espanhol, mas apenas Uerékéna, Baniwa e a Língua geral. Por isso, socorro-me de meu vocabulário Baniwa, ou o Patrão traduz para eles do Espanhol para a Língua geral] (carta datada de Rio Negro, 8 de julho de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44).

Bem menos dramática do que a experiência de Koch-Grünberg em meio aos Uerekena, mas, ainda assim, um tanto prejudicial ao bom andamento das pesquisas científicas, afigurou-se a situação vivenciada por Ehrenreich junto aos Carajá. Para reunir dados gramaticais, ele viu-se na dependência do velho cacique Pedro Manco, um dos únicos do grupo capazes de expressar-se com alguma desenvoltura em Português. Para o azar de Ehrenreich (1894: 22), seu melhor candidato a informante teria se revelado muito indeciso nas traduções das frases que se lhe ofereciam, que alterava a cada retomada.

Tanto quanto Schmidt (1903: 324), Nimuendajú-Unkel pertence ao conjunto dos que se depararam com a segunda alternativa, ou seja, viram-se diante de informantes que não dispunham da devida segurança para instruir acerca de sua língua e cultura. Em carta escrita a Koch-Grünberg, ele relatou que sua informante Kuniba, uma das poucas remanescentes da etnia e moradora de um Posto do Serviço de Proteção aos Índios, não teria condições, muitas

vezes, de superar lacunas no que tangia ao domínio da língua materna e ficava impossibilitada de dar indicações precisas e seguras (carta de Curt Nimuendajú-Unkel a Theodor Koch-Grünberg, de 28 de dezembro de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 33, ATKG). Num artigo, Ehrenreich comunicou que, do dialeto Norte-Cayapó falado pelos Uxikrins Ehrenreich pôde reportar apenas 17 palavras e uma canção com três versos. Seu informante, que parecia ter esquecido por completo a língua materna, não teria como fornecer qualquer material adicional. Ehrenreich (1894: 135) relatou que o rapaz tinha sido raptado de sua aldeia, pelos Carajás, ainda na infância e teria sido educado na casa do comandante de um posto militar.

Como também levam a perceber escritos sobre o tema saídos da pena de Capistrano de Abreu, o ‘valor’ de um informante não dizia respeito só às suas habilidades lingüísticas, mas igualmente à sua capacidade intelectual, de modo mais amplo. Sendo assim, Tessmann referiu-se à ‘perspicácia’ de entrevistados por ele, classificando-os como “klug” [inteligentes]; “nicht sehr klug” [não muito inteligentes]; “nicht dumm” [não tolos] e “schwachsinnig” [imbecis] (Tessmann 1930: 337, 184, 326 e 302).

3.4.5 Choques culturais, mal-entendidos e incompreensões

É certo que as avaliações menos generosas dos dotes intelectuais dos informantes – não restritas aos escritos de Tessmann -- não derivaram única e exclusivamente do etnocentrismo de que nem sempre podiam se libertar os pesquisadores, mas tiveram também uma estreita relação com os mal-entendidos característicos de formas de comunicação que envolvem a participação de universos lingüístico-culturais muito distintos. Se Capistrano, que podia inquirir os informantes em sua língua materna, declarou que, na preparação do “Vocabulário caxinauá-brasileiro” “a cada passo brota[va]m erros e equívocos”, frutos de sua incapacidade de compreender a pronúncia de Borô (Abreu 1914: 3-4), ainda em pior situação encontravam-se os sul-americanistas alemães e suecos⁹⁶. De nada adiantava, obviamente, dirigir-se aos indígenas visitados em Alemão ou Sueco e o emprego do Espanhol, do Português e, sobretudo, do Quechua ou da Língua Geral por parte do estudioso representava, por si só, uma dificuldade.

Levar o informante, por meio de gestos, desenhos, ou de outras estratégias, a esclarecer exatamente uma determinada noção assumia contornos de grande desafio. Kissenberth, tematizando suas pesquisas então em andamento entre os Guajajara, aludiu a obstáculos que não deveriam surpreender a seus colegas:

⁹⁶ Sobre problemas de comunicação com informantes enfrentados por Nordenskiöld, v. Rivet (1921).

Die Zeit meines Hindernis habe ich fleissig zu Sprachstudien mit den hier viel verkehrenden, 10 Leguas von hier aldeierten Guajajára-Indianern, benutzt und ein ganz ansehnliches Vocabular zustandegebracht. **Die Schwierigkeiten, denen ich hierher begegnete, kann ich Ihnen nicht beschreiben.** [...] ein Verkehr mit ihnen ist also nur mit aller Vorsicht möglich, **Sprachaufnahmen sind nur mit Vorsicht zu machen.** Misstrauen war für mich hierbei oberstes Prinzip. Wenn auch trotzdem manche Irrtümer unvermeidlich waren, so gelang es mir doch einen Fond sicherer Ausdrücke und Vokabeln zu bekommen.

[O tempo que durou minha impossibilidade [de prosseguir a viagem] aplicadamente empreguei em estudos lingüísticos com os muitos índios Guajajaras aqui contactáveis, aldeados a 10 léguas e consegui um vocabulário realmente copioso. **As dificuldades, que tive então de enfrentar, não posso lhe descrever** [...] um contato com eles só é possível com toda a cautela e **só se pode fazer registros lingüísticos com cautela.** A desconfiança foi de minha parte o princípio supremo. Embora alguns equívocos tenham sido inevitáveis, foi possível ter acesso a um capital de expressões e vocábulos mais certos] (carta de Wilhelm Kissenberth a Theodor Koch-Grünberg, Barra do Corda, 29 de setembro de 1908, Série “Correspondência”, Pasta 4, ATKG, negritos adicionados)

Koch-Grünberg, o destinatário da carta de que foi retirado o trecho acima transcrito, colecionou experiências comparáveis ao longo dos anos que passou entre os indígenas. Uma delas surgiu registrada em correspondência destinada a inteirar seus superiores no Museu Etnológico de Berlim do progresso de suas pesquisas na Amazônia. Destacando como tinha sido custoso reunir seu vocabulário da língua Baré, ele relevou que não conseguia deixar claras as suas intenções, em especial no tocante à recolha das conjugações verbais e das construções com pronomes pessoais, como „mein Kopf, dein Kopf, sein Kopf“ [minha cabeça, tua cabeça, cabeça dele]. A noção de segunda pessoa do plural teria acarretado confusão particular (carta datada de Rio Negro, 9 de julho de 1903, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44).

Ehrenreich (1895: 160) lembrou que era quase sempre infrutífero formular questões endereçadas à primeira pessoa para que os índios as traduzissem. De forma geral, os informantes assumiriam a atitude de responder à pergunta, enunciando uma afirmação relativa ao seu interlocutor. Em Steinen (1894) fica registrado o descompasso que, freqüentemente, se dava entre as concepções dos pesquisadores e a de seus informantes indígenas. No caso específico de von den Steinen, agrupar as formas verbais bacairis teria encerrado o trabalho mais duro, não apenas por questões de natureza lingüística. De fato, a complexidade dos dados não teria constituído a principal causa dos desentendimentos que marcaram a relação pesquisador-informantes.

Die schwierigste Aufgabe lag bei den Verben, und zwar nicht allein wegen der Kompliziertheit der Formen. Gelang es mir, kurze Sätze aufzuschreiben, in denen etwas über irgend einen grade ablaufenden Vorgang ausgesagt wurde, führte mich auch selbst allerlei Handlungen, wie Essen und Trinken jetzt von diesem dann von jenem, aus, die ihnen den Inhalt eines Satzes liefern sollten, so **waren dabei doch grosse Irrtümer unvermeidlich**. Sie sagten leider oft andere Dinge, als sie nach meinen Wünschen sagen sollten, und kritisierten die Handlung, anstatt sie zu benennen. **Sie dachten für sich und nicht für mich**. (Steinen 1894: 79-80, negritos adicionados)

A tarefa mais árdua era a dos verbos, e não só pelas suas formas complicadas. Quando eu conseguia tomar nota de frases curtas, em que se dizia qualquer coisa acerca dum acontecimento que estava se desenrolando, e mesmo quando eu próprio, ou algum outro realiza a ação, como a de comer ou de beber, que lhe devia fornecer o conteúdo de uma sentença, **não era possível evitar grandes enganos**. Infelizmente diziam muitas vezes coisas bem diferentes das que eu desejava, e criticavam a ação em vez de dizer o nome que lhe cabia. **Pensavam para si e não para mim**. (Steinen 1940: 107, trad. Egon Schaden, negritos adicionados)

Teodoro Sampaio, embora não tenha passado uma longa temporada com os Kraô's, pôde também constatar que eles 'pensavam para si' e que atingir uma tradução exata da forma portuguesa dada como ponto de partida chegava a parecer utópico. Ele alertou seus leitores de que:

O barbaro, a quem se interroga, nem sempre nos comprehende tão perfeitamente, como de ordinario se suppõe, e quasi sempre reproduz a phrase com alterações, muitas vezes substanciaes, já porque o mechanismo do seu pensamento não é o mesmo que o nosso já porque não lhe percebeu o sentido e intenção que tem. As difficuldades desta natureza são muitas. Figuremos um exemplo.

Ao nosso interprete *kraô* pedi-lhe que vertesse para a sua lingua a phrase portugueza: -- *O papagaio fala* – A versão não se fez esperar; mas em vez da phrase traduzida *verbum ad verbum*, deu-nos a que, no seu modo de pensar, lhe pareceu equivalente – *papagaio bom*, pois que, segundo o mechanismo de seu pensamento, papagaio bom é o papagaio que fala. (Sampaio, s.d.[c. 1912]: 158-9)

Uma vez que problemas desse tipo abundavam nas interações entre pesquisador e informantes, a busca pelo maior grau possível de intercompreensão preocupava a todos os sul-americanistas, como a todos aqueles que se engajavam na descrição de uma língua ágrafa. Livro que tencionava servir de guia metodológico para administradores das colônias européias, missionários, pesquisadores-viajantes e demais interessados em descrever línguas desconhecidas o *Handbuch zur Aufnahme fremder Sprachen* [Manual para registro de línguas estrangeiras] colocou em primeiro plano a necessidade de se evitar os mal-entendidos entre os estudiosos e os falantes nativos. Para advertir os leitores, na seção “Was und wie abzufragen” [Sobre o quê e como interrogar], foi arrolada uma série de incompreensões que comumente ocorriam e desviavam o investigador de seus objetivos.

Ich will wissen, wie die Hand heisst, halte also meine Hand hin. Geht es gut, so lautet die Antwort: „Deine Hand“; denn eine Hand in abstracto kann sich mein Gewährsmann nicht denken. Er kann aber auch antworten: „Handfläche, Handrücken, ausgestreckte Hand“, oder gar: „Die ist weiss“. Ich will den Namen eines Geräthes wissen, und er sagt: „Das ist mein, das ist alt“ u.s.w. Fragt man ihn nun gar nach etwas, was den Thatsachen widerspricht, so bildet er sich wohl ein, man wolle ihm eine Lüge in den Mund legen, und wird grob oder sagt wenigstens das Gegentheil, um der Wahrheit die Ehre zu geben. Das wird dann auch gutgläubig eingetragen: Deutsch: „Ich bin krank“ – Sprache X: „Nein, ich bin kerngesund“. Also, wenigstens im Anfange, halte man sich möglichst konkret, [...] und beschränke sich auf das, was gerade die Thatsachen bieten.

[Eu quero saber como se chama mão, estendo então a minha mão. Se dá certo, então soa a resposta: “tua mão”, porque o meu informante não pode pensar em uma mão *in abstracto*. Ele também pode responder: “palma da mão, costas da mão, mão estendida”, ou mesmo: “Ela é branca”. Eu quero saber o nome de um utensílio e ele diz: “Isso é meu, isso é velho” etc. Se perguntado sobre algo que contradiz a realidade, imagina que se quer pôr uma mentira em sua boca e se torna rude ou, ao menos, diz o contrário, para honrar a verdade. Isso irá de boa fê acarretar: Alemão: “Eu estou doente” – Língua X: “Não, eu estou completamente são”. Assim, ao menos no início, atenha-se ao máximo ao concreto, [...] e restrinja-se ao que a realidade exatamente oferece] (Gabelentz 1892: 3)

Até aqui foram focalizadas dificuldades experimentadas por pesquisadores que trabalhavam com falantes nativos das línguas que deveriam descrever. É plausível supor que, ainda mais complexa, tenha sido a tarefa de obter dados acerca de uma língua questionando informantes que a utilizavam como segunda língua (v., por exemplo, Koch-Grünberg 1910a: 901), língua-franca ou, até mesmo, que dela possuíam somente as noções mais rudimentares. Essa via indireta de acesso às informações podia representar uma estratégia de contato preliminar com determinado idioma ou, em certos casos, a única chance de coletar algum material sobre ele. A primeira avaliação acerca da língua Uitoto feita por Koch-Grünberg baseou-se em poucas palavras comunicadas por uma informante Umaua. Levando em conta apenas essa escassa documentação, o sul-americanista alemão concluiu provisoriamente que não deveria haver qualquer parentesco entre o Uitoto e as línguas Caribe de que ele, até então, tivera notícia⁹⁷.

Ainda que Koch-Grünberg e, ao que tudo indica, também seus colegas no Museu Etnológico de Berlim não tenham posto em dúvida a confiabilidade dos dados fornecidos pela índia pertencente a outra etnia, não há como negar que tal procedimento pudesse gerar desvios. Exemplo de prejuízo trazido pelo emprego de informantes que não eram falantes nativos consta de uma carta de Nimuendajú-Unkel, que visava inteirar Koch-Grünberg de pesquisas em línguas indígenas então empreendidas por brasileiros. Nimuendajú-Unkel criticou o trabalho do engenheiro Euclydes Bentes, segundo ele, inexperiente em

⁹⁷ Cf. carta escrita em “São Felipe (Rio Negro)” em 25 de janeiro de 1905, Autos do MEB referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44.

investigações dessa natureza. A pequena lista de palavras que Bentes julgara “Mundurucus” conteria quase exclusivamente vocábulos da Língua Geral e, não por acaso, correspondia ao resultado de consultas não a Mundurucus, mas a “crístãos” que teriam vivido entre esses índios por longo período (carta de Curt Nimuendajú-Unkel a Theodor Koch-Grünberg, de 28 de dezembro de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 33, ATKG).

3.4.6 O pesquisador tem de ser o “homem certo”

O malogro de Bentes confirma que, na problemática da interação pesquisador-informante, a identidade dos envolvidos – quem pergunta a quem – assumia realmente o papel preponderante. Desde que um pesquisador bem preparado voltasse sua atenção para um informante detendor da devida autoridade, pouco importava o local em que se procedia à anotação dos dados. Simetricamente, fadava-se ao fracasso a saída a campo de pessoas sem condições de realizar investigações lingüísticas ou a tentativa de arrancar palavras e frases daqueles que desconheciam determinada língua.

Por conta disso, as expedições até as aldeias não foram tomadas como imprescindíveis para o desenvolvimento de análises lingüísticas de qualidade. Para recuperar uma imagem mencionada anteriormente, a montanha estava, de fato, autorizada a vir a Maomé, desde que se tratasse de um autêntico Maomé. Nesse sentido, pesquisadores de tarimba poderiam se valer da ajuda de índios que se achavam nas prisões, como sugerido por Koch-Grünberg⁹⁸.

O exemplo de Capistrano de Abreu provava cabalmente que a profundidade de uma análise etnográfico-lingüística em nada dependia da efetiva presença do pesquisador em uma comunidade indígena. Koch-Grünberg evocou-o para convencer Nimuendajú-Unkel a servir-se de informantes residentes em Belém do Pará, o que seria, além de proveitoso, um tanto cômodo.

Aber auch in Para selbst können Sie wohliger aller Ruhe und Bequemlichkeit Indianerstudien treiben. Es gibt doch sicherlich dort, ebenso wie in Manaos, unter den Bediensteten manchen Indianer aus dem Innern, der neben dem Portugiesischen noch seine Stammsprache spricht. Man muss diese Leute nur zum Sprechen und Erzählen bringen, und dazu sind Sie **der rechte Mann**. Denken Sie an **Capistrano de Abreu**, der sein wundervolles und in Südamerika so ziemlich einzig dastehendes Werk auch **nicht am oberen Juruá zusammengestellt hat!**

[Mas também no próprio Pará [Belém] o Sr. pode empreender estudos indígenas com toda a tranqüilidade e conforto. Há certamente lá, assim como em Manaos, entre os criados algum índio do interior, que paralelamente ao Português ainda fala a língua de sua tribo. É preciso apenas levar essa gente a falar e contar e, para isso, o Sr. é **o homem certo**. Pense em **Capistrano de Abreu**, que também **não reuniu no Alto Juruá** sua obra maravilhosa e na América do Sul realmente singular!] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Curt Nimuendajú-Unkel, 16 de setembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 29, ATKG, negritos adicionados)

⁹⁸ Cf. carta a Herrmann Schmidt, sem data, Série “Correspondência”, Pasta 6, ATKG.

Nimuendajú-Unkel parece ter seguido o conselho de Koch-Grünberg e procurado efetuar investigações lingüísticas e etnográficas em Belém. De qualquer modo, o esforço empregado na busca de um informante ideal entre os moradores da cidade teria sido quase completamente em vão, conforme noticia carta endereçada a Koch-Grünberg de 19 de fevereiro de 1921. A exceção, não propriamente alentadora, teria ficado por conta de uma Caxinauá de idade avançada com quem o remetente não julgava viável preencher lacunas eventualmente existentes no trabalho de Capistrano. Sobre isso, as palavras de Nimuendajú-Unkel foram bastante diretas: „Ich fand nur eine alte, ein bisschen dämliche Kaschinawá, hielt es aber für aussichtslos mit dieser Lehrerin das Werk Capistrano de Abreus vervollständigen zu können.“ [Eu encontrei apenas uma velha caxinauá, um pouco tola, julguei mesmo impraticável poder completar com essa professora o trabalho de Capistrano de Abreu] (carta de Curt Nimuendajú-Unkel a Koch-Grünberg, Série “Correspondência”, Pasta 31, ATKG).

Coletar dados lingüísticos, e mesmo etnográficos, por meio do trabalho conjunto com informantes confiáveis nas cidades era uma idéia de fato cara a Koch-Grünberg, indiscutivelmente um “homem certo” para essa atribuição. Em maio de 1905, ele reuniu dados do Makuxi e do Wapixana em Manaus, graças à colaboração do cacique Makuxi Ildefonso e de seus companheiros, que pretendiam então se encontrar com o governador da província do Amazonas (cf. Koch-Grünberg e Hübner 1908: 13). Além disso, quando ainda planejava sua forma de participação na expedição chefiada pelo geógrafo norte-americano Hamilton Rice (1875-1956), aquela que se tornaria a última de sua vida, Koch-Grünberg comunicou a um amigo o desejo de dedicar o tempo de sua permanência em Manaus a estudos indígenas. Naquela cidade, onde deveria ficar à espera de Rice para prosseguirem viagem, contava contactar indígenas empregados como criados ou na tripulação de barcos, que pudessem prestar bons serviços a suas investigações (carta a Ernst Jöckel, de 21 de maio de 1924, Série “Correspondência”, Pasta 37, ATKG).

Koch-Grünberg alimentou, também, esperanças de que as comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil convertessem o Rio de Janeiro em um local realmente promissor como fonte de informantes. Ele imaginava que o governo brasileiro, no âmbito dos festejos dessa data, promoveria a ida à capital de índios de diversas etnias. Como, por seu lugar de destaque nos estudos da etnografia e lingüística brasileiras, acreditou que seria convidado para as festividades, vislumbrou a possibilidade de arranjar sem nenhum grande deslocamento e em curto período uma preciosa e variada documentação⁹⁹.

⁹⁹ Cf. cartas a Paul Rivet, de 27 de novembro de 1920, e a Karl Sapper, de 3 de outubro de 1920, ambas arquivadas na Pasta 29 e a J. Michaelis, de 21 de julho de 1921, Pasta 31, Série “Correspondência”, ATKG.

Para a tristeza de Koch-Grünberg e de seus companheiros sul-americanistas, não houve qualquer empenho das autoridades brasileiras em viabilizar sua vinda ao país naquela ocasião, ainda que o pesquisador alemão tenha mobilizado sua rede de contatos científicos no Brasil para interceder a seu favor. Capistrano de Abreu engajou-se particularmente na cruzada em busca do financiamento para que o colega pudesse tomar parte nas celebrações dos cem anos de nossa libertação política. Isso ficou testemunhado na correspondência de Koch-Grünberg, e, em especial, na carta em que o missionário beneditino e interessado na religião dos indígenas Padre Adalbert Kaufmehl teve o desprazer de comunicar que uma resposta afirmativa nunca viria. Ali se pode ler: “Capistrano de Abreu hat persönlich mit mehreren Ministern der Bundesregierung Rücksprache gehabt, [...] aller Bescheid war immer: „Não ha verba para isso“ [Capistrano de Abreu conferenciou pessoalmente com vários ministros do Governo [...] a resposta foi sempre a mesma: „Não ha verba para isso“] (carta de P. Adalbert Kaufmehl O.S.B a Theodor Koch-Grünberg, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1921, Série “Correspondência”, Pasta 30, ATKG).

A consideração da maneira como os sul-americanistas do período 1890-1929 compreenderam a interação pesquisador-informante encerra o exame dos referenciais teórico-metodológicos que orientaram a lingüística daquele grupo de especialistas. No capítulo seguinte, inicia-se o estudo da dita dimensão ‘interna’ de meu objeto de estudo, uma vez que são abordadas as soluções descritivas identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku~i*.

Capítulo IV
A rede do texto:
uma análise das soluções descritivas no *rã-
txa hu-ni-ku-~i*

CAPÍTULO IV

A rede do texto:

uma análise das soluções descritivas no *rã-txa hu-ni-ku-~i*

4.1 A terminologia do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*

Quem se dedica à historiografia da lingüística não pode ignorar a “questão da metalinguagem”. Como enfatizou Koerner (1989, 1995, 1996), a interpretação inadequada da terminologia de um trabalho lingüístico do passado pode resultar em distorção dos conceitos nele divulgados. Por isso, o historiógrafo deve procurar tornar os textos acessíveis aos lingüistas atuais, mas sem cair em anacronismos. Para familiarizar o leitor com os termos empregados por autores de períodos anteriores, realizam-se dois movimentos paralelos e complementares. Busca-se o conceito nomeado por certo termo, assim como as fontes da expressão no interior das tradições lingüísticas. Aqui fica registrada a aplicação dessa diretriz ao conjunto de termos técnicos recolhido na seção “Preliminares”, no “Vocabulário caxinauá-brasileiro” e no posfácio do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*. A presença de informações de natureza metalingüística nessas seções do livro condicionou sua escolha para campo de investigação da terminologia.

De modo a compreender melhor a terminologia do *rã-txa hu-ni-ku-~i*, procurou-se compará-la com a de outras obras que pudessem esclarecer o sentido e/ou o contexto de uso dos termos encontrados. Com essa estratégia, pretendeu-se reconhecer indícios acerca das fontes do trabalho de Capistrano e avaliar a distância entre a terminologia por ele adotada e a atual. Tais tarefas levaram à investigação de trabalhos de diversas naturezas: outros textos de Capistrano envolvendo o estudo de línguas e sociedades indígenas; descrições de línguas indígenas por ele citadas; volumes sobre a língua portuguesa publicados na mesma época que o *rã-txa hu-ni-ku-~i* e dicionários de lingüística de nossa época.

Os três artigos de Capistrano sobre “Os Bacaeris” e seus três artigos sobre os Caxinauás compõem o primeiro grupo. Conforme indicação anterior, os textos sobre os Bacairis foram originalmente publicados na *Revista Brasileira* em 1895. Sob o título “Dois Depoimentos”, os textos referentes aos Caxinauás saíram no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 25 de dezembro de 1911 e em 7 e 14 de janeiro de 1912.

As descrições de línguas indígenas, citadas por Capistrano, consideradas foram: o *Vocabulário Conivo* do missionário franciscano Fr. Buenaventura Marqués; o *Vocabulário Castellano-Quechua-Pano* do também franciscano Manuel Navarro; o *Diccionario Sipibo*, de autoria de dois missionários não identificados e editado por von den Steinen em 1904 e duas

obras do brasileiro Batista Caetano (1826–1882) — o *Esbôço grammatical do abáñêê ou língua guarani* e a introdução à *Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri*, de Luis Vincencio Mamiani (1652–1730).

Como exemplares de obras sobre o Português contemporâneas ao *rã-txa-hu-ni-ku-~i*, selecionaram-se três, representativas pela identidade de seus autores, então estudiosos de prestígio: o *Diccionario Grammatical*, de João Ribeiro (1860–1934), particularmente útil por dedicar-se ao domínio da terminologia, e *Difficuldades da lingua portugueza e Grammatica secundaria da lingua portugueza* compostas por Said Ali.

Capistrano de Abreu tinha tanto Ribeiro quanto Said Ali na conta de autoridades nos estudos lingüísticos. Numa carta a um amigo português, de dezembro de 1917, Capistrano avisou: “Separei para lhe mandar dois artigos de João Ribeiro. Há sempre grande proveito em lê-lo, porque é um grande talento” (Abreu 1954: 80). A ligação entre Capistrano e Said Ali, que colaborou inclusive de maneira decisiva na composição do “Vocabulario brasileiro-caxinauá” (ver a seção “Fontes primárias” do Capítulo 1), era bastante estreita. Evidência disso se nota nos agradecimentos do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*, onde Capistrano destacou: “não posso omitir o nome do meu colega M. Said Ali Ida, lente de allemão do Collegio Pedro 2º, a cuja intuição luminosa e opulento cabedal recorri sempre com proveito” (Abreu 1914: 7). A segunda edição das *Difficuldades da lingua portugueza* patenteia que a admiração e a gratidão afiguravam-se sentimentos recíprocos, por meio das seguintes palavras: “Não posso terminar estas observações sem reconhecer o muito que devo ao saber e dedicação de meu amigo e collega J. Capistrano de Abreu” (Ali 1919: VII).

A tentativa de reconhecer usos mais modernos de termos presentes no *rã-txa-hu-ni-ku-~i* determinou a pesquisa no *Dicionário de filologia e gramática*, de Mattoso Câmara (1904–1970), no *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*, de Silva Borba (1932–) e no *Dicionário de termos lingüísticos*, organizado por Maria Francisca Xavier.

O cotejo entre a terminologia do *rã-txa-hu-ni-ku-~i* e a dos textos do material de apoio, listados acima, apontou a existência de cinco tipos de termos na obra de Capistrano de Abreu. Nesse processo, os termos hoje em desuso, para os quais se coloca efetivamente a ‘questão da metalinguagem’, foram examinados mais detidamente. Dos 192 termos técnicos localizados no *rã-txa-hu-ni-ku-~i*, a maior parte (147 termos, cerca de 76,5%) continua a ser empregado. Em geral, o sentido conferido por Capistrano coincide com o atual. Tal era o caso de: “accento tonico”, “apherese”, “ditongos”, “elisão”, “metaphonia”, “affixos”, “categoria”, “desinencias”, “participio”, “posposições”, “sujeito”, “aposto” e “oração”.

Os termos que não são utilizados atualmente alcançaram a cifra de 45, aproximadamente 23,5% do total. Ou seja, embora a obra tenha sido publicada há menos de um século, quase um quarto dos termos não consta dos dicionários de lingüística atuais. Por meio do material de apoio, foi possível notar que os termos ausentes desses dicionários não constituíam um todo homogêneo. De acordo com a natureza da obra em que se encontravam, efetuou-se uma subdivisão em: (1) termos em uso no início do século XX; (2) termos julgados antiquados no início do século XX; (3) termos empregados em descrições de línguas indígenas e (4) termos presentes somente no *rã-txa-hu-ni-ku-~i*.

No *Diccionario grammatical* havia definições para “verbos negativos”, “expoentes” e “vogal pura”. Segundo Ribeiro (1906[1888-1889]: 111), “expoente [...] designa o som desinencial característico de qualquer flexão.” A vogal “pura”, como a compreendem Ribeiro e Said Ali (s.d.: 25), caracterizava-se por não possuir caráter nasal. Ali (s.d.: 11) coincidiu com Capistrano também na adoção do termo “r rolado” (Abreu 1914: 548). Esses termos, portanto, pertenciam ao primeiro dos tipos logo acima delimitados — em uso no início do século XX.

Os trabalhos de Said Ali e de Ribeiro consultados não indicaram apenas que Capistrano de Abreu empregava termos em voga na sua época. Assinalaram, também, que as obras lingüísticas de Capistrano traziam termos julgados ultrapassados por seus contemporâneos. De acordo com a tipologia anteriormente exposta, termos como “accidentes”; “verbo substantivo”; “adjetivos determinativos” e “adjetivos qualificativos” correspondem ao segundo grupo. Embora Ribeiro tenha dedicado um verbete de seu *Diccionario Grammatical* a “accidente”, não deixou de sublinhar o caráter antiquado que reconhecia nessa forma: “Termo equivalente ao de **flexão**, modernamente preferido àquelle pelos grammaticos. [...] Os antigos grammaticos classificavam entre os **accidentes** das palavras os casos” (Ribeiro 1906[1888-1889]: 7-8, negritos originais). O verbete “Verbo” do *Diccionario Grammatical* revela que Ribeiro desaprovava o uso de “verbo substantivo”, para nomear o que hoje se conhece por cópula. De seu ponto de vista, soavam “antiquadas e improprias” as denominações “verbo substantivo” e “verbo adjetivo” (Ribeiro 1906[1888-1889]: 315).

Capistrano de Abreu e Said Ali não assumiram a mesma posição em face da divisão entre adjetivos qualificativos e determinativos. Os textos de Capistrano respeitaram tal divisão e mencionaram “determinativos” (Abreu 1969[1895]: 149, 1969[1912]: 213 e 1914: 15 e 17) e “qualificativos” (Abreu 1914: 31). Said Ali não aceitava essa maneira de descrever-se a classe dos adjetivos, que considerava típica do “systema grammatical antigo” (Ali s.d.: 77) E,

segundo sua declaração, tinha aliados de peso: “Não adoptam tal systema Leite de Vasconcellos, Epiphanyo Dias [...], Cortezão e J.J. Nunes [...] [e] Bourciez [...]” (idem).

A utilização por Capistrano de termos considerados ultrapassados por autores de sua época provavelmente deriva da adoção de terminologia proveniente de descrições de línguas indígenas, o que sugere a existência de uma tradição descritiva paralela para essas línguas, independente da voltada para o exame do Português. Com efeito, “verbo substantivo” foi usado por Batista Caetano (1877: XIV; 1879: 22-25), assim como “adjectivo qualificativo” (Batista Caetano 1879: 6).

Há ocasiões em que Capistrano explicitou a opção por termos retirados de estudos sobre línguas indígenas. Ao comparar os sons por ele detectados no Caxinauá àqueles que tinham sido identificados em outras línguas da família Pano, Capistrano lembrou o “*t* e *tt* fortes indicados pelos missionarios castelhanos” (Abreu 1914: 11). A busca por um ‘*tt* forte’ na língua descrita liga-se, possivelmente, à afirmação de Navarro (1927[1903]: 250): “Las consonantes *tt* y *tz*, [os Pano] las pronuncian con mucha fuerza; como *atté* obra o trabajo; *antza uiñ* mira esto.” Ainda seguindo de perto as gramáticas dos missionários, Capistrano de Abreu (1914: 21) notou que “*katç-i*, *nõ-nã* correspondem a gerundios, para usar da terminologia dos missionarios”. De fato, na concepção de Navarro (1927[1903]: 259), o Pano apresentaria dois tipos de “gerundios”: “de dativo” (equivalente à construção espanhola “para + infinitivo”) e “de ablativo” (equivalente à forma espanhola com terminação “-ndo”). Além disso, no *Diccionario Sipibo* a conjugação verbal incluiu gerúndios de dativo e de ablativo, com definição semelhante (cf. Steinen 1904: 87).

Sob o rótulo ‘presentes somente no *rã-txa-hu-ni-ku--i*’ (quarto tipo dentre os termos não utilizados atualmente), reuniram-se dois conjuntos de termos. Os nomes de processos representaram o elenco mais numeroso e não acarretam dificuldades para o leitor de hoje, pois foram formados por analogia a termos consagrados do gênero de “composição”, “nasalização” e “reduplicação” (citados em Abreu 1914: 27, 28, 630). Ou seja, lançando-se mão de recursos lingüísticos como a sufixação e a prefixação, como se nota em: “syncopação”, “atonação progressiva”, “apassivamento”, “affricação”, “desnasalização”, “renasalização” e “remonosyllabismo” (Abreu 1914: 13, 27, 28, 30).

Seis termos localizados exclusivamente no *rã-txa-hu-ni-ku--i* não correspondiam a nomes de processos formados por derivação: “orações solteiras”, “cepa”, “forma indiferente”, “ditaxe”, “suffixos lexicos” e “suffixos syntacticos” (Abreu 1914: 30, 548, 31, 18). “Orações solteiras” valia como sinônimo de orações independentes. “Cepa” foi

empregado sistematicamente para designar o radical das palavras e “forma indiferente” serviu para nomear um ‘caso’ do Caxinauá que, na análise de Capistrano de Abreu, poderia indicar o sujeito ou o objeto e cuja expressão se resumiria ao radical. “Ditaxe” encerra declaradamente uma criação do próprio Capistrano, com vistas a batizar uma estrutura sintática sem equivalente nas línguas européias. Como “parataxe” e “hipotaxe” soavam inadequados para dar nome à “construção, que se assemelha a uma *tmese*¹⁰⁰ em larga escala”, Capistrano sugeriu que aquela estrutura “poderia chamar-se ditaxe, si não houver termo consagrado para o mesmo phenomeno em outra língua” (Abreu 1914: 31).

Por vezes, Capistrano não se contentava com um único ‘termo consagrado’ para aludir a determinado fenômeno lingüístico e fazia uso de diversas denominações para um mesmo referente. Em função disso, foi possível reconhecer formas variantes em sua terminologia. Capistrano de Abreu (1914: 18, 29) intitulou, por exemplo, as terminações indicativas de caso “expoentes casuaes”, “desinencias casuaes” e “indices casuaes”. O “caso acusativo” foi chamado também de “objectivo” e “sentido” apareceu como substituível por “significação” (Abreu 1914: 17, 13, 12).

Tanto quanto verificar a procedência e a definição dos termos empregados por um autor, importa delinear o conceito de terminologia que norteou seu trabalho. A análise aqui empreendida sugere que Capistrano de Abreu não devia compreender a tarefa de adotar termos técnicos exatamente como se faz hoje. Diversamente dos lingüistas atuais, ele não perseguia a correspondência biunívoca termo/ conceito e não evitava termos que poderiam ser julgados antiquados. Além disso, não se furtava a criar termos, quando os considerava os mais adequados para fazer referência a uma estrutura lingüística particular.

4.2 “Mais espinhoso achar uma transcrição adequada dos sons”

Não se pode avaliar adequadamente o modo como Capistrano de Abreu segmentou e categorizou as unidades lingüísticas caxinauás, sem que se tenha uma noção das estratégias de transcrição de dados lingüísticos por ele desenvolvidas. Se hoje, que os lingüistas contam com alfabetos fonéticos padronizados, são consideráveis as dificuldades, imagine-se a situação então enfrentada por Capistrano. Além da decisão acerca dos símbolos a serem adotados para a transcrição, por não haver um sistema de grafia fonética universalmente aceito, havia também impedimentos colocados pelas limitações técnicas dos equipamentos para a edição

¹⁰⁰ Segundo Ribeiro (1906[1888-1889]: 304, negritos originais), “*Tmese*. — Caso de **epenthese** ou intercalação de sons no interior do vocábulo. Ha **tmese** quando um vocábulo se divide para receber um termo infixo: amarei, amar-**vos**-hei; dirá, dir-**te**-á.”

dos textos. Complicações que se somavam àquelas nada desprezíveis oferecidas pela própria língua em estudo, e que levaram Capistrano a desabafar: “A rigor não há um só som do caxinauá igual aos nossos.” (Carta de Capistrano de Abreu a Mário de Alencar, de 2 de março de 1910, Abreu 1954: 223)

Como se observa frequentemente em obras lingüísticas, Capistrano iniciou sua gramática caxinauá pelo tratamento dos sons. No entanto, cabe aqui a seguinte ressalva: embora Capistrano tenha escrito o item “Sons”, dedicado particularmente ao assunto, sua análise dos problemas ligados à face sonora da língua não se deu de maneira isolada, sem a consideração de, para usar de um conceito familiar aos lingüistas atuais, outros níveis lingüísticos.

Na introdução que já figurava na edição do *rã-txa hu-ni-ku-~i* destruída pelo incêndio da Imprensa Nacional em 1910, Capistrano afirmou que a preparação de um glossário tinha sido custosa, mas que “mais espinhoso [teria sido] achar uma transcrição adequada dos sons” (Abreu 1914: 4). O termo ‘adequada’, nesse contexto, parece estar muito mais próximo de ‘aceitável’ do que de ‘perfeita’, posto que Capistrano deixou claras as limitações de seu exame da fonética caxinauá. Vale como exemplo concreto disso a indicação de que uma ligeira pausa existente, por vezes, entre a fricativa *x* e o som posterior, no que tangia às vogais, “não se notou convenientemente” (Abreu 1914: 12). Enquanto, diante de consoantes, Capistrano serviu-se de um apóstrofe para assinalar a referida pausa, teria tomado como uma excessiva minúcia descritiva tal registro também em face de vogais. Essa interpretação se sustenta quando se leva em conta que Capistrano não tinha por objetivo central desenvolver um estudo aprofundado dos sons do Caxinauá, que pudesse se equiparar às análises empreendidas pelos grandes nomes da Fonética daquela época. Com efeito,

A phonetica do *rã-txa hu-ni ku-~i* [...] offerece difficuldades singulares, dignas de um Jespersen, um Rousselout ou um Gonçalves Vianna. Não me gabo de tel-as resolvido; não me animei siquer a enfrental-as: a pronuncia figurada aqui é **apenas uma média**, digamos uma pronuncia de seringueiro, que os indios comprehendam sem grande esforço. (Abreu 1914: 4, negritos adicionados).

O trecho acima nos revela quais seriam os referenciais teóricos de Capistrano de Abreu no tocante à investigação da face sonora das línguas. Tanto o dinamarquês Otto Jespersen (1860-1943), autor de um manual clássico sobre Fonética saído em sua língua materna em 1890 e em Alemão em 1904, quanto o Abade Rousselout¹⁰¹ -- célebre professor de Fonética Experimental no Instituto Católico de Paris e no College de France -- ou o português

¹⁰¹ Em Abreu (1910: 162), primeira formulação do prefácio, o trecho correspondente ao transcrito não incluiu o nome do Abade Rousselout.

Gonçalves Viana (1840–1914) constituíam autoridades na classificação minuciosa dos sons da linguagem. Para remeter a um exemplo no interior da tradição descritiva da língua portuguesa, Gonçalves Viana (1892) dividiu as vogais de nossa língua em cinco grupos, de acordo com sua quantidade: brevíssimas (duração da pronúncia equivalente a 1 unidade de tempo), breves (expressas em 2 unidades de tempo), ambíguas (em 3 unidades de tempo), longas (em 4 unidades de tempo) e prolatas (cuja duração alcançaria 5 ou mais unidades de tempo). Ainda segundo com esse tratado, as consoantes “linguae” da 7ª articulação, ou “palatinas médias”, contabilizavam 21 formas diferentes (Viana 1892: 35).

4.2.1 A “pronuncia de seringueiro” é aprovada e divulgada

Sem pretensões de atingir detalhamento comparável ao das análises fornecidas por Gonçalves Viana, Capistrano adotou o recurso a “uma média”, que longe de equivaler a uma radiografia dos sons, não chegaria a falsear muito a sua natureza, deixando assegurada a inteligibilidade da mensagem. Dessa maneira, a descrição e a transcrição dos sons caxinauás ficaram, provavelmente, afastadas do ideal na ótica dos foneticistas de então. Por outro lado, foram plenamente capazes de preencher as exigências dos sul-americanistas. As críticas favoráveis à obra de Capistrano, como um todo, poderiam representar testemunho disso, se não existisse uma evidência direta de que o tratamento dos sons do Caxinauá no *rã-txa hu-ni-ku~i* atendia às expectativas dos etnógrafos-lingüistas empenhados em registrar e entender as culturas da América do Sul nos anos 1890-1929.

Notório conhecedor de línguas sul-americanas, Hestermann (1914) escreveu um artigo dedicado a avaliar as formas de transcrição empregadas nos vocabulários de línguas Pano. Nesse texto, impresso no *Journal de la Société des Américanistes de Paris* no mesmo ano em que o *rã-txa-hu-ni-hu~i* veio a público, Hestermann enfatizou o cuidado com que Capistrano de Abreu grafara as palavras do Caxinauá, que julgava sem paralelo na literatura sobre as línguas daquela família. Segundo ele, apenas o trabalho composto pelo pesquisador brasileiro continha uma transcrição consistente e precisa dos dados lingüísticos, habilitada a subsidiar estudos comparativos confiáveis.

Como primeiro apêndice a seu artigo, Hestermann incluiu uma reprodução integral de um esboço fonético do Caxinauá escrito em Alemão por Said Ali, em outubro de 1912, tendo por base a descrição de Capistrano. Ocupando praticamente três páginas, as informações redigidas por Said Ali ganharam, das mãos de Hestermann, grafia fonética alternativa,

correspondente ao chamado *Anthropos Alphabet*¹⁰². Ao lado dos símbolos escolhidos por Capistrano (e, conseqüentemente, por Said Ali) para representar os sons do Caxinauá, Hestermann anotou entre colchetes os símbolos em uso no sistema gráfico estabelecido pela revista *Anthropos*. Por essa razão, o leitor do artigo topa com equivalências como “*öbō* = [*ëbë*]” e “*tx* = [*tš*]”. Nesses casos em particular, o primeiro som foi definido por Capistrano como relacionado ao do seu homógrafo alemão e aproximável ao *u* da palavra inglesa *but* e ao *eu*, seguindo-se a ortografia francesa; enquanto o outro foi descrito como semelhante ao som do *ch*, na escrita inglesa e espanhola (v. Abreu 1914: 12).

O segundo apêndice a Hestermann (1914) estampou o conteúdo de um manuscrito do próprio Capistrano de Abreu sobre a fonética do Caxinauá. Redigido em Português, o texto contou com uma página e meia e foi acompanhado da advertência em nota de rodapé de que aquela abordagem deveria corresponder à das linhas iniciais do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*, já no prelo. Não se descartava, no entanto, a possibilidade de a versão definitiva conter modificações. Com efeito, em vários pontos o texto publicado em livro pela Tipographia Leuzinger diverge do incluso no artigo de Hestermann. A ordem escolhida para apresentar os sons, por exemplo, não coincide num e noutro. O texto divulgado por Hestermann inicia-se pela enumeração das vogais, enquanto o leitor do *rã-txa-hu-ni-ku-~i* toma conhecimento, nesta seqüência, das consoantes, das vogais e das semi-vogais do Caxinauá. Nas páginas do *Journal de la Société des Américanistes de Paris* não se encontra menção a semi-vogais.

Só pude identificar dois trechos realmente idênticos, em que se nota uma completa manutenção da versão manuscrita enviada a Hestermann. São eles: “*r* forte transformado em *r* brando encontra-se rarissimas vezes” (Abreu *apud* Hestermann 1914: 32; Abreu 1914: 11) e a caracterização de *t*, englobando as mudanças provocadas em presença das ‘fricativas’ *x* e *ç* e a comparação com sons registrados pelos ‘missionários castelhanos’ (Abreu *apud* Hestermann 1914: 32, Abreu 1914: 11).

No que diz respeito à pronúncia do *i*, que poderia alternar-se com *ê* ou *ö*, e à total liberdade que marcaria a opção entre *o* e *u* e *õ* e *~u*, houve somente uma reformulação estilística na versão publicada, preservando-se idêntico o teor da descrição. Alterações de maior monta fizeram-se sentir quando a versão do *rã-txa-hu-ni-ku-~i* não se limitou a

¹⁰² Tanto para trabalhar em prol da uniformização da grafia fonética utilizada pelos etnógrafos-lingüistas, quanto para ampliar o prestígio do periódico em que atuava, Hestermann engajou-se na difusão do *Anthropos Alphabet* (cf., por ex., Hestermann 1913). Criado por P. W. Schmidt, esse alfabeto fonético foi divulgado no segundo número de *Anthropos*, em 1907, assim como na separata “Die Sprachlaute und ihre Darstellung in einem allgemeinen linguistischen Alphabet” [Os sons da língua e sua representação em um alfabeto lingüístico geral], impressa em Salzburg naquele ano (v. Koch-Grünberg 1928: 2, nota 1; Henninger 1956: 34). Sobre o processo de composição do *Anthropos Alphabet*, v. carta de P. W. Schmidt a Theodor Koch-Grünberg, de 14 de novembro de 1906, Série “Correspondência”, Pasta 2, ATKG.

enunciar a relação entre dois sons, mas, indo além do que constava nas páginas da revista francesa, explicitou as condições em que o falante emitia cada um deles. O exemplo mais flagrante desse procedimento resulta do confronto entre I) e II), respectivamente, trecho retirado de Hesterman (1914) e passagem da seção “Sons” do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*.

- I) “*h* permuta com *r* aspero e também com *v*” (Abreu *apud* Hestermann 1914: 32)
- II) *h* aspirado, *r* forte, *v* permutam-se: antes de *a* predomina *r*, e só *va-ri*, que também se diz *ha-ri* e *ra-ri*, pôde começar por *v*; *h* predomina antes de *i* e *ö*, e nem uma palavra começa por *vi* ou *vö*; *v* predomina antes de *ô* ou *u* e emite-se sempre com mais força do que estamos acostumados a ouvir-o.
h aspirado, *r* rolado e *v* tendem a desaparecer em palavras compostas (Abreu 1914: 11)

Como os dois fragmentos remetem à alternância *h/ r/ v*, a diferença entre eles não configura uma reorientação da análise. Na realidade, nenhum dos pontos em que os textos das duas versões se afastam trazia uma reavaliação das soluções descritivas ou uma clara mudança de posição por parte de Capistrano. Isso não significa, no entanto, que a versão posterior, veiculada no livro, estivesse despida de um componente autocrítico. Um comentário ausente na versão constante em Hestermann (1914) apontou para um aspecto problemático da análise, na visão do próprio autor. Ao tratar de um dos sons ‘fricativos’ da língua, ele declarou: “*ç* foi com muito pouca felicidade escolhido para representar o *th* inglês em *think*” (Abreu 1914: 11).

4.2.2 Estratégias para caracterizar os sons

Se não houve reexame do valor dos sons na versão publicada em livro, menos ainda se poderia postular, da parte de Capistrano, uma revisão dos conceitos e dos fundamentos que presidiram seu estudo da face sonora do Caxinauá, nas páginas do *rã-txa-hu-ni-ku-~i*. No texto divulgado pela revista francesa, assim como na formulação definitiva do texto, a descrição das unidades sonoras mesclou aspectos acústicos e articulatórios e a comparação com outras línguas mostrou-se recurso frequentemente empregado para a caracterização dos sons. A menção a línguas familiares para definir como soaria a vocalização de cada sinal gráfico, necessária devido à falta de um alfabeto técnico padronizado, foi largamente adotada na época, como se pode perceber em Finck (1910) e Koch-Grünberg (1928).

O trecho transcrito no item anterior e numerado como II) contém uma nítida fusão entre a avaliação da produção do som (“emite-se sempre com mais força”) e a consideração da sensação acústica do receptor (“do que estamos acostumados a ouvir-o”). Natureza semelhante marcou a abordagem de *ti*, em que também ganharam espaço aspectos envolvidos

na produção (“pronuncia-se o *i* com muita rapidez”) e na recepção do som (“e *t* soa com mais força”) (Abreu *apud* Hestermann 1914: 32, Abreu 1914: 11).

Capaz de dar ao leitor uma boa idéia acerca do procedimento articulatório e, ao mesmo tempo, acerca da sensação auditiva dele resultante, a aproximação com outras línguas facilitava a tarefa do descritor e atendia às necessidades específicas de Capistrano, a quem não interessava o registro detalhado de todas as minúcias da fonética caxinauá. Para qualificar alguns sons inexistentes em Português, ele recorreu às línguas européias mais conhecidas. Desse modo, explicou que “*õe* pronuncia como *un* francez em *chacun*” e que “*ö*, [é] igual ao homógrafo alemão” (Hestermann 1914: 32). Além disso, apelou ao Inglês, conforme já se expôs, para esclarecer a que som correspondia o sinal gráfico ç.

Ainda mais prática do que a referência a línguas estrangeiras afigurou-se a caracterização de sons que tomou como parâmetro comparativo a língua portuguesa. As palavras que inauguram a seção “Sons” do *rã-txa-hu-ni-ku-~i* não nos causam qualquer estranhamento, pois ecoam formulações dos padres jesuítas em suas gramáticas dos tempos coloniais: “Faltam ao *rã-txa hu-ni ku-~i*, o idioma dos Caxinauás, os sons representados por *f, g, j, l, s, z/ b, k, m, n, p* pronunciam-se como em nossa lingua” (Abreu 1914: 11). As afirmações de que cinco consoantes seriam tais e quais as portuguesas e de que “as vogaes são as cinco de nossa lingua, [...] mais *ö*” (Abreu *apud* Hestermann 1914: 32) parecem contradizer o desabafo de Capistrano, referido anteriormente. Porque seriam aceitáveis as equivalências propostas acima se “[a] rigor não há um só som do caxinauá igual aos nossos”? Possivelmente, usando-se a ‘lupa’ de Gonçalves Viana ou de Otto Jespersen os sons do Caxinauá revelariam de fato uma identidade particular. No entanto, assumindo-se como ponto de referência o ‘caxinauá de seringueiro’, a ‘pronuncia media’ de que se serviu Capistrano, a equiparação entre a pronúncia portuguesa e a pronúncia caxinauá não acarretava prejuízos.

Não se pode defender que o comentário sublinhando a singularidade dos sons caxinauás (escrito em 2 de março de 1910) se devesse ao choque inicial provocado pelo contato com uma língua desconhecida. Desde fins de 1908 morava um Caxinauá em casa de Capistrano e, em 28 de dezembro de 1909, ele escreveu, aludindo à preparação da edição que seria sacrificada no incêndio da Imprensa Nacional: “A maior parte dos textos já está composta e traduzida; comecei a revisão das provas do vocabulário e cheguei ao fim de N; falta apenas um terço” (Abreu 1954: 212). Isso significa que Capistrano já havia analisado intensamente a língua caxinauá quando tematizou o caráter peculiar de seus sons.

Apesar de sua evidente comodidade, a opção por estabelecer correspondências entre os sons portugueses e os sons do Caxinauá nem sempre afigurou-se a melhor maneira de situar o

leitor. Quando questões ortográficas da língua portuguesa podiam gerar dúvidas quanto ao valor sonoro atribuído a determinado sinal gráfico, Capistrano lançou mão, mais uma vez, das línguas européias que não eram estranhas à elite letrada brasileira. Mesmo os que não fossem falantes fluentes de Alemão ou Inglês, podiam destrinchar as equivalências “*x* = *ch* francez, *sh* inglês, *sch* alemão” e “*tx* = *ch* inglez ou castelhano” (Hestermann 1914: 32, Abreu 1914: 12). Dessa maneira, ficava inequívoca a pronúncia que caberia a cada símbolo, inclusive para os leitores estrangeiros, o que deve ter colaborado para a ótima impressão que o trabalho de Capistrano deixou em Hestermann.

O estabelecimento no *rã-txa hu-ni-ku-~i* de uma transcrição cuidadosa, pautada sob um alfabeto de orientação biunívoca realização sonora/ símbolo, não se articulou, entretanto, com uma clara diferenciação das realidades sonora e gráfica da linguagem. Dito de outro modo, apesar de procurar ser criterioso na avaliação dos sons do Caxinauá, dentro dos limites fixados, Capistrano de Abreu não desvinculou por completo as entidades ‘som’ e ‘letra’. Nas “Preliminares”, surgiu a ressalva de que as palavras Caxinauás não seriam oxítonas “si ha ditongo, que vae accentuado na primeira **letra**” (Abreu 1914: 13, negrito adicionado). Também o texto publicado por Hestermann no *Journal de la Société des Américanistes de Paris* patenteia essa inconsistência conceitual, em trecho que ganhou nova redação para figurar no *rã-txa hu-ni-ku-~i*: “Em ç’ e em x’ a apostrophe indica a separação nitida, embora rapida entre qualquer das **duas letras** e a consoante seguinte” (Abreu *apud* Hestermann 1914: 32, negritos adicionados). Definida desse modo, a apóstrofe faz lembrar uma formulação presente no trabalho de Capistrano sobre o Bacairi, em que a ausência de fronteiras entre símbolo gráfico e realidade sonora fica igualmente evidente. De acordo com Capistrano, naquela língua “[d]as **letras** de nosso alfabeto, F só se encontra numa palavra” (Abreu 1969[1895]: 140, negrito adicionado).

O pouco rigor no emprego dos termos “letra” e “som” pode estar relacionado a uma despreocupação no tocante à terminologia, de uma maneira geral, que levava Capistrano a usar termos arcaicos e a adotar variadas formas de referência a um mesmo fenômeno lingüístico.

4.2.3 O reconhecimento de alternâncias sonoras

Certas oscilações de grafia identificáveis na comparação entre a versão publicada do *rã-txa-hu-ni-ku-~i* e notas manuscritas deixadas por Capistrano, no exemplar hoje pertencente ao Instituto Histórico do Ceará, coincidem com alternâncias sonoras tematizadas nas “Preliminares”. Naquela seção, Capistrano informou que *d* se transformaria sistematicamente

em *r* brando quando medial. Por outro lado, indicou que, numa fala pontuada por pausas o emissor trataria o som como inicial, restabelecendo o uso de *d* (Abreu 1914: 13). Esse fenômeno deve estar por trás da mudança, em nota marginal, tanto na transcrição da lenda “O aleijado que virou jabuty” quanto no “Vocabulario caxinauá-brasileiro” de *rawakuxirakawã* para *rawakuxidakawã*, forma traduzida por “no mesmo instante” (Abreu 1914: 199, 569).

A pronúncia mais lenta responderia, ainda, segundo Capistrano, pela introdução de “ô, w, i, ou y” diante de vogais. Em nove notas marginais em meio à recolha de lendas pôde-se notar a exclusão de semi-vogais, sendo que nem sempre se observou uma igualdade entre a opção registrada à mão e a constante nos vocabulários. Em discordância com os vocabulários encontra-se, por exemplo, a retirada da semi-vogal em *kariwã* (“brasileiro”) no fragmento 433. A duplicidade *kariwã/ kariã* evidenciou-se inclusive no texto publicado, uma vez que a primeira teve lugar no fragmento 423, enquanto a segunda foi a escolhida no fragmento seguinte. A bem da verdade, devo ponderar que a grafia integrante do “Vocabulário” é *kariwa*, posto que a nasalidade da vogal final nas ocorrências citadas representa um acréscimo, associado por Capistrano a mecanismos de marcação casual.

As “Preliminares” dão notícia de dois diferentes *i* que existiriam em Caxinauá: um, classificado como ‘palatal’, poderia aparecer em lugar de *ô*, enquanto outro, “como o nosso”, seria cambiável com *ê*. No fragmento 2401 uma nota manuscrita alterou *pox’tiya* para *pox’têya*, chegando à grafia com que nos deparamos no “Vocabulário”, em que se lê a definição “ter manilha, com manilha” (Abreu 1914: 605). No confronto entre a redação das “Preliminares” e o texto incluso em Hestermann (1914) já mencionei as condições de emprego de *h*, *r* e *v*. Recapitulando, Capistrano postulou que “*a*” tenderia a ser antecedido por “*r*”; “*i*” e “*ô*” por “*h*” e “*ô*” e “*u*” por “*v*”. Com isso em mente, percebe-se que Capistrano colocou em dúvida uma transcrição impressa divergente da regra divulgada nas “Preliminares”. Bem ao lado do verbete “alvejar (ficar alvo) *rôxoi*” do “Vocabulário brasileiro-caxinauá” marcou presença a anotação manuscrita “(voxoi?)” (Abreu 1914: 525).

No campo das alternâncias sonoras, Capistrano defendeu, igualmente, que “*tx*” poderia ser substituído por “*ti*”. Não por acaso, integra o “Vocabulário brasileiro-caxinauá” o verbete “careta *xôxtia*” (cujo “*i*” foi modificado em nota manuscrita para “*x*”), ao passo que no “Vocabulário caxinauá-brasileiro” Capistrano já havia optado por enunciar “*xôx-txa* mostrar os dentes, fazer careta, rir” (Abreu 1914: 528, 620). Noutro passo da mesma listagem, as duas possibilidades foram postas em pé de igualdade: “*da-tiô, da-txu* lavar” (Abreu 1914: 565).

A mais evidente consequência do reconhecimento, por Capistrano de Abreu, de alternâncias sonoras em Caxinauá para a organização do “Vocabulário caxinauá-brasileiro”

concretiza-se na própria disposição dos verbetes. No “Vocabulario brasileiro-caxinauá” a ordem alfabética tradicional foi seguida à risca. Dessa maneira, o rol inaugura-se por “abaixar *bôtoa, namãĩ*” e encerra-se em “zoada nos ouvidos *õe pab~iki araraiki*”. Para compor o -- consideravelmente mais extenso – vocabulário cujas entradas encontram-se em Caxinauá, Capistrano não respeitou estritamente a ordenação do alfabeto, pois agrupou os sons que julgava relacionados. Tal lógica levou à reunião de *h, r* e *v*; de *i, õ* e *y*, como de *ô, u* e *w* em uma mesma seção. Afastando-se dos dicionários que têm por base a língua portuguesa, o inventário de Capistrano expõe como entradas sucessivas, por exemplo: “*rõx-i* encarnado, maduro”; “*võx-õ* contas trazidas nas pernas, liga”; “*võx’kõ* assentar-se de pernas cruzadas”; “*võx’ni* estrepar, rasgar o pé” e “*hõx-ô* branco” (Abreu 1914: 573).

Além de terem funcionado como princípio organizador do dicionário, as formas concorrentes aparecem lado a lado em algumas entradas, e, em especial, naquelas dedicadas aos ‘prefixos’. Como ilustração, vale lembrar “*ha, ra, raç’*” (“indica ordinariamente a terceira pessoa”); “*bô, bõ, bôç’, bõx, b~u*” (“dão idéia de cabeça”); “*mõ, mõç’, mõx’, mõe*” (“dão idéia de mão”) e “*pa, paç’, pax’*” (“parece indicar lado ou parte do corpo”) (Abreu 1914: 568, 560, 589, 599). De certa forma, há um padrão unificando os exemplos mencionados, pois, no elenco de variantes, figuram sempre transcrições com “ç” e, com exceção da primeira palavra, também com “x”. A presença dessas consoantes não se deve ao acaso. Tachadas por Capistrano de ‘fricativas’, elas assumiram papel de destaque, fosse na determinação dos padrões silábicos do Caxinauá, fosse no processo de segmentação de unidades identificável no *rã-txa hu-ni-ku~i*, conforme pretendo demonstrar.

4.3 Formas e critérios de segmentação lingüística identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku~i*

A presente seção tem por objetivo noticiar os resultados da aplicação dos parâmetros internos “Forma de segmentação das unidades lingüísticas” e “Critério de segmentação das unidades lingüísticas”. Tal como descrito no capítulo 1 relativo à metodologia de análise, efetuou-se uma separação entre unidades lingüísticas subdivididas sempre da mesma maneira (rotuladas como revelando “forma de segmentação constante”) e unidades para as quais soluções divergentes de segmentação puderam ser reconhecidas nas páginas do *rã-txa hu-ni-ku~i* (o que lhes valeu a classificação de portadoras de “forma de segmentação variável”). A investigação do critério que teria estabelecido as fronteiras entre os segmentos considerou a influência de aspectos ligados à realidade sonora do vocábulo (caracterizando a observância do critério “fonético”); como dos relacionados à atribuição de sentido aos seus elementos formadores (evidenciando a vigência do critério “morfológico”) e dos relativos à origem das palavras (sinalizando a adoção do critério “etimológico”).

Em uma análise do processo de segmentação das unidades lingüísticas perceptível no *rã-txa hu-ni-ku-~i* torna-se obrigatório examinar os padrões silábicos diferenciados por Capistrano. De acordo com Abreu (1914: 12), a língua Caxinauá aceitaria cinco tipos de sílaba: a) composta por vogal (caso de “*ô-bi-ci-ta*: espalhar-se”; “*ra-bãu-bi-a-nô-biç*’: só ali” e “*çô-i*: inchar”); b) formada por consoante e vogal (como “*tô-çô*: pingo”; “*çô-rô-wa*: fazer carreira, encarrear” e “*ça-bi*: rodar”); c) composta por vogal e consoante (a exemplo de “*ôx-a*: dormir”; “*ka-ya-iç-a*: bem-te-vi, ave” e “*ma-ôx*’: cabeça branca, calva”); d) formada por consoante, vogal e consoante (o que se nota em “*kôx-pi-ka-wã*: bufar muito”; “*pa-tax-a-mö*: encostar-se” e “*ma-pôç*’: só miolo”) e e) formada por consoante, ditongo e consoante (detectável em “*daiç*’: sobrinho, genro, sogro”; “*tçaiç*’-a: accender phosphoro” e “*tçaiç-a-tê*: tranca”). Curiosamente, Capistrano não fez menção explícita ao padrão representado por ‘ditongo + consoante’. Além de presumível a partir da existência de e), essa estrutura silábica torna-se patente em vocábulos como “*bô-yôç*’: brincar” e “*rã-txa-wãç*’: só falar”.

É importante frisar que unicamente as consoantes denominadas por Capistrano ‘fricativas’, transcritas sob a forma *ç*, *tç*, *x*, *tx*, foram consideradas capazes de travar sílaba.

4.3.1 Os “monosyllabos significativos” e sua delimitação

No *rã-txa hu-ni-ku-~i*, a segmentação de unidades lingüísticas em sílabas não se limitou a figurar na parte relativa aos “Sons” das “Preliminares”. De fato, a divisão silábica dos vocábulos, demarcada pelo hífen, desempenhou um papel de destaque no “Vocabulário caxinauá-brasileiro”. Com raríssimas exceções, as palavras ali presentes tiveram suas sílabas separadas, em um exercício que deveria envolver simultaneamente a fonética e a semântica, pois “os vocabulos caxinauás resolvem-se facilmente em monosyllabos significativos e descriminal-os era de rigor” (Abreu 1914: 549). A idéia de que, em Caxinauá, cada sílaba “tem significação propria e representa um vocabulo inteiro; assim o polysyllabismo aparente transforma-se em monosyllabismo real” (Abreu 1914: 26) resulta de uma generalização da observação expressa por von den Steinen no tocante às denominações para as partes do corpo na língua Sipibo. Deixando claro que se baseara no estudo introdutório ao *Diccionario Sipibo* para avaliar os afixos caxinauás e seu grau de independência semântica, Capistrano ofereceu uma tradução portuguesa do trecho que sintetiza a análise do pesquisador alemão¹⁰³. Desse modo, o leitor toma ciência de que

‘estas palavras [os nomes para partes do corpo] em sua maioria já são compostos, formados de uma primeira cepa (*Stamm*), geralmente monosyllabica, e segundo elemento

¹⁰³ Em Steinen (1904: 37*), pode-se ler: „Diese Wörter zum größten Teil schon Komposita sind, gebildet aus einem ersten meist einsilbigen Stamm und einem zweiten wechselnden Element. Der unselbständige Stamm hat den Vollsinn des betreffenden Körperteils in jedem Nomen oder Verbum.“

movel. A cepa independente contem o sentido completo da respectiva parte do corpo em cada nome ou verbo em que entra.’ *Dic. Sip.* 37*

“Cepa”, um dos elementos mencionados quando do exame da terminologia do *rã-txa hu-ni-ku-~i*, por não ter sido encontrado nas obras dos demais autores pesquisados, marca presença na versão praticamente literal da passagem redigida por von den Steinen. É possível que a opção por acompanhá-la da palavra alemã correspondente “(*Stamm*)” tenha decorrido exatamente do intuito de torná-la menos estranha ao leitor.

A tarefa de reconhecer um por um dos “monosyllabos significativos” podia impor grandes dificuldades, como levam a perceber algumas divisões silábicas que soam incoerentes para formas em tudo semelhantes. Para dirimir por completo as dúvidas surgidas durante o processo de segmentação dos vocábulos caxinauás seria preciso recorrer não apenas a informações de cunho semântico, mas também à etimologia e à história dos processos de formação de palavras. Tal se depreende da seguinte afirmação, constante das “Preliminares”:

Encontrando *çö-ô*, *çö-õ* enfiar, não se hesita em dividir *ô-ço*, *ô-çõ*, que tem o mesmo sentido; mas como dividir *ôç’tã*, que tem a mesma origem e significação? Aqui o apostrophe representa uma elisão: determinar os casos em que isso se dá exigiria a analyse rigorosa de todas as desinencias e de todos os suffixos, que não poude ser feita a tempo. (Abreu 1914: 12)

Informando-nos que ficara impossibilitado de realizar uma análise minuciosa do conjunto de desinências e sufixos caxinauás, Capistrano sinalizou que não teve condições de aplicar de modo consistente e sistemático um critério morfológico para a segmentação dos vocábulos. Uma consequência disso, observável nas páginas do “Vocabulario caxinauá-brasileiro”, reside na adoção de formas divergentes de segmentação para palavras contendo o mesmo sufixo.

Pelo menos seis palavras daquela lista contêm o sufixo de negação grafado *-iç’-ma*, enquanto noutras trinta e seis ele assume a feição de *-iç’ma*. A segmentação silábica em entradas lexicais como “*ci-na-iç’-ma* (não se zangar)”, “*pö-i-wa-iç’-ma* (não saber empennar)” e “*dax’-nô-ku-iç’-ma* (não mudar a pelle)” pode ser considerada de base fonética, uma vez que todos os elementos resultantes do processo de divisão respeitam padrões silábicos propostos por Capistrano para a língua Caxinauá. Em ocorrências como “*iô-mô-tço-iç’ma* (não furtar)”, “*kux-i-iç’ma-ra-ka* (parece que não sabe correr)” e “*ka-iç’ma* (não ir)”, que incluem uma sílaba do tipo “vogal + consoante + consoante + vogal”, o critério morfológico deve ter orientado a divisão silábica, de maneira que o sufixo não fosse desmembrado em duas unidades.

A opção por tratar um sufixo como um todo, deixando de demarcar fronteiras fonéticas, acarretou também a notação sem hífen “*kōç’ka*”, que agrupa uma consoante, uma vogal e uma consoante seguidas por mais uma consoante e uma vogal. Veiculando a noção de “como, igual, parecido”, esse sufixo encontra-se em “*dô-nô-kōç’ka* (semelhante a cobra)”, “*ra-wa-kōç’ka* (com que parece?)” e “*ôx-a- kōç’ka* (fingir dormir)”.

4.3.2 Presença de “fricativas”: o contexto fônico problemático

As unidades “*iç’ma*” e “*kōç’ka*”, citadas logo acima, não têm em comum apenas sua inclusão na categoria dos sufixos. Também sua composição fônica guarda semelhança, visto que em ambas figura a “fricativa” ç. Nesse aspecto, estão longe de caracterizar exceção dentre as palavras, cuja divisão silábica contempla unidades de natureza não prevista nos padrões silábicos impressos nas “Preliminares”.

Excluindo-se quatro ocorrências a que se fará menção a seguir, todas as 366 (pouco mais de 8,4% do total) palavras do “Vocabulario caxinauá-brasileiro” com sílabas discordantes do elenco de padrões silábicos oferecido ostentam fricativas. Apenas um exemplo contava com *-tç* e dois com *-tx*, na sílaba em que se atesta a segmentação divergente dos padrões. A participação de ç, notável em 146 palavras, mostra-se realmente de vulto, assim como a de *x*, identificada em 217 palavras.

Tais cifras nos ajudam a ter uma idéia mais precisa do que significou para Capistrano o reiterado desafio de determinar a que sílaba pertenceriam os sons fricativos, assim expresso por ele: “ç, *tç*, *x*, *tx* tanto podem começar como terminar syllabas, e a linha de clivagem só é aparente antes de consoante. Assim a cada instante surgem dúvidas e a parte do arbitrio ou antes da ignorancia deve ser consideravel” (Abreu 1914: 549). Talvez para fugir à arbitrariedade, Capistrano tenha preferido nem tentar separar as sílabas em alguns contextos envolvendo mais de uma fricativa, chegando a entradas lexicais como “*bax’pôx’kô*, (extremo do cotovelo)” e “*i-txôx’kōç’p~i* (haste da roda, fuso)”.

Outras quatro palavras do “Vocabulario caxinauá-brasileiro” deixaram de apresentar divisão silábica. O que as une não é uma composição fônica similar, casos já abordados, mas seu caráter de empréstimos. Capistrano apontou nos verbetes *kariwa* (brasileiro), *kiruana* (peruano), *matxatô* (terçado, facão) e *mukawa* (espingarda) que essas palavras tinham sido “aprendida[s] com seringueiros” (Abreu 1914: 579, 581, 587 e 591). Provindas de outros idiomas, naturalmente não se compunham de “monosyllabos significativos” em Caxinauá. Desse modo, o critério etimológico determinou a impossibilidade de sua segmentação em subdivisões que, idealmente, deveriam ser a um só tempo fonéticas e morfológicas.

4.4 Formas e critérios de categorização linguística identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku~i*

A seção que ora se inicia registra informações obtidas a partir da aplicação dos parâmetros internos “Forma de categorização das unidades lingüísticas” e “Critério de categorização das unidades lingüísticas”. O capítulo 1 dedicado a expor a metodologia de análise desenvolvida indica que as unidades para as quais Capistrano de Abreu ofereceu um único tipo de categorização receberam a classificação “Forma de categorização: absoluta”. Em simetria com o parâmetro “Forma de segmentação das unidades lingüísticas”, as unidades associadas a diferentes categorias tiveram sua forma de categorização tachada de “relativa”. De acordo com sua natureza, os critérios de categorização foram separados em “distribucional”, “semântico” e “funcional-pragmático”.

4.4.1 Nome de quê?

De início, darei atenção a um grupo de vocábulos que, geralmente, apresenta “forma de categorização: absoluta”, não contando com possibilidades alternativas de categorização. Deixando-se de parte um caso excepcional como “*i-áix*’, *i-êx*’ tatú em geral, virar tatú” (Abreu 1914: 574), as denominações de seres pertencentes à fauna e à flora foram categorizadas exclusivamente como substantivos. Tudo leva a crer que, no tocante a esse conjunto de nomes, o maior problema enfrentado por Capistrano não diria respeito ao processo de classificação da unidade lingüística, mas sim, à identificação e à clara exposição de cada referente. Para fazer com que o leitor a reconhecesse que planta ou animal era batizado por cada palavra, Capistrano de Abreu adotou diferentes estratégias.

Seus colegas versados em zoologia e botânica deveriam aprovar o recurso aos nomes científicos, capaz de individualizar realmente um referente. Apesar da eficiência desse procedimento, Capistrano utilizou-o em uma parcela bastante reduzida dos verbetes relativos à fauna e à flora que cercavam os Caxinauás. Nos casos em que isso ocorreu, o “Vocabulário caxinauá-brasileiro” comunicou, via de regra, o correspondente português para o nome caxinauá e, em seguida, a classificação da espécie no padrão de nomenclatura estabelecido por Carl von Linneu (1707-1778), como se pode observar em: “*bãi-pi-ra* ariramba de mata virgem (*Urogalba paradisea*)”, “*dô-xáu* peruinho do campo, *Anthus rufus*” e “*b~u-ta* uirapuru (*Pipra aureola*)”. Segundo informação constante na introdução ao “Vocabulário caxinauá-brasileiro”, Capistrano retirou a classificação das aves de uma obra de Goeldi¹⁰⁴ (cf. Abreu 1914: 549).

¹⁰⁴ O trabalho referido por Capistrano de Abreu (1914: 549) simplesmente como “o *Album* de Goeldi”, provavelmente é *As aves do Brasil*, cujo primeiro volume Goeldi publicou em 1894 e cujo segundo saiu em 1900 (v. Resenha de Ehrenreich ao segundo volume de *As aves do Brasil*, Cx. 68 “Resenhas”, APE). De acordo com Studart (1910: 425), Capistrano de Abreu foi responsável pela tradução do Alemão para o Português do segundo volume da obra.

Bem mais freqüente do que a menção de nomes científicos foi o emprego de termos genéricos em sequência ao correspondente em língua portuguesa, com a função de tornar as definições compreensíveis além das fronteiras da região habitada pelos índios e, mesmo, fora dos limites do continente sul-americano. Se a obra tivesse sido pensada exclusivamente para integrar bibliotecas brasileiras, não teriam se mostrado necessários esclarecimentos da ordem de “*kôx-i-ka* sabiá, ave”, “*xô-i-ka* boto, mam. aquático”, “*môx’kô* trahyra, peixe”, “*bô-k~u* imbaúba, especie de arvore” e “*i-a-pa* piaba, peixe”. Com efeito, Capistrano tinha se preocupado em “evitar duvidas”, como as que os especialistas estrangeiros experimentavam ao estudar os “trabalhos castelhanos, cujos americanismos raras vezes são conhecidos fora da terra” (Abreu 1914: 549). A título de ilustração, lembro que aqueles que ignoravam o idioma Quechua (chamado “Inga” neste contexto) dificilmente chegariam a um referente preciso, ou mesmo aproximado, a partir dos verbetes “animal, *achúmi* en inga, *Xíxi*” e “animal, *picúro* en Inga; *áno*”, integrantes do Vocabulário Castelhana-Sipibo de autoria de Frei Buenaventura Marqués (1931[1880]: 135).

Em que pese a intenção de Capistrano de situar seus leitores, há em seu “Vocabulario caxinauá-brasileiro” uma série de nomes portugueses que equivaleriam a nomes caxinauás da fauna e flora, desacompanhados por qualquer outra informação, caso de “*ka-ri* batata”, “*ka-ri-na-kô* batata rôxa”; “*ka-ri-vôx-ô* batata branca”, ou de “*i-xix* urtiga”, de “*i-a-nã* carrapato”, de “*ba-pa* curuja” e “*na-ka* mosca”. Testemunhas flagrantes de que os Caxinauás recortam o mundo de maneira que não coincide com a dos falantes do Português são os verbetes em que dois nomes portugueses não-sinônimos aparecem como correspondente de uma denominação indígena. É o que ilustram “*iô-b~i* inhame, tayoba”, “*ku-ma-ku~i* nambú, gallinha” e “*ça-mô* besouro, mosca varejeira”.

Sem nunca ter visitado aldeias caxinauás, Capistrano possivelmente se deparou volta e meia com uma dificuldade anterior à de fazer um referente acessível ao seu leitor. Em primeiro lugar, devia ele próprio identificar as entidades. Extremamente genéricos, certos verbetes parecem reproduzir as poucas pistas dadas pelos informantes e deixam o campo como que livre para a nossa imaginação. A formulação “especie de passarinho” surge ao lado das palavras “*iç-a-ha-na*” e “*nã-kô-iç-a*”. Noções um pouco mais restritas, mas ainda consideravelmente vagas, orientam a caracterização de “*miç’kô* passarinho preto”, “*i-ô-nô* cigarra grande” e “*nãi* lagarta cabelluda”. Por vezes, Capistrano nos traz recordações dos primeiros tratados sobre a terra e a gente do Brasil-colônia, ressaltando a semelhança entre o ente em definição e outro, mais familiar, a exemplo de “*~i-ka-ma-ni* banana comprida como a de S. Thomé”.

Naturalmente, quanto mais detalhada se revela a descrição do referente, melhor podemos visualizá-lo. Longe de figurar como regra geral no “Vocabulario caxinauá-brasileiro”, a exposição da utilidade do referente ou de seus traços marcantes emerge em alguns verbetes, dentre os quais: “*iu-ku* candirú, peixe que entra na urethra ou no anus durante o banho, canero em castelhano”, “*iô-x~i-xô-ta-ya* preguiça grande que mora em mulateiro ou sumaúma”, “*ku-ri*, fructa semelhante á de pão, que se come cozida e cujo caroço tambem se aproveita” e “*bu-ni* arvore cuja casca secca triturada torna a agua cheirosa”.

Outro conjunto de vocábulos que se distingue por revelar “Forma de categorização: absoluta” engloba aqueles que Capistrano, no espaço reservado às traduções interlineares de relatos e lendas, decidiu não traduzir para o Português. Associados, quase sempre, a uma única definição e, invariavelmente, a uma única categoria gramatical nos verbetes a eles dedicados no “Vocabulario caxinauá-brasileiro” comparecem nas narrações seguidos, por vezes, de uma explicação entre parênteses, como em “mucá (feitiço)” (Abreu 1914: 158). Na maior parte das ocorrências, foram grafados entre aspas, o que ajuda a destacá-los em meio às palavras portuguesas. Através desse tratamento gráfico, ganharam realce nomes de animais, como “*dôxau*” (peruinho do campo) e “*kana*” (espécie de tatu); de artefatos de caça, caso dos tipos de flechas “*txara*”, “*körö*” e “*paka*”; de danças e rituais, a exemplo de “*ômã*”, “*tir~i*” e “*katxa*” e de material para pintura corporal como “*bai*” e “*nix’pô*”.¹⁰⁵

Fica evidente, portanto, a estreita ligação dessas noções com a cultura Caxinauá e a impossibilidade de encontrar palavras portuguesas aptas a funcionar como seus exatos correspondentes. De importância central no ritual de puberdade dos garotos, como poderia ser definido o *nix’pô* sem que se fizesse uso da descrição “arbusto que mastigado torna os dentes pretos” (Abreu 1914: 595)? Não há dúvida, por outro lado, de que se trata de um substantivo. As palavras examinadas no item seguinte comportam-se de maneira oposta: seus referentes não soariam estranhos a leitores citadinos de Capistrano, mas não se pode prever com segurança sua categoria gramatical.

4.4.2 A “instabilidade” das palavras caxinauás

Para boa parte das palavras do Caxinauá, que assumiram “Forma de categorização relativa” no *rã-txa hu-ni-ku~i*, sua distribuição, isto é, a consideração das outras unidades com que se relacionavam em dado contexto, deve ter sido decisiva para a determinação de suas diferentes opções de categorização. Frisando a flexibilidade de muitas palavras da língua

¹⁰⁵ As palavras citadas podem ser encontradas nos seguintes fragmentos textuais: *dôxau* (2228, 2243, 2226, 2227); *kana* (674, 825, 835, 3332, 3338, 3427, 3436); *txara* (602); *körö* (602); *paka* (602); *ômã* (1016, 1423); *tir~i* (1423); *katxa* (1423); *bai* (1526, 1530) e *nix’pô* (857, 858, 926, 928, 929, 939, 944, 945, 946, 947, 965, 986, 987, 1000, 1001, 1013, 1015, 1035, 1041, 1043, 1044, 1047, 1049, 1054, 1081, 2635, 2636).

indígena, Capistrano de Abreu indicou que a distinção entre nome e verbo no Caxinauá não se dava da mesma forma que na língua portuguesa.

As partes do discurso mostram-se muito instáveis; a cada passo dão-se transgressões de uma para outra categoria: palavras como o ing. “grave” que pode ser substantivo, adjetivo e verbo são a generalidade. (Abreu 1914: 13)

As “transgressões de uma para outra categoria” a que estariam sujeitas as palavras caxinauás transparecem no “Vocabulário caxinauá-brasileiro” por meio da enumeração de correspondentes em nossa língua pertencentes a classes gramaticais diversas. Um exemplo pode tornar mais clara essa idéia: um único termo caxinauá, como *ta-pi*, foi traduzido pelos adjetivos “recto, directo” e pelo verbo “alinhar-se” (Abreu 1914: 607). Algo semelhante se observa no verbete *põ-i*, passado para o Português como “ferrugem”, substantivo, ou “enferrujar”, verbo (Abreu 1914: 604). Nos dois casos, Capistrano apontou para a possibilidade de dupla categorização da palavra caxinauá, sinalizando que a primeira poderia comportar-se como adjetivo ou verbo e a segunda, como nome ou verbo.

Com o objetivo de identificar com que frequência Capistrano de Abreu explicitou as diferentes opções de categorização que creditava a um vocábulo caxinauá em função de seus correspondentes em nossa língua, operou-se um levantamento exaustivo das palavras caxinauás cuja tradução para o Português envolvia vocábulos pertencentes a classes gramaticais distintas, como em *ta-pi* e *põ-i*. Também foram consideradas indício de categorização variável as notas manuscritas de autoria de Capistrano de Abreu que acrescentaram nas páginas do exemplar hoje conservado no Instituto Histórico do Ceará um equivalente português vinculado a categoria não contemplada na versão impressa. Assim, verbetes como *dô-rô* (Abreu 1914: 568) entraram na contagem, pois a significação verbal “pillar” foi completada em nota escrita à mão pela nominal “pipoca”.

Na contagem geral, foram vinte e quatro os termos para os quais acepções ligadas a outras categorias foram adicionadas em nota, o que alcança 15,5% do total de termos que contavam com correspondentes em Português pertencentes a categorias diversas. Ainda que essa porcentagem não possa ser tomada como expressiva, esse dado sugere que Capistrano de Abreu não teria julgado completamente encerrado, na versão publicada, o processo de reconhecimento da(s) categoria(s) dos vocábulos do Caxinauá.

Embora Capistrano de Abreu tenha afirmado que as palavras capazes de desempenhar as funções de substantivo, adjetivo e verbo representavam a “generalidade” dos vocábulos caxinauás, apenas sete entradas do “Vocabulário caxinauá-brasileiro” possuíam traduções que abrangiam as três categorias. Nessa situação, incluem-se *bi-mi*, “fruta”, (árvore) “fruteira” e

“frutificar” (p. 556), *piç-i* “feder”, “fedor” e (coisa) “podre” (p. 602) e *to-tô* “pingar”, “pingo” e “mosqueado” (p. 614).

Foram trinta e duas as palavras traduzidas por um adjetivo e, em seguida, por um verbo. Parcela considerável delas (vinte ou 62,5%), oferecia inicialmente um termo primitivo em nossa língua associado a um verbo dele derivado, caso de *da-tô* “medroso” e “amedrontar-se” (p. 565), de *i-ma-na* “magro” e “emmagrecer” (p. 575) e *ma-tci* “frio” e “esfriar-se” (p. 587). Fugiram a esse padrão, entradas em que palavras de raízes diferentes são empregadas nos equivalentes portugueses, como em *ô-wa*, *ô-wã* “grande” e “crescer”, *ci-na* “iracundo” e “zangar-se”, *kô-ya* “alto” e “elevar-se” e *i-au-xi* “sovina” e “recusar, defender, proteger”. Houve uma única ocorrência em que um adjetivo derivado tomou a frente de um verbo, seu primitivo: *kax-a-wã* “chorão” e “chorar muito”.

Na composição dos verbetes, o verbo em Português antecedeu o adjetivo em quinze casos. Somente duas ocorrências caracterizaram claramente a opção pela ordem de apresentação verbo derivado/ adjetivo primitivo — *nô-xã* “amornar” e “morno” (p. 596) e *xô-a* “engordar” e “gordo” (p. 620). Uma predileção pela ordem termo primitivo/ termo derivado se fez sentir em *txa-ni* “mentir”, “mentiroso” (p. 615), assim como nos exemplos contendo o sufixo “-wã” (forma do aumentativo, v. Abreu 1914: 18). Dentre as oito ocorrências em que a tradução contava com palavras primitivas e derivadas, em apenas duas o verbete inaugura-se pela palavra derivada. O mais comum é o verbo (primitivo) ocupar o primeiro lugar, o que se nota em *kôx-i-ka-wã* “engolir com grande avidez”/ “engolidor” (p. 583); *kux'-a-wã* “espancar muito”/ “espancador” e *kox'pi-ka-wã* “bufar muito”/ “bufador” (p. 584). Em *xô-a-ra-wã* “muito gordo”/ “engordar muito” (p. 620) deixa de aparecer o padrão verbo/ adjetivo, mas continua presente o padrão termo primitivo/ termo derivado.

O panorama afigura-se um pouco diferente naqueles verbetes em que a tradução continha um substantivo e depois um adjetivo. Ao todo, foram dez casos. Na metade deles, o substantivo e o adjetivo não representavam palavras cognatas, a exemplo de *bu-rô* “toco”/ “pequeno” (p. 561) e *tu-pã* “moita, folhagem”/ “frondoso” (p. 614). Nos demais pares substantivo/ adjetivo, comparando-se o número de ocorrências do padrão de apresentação primitivo/ derivado com o número de ocorrências do padrão derivado / primitivo, voltou a predominar o primeiro. De um lado, encontraram-se três ocorrências — *i-n~u* “cheiro”/ “cheiroso” (576), *iu-na* “febre”/ “febril” (577) e *txa-mi* “chaga”/ “chagado” (615). Do outro, somente uma: *xa-ba* “claridade”/ “claro” (616).

Os verbetes em que a primeira palavra portuguesa citada era um substantivo e a segunda um verbo constituem um grupo em que houve porcentagem significativa da adoção do padrão

palavra portuguesa primitiva anterior à palavra portuguesa derivada. De um total de trinta e oito casos, treze (34,2%) obedeciam a essa estrutura. Em contrapartida, apenas *xu-a* “coceira”/ “coçar” (p. 620) atendeu à fórmula derivado/ primitivo, o que não passa de 3,2% do total. Sete verbetes (22,5%) alinhavam substantivos e adjetivos de origem diversa, caso de *çõ-bi* “trouxa, feixo” e “enrolar” (p. 563) e *hi-wö*, tanto “casa” quanto “morar” (p. 571). Predominaram exemplos em que Capistrano de Abreu, por falta de um verbo que expressasse determinada noção em língua portuguesa, optou por traduzir a forma caxinauá por um sintagma “verbo + objeto”. Eles alcançaram dezessete ocorrências (ou 54,8% do total) e assumiram, muitas vezes, a estrutura de *kax-i* “morcego”, “virar morcego” (580); *bix-i* “estrela”, “virar estrela” (556). Para enfatizar ações e não uma transformação de estado, Capistrano lançou mão do verbo “fazer”: *pix'-k-i* “cocegas”/ “fazer cocegas” (p. 602); *ba-i* “roçado”/ “fazer roçado” (p. 552).

De certa maneira, a anteposição do substantivo (“sopa”) ao conjunto formado pelo verbo e pelo substantivo (“fazer sopa”) atende igualmente ao esquema primitivo/ derivado. Os dados até aqui registrados indicam que Capistrano de Abreu privilegiou tal modo de organização dos verbetes, preferindo inaugurar a tradução pelo termo português primitivo. Não parece plausível, no entanto, supor que a escolha dessa ordem de apresentação dos equivalentes em Português tenha sido condicionada por uma crença em alguma espécie de hierarquia das possibilidades de categorização dos vocábulos do Caxinauá. Em outras palavras, não há evidências de que ao termo expresso inicialmente em língua portuguesa Capistrano de Abreu tivesse associado a, por assim dizer, categoria ‘original’ (antes que ocorressem “transgressões”) da palavra na língua indígena. Considerando-se, por exemplo, a estrutura de *kõx-i-ka-wã* e de *xô-a-ra-wã*, muito semelhantes, fica difícil justificar, com base nas formas em Caxinauá, a divergência na composição dos verbetes. A primeira palavra ganhou versão portuguesa como “engolir com grande avidez”/ “engolidor”, ao passo que a segunda foi posta em correlação com “muito gordo”/ “engordar muito”.

Se a natureza do vocábulo caxinauá parece ter exercido pouca influência na disposição de seus equivalentes em Português, Capistrano de Abreu a destacou como fundamental para a decisão de compor um ou mais verbetes. Sempre que ficasse caracterizada, em termos atuais, a ‘homonímia’, deveriam ser elaborados dois verbetes. Capistrano definiu, assim, o modo de organização de seu “Vocabulário caxinauá-brasileiro”: “Vão separados vocabulos pronunciados do mesmo modo, mas de significações diferentes e irreductiveis. Às vezes, porem, os accrescimos de ultima hora tornaram impossivel a separação” (Abreu 1914: 549).

Fica subentendido que, quando houvesse um fundo semântico comum (coincidindo com o que hoje se considera ‘polissemia’), as diferentes acepções ocupariam um único verbete.

Não causa espanto, logo, que um verbete seja dedicado a *ma-ni* “deitar, morar” e outro a *ma-ni* “banana” (p. 585). Do mesmo modo, foram separados *mãi* “terra” e *mãi* “acará, espécie de peixe” (p. 585). No entanto, Capistrano de Abreu desmembrou em dois verbetes acepções que não soavam “diferentes e irredutíveis”, mas lembravam as categorizações alternantes identificáveis em *iô-mô-tçô* traduzido como “ladrão, furtar” (p. 577) e *ka-tô*, “espinhaço, encostar” (p. 579). Na página 551, um verbete contemplou *ba-bô* “arrancar, desgrudar” e outro *ba-bô* “pedaço/ fragmento”, o que choca com a existência de um único verbete consagrado a *çoe-kô* “cortar, pedaço” (p. 563). Enquanto *bô-rô* “palmito, despalmitar” (p. 561) corresponde a um verbete, assim como *du-a* “cans, encanecer” (p. 567), contam-se duas entradas para *ma-bi-ti* “couro da cabeça” e “encourar a cabeça” (p. 584). Embora *paç’na* tenha ganho duas entradas, uma para a acepção “palito, lasca” e outra para “fino, delgado” (p. 600), *xô-ni* surgiu como “azeite, gordura, gordo, velho” (p. 619). Porque reunir *ba-ba* “gaguejar, falar que não se entende” e separar *rã-txa* “idioma, linguagem” de *rã-txa* “falar, conversar”?

Ao menos para um conjunto de verbetes é possível postular uma explicação lingüística para a adoção de verbetes distintos para entradas semanticamente relacionadas. Quando os verbos caxinauás podiam funcionar como transitivos ou intransitivos, no “Vocabulário caxinauá-brasileiro”, “depois do verbo aparece *a/i*, *a/ô* [...] conforme se ajunte *a*, *i* ou *ô* á cepa [raiz] o verbo é ou não transitivo: *a* caracteriza o transitivo” (Abreu 1914: 548).¹⁰⁶ Comparando-se verbos arrolados no “Vocabulário caxinauá-brasileiro” com e sem essa notação, pôde-se perceber que os verbos dotados de dupla transitividade não ocupavam a mesma entrada que os nomes a eles relacionados, situação inversa à daqueles para os quais não se acusava a alternância intransitivo/ transitivo. Os exemplos abaixo apóiam tal interpretação:

- a) *ba-rôx*, verbete 1: “frio”; verbete 2: “***a/i*** esfriar-se, esfriar” (p. 554, negrito adicionado), que se contrapõe a *ma-tci* “frio, esfriar” (p. 587);
- b) *iôx’tô*, verbete 1: “torto, envergado”, verbete 2: “***a/i*** envergar” (p. 577, negrito adicionado), contrastando com *iôri* “torto para o lado, entortar” (p. 577);
- c) *kox’tô*, verbete 1: “grosso”, verbete 2: “***a/i*** engrossar, plantar junto, nascer embastido” (p. 582, negrito adicionado), distinto de *xu-ru* “grosso, encorpar-se, engrossar, inchar, abaular-se” (p. 621);
- d) *ta-rax’*, verbete 1: “secco”, verbete 2: “***a/i*** seccar, coalhar” (p. 607, negrito adicionado), diverso de *tax’ka* “secco, seccar” (p. 608).

¹⁰⁶ Essa análise de Capistrano coincide com a presente em Camargo (1996: 7, nota 15).

Ainda que a possibilidade de dupla transitividade verbal se revele como um critério distribucional capaz de justificar a adoção de um ou dois verbetes para determinadas unidades lingüísticas, ela é, certamente, insuficiente para explicar todos os casos em que se notam incoerências na organização das entradas do “Vocabulario caxinauá-brasileiro”.

4.5 Os “suffixos” do Caxinauá segundo Capistrano de Abreu

Adotando os hífens presentes nas palavras como fronteiras de sílaba reconhecidas por Capistrano de Abreu, verifiquei quantas sílabas apresentavam as palavras em cuja definição foram utilizadas palavras portuguesas de categorias diversas. Constatei, assim, que somente 28 delas (pouco mais de 18% do total) continham três sílabas e apenas seis (cerca de 4%) mais de três sílabas. A ausência de palavras mais extensas entre as que contaram com categorização variada se explica sem dificuldade, pois as unidades lingüísticas resultantes do processo de derivação tinham sua categoria determinada pelos afixos que recebiam. Como afirmou Capistrano, “[a] diferenciação de nomes e verbos por meio de suffixos vai adeantada” (Abreu 1914: 32).

Em muitos casos, Capistrano de Abreu elegeu a existência ou não de significado independente associado a uma unidade lingüística como o princípio norteador da sua categorização, caracterizando-se o emprego do “Critério de categorização semântico”, de acordo com o que foi descrito no capítulo dedicado à metodologia da pesquisa. A facilidade com que o Caxinauá converteria palavras em sílabas de outras palavras para compor as, para usar uma denominação cunhada por Capistrano, “formações terciárias” complicava a separação entre ‘formas livres’ e ‘formas presas’, nos termos da lingüística atual. Capistrano, que encarou o problema como uma necessidade de diferenciar os “suffixos” das “desinencias”, estabeleceu claramente um critério de base semântica para resolvê-lo.

Os suffixos precisam distinguir-se das desinencias: estas são palavras separadas, elementos semanticos independentes, aquellos meros epiphytos: “sua significação desbotou tanto que seu emprego é meramente formal” na expressão de F. N. Finck. Si não fosse assim teríamos de apontar: *ba* plantar, queimar; *bõ*, *wõ* cobrir; *box*, *wõx* arranhar; *ri*, escorrer, *rõ* cortar, *k-i* buraco, etc. — todas ellas palavras independentes, e com igual direito passaria á categoria de suffixos pelo menos um terço do vocabulario. (Abreu 1914: 27)

A imagem do epífito, ou seja, do vegetal que vive sobre outro sem dele retirar alimento, soa esclarecedora. Afinal, o “suffixo” não pode ser expresso isoladamente, por lhe faltar um sentido autônomo. Na visão de Capistrano, ele contaria sempre necessariamente com uma base lexical a que se encontraria ligado. Fica claro, portanto, que o significado das expressões serviu de guia na tarefa de apartar as “desinencias”, que se comportariam como “elementos

semânticos independentes”, dos “suffixos” que ele chamou, por oposição, “elementos formaes dependentes” (Abreu 1914: 27).

Um levantamento das menções a sufixos no texto das “Preliminares” e no “Vocabulário caxinauá-brasileiro” apurou que Capistrano de Abreu reconheceu 102 unidades pertencentes a essa categoria no Caxinauá. Para chegar a tal quantidade, considerei sufixos diversos aqueles que apresentavam a mesma forma fônica, mas exerciam funções distintas. Dessa maneira, contabilizei três sufixos *nã*: um com função explicativa, sempre precedido de *kõ*, um que atuaria como índice casual e outro, que unido a verbo no passado ou no presente, traria a noção de “quando”.

4.5.1 Os “suffixos lexicos”

De acordo com a perspectiva de Capistrano de Abreu, os sufixos do Caxinauá não formariam um conjunto homogêneo, uma vez que podiam ser subdivididos a partir de sua natureza e comportamento. De um lado, estariam os “suffixos lexicos” e, de outro, os “suffixos syntacticos”. Lançando mão, mais uma vez, de um critério semântico de classificação, Capistrano de Abreu indicou que os “suffixos lexicos” correspondiam àqueles que “modificam o sentido primitivo” (Abreu 1914: 18) do elemento a que são acrescentados, caso dos aumentativos *pa* e *põ* e do afixo *ri* que tem os valores de “depressa” e “tambem” e de *kãi-kãi* “quotidianamente ou totalmente” -- que no “Vocabulário” está registrado com a informação de que ocorre “junto a verbo” (p. 579), tornando-se evidente a impossibilidade de sua existência como forma autônoma.

Os “suffixos syntacticos”, por sua vez, receberam tal denominação “porque não modificam a significação do vocabulo e só aparecem nas orações” (Abreu 1914: 29). Para Capistrano de Abreu, os “índices casuaes” constituíam exemplos privilegiados de sufixos sintáticos. Com o objetivo de tornar mais clara a distinção entre sufixos léxicos e sufixos sintáticos, foram construídos o quadro abaixo e outro semelhante no próximo item. No quadro a seguir, encontram-se documentados os sufixos léxicos citados no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, acompanhados por sua significação, por sua distribuição (quando expressamente referida por Capistrano de Abreu) e pela numeração das páginas em que foram mencionados.

Quadro 4.1: “Suffixos lexicos” apontados em Abreu (1914), ordenados alfabeticamente

Sufixo	Significado	Distribuição	p.
a	modifica sentido de advérbio	com advérbio	15
bãi	partida ou locomoção	pós-verbal	23, 552
bãi-bãi	constantemente ou totalmente/ todos os dias	pós-verbal	23, 552
bi-rã	Idéia de vir	junto a verbo	23, 556
bô	Sinal de plural		18, 28
bô-bô	de um lado para outro	junto a verbo	23, 561
ç	Exclusivamente		28
da/ra	Bem	junto a verbo	24, 28, 563
di/ri	mesmo, também, depressa		24, 565
iç	reforça a negativa	junto a verbo e seguido de “ma”	575
iô	vir ou primeiramente		23
k~u	Entra na formação das partes do corpo		17
k~u	Movimento ininterrupto/ continuidade	entre o verbo e outro sufixo	17, 23, 582
kãi	Ir		23
kãi-kãi	Quotidianamente ou totalmente	junto a verbo	23, 579
ki-ki	Idéia de ação não terminada e de possibilidade	junto a verbo	20, 581
ki-rã	Vir		23
ki-ri	modifica sentido de advérbio	com advérbio	15
kô	verbo reflexivo	com verbo	23
kô-kô	de um lado para outro		23
ku	verbo reflexivo	com verbo	23
ma	Causativo	junto a verbo	24, 584
ma	Negativo	junto a nome ou verbo	23, 24, 38, 584
ma-nô	Reciprocidade		23
mô	verbo reflexivo	junto a verbo terminado em vogal nasalada	589
na-mô	reciprocidade ou objetivo indeterminado		593
nã-nã	Reciprocidade		23
nô	modifica sentido de advérbio	com advérbio	15
ô	Nominal		28
pa	Aumentativo		28, 599
pó	Aumentativo	junto a adjetivos	28, 603
ro	indicativo de ausência		28
ta	Ir		24
te	nome de instrumentos		21, 609
tê-a	Indica a estação		610
tê-a	Indica tamanho		610
tê-o	Indica a grossura		610
to	Indicativo de ausência		28
xa/xá	Adiamento, ação futura ou dependente de outra não-realizada	junto ao verbo	24, 616
xa-ra	Bem		24
xô	Indica ação praticada por outro		19, 24
xô	modifica sentido de advérbio	com advérbio	15
xô-ni	Superlativo de adjetivo	com adjetivo	18, 619
ya	equivalente ao <i>ful</i> inglês, <i>voll</i> alemão, forma adjetivos	junto ao nome	28, 574
yu-ma	indicativo de ausência		28

Os cinquenta e um sufixos aqui listados, na concepção de Capistrano, acrescentariam um novo matiz semântico à forma lingüística a que se ligam e não teriam relação decisiva com mecanismos morfológicos. (Para uma discussão da validade dessa descrição para os sufixos modificadores de advérbio *a*, *nô* e *xô*, ver seção 5.2). A inclusão do “signal de plural” na categoria dos “suffixos lexicos” aponta que Capistrano de Abreu pautou sua classificação na realidade observável na língua indígena, sem sujeitá-la aos moldes da gramática portuguesa. Em Caxinauá, diversamente do que se dá em Português, “os adjetivos são invariáveis quanto a gênero; **pódem** tomar como signal de plural *bô*, si a maior **emphase** o exigir” (Abreu 1914: 18, negritos adicionados). Desse ponto de vista, a marcação expressa do plural representa a opção por conferir determinada feição ao vocábulo, processo que em nada difere de se utilizar *-ki-rã* para adicionar a noção de vinda (*bô-ni* “levantar” e *bô-ni-ki-rã* “levantar-se e vir”, p. 557); *-tê-ã* para sublinhar a idéia de estação, tempo de alguma coisa (*iô-nô* “legumes” e *i-o-nô-tê-ã* “tempo de legumes”, p. 577); ou *-tê* como indicativo de instrumento (*du-mo-tô-kô* “fumar” e *du-mo-tô-kô-tê* “cachimbo, charuto”, p. 567; *pi* “comer” e *pi-tê* “para comer, comida”, p. 602).

Além de reportarem-se ao significado dos chamados “suffixos lexicos”, muitas definições retiradas da obra de Capistrano de Abreu, presentes no quadro acima, informam-nos acerca da distribuição daqueles sufixos. Boa parte deles se uniria a verbos, caso de *-bái* (ação prolongada), *-ma* (causativo) e *-da/ra* (equivalente a “bem”). O primeiro estabelece a distinção entre *i* “dizer” e *i-bái* “falar durante muito tempo” (p. 576). O segundo, por sua vez, tem lugar em *ba-ka-bi-ma*, “fazer pescar”, que deriva de *ba-ka-mi*, “pescar” (p. 552) e *ka-ma*, “fazer ir”, diverso de *ka*, “ir” (p. 578). Pode-se exemplificar o uso de *xa-rã* com a forma *pi-xa-rã*, traduzida no fragmento 39 da recolha de relatos como “comermos bem” (Abreu 1914: 35).

Prendem-se a adjetivos, segundo mostra o quadro 4.1, os sufixos *-xô-ni*, índice de superlativo, *-pô* que equivale a um aumentativo e *-ya* que cunha adjetivos a partir de substantivos. Na medida em que determinados sufixos associavam-se exclusivamente a certa categoria gramatical, a presença deles evidenciava a categoria em que um vocábulo se enquadrava. Isso justifica porque a maioria (mais de 74%) dos vocábulos caxinauás que foram relacionados simultaneamente a palavras portuguesas de diversas categorias possuía até duas sílabas. Com raras exceções, aquelas palavras caxinauás não contavam com “suffixos lexicos”. A título de ilustração, comparem-se *ci-na* “iracundo, zangar-se” e, portanto, adjetivo e verbo com *ci-na-bãi* “zangar-se e ir”, verbo, e *ci-na-kãi-kãi* “zangar-se todos os dias”, verbo

(p. 562); e *ka-tö* “espinhaço, encostar”, logo, substantivo e verbo, com *ka-tö-tô* “corcunda”, adjetivo (p. 580).

4.5.2 Os “suffixos syntacticos”

Em oposição aos “suffixos lexicos”, os “suffixos syntacticos”, de acordo com Capistrano, subordinam-se ao domínio da oração. Parcela considerável deles, conforme demonstra o quadro 4.2, encarregam-se de expressar relações de ordem gramatical, como os casos e os tempos verbais. Esse quadro reúne os sufixos sintáticos mencionados no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, informando a função a eles atribuída, que nos leva a entrever sua distribuição.

Quadro 4.2: “Suffixos syntacticos” apontados em Abreu (1914), ordenados alfabeticamente

Sufixo	Função	p.
A	índice temporal	20, 28
a-i	índice temporal	20
a-i-ma	índice temporal	20
Baú	Onomatopaica	29, 554
bi/b~i	mesmo, partícula enfática; junto ao nome equivalente ao “verbo substantivo”	555
dã/rã	desconhecida (“sufixo obscuro”)	18, 30
I	índice temporal	20, 21, 28
i-ma	índice temporal	20, 21
k~i	índice temporal	20, 21
k~i	mesmo, partícula enfática; junto ao nome equivalente ao “verbo substantivo”	29
Ka	índice temporal	20, 23, 580
katç-i	índice temporal	21
Ki	índice temporal	20, 23
ki-a-ki	exornativa ou enfática	29, 30
ki-nã	índice temporal	20
Kõe	índice temporal	580
Mã	Interrogativo	29
miç’	índice temporal	21
miç’ki	índice temporal	21
mõe/ mõe-kai	partícula interrogativa ou exclamativa	589
n~i	índice casual	29
n~u	índice temporal	21
Na		29
Na	“quando”, junto a verbo no passado ou presente	30
Na	explicativa, precedido de <i>kö</i>	30
Na	índice casual	29
nã-ki	Quando	20
nã-kö	Quando	20
Ni	índice temporal	20, 21
ni-ka	índice temporal	21
Nö	índice temporal	21
Nõe	índice casual	29
nõ-nã	índice temporal	21
ô-ã	Índice casual	29

Pa	interrogativo, consultivo	29, 599
Pã	índice casual	29
Rã	“quando”	30
Rã	índice casual	18, 29
Rã	pronome relativo na função de objeto	30
Rã	substituto de conjunções	30
Rã	substituto de possessivos	18, 30
ra/rã	partícula de realce ou para outros efeitos	18
ro-ki	índice temporal	21
Ta	índice casual	16
Ta	índice temporal	20
Te	índice temporal	21
To	índice casual	16, 18, 29
tô/ to	Terceira pessoa e segunda do plural	17
Wã	índice temporal	21
Wõ	Imperativo	21
Wõe	Imperativo	21
Xô	índice temporal	21
Xõ	imperativo, com outros imperativos	20
Xõ	índice temporal	20, 21
Ya	índice temporal	21

Comparando-se os sufixos antes analisados aos listados no quadro 4.2 acima, pode-se perceber que, efetivamente, os segundos agem sobre o domínio da sentença. A noção de “quando” (veiculada pelos sufixos *rã*, *nã*, *nã-ki* e *nã-kõ*), por exemplo, não se prende a um vocábulo isolado, mas confere uma caracterização a toda a sentença. O mesmo poderia ser afirmado acerca do “interrogativo, consultivo” –*pa*, presente em “*mairã bônapa? ika*”, isto é, “terra levamos por ventura? fizeram” (Abreu 1914: 219, fragmento 2450) e da partícula interrogativa ou exclamativa “*mõe/ mõeikai*”. Tanto “*pa*” quanto “*mõe/mõeikai*” fazem suspeitar que sufixos sintáticos poderiam desempenhar funções relacionadas ao que hoje se denominam modalidades da enunciação.

Integram o conjunto exposto no quadro 4.2, ao contrário do que se notara para os sufixos léxicos, unidades consideradas de natureza enfática, caso de –*ki-a-ki*, *bi/b~i* e do *rã*, “partícula de realce”. Talvez por julgá-las uma maneira de expressar-se característica dos Caxinauás, Capistrano de Abreu não forneceu uma tradução para elas nas sentenças com que passou para o Português os relatos ditados pelos índios. Assim, “*niç'kã-ya-bi naxi-a iôna-miç'-ki-rã*” recebeu como correspondente em nossa língua “suados banhamo-nos adoecemos”, frase desprovida de qualquer traço de ênfase (Abreu 1914: 34, fragmento 28). De modo semelhante, “*kauni-ki-ki-rã*” foi vertida para o Português simplesmente como “cahindo está” (Abreu 1914: 43, fragmento 180). Os sufixos sintáticos de ênfase afastam-se, nesse particular, dos sufixos léxicos, para os quais Capistrano de Abreu sempre ofereceu tradução.

Na verdade, a dificuldade da tarefa de encontrar equivalentes em nossa língua para os sufixos sintáticos, em geral, e sua própria natureza deixaram-nos praticamente ausentes do “Vocabulário caxinauá-brasileiro”, coincidindo o espaço de ocorrência de comentários relativos a esses sufixos com a seção “Preliminares”, destinada aos estudos gramaticais do Caxinauá. Por isso, o quadro 4.2 arrola poucas menções a sufixos sintáticos além da página 30.

Dos sufixos acima listados, oito seriam empregados para indicar caso: *-tã*, *-to*, *-rã*, *-n~i*, *-nã*, *-nõe*, *-ô-ã* e *-pã*. Capistrano de Abreu, que considerou tais terminações equivalentes do ponto de vista funcional, não esboçou qualquer explicação para a alternância dessas formas. À exceção de *-tã*, não-observáveis no Caxinauá atual (v. Camargo 2005: 57), essas terminações deveriam obedecer a condicionamentos fonético-fonológicos, semelhantes aos descritos por Weißhar e Illius (1990: 527) para as oito possibilidades de realização do “caso marcado” em Sipibo-Conibo¹⁰⁷.

Além de silenciar acerca do contexto de ocorrência dos diversos “índices casuaes”, a descrição da marcação casual em Caxinauá presente no *rã-txa hu-ni-ku~i* acabou, de certa maneira, por anular a distinção entre acusativo e nominativo. Na mesma medida em que relativiza a oposição que, naquela concepção, deveria servir de eixo ao sistema (nominativo x acusativo), a solução descritiva adotada por Capistrano deu bastante espaço a aspectos de natureza pragmática, privilegiando a ênfase no processo de reconhecimento das funções sintáticas pelos falantes. Com efeito, na perspectiva de Capistrano, o Caxinauá soava como uma língua especialmente influenciada pela situação comunicativa, em que as marcações morfológicas não precisariam ser rigidamente seguidas.

A declinação dos nomes contém dois casos: um serve para o nominativo, genitivo, vocativo: o outro serve de objectivo ou usa-se com posposições.

O primeiro caracteriza-se habitualmente pelo final nasalado, póde-se, porém, formal-o com o accrescimo de *nã*, *rã*, *tõ*, etc.; o segundo em regra dispensa a nasalisação. **Não ha declinação obrigatoria e invariavel:** com a excepção de *tõ* as desinencias casuaes **podem indifferentemente servir para o nominativo e para o accusativo; relevantes são a emphase**, o rythmo, a posição no discurso (Abreu 1914: 18, negritos adicionados).

Pódem chamar-se **índices casuaes** estes e outros suffixos, dizer que o nominativo como o genitivo formam-se pela nasalisação da vogal final, pelo accrescimo de *nã*, *n~i*, *nõe*, de *ô-ã*, de *pa* ou *pã*, *rã*, *tõ*; mas **não tem conta as vezes em que o nominativo não traz indice**, e, excepto *tõ*, **o mesmo indice serve para qualquer caso** (Abreu 1914: 29, negritos adicionados).

¹⁰⁷ Examinando a manifestação do “caso marcado” do Sipibo-Conibo, Weißhar e Illius (1990: 572) identificaram os seguintes alomorfes: 1) *-n*: com nomes de duas ou quatro sílabas, com acento na primeira, que terminam em nasal; 2) *-kann*, *tîn*: com nomes dissilábicos que terminam por uma vogal tônica não-nasal; 3) *-man*: com nomes de duas ou quatro sílabas, que terminam por uma nasal; 4) *-an-*, *-în*: com nomes dissilábicos que terminam em consoantes fricativas; 5) *-nin*: com nomes com número ímpar de sílabas e 6) *-on*: posposto ao sufixo *-bo* de plural.

Mesmo levando em consideração que a língua Caxinauá, a rigor, não apresentaria “declinação obrigatória e invariável”, julgo conveniente sintetizar em um quadro-resumo a análise do sistema casual proposta por Capistrano de Abreu. Como se pode notar, as informações constantes no quadro concretizam a noção de que “o mesmo índice serve para qualquer caso”.

Quadro 4.3: A marcação casual do Caxinauá, segundo Abreu (1914)

Índice casual	Função canônica atribuída	Outras funções
Final nasalizado	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
To	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	
Na	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
n~i	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
Rã	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
Nõe	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
Pa	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
Pã	Caso 1 (nominativo, vocativo, genitivo)	Caso 2 (acusativo, oblíquo)
Final não-nasal	Caso 2 (acusativo, oblíquo)	Nominativo

Tomando-se como base a descrição sintetizada no quadro 4.3, as categorias de análise de que dispunha Capistrano de Abreu, à primeira vista, o teriam impossibilitado de identificar sistematicidade e coerência na marcação casual da língua Caxinauá. Para leitores atuais, a proposta acima deve parecer pouco explicativa e um tanto inadequada. No entanto, uma investigação mais detida da distribuição da nasalidade final em sintagmas nominais-sujeito do *rã-txa hu-ni-ku~i* (v. seção 5.1 do presente trabalho) sugere que a realidade dos dados não permitiria uma conclusão muito diferente desta, ainda quando examinada a partir de um referencial ergativo-absolutivo de marcação casual.

De toda a maneira, não creio que seja plausível creditar exclusivamente a uma inabilidade do descritor (que, também por gerações posteriores, foi reconhecido como um lingüista e tradutor de particular talento, v. Câmara 1965 e Rodrigues 1986) a opção por tal solução descritiva. A meu ver, teria contribuído decisivamente para a proposta de Capistrano uma crença de que a consideração da organização textual e da intenção comunicativa do falante pesava mais do que a análise de formas isoladas, para a verdadeira compreensão do Caxinauá.

4.5.3 O “suffixo obscuro”

Chama a atenção, no quadro 4.2, a existência de um sufixo sintático para o qual não foi definida claramente uma função. Fica fora de dúvida, o embaraço de Capistrano de Abreu para classificar adequadamente um sufixo *-rã* nomeado por ele “suffixo obscuro”. Os numerosos homônimos desse sufixo (seis, como aponta o quadro 4.2) tornaram ainda mais intrincado o problema, que será focalizado no presente item.

Capistrano de Abreu julgava que o uso de sufixos sintáticos permitia a inversão dos termos da oração e o abandono do padrão sintático caxinauá usual: sujeito, objeto, verbo. Ele confessou que tais sufixos complicavam a tarefa do descritor, pois sua “função às vezes é difícil rastrear” (Abreu 1914: 29). Com efeito, Capistrano não se via em condições de descrever satisfatoriamente o funcionamento do sufixo *-dã/rã*, assim como o de outras “partículas” de natureza comparável. Testemunhos do processo de elaboração do *rã-txa hu-ni-ku~i*, presentes em sua correspondência publicada, confirmam que os sufixos do Caxinauá desafiaram a argúcia de Capistrano. É o que se nota em: “Faltavam os sufixos, questão difícil de tal modo que resolvera deixá-la de parte. As dificuldades naturais complicavam-se com umas idéias errôneas que eu tinha e considerava grande coisa” (Carta escrita em 1º de dezembro de 1913, Abreu 1977[1954]: 26).

Quais seriam as “dificuldades naturais” envolvendo a compreensão do comportamento do “suffixo obscuro” *-rã*? Por meio da comparação com seus homônimos, as características do “suffixo obscuro” podem ganhar mais clareza. Em mais de um ponto das “Preliminares”, Capistrano de Abreu abordou as funções desempenhadas por sufixos sintáticos que assumiam a forma *-rã*. Nas páginas 18 e 30, informou que *-rã*, acrescido a nomes, servia, muitas vezes, de substituto dos possessivos de terceira pessoa *ra-wõe* e *ra-tõ*. No fragmento 4905, por exemplo, encontra-se “*miyôirã*” que foi traduzido como “a historia sua”.

Capistrano considerava função de um dos sufixos *-rã*, valer, quando ligado a verbos, como um equivalente das conjunções *ra-b~i* e *ra-ki-a* (ambas traduzíveis por “si, porem”). Ao que tudo indica, esse é o sufixo presente em “*m~i tçöka-ya-ma-wõ! iç~i-miç'-ki-rã*” (“tu arranca não! *sinão* doe”, 209) e “*bakö mix't~ibõ, matôrã rawa piamakawõe, matõ kôõ txapôkikirã*” (“—meninos pequeninos, vós cousa alguma comei não! *sinão* vossos beijos furados apodrecem, 955). “Sinão” foi grafada em itálico por Capistrano, de modo a sinalizar que sua posição na sentença portuguesa não coincide com a da construção correspondente em Caxinauá.

Ainda no terreno dos sufixos *-rã* que se uniam a verbos, Capistrano aludiu a um que tomaria o sentido de “quando”. Dentre os muitos exemplos que se poderia lembrar, figuravam

“*na nai tököirã*” (“este ceu quando se quebra (troveja)”, fragmento 4875) e “*na n~u mawairã*” (estes nós quando morremos, fragmento 4891).

Evidenciando sua condição de sufixo sintático, existiria um *-rã* que

[á]s vezes [...] dá idéa de “que” no accusativo. A mulher que foi buscar agua deixando o filho entregue à onça, e não o encontrou ao voltar, pergunta 3179: *ia-yã, ra-ni-a m~i ba-bã, òe mi-ki bax-i-bã-na-rã* parece traduzir-se: sogra aonde teu neto eu tu com deixei, sahi “que”? (Abreu 1914: 30)

Embora o fragmento 3011 não contenha uma estrutura em tudo semelhante à mencionada na citação acima, também encerra um *-rã* verbal que Capistrano passou para o Português sob a forma de uma oração relativa, conforme destacam os termos em negrito: “*ix’minã mawa raw~idoa, ratõ xõtõ daci ratõ iônôairã, ix’minã mawa rawôedua iôi tãnabô txami piôkatci*; ao urubú-rei muito bonito, **que** urubús todos aquelles manda, ao urubú-rei muito bonito dizer foram, chagas comer vir para.” Formulações como essa permitem supor que Capistrano julgou *-rã* capaz de funcionar realmente como um pronome relativo e não apenas como “‘que’ no accusativo”.

Do conjunto dos “índices casuaes”, já exposto, tomava parte um sufixo *-rã*. Como os demais, serviria indistintamente para indicar o caso 1 (que abrangeria o nominativo, o genitivo e o vocativo) e o caso 2 (vinculado ao acusativo e à presença de posposições). Capistrano de Abreu não enxergava caráter obrigatório na marcação de caso em Caxinauá, mas atribuía aos sufixos sintáticos encarregados de efetivá-la “a função [...] de libertar a ordem das palavras” (Abreu 1914: 29). Dessa maneira, faz sentido postular que ele tenha classificado como marcadores de caso os sufixos *-rã* ligados a substantivos inseridos em sentenças, cuja disposição dos termos não obedecia à “ordem natural [...] sujeito, objeto, verbo” (p. 30). Assim, o *-rã* de “*nuku dötökani nairã*” (“nos mataria **o ceu**”, 4859) poderia ser tomado como índice de nominativo, enquanto o *-rã* de “*i ma ati-a-ki möx’kô-rã*” (“eu já peguei **trahira**”, 154) poderia ser interpretado como marca de acusativo.

Ainda que o *-rã* indicativo de caso ficasse sem correspondente na tradução portuguesa, a distribuição da forma (junto a substantivo e geralmente em sentenças em que não se encontraria a ordem canônica) permitiria seu reconhecimento. Mais complexa era a separação entre as duas outras modalidades de sufixo *-rã* igualmente desprovidas de um equivalente em nossa língua, no processo de tradução das lendas. Sob que critério(s) Capistrano de Abreu (1914: 18) teria fundado a distinção entre “*rã, ra* [que] podem-se juntar a qualquer parte da oração como particula de realce, ou para outros efeitos” e “um suffixo, que ora aparece como *dã*, ora como *rã*, [e] provavelmente não tem relação com *ra, rã*”?

Naturalmente, o critério distribucional não tinha grande utilidade na resolução da questão, posto que a partícula de realce poderia se unir a todo tipo de termo. À primeira vista, a adoção de um critério fonético poderia parecer uma boa opção, uma vez que um sufixo assumiria as formas *rã/ra* e o outro as formas *dã/rã*. No entanto, a consideração de aspectos da fonética do Caxinauá, tal como abordada por Capistrano, obriga-nos a descartar essa hipótese. A considerável predominância da forma *rã* encontra explicação na seção “Sons”, primeira das “Preliminares”, e, como sabemos, dedicada a estudos fonéticos. Dentre as particularidades sonoras da língua indígena em estudo, Capistrano destacou que “*d* inicial transforma-se geralmente em *r* brando no meio do vocabulo” (Abreu 1914: 10). De acordo com sua descrição, portanto, afigurava-se incomum a presença de *d* intervocálico. Com efeito, exemplos como *bôni-ya-i-dã* não apareceram em grande proporção no *corpus* investigado.

É possível que o surgimento de *d*, naquela ocorrência, estivesse relacionado à utilização, pelo informante, de uma pronúncia pontuada por pausas. Afinal, Capistrano esclareceu que a mudança de *d* para *r* tinha caráter reversível, como comentado anteriormente (cf. Abreu 1914: 13). Nem mesmo a existência de uma forma não nasalizada (*-ra*) da partícula de realce deve ser encarada como uma fronteira fonética relevante entre os sufixos *-ra/rã* e *-dã/rã*, tendo em vista que Capistrano de Abreu sublinhou a frequência com que a “nasalização” e a “desnasalização” ocorreriam em Caxinauá (1914: 28). Para ilustrar tal fato, apontou o caráter de variantes fonéticas das formas *tx~u-tx~u*, *tx~u-tx~u-mã* e *tx~u-tx~u-nã*, referentes ao nome de uma ave, a cambaxirra.

As análises por mim efetuadas sinalizam que a opção por distinguir o “sufixo obscuro” de uma “partícula de realce ou para outros efeitos” parece não encontrar justificativa consistente no domínio da fonética ou dos mecanismos gramaticais do Caxinauá, de acordo com a descrição fornecida por Capistrano de Abreu e com os dados constantes no *rã-txa hu-ni-ku~i*. Provavelmente, Capistrano acreditou que cada um desses sufixos desempenharia um papel particular nas interações comunicativas e, por conta disso, teria postulado duas subcategorias diversas. Essa hipótese ganha força se levarmos em conta que ele elegeu a observação de situações reais de comunicação como o único instrumento capaz de trazer respostas definitivas no tocante ao emprego das “partículas” caxinauás e, em especial, do “sufixo obscuro” *-dã/rã*.

As partículas são a maior obscuridade do caxinauá; os textos não bastam para esclarecer-lhe as subtilezas, **só a convivência prolongada na aldeia poderia revelá-las**. Que significa *dã* 4854, 4874 e passim? às vezes diz-se *rã*. (Abreu 1914: 30, negritos adicionados)

Mesmo sem dominar completamente as “subtilezas” do uso das “partículas”, que julgava inacessíveis a quem não tivesse vivido um período considerável entre os índios, Capistrano conseguiu elaborar uma descrição bastante elogiada da língua Caxinauá e produzir traduções admiradas por sua fidelidade (v., por exemplo, Koch-Grünberg 1924[1916]: 304, nota 4). No processo de transposição das lendas e relatos para o Português, a identificação do valor das formas verbais caxinauás, certamente, ganhou relevância. A seção seguinte se atém ao tratamento conferido por Capistrano de Abreu a esse aspecto da gramática caxinauá.

4.6 Os “paradigmas de verbo” do Caxinauá segundo Capistrano de Abreu

4.6.1 O problema colocado pelas formas verbais

Na subseção das “Preliminares” dedicada às “formas do verbo”, deparamo-nos com passagens em que ficam apontados problemas descritivos que resistiram à astúcia analítica de Capistrano. O pesquisador revelou, assim, que não pôde compreender a totalidade dos “suffixos verbaes” (hoje rotulados de morfemas verbais) que identificou. Em sua visão, por exemplo, “*k~i* [seria] menos preciso” do que outras formas caxinauás com que também se poderia traduzir nosso presente do indicativo, caso do “presente actual, o que se está fazendo” (*-i*) e do “presente habitual” (*-miç’ki*).

Todas as formas de passado em Caxinauá, independentemente de seus matizes semânticos específicos — como o “passado remoto” que seria representado por *-ni* e o “passado flagrante”, que seria veiculado por *-xõ* — receberam idêntica tradução em Português: por vezes associadas ao nosso pretérito perfeito, por outras ao nosso pretérito imperfeito. Tratamento semelhante foi conferido às formas que expressariam os diversos tipos de presente na língua indígena. Embora Capistrano tenha postulado diferenças entre elas — habitual; ‘o que se vai fazer’ — foram invariavelmente traduzidas pelo presente do indicativo ou pela perífrase “estar + gerúndio”. Definido nas “Preliminares” como indicando “passado em todas as conjugações” (Abreu 1914: 20), o sufixo *-a* foi traduzido tanto por formas verbais portuguesas no presente, como se vê em (1), quanto por formas verbais portuguesas no pretérito perfeito, caso de (2). Com efeito, tem-se (1) 420. “*dötönamöabô*, pelejam”; 563. “*iuiia*, avisar venho” e (2) 3566. “*nukua*, encontraram”; 4365. “*nia*, ficou”. O sufixo *-i* desacompanhado de *-ma* foi classificado na seção gramatical do *rã-txa hu-ni-ku~i* como presente “actual”. Apesar disso, formas verbais com *-i* ganharam correspondentes em Português expressos no pretérito perfeito, a exemplo de 422. *dötönamöibõ* (“pelejaram”), 2481. *ikai* (“fizeste”) e 3199. *kuái* (“queimaste”).

Além de indícios presentes nas “Preliminares”, trechos da correspondência pessoal de Capistrano e notas manuscritas, deixadas por ele nas páginas do exemplar conservado no Instituto Histórico do Ceará, evidenciam que a análise da conjugação verbal do Caxinauá lhe trouxe dificuldades. Ele iniciou o item “As formas do verbo” das “Preliminares” esclarecendo que o verbo em Caxinauá não apresentaria variação de pessoa, exceto no imperativo. Se, nesse particular, desenhava-se uma situação relativamente simples, o mesmo não ocorreria para a marcação dos tempos e modos. Logo de saída, Capistrano informou que “a distinção de tempos e modos é extremamente labil” (Abreu 1914: 20) naquela língua.

Não por acaso, Capistrano de Abreu escreveu a seu amigo José Veríssimo em 20 de novembro de 1909: “A maior dificuldade gramatical [do Caxinauá] contém-se no verbo” (Abreu 1954: 197). Um ano e meio depois, em 27 de junho de 1911, comunicou que se achava “adiantado” no estudo do Caxinauá. As conquistas que arrolou incluíam: “conheço **exteriormente** os tempos dos verbos” (Abreu 1954: 376, negrito adicionado). Fica claro, portanto, que Capistrano não considerava, naquele momento, conhecer em profundidade o sistema verbal da língua indígena.

4.6.2 Os “paradigmas de verbo” no *rã-txa hu-ni-ku--i* e em obras de missionários castelhanos

O avanço de Capistrano na compreensão das formas verbais caxinauás não decorreu apenas da criteriosa investigação dos dados por ele coletados. Reiteradamente citados nas “Preliminares”, e, especialmente nas páginas da subseção voltada para o exame dos paradigmas verbais, os trabalhos de missionários castelhanos que descreveram outras línguas da família Pano forneceram elementos capazes de auxiliar Capistrano em sua tarefa descritiva. Sabe-se que ele consultou as análises gramaticais constantes no *Vocabulario Castellano-Quechua-Pano* do franciscano Manuel Navarro, no *Diccionario Sipibo*, de autoria de dois missionários desconhecidos e editado por von den Steinen em 1904 e na obra de Fr. Agustín Alemany: *Diccionario Castellano-Shipibo y Elementos de Gramatica*.

Ainda que os resultados obtidos pelo pesquisador brasileiro se afastem em muitos pontos da descrição dos tempos verbais proposta pelos missionários castelhanos, é inegável o fato de que Capistrano de Abreu construiu sua análise também por comparação ao que encontrou registrado nas obras daqueles religiosos. Assim, ele declarou que “lê-se nos missionarios castelhanos que o infinito termina em *ki*” (Abreu 1914: 20) e, quando se empenhou em estabelecer o valor de cada forma traduzível pelo nosso presente do indicativo, destacou que *-nõ* significava “o que se vai fazer”, lembrando que “os missionarios castelhanos consideram-no até indice de futuro” (Abreu 1914: 21).

Noutro passo, Capistrano adotou, conforme referido no item 4.1, a “terminologia dos missionários”, ao chamar *katç-i* e *no-nã* de “gerundios” (Abreu 1914: 21). Aliás, ele não deu qualquer outra indicação acerca dessas formas e nem sequer ofereceu exemplos que concretizassem sua afirmação. Frases constantes dos textos reproduzidos no *rã-txa hu-ni-ku~i* apontam que *-ka-tçi* e *-no-nã*, junto a verbos, foram passados para o Português como “verbo + para”, chegando-se a uma oração subordinada final. É o que se pode notar em “*xawö bi-xô-nã puça-miç'-bô-ki pi-ka-tçi-rã*”, transformada em “jaboty tiraram, quebram, comer **para**” (Abreu 1914: 38, fragmento 101) e em “*~e kõna-namö-i ka-i baka-wa-ka-tci-rã*”, equivalente a “eu chamar os outros vou pescarem **para**” (Abreu 1914: 41, fragmento 147). Em ambos os exemplos, o sufixo *-rã*, que será novamente abordado na seção 5.3, comporta-se provavelmente como uma partícula enfática, que não possui semelhante em nossa língua. As traduções das frases com *-nõ-na* mostram-se bastante próximas como patenteiam “*n~u ka-ri-nõ-nã, bari ka-i-ki-ki-rã*”, em Português “nos irmos depressa **para**, sol está se pondo” (Abreu 1914: 47, fragmento 236) e “*n~u mani wõe pi-nu-nã*: nós banana com comermos **para**” (Abreu 1914: 47, fragmento 237).

As construções *-katçi* e *-nõ-nã* se encaixariam no que Alemany, Navarro e o autor do estudo gramatical do *Diccionario Sipibo* tacharam de “gerundio de dativo”, por eles traduzido como “para + infinitivo” ou “a + infinitivo” e diverso do “gerundio de ablativo”, correspondente a “por + infinitivo” ou a formas com a terminação “-ndo”. Nem mesmo nos “paradigmas de verbo”, expostos por Capistrano por meio da conjugação do verbo *puç-* “quebrar” com tema em *-a* (indicativo dos verbos transitivos) e tema em *-i* (indicativo dos “verbos reflexos” e intransitivos), o estudioso brasileiro fez referência a alguma construção que pudesse ser tomada como “gerundio de ablativo”.

Como pretendo demonstrar, há outras discordâncias entre a descrição dos tempos verbais do Caxinauá, por Capistrano de Abreu, e as descrições dos tempos verbais de outras línguas Pano, divulgadas nas obras dos missionários castelhanos. Enquanto Capistrano acreditava que o infinitivo seria idêntico à raiz verbal e o supino seria formado com a ajuda da partícula indicativa de instrumento “*-tê*”, acarretando unidades da natureza de *puç-a-tê* e *puç-i-tê*, no trabalho de Alemany e no *Diccionario Sipibo* apareceram formas idênticas para o infinitivo e o supino, com o sufixo *-ki* (grafado *-qui* pelos religiosos). Capistrano alertou que tomar *-ki* como índice de infinitivo representava um engano, pois “cumpre notar que *ki* verdadeiramente significa ‘é’; quando se pergunta a um caxinauá como é ‘comer’ em sua língua e elle responde *pi-ki* na verdade quiz dizer: *pi* é” (Abreu 1914: 21). Este comentário sugere que, embora Capistrano tenha concebido *-ki* como um sufixo temporal, não esteve

muito longe de reconhecer sua função de “assertivo”, destacada por Camargo (1996: 5) ao examinar as marcas caxinauás de modalidade epistêmica.

A distribuição dos tempos verbais no paradigma apresentado no *rã-txa hu-ni-ku~i*, diverge das encontradas nas obras dos missionários, em que o modelo da tradição gramatical latina se fez presente com toda a força. Capistrano colocou sob a indicação “Infinito”, o infinito “presente”, o “gerúndio”, o “supino”, os “participios nominaes” e o “participio passado”; sob a etiqueta “Imperativo” a conjugação deste e sob o rótulo “Indicativo”, apenas o “presente”, o “passado” e o “futuro”. Os missionários castelhanos, por sua vez, expuseram formas de “Preterito Perfecto”, de “Preterito Imperfecto” (em alguns casos reunidas em uma só), de “Preterito Pluscuamperfecto”, de “Futuro Perfecto” e “Futuro Imperfecto”, de “Subjuntivo Presente” e de “Preterito Imperfecto del Subjuntivo”. Navarro e Alemany trouxeram, inclusive, o paradigma de uma voz passiva – transposição literal da construção espanhola.

Na obra de Capistrano de Abreu, nem todos os tempos verbais foram associados a uma única forma lingüística. Se o “infinito presente”, o “supino”, o “participio passado” e o “imperativo” revelaram tal característica, o “gerundio” contou com duas formas, o “participio nominal” com três, o “presente do indicativo” com cinco e o “passado do indicativo” com dez. Considerando-se o que vinha anotado nos “paradigmas verbaes” existiriam três formas concorrentes de futuro. No entanto, pode-se afirmar que Capistrano mencionou sete estratégias diferentes de referência ao futuro, das quais quatro (emprego de *-ka*, *-xõ*, *-tã* e *-ya*) compareceram no texto explicativo que antecede à enumeração dos paradigmas do verbo *puç-i/a*.

Diversamente do que se observa no trabalho de Capistrano, os missionários castelhanos, via de regra, indicaram uma única forma verbal para cada tempo. A exceção ficou por conta do *Diccionario Sipibo*, em cujas páginas marcaram presença duas formas de participio presente para o verbo “ser”; duas formas de infinitivo para o verbo “ir”; duas formas de “futuro imperfecto”; duas formas de “preterito perfecto”, duas de “preterito imperfecto” e três de “preterito pluscuamperfecto”. O autor dos “Apuntes grammaticais” ao *Diccionario Sipibo* pode ter decidido expor mais de uma opção para um tempo verbal porque não se julgava capaz de alcançar uma descrição irretocável do idioma indígena (v. Christino 2006). Ele valeu-se do Quechua como meio de comunicação com seus informantes e deixou clara a sua condição de aprendiz do Sipibo, que não lhe permitiria ter muita segurança em seu trabalho e, em particular, na determinação do paradigma verbal.

En estos apuntes [de gramática que preguntando he reunido] puede ser que haya algunas cosas inexactas ó que no esten como deberían estar; por que me cuesta mucho hacer les entender lo que pregunto, sobretudo hablando de los **tiempos de los verbos**; y por eso **yo dudo de la rectitud** de ciertas respuestas.

En estos apuntes no hago esplicaciones de la gramática; por que para hacer esplicaciones de alguna cosa se necesita saberla y entender la primero, y **yo realmente no la sé por ahora esta lengua**. (Steinen 1904: 80, negritos adicionados)

De qualquer modo, o trabalho de Capistrano de Abreu mostrou ao leitor mais problemas descritivos do que as obras compostas pelos missionários. Sem a preocupação de retratar obrigatoriamente um sistema bem-comportado que pudesse servir com eficiência a objetivos pedagógicos, Capistrano mencionou, por exemplo, dois sufixos temporais que poderiam remeter indistintamente ao passado, ao presente ou ao futuro, buscando uma explicação para o fenômeno.

xõ póde servir de gerundio; indicar o **passado**, e é o mais commum, e também o **presente** e o **futuro**; indicar o imperativo comtanto que venha com um ou mais imperativos; como infixo sua significação é muito diversa.

ya póde indicar **passado, presente ou futuro**.

A diversidade das funções de **tã**, **xõ**, **ya** póde explicar-se admittindo que, sem variar de fôrma, servem umas vezes de indicativo, outras de conjuntivo, em outros termos: possuem o valor de posição ao lado do valor intrinseco. (Abreu 1914: 20-21, negritos adicionados)

Capistrano provavelmente notou a relevância das formas *-tã*, *-xõ* e *-ya* para os processos de subordinação da língua Caxinauá. Do contrário, não teria citado sua atuação no modo “conjuntivo”, categoria que não comparece no paradigma verbal impresso nas “Preliminares”. Recentemente, Montag (2005) abordou *-xõ* e *-tã* (transcritos por ele *-xun* e *-tan*) como desprovidos de uma noção temporal específica. Parte do sistema de marcadores de sentenças subordinadas do Caxinauá, indicariam aspecto “concluso” ou “inconcluso”, natureza do sujeito da oração subordinada (igual ou diverso do da principal) e transitividade do verbo contido na oração principal. *-Tã* seria neutro quanto à transitividade da oração principal, mas referente ao aspecto concluso e a sujeitos que são idênticos aos daquela oração. *-Xõ*, por sua vez, se ligaria a orações principais com verbo transitivo e ao mesmo sujeito da oração principal.

Voltando-se às discordâncias entre as análises dos tempos verbais empreendidas pelos missionários castelhanos e a estabelecida no *rã-txa hu-ni-ku--i*, cabe dar atenção às explicações forjadas pelo próprio Capistrano, para sua existência. A esse respeito, Capistrano de Abreu identificou tanto razões de ordem lingüística quanto de ordem metodológica. As últimas englobavam procedimentos divergentes de recolha e tratamento dos dados. Capistrano, interessado em contribuir para a etnografia dos povos da América do Sul,

ressaltou que não partiu de estruturas em língua portuguesa que pudessem induzir os informantes a produzir construções alheias aos seus hábitos lingüísticos. Segundo ele, os missionários, orientados para a tarefa de traduzir os textos religiosos e introduzir na fé católica os povos indígenas, teriam adotado outra atitude, que os teria levado a enviesar as informações coletadas.

Os presentes paradigmas, com os quaes devem ser postos de accordo as traducções que vem adiante, divergem em mais de um ponto dos que se lêem nos livros dos missionarios. Além das diferenças inevitáveis em duas línguas por mais aparentadas que sejam, o castelhano e o portuguez por exemplo, cumpre notar que o missionario obedece a intuitos particulares: seu empenho principal é traduzir a doutrina christã, confessar e pregar. Como transportar para a lingua dos cathecumenos idéas estranhas de modo a ser por elles entendido? A convivência diuturna mostra-lhe certas formas raras que se aproximam dos seus desejos: a estas vota particular attenção, não crêa, mas cria, cultiva-as, generalisa-as e impõe. Aqui, porem, nem uma phrase foi traduzida; o trabalho foi de mero amanuense. (Abreu 1914: 25)

Quando não se age como “mero amanuense”, registrando, o mais fielmente possível, o que se ouve dos informantes, corre-se de fato o risco de falsear o objeto descrito. Valenzuela (2000), que focalizou a considerável distância entre o sistema de marcação casual de tipo nominativo-acusativo proposto por Navarro (1903) para a língua Pano e os dados (obedecendo estritamente a um padrão ergativo) coletados pelo mesmo autor, acredita que as traduções do e para o Espanhol podem ter induzido o missionário ao erro.

O quadro 4.4 vale como síntese das informações expostas no presente item, reportando divergências de natureza teórico-metodológica entre o trabalho dos missionários e o modo de elaboração do *rã-txa hu-ni-ku-~i*, além de indicar a não-coincidência entre soluções descritivas identificáveis nas obras dos religiosos e adotadas por Capistrano de Abreu.

Quadro 4.4: A descrição dos paradigmas verbais por missionários castelhanos e por Abreu (1914)

Natureza das divergências		Missionários	Abreu (1914)
Teórico-metodológicas	Finalidade	Pedagógica/ catequese	Científica
	Coleta de dados	Tradução de frases em Espanhol ou Quechua	Registro de narrativas tradicionais em Caxinauá
Soluções descritivas	Correspondência biunívoca forma/função	Ideal a ser atingido	Não é preocupação
	Modos	Indicativo Subjuntivo Imperativo	Infinito Indicativo Imperativo
	Tempos do Indicativo	Presente Pretérito Perfeito Pretérito Imperfeito Pretérito mais que Perfeito Futuro Perfeito Futuro Imperfeito	Presente Passado Futuro
	Tempos do Subjuntivo	Subjuntivo Presente Pretérito Imperfeito	-----
	Infinitivo	-ki	Igual à raiz verbal
	Supino	-ki	-tê

Observando-se o quadro 4.4, notamos que Capistrano de Abreu procurou compreender a língua Caxinauá a partir de dados autênticos e sem ater-se aos paradigmas tradicionalmente usados para descrever as línguas românicas. Os missionários, por sua vez, fundamentaram suas descrições em sentenças produzidas artificialmente (via tradução de frases em Espanhol ou Quechua) e estiveram empenhados em construir um paradigma em que houvesse correspondentes para as diversas formas lingüísticas espanholas.

A despreocupação de Capistrano em estabelecer correspondências biunívocas entre forma e função, outro aspecto em que ele se afastou dos missionários, torna-se ainda mais evidente quando se estudam detidamente suas notas manuscritas ligadas ao valor das formas verbais.

4.6.3 O (re)exame das formas verbais reconhecível nas notas manuscritas

Capistrano, ao menos idealmente, teria empreendido tão-somente “trabalho de amanuense”, que não deve ter se limitado, aliás, ao período de composição da obra publicada. As numerosas notas manuscritas inscritas nas páginas de um exemplar de *rã-txa hu-ni-ku-~i*, hoje conservado no Instituto Histórico do Ceará, sinalizam isso. A maior parte delas refere-se à análise das formas verbais, servindo como mais uma comprovação das dificuldades trazidas por esse aspecto da língua caxinauá para o seu primeiro descritor.

Foram expostas, acima, evidências de que a descrição dos tempos verbais do Caxinauá elaborada por Capistrano de Abreu não delimita um paradigma bem-comportado, se por isso

entende-se um sistema marcado pela correspondência biunívoca entre forma, de um lado, e noção gramatical, de outro. Com efeito, dos dezesseis sufixos temporais constantes das “Preliminares”, apenas três surgiram nas explicações gramaticais vinculados a uma única função. São eles: o sufixo *-a* que “indica passado em todas as conjugações” (Abreu 1914: 20), “*-miç’*”, formador do particípio ativo e “*-miç’ki*” índice do “presente habitual”.

Naturalmente, a crença na possibilidade de um sufixo temporal caxinauá remeter a diferentes tempos verbais (aliada à crença de que uma dada forma verbal portuguesa poderia ser traduzida por várias formas em Caxinauá) acarretou que as traduções efetuadas por Capistrano contivessem exemplos de versões portuguesas diversas para a mesma construção em Caxinauá, tanto quanto casos de formas caxinauás feitas correspondentes de uma única forma verbal da nossa língua. Na primeira situação, encontram-se *pi-k~i*, equivalente a “comeu” no fragmento 3007 e a “come” no 62, e *ka-ya*, passada para o Português como “foi” em 3177 e como “indo estão”, em 4174. Idêntica tradução — “acabou” — foi dada a *köyô-a* (3023) e a *köyô-tã* (2479). Mesmo um levantamento não-exaustivo contabilizou nove diferentes formas verbais caxinauás associadas por Capistrano de Abreu a “foi”: *ka-i* (3040); *ka-kã-i* (4146); *ka-k~i* (4351); *ka-kõe* (3577); *ka-ya-ma* (709); *ka-ya* (3177); *ka-xõ* (2541); *ka-x~u* (651) e o radical desprovido de desinência, *ka* (2962).

Como apontam os exemplos acima, o confronto entre os textos originais em Caxinauá e a tradução portuguesa fornecida por Capistrano de Abreu nos leva a suspeitar que a tarefa de relacionar formas verbais de nossa língua a formas verbais da língua indígena não se revelou nada fácil, realmente — o que ficou comprovado pelo exame do conjunto das notas manuscritas. Encerrado o processo de análise das notas marginais no exemplar do *rã-txa hu-ni-ku~i* conservado no Instituto Histórico do Ceará, que incluiu a transcrição e a classificação de todas as notas (v. Christino 2003b), as que diziam respeito à identificação do valor das formas verbais impressionaram pela quantidade. Ao todo, somaram 853, afigurando-se, com folga, as mais freqüentes em meio aos relatos e suas traduções. Para se fazer uma idéia do que essa quantia representa, basta compará-la com a quantidade dos outros dois tipos de nota mais comumente encontrados nos textos. As notas que encerravam mudanças na grafia dos vocábulos chegaram a 147 e as notas que promoviam a inserção de “quando”, em sentenças traduzidas para o Português, a cinquenta e seis.

O levantamento dos fragmentos textuais contendo notas relativas às formas verbais contou 525, ou seja, quase 8,9% do total. A meu ver, essa não é uma cifra desprezível, visto que foram 135 os que traziam notas envolvendo a grafia de vocábulos (ou cerca de 2,3% do

total) e cinquenta e três aqueles em que a palavra “quando” foi adicionada (o que equivale a menos de 0,9% do total).

Do ponto de vista quantitativo, mostrou-se indiscutível a supremacia das notas referentes às formas verbais, testemunhando a atenção dispensada por Capistrano de Abreu a essa dimensão da gramática. A observação da natureza das notas nos conduz a uma compreensão mais exata da maneira como Capistrano abordou-a, salientando, inclusive, discordâncias entre a descrição do valor dos tempos verbais, tal como impressa nas “Preliminares”, e algumas das traduções propostas.

Cerca de um quinto das notas relativas aos tempos verbais é composto por alterações na tradução em Português, que passaria a exibir a forma verbal em um tempo diferente. Nesse caso, enquadravam-se: 2473, no original, “*rawõe bakō iômōwai, hiwōkõe*” e na tradução publicada “seu filho cria, mora”, com o último verbo mudado em nota para “morou” e 2381, no original, “*mapô popa bötixõ, hunibô tötõnõbõ, ãibébõ rato kakã ki mapô matawanõbõ, bakõ mix’t-ibõ kôki mix’t-i ki mai matawanõbõ*”, passado para o Português como “barro muito bom avistaram, os varões fizeram (alterado em nota para “fazem”) serapilheiras, as mulheres suas cestas com de barro encheram (mudado em nota para “enchem”), os meninos pequeninos cestas pequenas com de terra encheram (modificado em nota para “enchem”).

Quase todas as notas restantes corresponderam às anotações “ps” (de passado), “pr” (de presente) e, em número bem menor, “fut” ou “f” (de futuro) sobre formas verbais em Caxinauá ou ao lado delas. Por vezes, foram reconhecidas notas equivalentes à margem do fragmento em Caxinauá e de sua tradução para o Português. Assim, a versão caxinauá do fragmento de número 750 contou com a nota “ps” sobre a forma verbal “*nawakani*”, enquanto a tradução para nossa língua ostentava uma nota modificando para “dançam” o que vinha como “dançaram”. Do mesmo modo, o fragmento 4175, no original, recebeu a nota “futuro” sobre a forma verbal “*kairã*” e, paralelamente, uma nota na tradução colocou “irei”, em lugar de “vou”.

Tanto as notas insertas nas frases em Português quanto as verificadas nas frases em Caxinauá não se prendem a determinado tipo de sufixo. Melhor dizendo, as notas voltadas para as formas verbais atuaram sobre vocábulos contendo sufixos os mais variados. Nesse sentido, pode-se afirmar que Capistrano de Abreu, durante a elaboração de suas notas, não esteve em busca de (re)avaliar o emprego deste ou daquele sufixo, em especial. Com efeito, foram dezessete os sufixos acompanhados por notas efetuadas às margens de frases em nossa língua: -a; -ã; -a-i; -i; --i; -kawõe; ki; -k-i; -kõe; -miç’ki; -ni; -nõ; -tã; -xõ; -x-u; -ya; -yã. Nas frases em Caxinauá, as notas se referem a vinte e três diferentes sufixos — os citados

anteriormente mais *-niki*; *-kak~i*; *-k~u*; *-ka*; *-kai* e *-kãi*. Evidentemente, essa listagem incluiu sufixos não relacionados nas “Preliminares” (em que, já se sabe, abordaram-se dezesseis sufixos), seja por constituírem variantes fonéticas de sufixos mencionados naquela seção, como *-~i* *-ã* e *-x~u*; ou combinações de sufixos, como *-niki* e *-kak~i*.

As discordâncias existentes entre o texto das “Preliminares” e a realidade oferecida pelas notas vão além desse elenco adicional de sufixos. Em parcela significativa das notas, Capistrano atribuiu à forma verbal em consideração um valor que não coincidia com o descrito nas explicações gramaticais que iniciavam sua obra acerca do Caxinauá. Excetuando-se os sufixos cuja abrangência tornou impossível encontrar casos não contemplados pela definição — nomeadamente *-xõ* e *-ya* que serviriam para indicar o presente, o passado e o futuro — apenas o sufixo *-nõ* apareceu ao lado, exclusivamente, de anotações que corroboravam o que sobre ele constava nas “Preliminares”.

Nem mesmo dois dos sufixos a que Capistrano filiou uma única função, à primeira vista menos problemáticos, escaparam das notas que contradiziam as definições veiculadas nas “Preliminares”. “*-Miç’ki*”, classificado como um presente habitual, foi transformado em “passado” por uma nota apensa ao fragmento 4188: “*amõe a tãx~u, rawõe ãinõe vuaya, vumiç’ki* (nota apensa “ps”), o que alteraria o último verbo de “capivara matar foi, sua mulher cosinhando está, vem”, de “**vem**” para “**foi**”. Nas “Preliminares”, Capistrano afirmou que “*a* indica passado em todas as conjugações” (Abreu 1914: 20), única aplicação atribuída àquele sufixo, como lembrado anteriormente. No entanto, várias notas manuscritas mudaram os equivalentes em Português de verbos com *-a* do pretérito perfeito para o presente. Para evocar alguns exemplos, “*nukua*”, no fragmento 3566 teve sua tradução modificada de “encontraram” para “encontram”; “*nia*” (4365) foi inicialmente equiparado a “ficou” e, depois, a “fica” e uma nota “pr” figurou sobre “*pia*” (3032) sugerindo que “comeram” fosse trocado por “comem”. Outra nota “pr” foi deixada junto a “*maniabõ*” (3210) e foi confirmada pela anotação existente na versão portuguesa, que converteu “deitaram-se” em “deitam-se”.

Com o objetivo de detectar o quanto as traduções propostas por Capistrano se afastariam da descrição gramatical oferecida no *rã-txa hu-ni-ku~i*, investiguei se as notas referentes às formas verbais tendiam a confirmar ou desmentir o que as “Preliminares” continham sobre a função dos sufixos caxinauás indicativos de tempo verbal. Efetuei, para isso, uma comparação entre formas verbais com onze diferentes sufixos¹⁰⁸, encerrando notas manuscritas, e a definição inscrita na parte de descrição gramatical para o sufixo em questão. Tanto a forma de saída (valor na obra impressa) quanto a forma de chegada (valor atribuído pela nota) foram

¹⁰⁸ Essa quantia se explica porque só puderam ser considerados os sufixos que contavam com uma definição nas “Preliminares” e, dentre estes, aqueles cuja definição não abrangia presente/ passado/ futuro.

levadas em conta nesse cotejo. Paralelamente, verifiquei em que casos a forma original e a nota concordavam e em que casos não se pôde observar tal coincidência. Dessa maneira, foram estabelecidos quatro tipos de notas manuscritas relativas às formas verbais: Tipo 1: “Notas sem alteração em que o valor da forma obedece à definição”; Tipo 2: “Notas sem alteração em que o valor da forma não obedece à definição”; Tipo 3: “Notas com alteração em que apenas a forma original obedece à definição” e Tipo 4: “Notas com alteração em que apenas a forma modificada obedece à definição”. Para facilitar a compreensão da tipologia proposta, expõem-se na seqüência exemplos de cada tipo.

a) Tipo 1: “Notas sem alteração em que o valor da forma obedece à definição”

Já sabemos que, de acordo com as “Preliminares”, *-a* indicaria passado em todas as conjugações. Por essa razão, a nota ao fragmento 681, “ps” (passado) sobre *nanöabô*, traduzido na versão impressa como “botaram no moqué”, enquadra-se no tipo 1. Como, nas “Preliminares”, constava também a informação de que o sufixo *-a-i* significaria presente, uma nota ao fragmento 3207 pertence igualmente ao tipo 1. Essa nota vinculava ao “presente” o verbo “*tçauai*”, já vertido para o Português como “me assento”.

À primeira vista, formas acompanhadas por notas do tipo 1) não teriam passado por um efetivo processo de reanálise.

b) Tipo 2: “Notas sem alteração em que o valor da forma não obedece à definição”

Uma anotação manuscrita junto ao fragmento 720 exemplifica o segundo tipo de notas. Nela, não havia diferença entre a forma de entrada (“vão”) e a de saída (“pr” sobre *bôkani*), mas o valor atribuído ao sufixo verbal no texto impresso e na nota divergia do descrito nas “Preliminares”. Um dos empregos de *-ni*, segundo a descrição gramatical escrita por Capistrano, seria marcar o presente, exclusivamente, nos verbos com radical “nasalado”.

É plausível acreditar que uma eventual maioria de notas do tipo 2)— manutenção de forma não obediente à definição — equivaleria a uma reafirmação da opção por contrariar o paradigma que se achava nas “Preliminares”.

c) Tipo 3: “Notas com alteração em que apenas a forma original obedece à definição”

Representa esse padrão uma nota ao fragmento 4188. Para a palavra caxinauá *vumiç'ki*, a tradução impressa surgiu como “vem”, em harmonia com o que as “Preliminares” traziam acerca de *-miç'ki*: presente habitual. A nota manuscrita, por sua vez, filiou aquela forma ao passado.

Se fosse reconhecida, no universo das notas, uma porcentagem significativa de notas do tipo 3) — mudança para uma forma não-coincidente com a definição — encontraríamos indício de que Capistrano de Abreu teria reavaliado o valor por ele anteriormente atribuído a sufixos temporais do Caxinauá.

d) Tipo 4: “Notas com alteração em que apenas a forma modificada obedece à definição”

A forma verbal *datöi*, presente no fragmento 4343, recebeu anotação que atende ao padrão de tipo 4. Ou seja, o valor dado àquela forma verbal pela nota modificava o constante na tradução impressa e apenas a solução introduzida pela nota encontrava-se de acordo com a definição de emprego do sufixo *-i* nas “Preliminares”. Ao lado das noções de infinitivo, para alguns verbos, e de passado (quando seguido de *-ma*), a seção de descrição gramatical do *rã-txa-hu-ni-ku-~i* associou *-i* ao “presente habitual.” Desse modo, a nota “pr” (presente) sobre *datöi*, traduzido como “amedrontou-se” na versão publicada em 1914, corresponde a uma alteração de forma que vinha respeitar o paradigma oferecido nas “Preliminares”.

Pode-se perceber uma situação semelhante em nota manuscrita ao fragmento 3004, referente à forma verbal *bônôbõ*, cujo *-bõ* final funcionava como índice de reforço do plural. Avaliei, por isso, o que se passou em relação ao sufixo verbal *-nõ*, abordado nas “Preliminares” como indicativo do “gerúndio” (quando pode ser seguido por *-nã*) ou representante de um dos presentes do indicativo, especificamente daquele que remeteria “ao que se vai fazer”. Constata-se, portanto, que a nota que vinculava o valor de presente a *-nõ* (para uma forma traduzida por “foram” na versão publicada) serve de exemplo de nota do tipo 4.

Por analogia ao que se postulou acerca da ocorrência dos demais tipos de notas, se a quantidade de notas do tipo 4) — mudança para forma de valor contemplado na definição — fosse expressiva, as notas teriam se mostrado como um espaço, por assim dizer, de correção de formas discordantes do paradigma oferecido nas “Preliminares”.

Antes de reportar os resultados quantitativos do levantamento das notas por tipo, exponho um quadro-resumo da tipologia estabelecida. No quadro 4.5, há registro não apenas

da natureza das notas, mas também referência à sua possível interpretação, vale dizer, que tipo de procedimento analítico, por parte de Capistrano, cada tipo de nota poderia revelar.

Quadro 4.5: Tipologia proposta para as notas manuscritas de Capistrano às formas verbais

Tipo de nota	Mudança	= “Preliminares”	Interpretação possível
1	Não	Sim	Forma anotada não teria passado por um processo de reanálise
2	Não	Não	Nota confirmaria divergência com o paradigma exposto nas “Preliminares”
3	Sim	Sim (forma original)	Reavaliação do valor atribuído a sufixos temporais do Caxinauá
4	Sim	Sim (nota)	Nota corrigiria forma discordante do paradigma das “Preliminares”

Seguindo-se as diretrizes observáveis no quadro 4.5, as notas pertencentes a cada um dos quatro tipos determinados foram agrupadas e contabilizadas. Concluído esse levantamento, a relevância de cada tipo de nota, no conjunto, ficou evidente. Em busca do padrão assumido pela maioria das notas, pude logo descartar o tipo 2, cuja frequência ficou abaixo de 21% para todos os sufixos. Além disso, para quatro deles (*-ka*, *-miç’ki*, *-nõ*, *-tã*) não houve nenhum caso. Considerando-se os sufixos com maior número de notas (aqueles a que se ligam mais de 60 notas), apenas *-kõe*, com 8,2% de notas do tipo 2, ultrapassou a barreira dos 5%. Isso leva a notar que a manutenção de forma desobediente à descrição presente nas “Preliminares” não alcançou contingente significativo.

Também não se pode conferir a primazia às notas do tipo 3, embora tenham sido mais numerosas que as do tipo 2. Apenas um sufixo contou com mais de 50% de ocorrências do terceiro tipo, enquanto noutro chegou-se a uma cifra de 49,6%. Para três sufixos (*-a-i*, *-kawõe*, *-nõ*) não se identificou qualquer ocorrência desse tipo. À exceção de *-tã* (o sufixo que contou com 49,6% das ocorrências), nenhum dos sufixos mais comumente anotados apresentou porcentagem superior a 26% de ocorrências do tipo 3.

Apenas dois sufixos não se fizeram acompanhar por notas do tipo 4. No entanto, um deles (*-tã*) integra o grupo dos mais frequentemente anotados. No outro extremo, o dos sufixos com mais ocorrências desse tipo, arrolaram-se três formas (*-i*, *-kawõe*, *-a-i*), todos com marcas superiores a 70%. Dentre eles, *-i* correspondia ao único no conjunto daqueles com mais de seis dezenas de notas.

Nas três variáveis levadas em conta — número de sufixos em que não se encontrou nenhuma ocorrência do tipo, número de sufixos com mais de 50% de ocorrências do tipo e

porcentagem de ocorrências do tipo no grupo de sufixos com mais de 60 notas — as notas do tipo 1 se destacaram. Somente para o sufixo *-kawõe* não se registrou ocorrência dessa natureza. Quatro sufixos (contra nenhum do tipo 2, um do tipo 3 e três do tipo 4) contaram com mais de 50% de ocorrências do primeiro tipo, a saber *-a*, *-ka*, *-nõ*, *-tã*. Por último, as notas do tipo 1 também se sobressaíram quando se comparou sua manifestação nos sufixos com mais de 60 notas. Enquanto os tipos 2 e 4 continham um daqueles sufixos entre os que não registraram qualquer ocorrência do tipo, as ocorrências do tipo 1 para dois dos sufixos mais anotados superaram 50% (*-a*, 64,4%, *-tã*, 50,4%) e para outro ficaram praticamente na casa dos 40% (38,8%).

De modo a tornar mais clara a representatividade de cada tipo de nota, compus a Tabela 4.1 que reúne os resultados do levantamento quantitativo realizado. Nela encontram-se documentados quantos e quais sufixos não estiveram vinculados a determinado tipo de nota; para quantos e quais sufixos as notas de dado tipo alcançaram mais da metade das ocorrências e, na última coluna, qual a porcentagem de ocorrências de determinado tipo de nota para cada um dos quatro sufixos a que se referiram mais de 60 notas.

Tabela 4.1: Resultados do levantamento de tipo de nota por sufixo

Tipo de nota	Sufixos sem ocorrência	Sufixos com mais de 50% de ocorrências	Porcentagem de ocorrências nos sufixos com mais de 60 notas
1	1 (<i>-kawõe</i>)	4 (<i>-a</i> , <i>-ka</i> , <i>-nõ</i> , <i>-tã</i>)	<i>-a</i> (64,4%), <i>-tã</i> (50,4%) <i>-kõe</i> (38,8%), <i>-i</i> (17,2%)
2	4 (<i>-ka</i> , <i>-miç'ki</i> , <i>-nõ</i> , <i>-tã</i>)	Zero	<i>-a</i> (1,4%), <i>-tã</i> (zero) <i>-kõe</i> (8,2%), <i>-i</i> (4,7%)
3	3 (<i>-a-i</i> , <i>-kawõe</i> , <i>-nõ</i>)	1 (<i>-miç'ki</i>)	<i>-a</i> (26%), <i>-tã</i> (49,6%) <i>-kõe</i> (24,7%), <i>-i</i> (4,7%)
4	2 (<i>-miç'ki</i> , <i>-tã</i>)	3 (<i>-a-i</i> , <i>-i</i> , <i>-kawõe</i>)	<i>-a</i> (8,2%), <i>-tã</i> (zero) <i>-kõe</i> (28,2%), <i>-i</i> (73,4%)

Atentando para as informações reproduzidas na Tabela 4.1, tirei a lição de que devia avaliar detidamente as notas do tipo 1, as mais representativas sob todos os aspectos em foco. Mas, essa não parecia ser uma tarefa trivial. Afinal, ela significava compreender porque existe, nas notas de Capistrano de Abreu às formas verbais, quantidade considerável de anotações que mantinham uma forma prevista pela definição. Dito de outra maneira, equivale a buscar uma interpretação para a presença de tantas notas que, ao menos aparentemente, não introduziriam nada de novo. É razoável supor que os resultados expostos na tabela acima indicariam que, para se entender as notas relativas às formas verbais efetuadas por Capistrano de Abreu, não seria adequado considerar as formas isoladamente, mas seu papel nos relatos

transcritos. Sendo assim, uma nota do tipo 1 não incidiria exclusivamente sobre a forma verbal a que ela se unia, mas travaria relações também com as outras formas verbais do fragmento. Imagino, ainda, que o mesmo deveria valer para os demais tipos de notas manuscritas às formas verbais. Partindo-se desse princípio, as mudanças e manutenções atestadas nas notas teriam menos a ver com questões restritas ao exame de um vocábulo particular, do que com o empenho em traduzir do modo mais preciso noções de simultaneidade, anterioridade e posterioridade entre as ações, referentes a um contexto mais global de comunicação.

Essa hipótese ganha força se focalizarmos outro dado: em 47,7% dos fragmentos que continham notas relativas aos tempos verbais, havia mais de um verbo anotado. Ao passar-se para o plano do texto, e não apenas dos fragmentos separadamente, observa-se uma situação comparável na distribuição das notas. Enquanto contabilizaram-se 86 relatos sem qualquer nota referente aos tempos verbais, sete relatos ostentaram mais de cinquenta e cinco notas, sendo que três deles reuniram mais de cem notas. No outro extremo, foram sete também os textos com somente uma ou duas notas. À exceção de um, estes textos tinham reduzida extensão e achavam-se impressos em páginas contíguas às de textos fartamente anotados. Em resumo, a distribuição das notas manuscritas referentes aos tempos verbais ao longo dos relatos e lendas sugere que Capistrano de Abreu dedicou particular atenção a certos textos, efetuando em suas páginas um (re)exame minucioso do comportamento das formas verbais.

Retornando ao domínio das unidades textuais compostas pelos fragmentos, algumas construções, estabelecidas nas notas, servem inegavelmente para colocar em relevo as relações de simultaneidade/ anterioridade/ posterioridade entre as ações, assim como a hierarquia entre elas. Inicialmente, Capistrano de Abreu traduzira “*pia monotã*” por “frechas acabaram”, mas, em nota retificou para “quando acabarem”; chegando a “455. aquellos dizer ide! frechas **quando acabarem**, aquellos virem para”. O mesmo se deu no fragmento 116. “*ha-wõe ba-ti pakö-xõ vóbõĩ*”, passado para o Português, na obra impressa, como “seus ovoz poz, choca-os” e, em nota, como “seus ovos **quando põe**, choca-os”. Considerando seu papel em face das demais formas verbais constantes no fragmento, Capistrano identificou, como se pôde constatar, casos de *-tã* e *-xõ* que deveriam ser tratados como “conjuntivo” e não como “indicativo”. Mostrou, portanto, que ao elaborar a nota estava atento ao “valor de posição” daqueles sufixos verbais, para recordar suas palavras anteriormente transcritas.

Figuravam no conjunto das notas manuscritas, ainda, exemplos em que a seleção de formas verbais portuguesas bastou para apontar a relação temporal e a hierarquia entre as sentenças traduzidas, caracterizando-se a opção por orações subordinadas reduzidas. É o que

se percebe tanto em 2476 quanto em 961: 2476. “*iawa h~uitê yabi, hina yabi, iawa xöni yabi, hina **vocixõ** yabi kawabirani*”/ “de porco coração também, o penis também, de porco a banha também, o penis misturou (em nota “**misturando**”), embrulhou, sahiu”; 961. “*rateritõ mötçõã, xanõe ibô tix’tö kiri çakôçakôiki, ôa **ik~ukirâmiç’bôki***”/ “uns pegam (em nota “pegaram”) as mãos, o tuxáua de costas sapateia, “ua” fazem (em nota “**fazendo**”) por todo o caminho, vêm”.

A investigação das notas manuscritas atinentes às formas verbais nas páginas do exemplar do *rã-txa hu-ni-ku--i* conservado no Instituto Histórico do Ceará levou a perceber que a descrição do paradigma verbal do Caxinauá desenvolvida por Capistrano de Abreu divergiu da elaborada pelos missionários castelhanos para outras línguas Pano não apenas porque os objetivos e os métodos de recolha do pesquisador brasileiro, típicos de um sul-americanista, não se igualavam ao daqueles religiosos. Nem somente porque a tarefa de Capistrano era passar um texto escrito em língua indígena para o Português, e não o contrário. Mas, também, possivelmente, por conta da natureza de sua observação dos tempos verbais. Ao que parece, Capistrano não considerou os sufixos verbais exclusivamente do ponto de vista do vocábulo isolado (que tende a privilegiar a correspondência biunívoca entre forma e função), e, sim, de uma maneira que daria maior importância para as relações de simultaneidade/ posterioridade / anterioridade e para a hierarquia das ações, aspectos perceptíveis na rede do texto.

Algumas das propostas de análise lingüística abordadas no presente capítulo foram alvo do exame da adequação descritiva do *rã-txa hu-ni-ku--i*, tema do quinto capítulo.

Capítulo V

A minha “lingüística a partir do texto”

CAPÍTULO V

A minha “lingüística a partir do texto”

Investigando a “lingüística a partir do texto” empreendida por Capistrano de Abreu, pude reconhecer fenômenos lingüísticos em cuja descrição permaneciam questões em aberto. Busquei, para parte deles, verificar como se manifestavam efetivamente nas lendas e relatos do *rã-txa hu-ni-ku-~i*. Esse processo coincidiu com a aplicação do parâmetro complementar de análise “Forma de ocorrência de fenômenos problemáticos”, que defini na seção 1.4.2.

Primeiramente, reporto minhas considerações acerca da relação entre nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito e marcação casual no Caxinauá documentado por Capistrano de Abreu.

5.1 A nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito

5.1.1 O sistema nominativo-acusativo particular proposto por Capistrano de Abreu

O modo como Capistrano de Abreu abordou o funcionamento da marcação casual em sintagmas nominais do Caxinauá ficou, conforme se pode atestar por meio do quadro 4.3 do item 4.5.3, longe de fornecer correspondências biunívocas entre uma forma lingüística e sua função. Em lugar de estabelecer paradigmas marcados pela regularidade e previsibilidade, Capistrano retratou uma situação em que parece haver muito de arbitrário. A afirmação de que, para os nomes, “[n]ão ha declinação obrigatoria e invariavel” (Abreu 1914: 18) sintetiza a impossibilidade de identificar um padrão com validade geral.

Nas “Preliminares”, Capistrano registrou que os pronomes pessoais caxinauás declinavam-se sistematicamente, diferenciando-se de maneira inequívoca uma forma nominativa e uma forma acusativa. Os nomes, por sua vez, apresentariam um caso, que, para Capistrano, faria as vezes de nominativo, genitivo e vocativo e “caracteriza-se habitualmente pelo final nasalado”¹⁰⁹. A vogal final nasal estaria geralmente ausente nas manifestações do outro caso – que, como visto anteriormente, englobaria o acusativo e as construções com posposições. As demais terminações também consideradas índices casuais usados indistintamente para os dois casos, a exemplo de *-nã*, *-pã* e *-ô-ã*, vinham complicar ainda mais o cenário. Por outro lado, os nomes poderiam surgir desprovidos de terminação casual, o que Capistrano tachou de “forma indiferente em que podem ser sujeito ou objecto” (Abreu 1914: 548).

¹⁰⁹Essa descrição concorda em parte com análises mais recentes. Camargo (2005: 61) reconheceu a existência de cinco casos na língua Caxinauá marcados pelo “clítico *-n*”: ergativo (para os sintagmas nominais)/ nominativo (para os pronomes pessoais), genitivo, vocativo, locativo e a indicação de meio.

Tanto a postulação de um nominativo marcado, oposto a um acusativo não-marcado, fato sem paralelo nas línguas européias, quanto o reconhecimento da existência de uma “forma indiferente” apontam para uma atenção especial às particularidades da língua em descrição e para uma considerável independência em face dos modelos descritivos tradicionais. Não se observa tal atitude, por exemplo, na abordagem da morfologia Sipibo composta por um missionário franciscano (provavelmente entre 1810 e 1820), tornada acessível à comunidade dos sul-americanistas graças à edição organizada por von den Steinen. Contrariando dados impressos no próprio *Diccionario Sipibo*, o religioso estabeleceu a oposição entre um nominativo, sem terminação específica, e um acusativo, que ganharia o sufixo *-ra* (v. Steinen 1904, Christino 2006).

5.1.2 Análises atuais: a ergatividade em línguas Pano

Erigida a partir do contraste entre nominativo e acusativo, a descrição proposta por Capistrano de Abreu diverge das análises recentes de línguas Pano. Trabalhos como Illius e Weißhar (1990), Illius (1999) e Valenzuela (2002), tendo por objeto de estudo o Sipibo-Conibo, Cândido (2004), focalizando o Shanenawa, Dorigo (2002), investigando o Matsés e Camargo (2005), examinando o próprio Caxinauá, dão notícia de fenômenos de natureza ergativa naquela família lingüística. Via de regra, a nasalização da última vogal representa a marca pano de ergativo. Esse fato, aliado à dificuldade que Capistrano experimentou quando procurou sistematizar a alternância dos casos nos nomes do Caxinauá, levou-me a verificar se, e como, se daria uma eventual interação entre terminação nasal dos sintagmas nominais-sujeito e marcação de função sintática em relatos constantes do *rã-txa hu-ni-ku-~i*.

Vale aqui lembrar que a noção de ergatividade adotada em minha análise, bem como nas publicações acima citadas, coincide com a fornecida por Dixon (1979) e (1994). Segundo essa perspectiva, pode ser classificado como ergativo qualquer padrão gramatical que trate do mesmo modo o sujeito de verbos intransitivos (doravante S) e o objeto direto de verbos transitivos (doravante O) e os distinga do sujeito de verbos transitivos (doravante A). Em um sistema desse tipo, o caso ergativo, ligado a A, corresponde ao elemento marcado e o absolutivo, vinculado a S/O, ao não-marcado. Evidentemente, desconsidero outros sentidos já atribuídos em lingüística ao termo “ergativo”, como a designação do *causer* em uma estrutura causativa do tipo *The officer marched the soldiers* ou *João quebrou a janela*.

É importante ter em mente que a maioria das línguas ergativas conhecidas não insere em um paradigma ergativo todos os tipos possíveis de A, revelando o que se convencionou nomear “ergatividade cindida” (*split ergativity*). De acordo com Dixon (1994: 86), o

Caxinauá seria caracterizado por uma divisão tripartite do sistema de marcação casual, com formas diferentes para S, A e O. Lançando mão de dados divulgados na literatura, Dixon diferenciou entre um sistema nominativo-acusativo vigente para os pronomes pessoais caxinauás, um paradigma rigorosamente ergativo, válido para os sintagmas nominais e um paradigma misto, que se manifestaria para os pronomes pessoais de terceira pessoa. Nessa proposta de análise, o acusativo, terminado em *-a*, assumiria o papel de termo marcado para os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa. Inversamente, os sintagmas nominais contariam com um ergativo marcado, sinalizado pela nasalização da última vogal. De sua parte, os pronomes de terceira pessoa surgiriam desprovidos de terminação específica apenas quando em função de S, ao passo que atuando como A receberiam final nasal, a exemplo dos sintagmas nominais, e, na função de O apresentariam um *-a*, à semelhança do funcionamento dos pronomes de primeira e segunda pessoas.

A descrição do sistema casual caxinauá proposta por Camargo (2005), embora também postule uma natureza tripartida, afasta-se em alguns pontos do que sugeriu Dixon (1994). De acordo com Camargo (2005), os pronomes pessoais obedeceriam a um padrão nominativo-acusativo, em que o nominativo seria marcado pelo sufixo *-{a}n* e o acusativo teria final *-a*, no singular, e nenhuma terminação particular, no plural. Os sintagmas nominais, assim como os pronominais livres, assumiriam comportamento ergativo, com caso ergativo marcado por *-{a/i}n* e absolutivo detentor de morfema zero. Ao contrário de Dixon (1994), que expusera três formas diversas para a marcação casual dos pronomes de terceira pessoa, Camargo descreve para esses pronomes uma estrutura neutra, em que são abolidas as distinções entre A, S e O.

5.1.3 Manifestação da nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito no *rã-txa hu-ni-ku-~i*

A considerável distância que separa as análises dos paradigmas casuais caxinauás segundo Capistrano de Abreu, de um lado, e segundo Dixon (1994) e Camargo (2005), de outro, estimulou-me a examinar a forma de ocorrência da nasalidade final em sintagmas nominais-sujeito presentes em relatos do *rã-txa hu-ni-ku-~i* e a efetuar seu confronto com essas três soluções descritivas. Mesmo consciente da impossibilidade de estabelecer uma estrita comparação entre soluções descritivas, que se encontram inseridas em contextos sócio-culturais e universos teórico-metodológicos bastante diversos, considero esse cotejo um exercício proveitoso e um meio de divulgar dados constantes na recolha efetuada por Capistrano, no início do século XX. Creio que muitos pesquisadores, com destaque para os

interessados no estudo histórico das línguas Pano, podem julgar útil uma retomada daquelas informações sob um ponto de vista contemporâneo.

Nos 1033¹¹⁰ primeiros fragmentos textuais documentados por Capistrano de Abreu, coletei ocorrências capazes de ilustrar as combinações possíveis entre manifestação da nasalidade final e papel sintático-semântico (S e A) para os sintagmas nominais-sujeito. Em benefício da clareza da exposição, opto por uma formulação de caráter esquemático, em que os itens organizam-se a partir do papel sintático-semântico focalizado. Desse modo, serão oferecidas sucessivamente exemplificações para: a) S desprovido de nasalidade; b) S provido de nasalidade; c) A desprovido de nasalidade e d) A provido de nasalidade.

a) S desprovido de nasalidade

Os S desprovidos de nasalidade final corroboram as descrições presentes em Dixon (1994) e Camargo (2005), ao mesmo tempo que se afastam da situação habitual retratada por Capistrano de Abreu. Não representa grande desafio deparar-se com exemplos dessa natureza, que exibem frequência considerável. Fiquem registrados apenas três deles: 17. “*bari ka-i-ki-ki*: sol indo está”; 64. “*baka mawai*: o peixe morre” e 128. “*āi-bō bōnima-miç’ki*: mulher se alegre”.

b) S provido de nasalidade

Por seu caráter marcado, os S providos de nasalidade final não se encaixam nem no sistema casual descrito em Dixon (1994), nem no descrito em Camargo (2005), mas refletem a situação habitual concebida por Capistrano de Abreu. Embora seja realmente reduzido o número de S com acréscimo inequívoco de nasalização (aqueles em que o vocábulo na “forma indiferente” não se encerra por vogal nasal), a combinação ‘S + nasalidade’ não pode ser tomada como impossível. Os exemplos seguintes confirmam isso: 34. “*ipā ma oxa-ki-rā*: pai já dormiu”, 4. “*ōwā mawa-ki*: a mãe morreu” e 375. “*hun~i rux~u*: o varão chegou”.

c) A desprovido de nasalidade

Tanto as descrições de autoria de Dixon (1994) e de Camargo (2005) quanto a situação habitual delineada por Capistrano de Abreu não prevêm a ocorrência de A desprovido de nasalidade final. No entanto, pode-se reunir uma parcela significativa de exemplos do mesmo tipo que 310, 78, 946 e 1019, bem mais comuns do que os S dotados de nasalidade final: 310. “*mōxō ki-ri āi-bu ha-wōe bati bi tā-x~u*: de manhã a mulher sua saia receber foi”; 78. “*huni*

¹¹⁰ Inicialmente planejada para abarcar os mil primeiros fragmentos textuais do *rā-txa hu-ni-ku~i*, a amostra utilizada como material dessa análise foi ampliada de modo a abarcar a totalidade dos fragmentos pertencentes ao relato “Dança de omã”.

bai wa-ya: o varão roçado fazendo está”; 946. “*bakō mix’tibō nix’pō daci pik~i*: os meninos pequeninos ‘nix’pô’ muitos comem”; 1019. “*öwabō ban~i môxa itxawatã*: os adultos de pupunha espinhos ajuntaram.”

d) A provido de nasalidade

Correspondentes ao caso ergativo das propostas de Dixon (1994) e de Camargo (2005) e ao nominativo marcado da proposta de Capistrano, os A providos de nasalidade final de forma alguma podem ser tomados como raridade no *rã-txa hu-ni-ku~i*, uma vez que alcançam alta frequência de ocorrência. Por outro lado, tampouco fica autorizado seu tratamento como regra geral, pois, conforme dito acima, existem numerosos casos de A desprovido de nasalidade nos relatos examinados. Podem servir de exemplo de sujeito de verbo transitivo acompanhado de nasalidade final as sentenças integrantes dos fragmentos textuais 280, 312 e 431: “*ãi-bō xōki tōkō tã-xō*: mulher milho quebrar foi”; “*bötçã hi bi tã-n~u, bötçã hōpō bi tã-miç’-ki*: outro (um) pau tirar vai, outro jarina tirar vai”; “*kariwã huni kuibō iônua*: os brasileiros aos caxinauás mandaram.”

Para registrar uma síntese das informações veiculadas nos itens a) a d), foi composto o quadro 5.1 abaixo. Em sua elaboração, levou-se em conta se as propostas de análise em exame, ou seja, a de Capistrano (Abreu 1914), a de Dixon (1994) e a de Camargo (2005), previam a existência de dado tipo de sintagma nominal-sujeito na língua Caxinauá. Embora Capistrano de Abreu tenha escrito que “o mesmo índice serve para qualquer caso” (Abreu 1914: 29), a presente investigação toma por base a situação que ele parece ter concebido como canônica: nominativo marcado com nasalidade final x acusativo destituído de nasalidade final.

Quadro 5.1: Ocorrência de nasalidade final em sintagmas nominais-sujeito em Abreu (1914)

Tipo de Sujeito	Contemplado na proposta de análise			Ocorrências no <i>corpus</i>
	Abreu (1914)	Dixon (1994)	Camargo (2005)	
S - nasal final	-	+	+	+
S + nasal final	+	-	-	+
A - nasal final	-	-	-	+
A + nasal final	+	+	+	+

Como revela o quadro 5.1, o *corpus* contava com exemplos de todos os tipos de sintagma nominal-sujeito. A existência, nos relatos constantes no *rã-txa hu-ni-ku~i*, de S providos de nasalidade final, assim como de A desprovidos desse elemento fônico indica que a descrição oferecida por Dixon (1994) e a expressa em Camargo (2005) não têm condições

de explicar a totalidade dos dados. Seria, no entanto, precipitado, em vista dessa análise preliminar, decretar com Capistrano de Abreu que, para os nomes do Caxinauá, “[n]ão ha declinação obrigatoria e invariavel” (Abreu 1914: 18). Por conta disso, procedi a uma investigação mais detalhada em busca de uma possível cisão determinante da distribuição da nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito caxinauás, segundo ela se manifesta em Abreu (1914).

5.1.4 Um exame da presença/ ausência de nasalidade final nos sintagmas nominais-sujeito

Minha primeira preocupação consistiu em avaliar eventuais relações entre a ordem sintática das sentenças e a presença/ ausência de nasalidade em A. Era plausível supor que A desprovidos de nasalidade ocorressem exclusivamente em face da disposição canônica AOV. Os dados, entretanto, refutaram essa hipótese. Ainda que os A sem terminação nasal em sentenças do tipo AOV tenham surgido com mais frequência, há exemplos com estrutura OAV nos quais A deixa de portar o traço + nasal. Tal fato pode ser notado em 90: “*maxõ ya-bi-rã ãi-bô a-miç’ki*: urucú também mulher faz.”

Sem encontrar uma ligação entre ordem dos termos da oração e (in)existência de sujeito nasalizado, passei a atentar para o papel que o caráter estático ou dinâmico do verbo pudesse desempenhar no processo. Norteou-me a possibilidade de que um sujeito não-nasalizado fosse típico de sentenças sem verbo de ação. Também não podia ser descartada de antemão a idéia de que o sujeito de uma frase com verbo de ação receberia obrigatoriamente uma terminação nasal. Confrontadas com os dados, falharam ambas as hipóteses. A recolha efetuada por Capistrano inclui S providos de nasalidade final em sentenças sem verbo de ação, assim como A não-nasalizados que acompanham verbos de ação. Dentre os primeiros, pode-se citar “34. *ipã ma oxa-ki-rã*: pai já dormiu!”. O fragmento 78, por sua vez, pertence ao grupo dos que testemunham a associação entre falta de nasalidade final do sintagma nominal-sujeito e verbo de ação: “*huni bai wa-ya*: o varão roçado fazendo está”.

Certa de que não se podia responsabilizar o caráter dos verbos pela distribuição da nasalidade final nos S e A do *rã-txa hu-ni-ku--i*, voltei-me para a natureza dos sujeitos, procurando diferenças de comportamento entre os detentores e os não-detentores de controle sobre a ação. Mais uma vez, desenhou-se um panorama complexo em que diversas possibilidades coexistiam e nenhuma tendência se sobressaía indiscutivelmente. No conjunto dos S, achei tanto exemplos de formas nasalizadas sem controle (caso de 4), quanto nasalizadas com controle (como 375). Confirmando que acréscimo de nasalidade final e

capacidade de exercer controle se mostram, para S, independentes, ocorrem ainda S desprovidos de nasalidade com (vide 100) ou sem (vide 131) controle:

- 1) S nasalizado sem controle: 4. “*owã mawa-ki*: a mãe morreu”;
- 2) S nasalizado com controle: 375. “*hun~i rux~u*: o varão chegou”;
- 3) S desprovido de nasalidade sem controle: 131. “*idix mönu-k~i*: o tatú queima-se”;
- 4) S desprovido de nasalidade com controle: 100. “*xawö köyô-namö-a*: jaboty mordeu”

Mesmo sem ter podido identificar no *corpus* ocorrências de A sem controle, creio que também para os sujeitos de verbo transitivo afigura-se irrelevante o aspecto “controle” para a determinação da nasalidade final. Isso porque A detentores de controle e nasalidade final (a exemplo de 302 e 853) surgem lado a lado com A detentores de controle e não-nasalizados (cf. 310): “302. *huni ku~i bai wa-x~u*: caxinauá roçado fez”, “853. *hun~i ratô txanimabãini*: o varão aqueles convidou” e “310. *möxô ki-ri ãi-bu ha-wõe bati bi tã-x~u*: de manhã a mulher sua saia receber foi”.

No tocante à natureza dos S e A, restava testar se as características “humano” e “animado” tinham alguma influência sobre a manifestação da nasalidade final nos sintagmas nominais em função de sujeito do *rã-txa hu-ni-ku~i*. É justificável afirmar que tais traços não atuam no fenômeno em foco de maneira decisiva, pois um A ou S definível como humano pode apresentar ou não nasalidade final, como fazem ver sentenças já citadas. Sujeitos animados e não-humanos também não obedecem a um padrão, o que se pode atestar por meio das sentenças 64. “*baka mawai*: o peixe morre” (S animado não-humano desnasalizado); 794. “*donuwã paxan~u*: a sucury fuge” (S animado não-humano nasalizado); 195. “*icô böñö möxôx bimi bötix~u*: coatá macho de cajaseira a fructa avistou” (A animado não-humano desnasalizado) e 2918. “*kax~i xuya iuka*: o morcego ao rato perguntou” (A animado não-humano nasalizado).

Sempre interessada em detectar um mecanismo capaz de governar a presença de nasalidade final nos A identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku~i*, pensei em correlacioná-la com possíveis dificuldades na interpretação das sentenças. Dito de outro modo, fui em busca de uma diferenciação entre sentenças ambíguas e não-ambíguas, sendo que foram classificadas como “ambíguas” sentenças em que dois sintagmas nominais têm condições semântico-pragmáticas de desempenhar o papel de actante sujeito da relação transitiva. Soou bastante cabível a suposição de que as sentenças cujo conteúdo desse margem a dúvidas não deixariam de adotar a nasalidade final como um claro sinalizador de seus sujeitos. Imunes a mal-entendidos, as sentenças não-ambíguas gozariam, por sua vez, de maior liberdade, podendo admitir A não-nasalizados. Fragmentos, como 670, contradizem o raciocínio exposto,

apontando que o sujeito de uma sentença ambígua não necessariamente ostenta a nasalidade final: “**hunibô** *daçi iawa ku~i bötix~u*: os varões muitos queixadas avistaram”. A exemplo dessa sentença, as demais ocorrências de sujeito não-nasalizado em contextos ambíguos, por mim localizadas, possuem estruturas do tipo AOV. Em vista disso, não se pode desprezar a força da ordem sintática canônica para desfazer ambigüidades, distinguindo entre os diversos papéis sintático-semânticos. Aliás, Capistrano de Abreu já havia destacado a ordem dos termos (chamada por ele “posição no discurso”), ao lado de aspectos discursivos, como mais importante do que as terminações casuais para efetivar a distinção entre sujeito e objeto em Caxinauá. De acordo com suas palavras, já transcritas na seção 4.5.3: “as desinencias casuaes podem indifferentemente servir para o nominativo e para o accusativo; relevantes são a emphase, o rythmo, a **posição no discurso** (Abreu 1914: 18, negritos adicionados).

A análise que realizei à procura de um condicionamento para a distribuição da nasalidade final dos sintagmas nominais-sujeito no *rã-txa hu-ni-ku~i* encontra-se sumarizada no quadro 5.2.

Quadro 5.2: Presença de nasal final nos sintagmas nominais-sujeito em Abreu (1914)

CrITÉRIO de análise	Possibilidades investigadas	+ Nasal final	- Nasal final
Ordem sintática	AOV	Sim	Sim
	Outras ordens	Sim	Sim
Verbo de ação	+ verbo de ação	Sim	Sim
	- verbo de ação	Sim	Sim
Controle do sujeito	+ controle	Sim	Sim
	- controle	Sim	Sim
Natureza do sujeito	+ humano	Sim	Sim
	+animado - humano	Sim	Sim
	inanimado	Sim	-----
Ambigüidade da sentença	+ambígua	Sim	Sim (só sentenças AOV)
	- ambígua	Sim	Sim

Como sugerem as informações reportadas no quadro 5.2, parece se confirmar, para a distribuição da nasalidade final de sintagmas nominais-sujeito no *rã-txa hu-ni-ku~i*, a arbitrariedade anunciada por Capistrano de Abreu. De fato, não se pôde determinar qualquer cisão que se pautasse pela ordem dos termos na oração; pela presença/ ausência de verbo de ação na sentença; pela presença/ ausência de controle do sujeito; pelo caráter humano ou animado do sujeito ou pela ambigüidade das sentenças. Sem que sejam desenvolvidas investigações que levem em conta ainda outros fatores, não se deve tachar a proposta de análise de Capistrano de ingênua.

Mesmo porque os dados contidos no *rã-txa hu-ni-ku~i* não sinalizam uma adoção consistente de um padrão ergativo de marcação casual para os sintagmas nominais-sujeito. Nesse sentido, deparei-me com uma situação que se afasta da reconhecida por Valenzuela (2000). Empenhada em examinar o grau de adequação da análise do sistema casual do Pano proposta por Manuel Navarro, ela constatou que dados oferecidos pelo próprio missionário obedeciam sistematicamente a um padrão ergativo. Em consequência disso, pôde desautorizar com segurança a descrição de natureza nominativo-acusativa constante no *Vocabulario castellano-quechua-pano*, publicado em 1903.

Apenas em um contexto, pude verificar regularidade na distribuição da nasalidade final nos sintagmas nominais presentes em Abreu (1914): sempre que um sintagma nominal exercia o papel de vocativo, contava com final nasalizado. Isso não chega a desmentir a suspeita de que a nasalidade final nos sintagmas nominais do *rã-txa hu-ni-ku~i* possa estar condicionada, não por fatores gramaticais, mas por fatores discursivos. De outra maneira, seria difícil justificar a existência de sintagmas nominais na função de objeto com acréscimo de nasalidade, como em 171. “*mawa xin~u daci ~i ã~i-ã-ki*: muito macacos-prego muitos eu vi” e 55. “*diç~i diç’-pi-yu-ma tōwō-ya-ma*: rede corda sem armam não.”

Deixando em aberto, devido às limitações deste trabalho, várias questões relativas à manifestação da nasalidade final nos sintagmas nominais caxinauás, passarei ao exame da “Forma de ocorrência” de alguns advérbios no *rã-txa hu-ni-ku~i*.

5.2 Alternância de sufixos adverbiais no *rã-txa hu-ni-ku~i*

Diversamente do sistema de marcação casual e do(s) sufixo(s) *-rã*, os advérbios caxinauás não foram submetidos à aplicação do parâmetro interno complementar “Forma de ocorrência de fenômenos problemáticos” porque Capistrano de Abreu tivesse declarado explicitamente ter enfrentado especiais dificuldades em sua abordagem. A motivação para um estudo mais detido dos advérbios caxinauás, tal como registrados no *rã-txa hu-ni-ku~i*, nasceu da discordância observável entre a maneira como certos advérbios foram descritos nas “Preliminares” e/ou definidos no “Vocabulario caxinauá-brasileiro” e a sua tradução para o Português em passagens da recolha de lendas e relatos.

O item “Posposições e advérbios” das “Preliminares” apresenta ao leitor um rol com cinquenta e seis advérbios -- contabilizando-se inclusive alguns casos de variantes fonéticas, como *di* e *ri* correspondentes a “de pressa” – ordenados alfabeticamente, sem estabelecer uma separação entre os de tempo, os de lugar e os modo. Logo abaixo dessa listagem, Capistrano esclareceu: “A estes advérbios podem acrescentar-se suffixos como *a*, *ki-ri*, *nô*, *xô* que

modificam ligeiramente o sentido; vão no vocabulário” (Abreu 1914: 15). Apesar de sua brevidade, a referência aos sufixos adverbiais demonstra claramente que Capistrano se baseou em um critério semântico para categorizá-los e que os vinculava aos processos de formação lexical da língua. Nesse sentido, fica patente que Capistrano não atribuiu a essas terminações quaisquer funções gramaticais, nem tampouco cogitou associá-las a mecanismos de concordância.

Como se poderia esperar, entradas do “Vocabulário caxinauá-brasileiro” obedecem a tal princípio e refletem os diferentes matizes de significado que caracterizariam o acréscimo de cada um desses sufixos. Na seção lexicográfica do *rã-txa hu-ni-ku-~i*, com efeito, encontram-se onze radicais cujo sentido surge modificado por, pelo menos, quatro sufixos diversos dando origem a novos advérbios: *na-tê* (“longe”); *nō-nô* (“aqui”); *ô-a* (“acolá”); *ô-nô* (“de longe”); *paç-ô* (“ao lado”); *ra-bi* (“logo, mais tarde”); *raç’ka* (“assim”); *ra-nô* (“ali”); *ra-wa* (“que cousa? alguma cousa”); *ra-tê* (“então”) e *txai* (“longe”). O maior número de variações diz respeito a *ô-a*, de que derivam oito outros advérbios e de *ra-tê*, a partir do qual se formam nove. Desse modo, os verbetes a eles dedicados incluem: *ô-a-ni* (“ali, perto”); *ô-a-ni-xô* (“dali”); *ô-a-nô* (“acolá, longe”); *ô-a-nu-a* (“d’acolá”); *ô-a-nu-a-tê-a* (“daquele tamanho”); *ô-a-nu-a-tê-ã* (“outro tempo, então”); *ô-a-tê-o* (“daquela grossura”) e *ô-a-tê-x~u* (“até ali”), para o primeiro, e, para o segundo, *ra-tê* (“só este, quanto”); *ra-tê-ã* (“quando, agora”); *ra-tê-a* (“daquele tamanho”), *ra-tê-a-ma* (“daquele tamanho não”); *ra-tê-ã-ma* (“agora não, anteriormente”); *ra-tê-ô* (“daquela grossura”); *ra-tê-ô-i-ra* (“deste tamanho!”); *ra-tê-ri* (“uma porção”); *ra-tê-xô* (“deste tamanho”) (Abreu 1914: 569 e 597).

Em todo o “Vocabulário caxinauá-brasileiro” somente duas formas adverbiais portadoras de sufixo não foram tratadas como relacionadas à expressão de um novo conteúdo semântico. *Xinaxô*, que, tanto quanto *xinã*, foi tomado como equivalente a “logo, outro dia” (Abreu 1914: 618) e *raç’kaxô*. A situação de *raç’kaxô* afigura-se particularmente interessante, pois Capistrano vislumbrou um condicionamento gramatical para sua ocorrência. Enquanto o verbete *raç’ka* indica simplesmente “assim, fazer assim”, consta para o vocábulo contendo – *xô*, “assim; em geral usado com verbo negativo” (Abreu 1914: 568).

A versão portuguesa de certos relatos e lendas trouxe-me a sugestão de que não apenas a oposição *raç’ka/ raç’kaxô* tivesse fundo morfossintático e não semântico. De fato, em alguns casos, coincidem as traduções propostas por Capistrano de Abreu para advérbios detentores de terminações distintas, caso de *namaki* e *namakia* que foram relacionados a “no meio de” (cf. fragmentos textuais 609 e 871). Para lembrar outro exemplo, “ali mesmo” foi a expressão em Português selecionada para comunicar a informação veiculada por *hanôri* (fragmento

540), *hanô* (fragmento 541), *hanôbi* (fragmento 549), *haria* (fragmento 621), *raribi* (fragmento 810) e *hanôbia* (fragmento 879).

Influiu, ainda, sobre a decisão de analisar a forma de ocorrência dos advérbios no *rã-txa hu-ni-ku~i*, a possibilidade de que a língua Caxinauá documentada por Capistrano apresentasse um mecanismo de concordância adverbial semelhante aos mencionados por Loos (1999: 237, 239), em seu exame das línguas Pano, ou ao reconhecido no Sipibo-Conibo por Valenzuela (1999, v. tb. Weißhar e Illius 1990: 573). Segundo a análise de Valenzuela (1999), a transitividade verbal determina a morfologia de advérbios sipibos de lugar e modo. Os advérbios locativos carregam a terminação *-xon* quando associados a um verbo transitivo. Se referentes a um intransitivo, não recebem qualquer índice. Os advérbios ablativos ganham a marca de “intransitividade” *-ax*, caso expressos junto a intransitivos dinâmicos. Não há marca específica, se ocorrem com verbos cópula ou transitivos.

Com o objetivo de verificar se alguma regularidade comparável às identificadas por Valenzuela (1999) estaria por trás da alternância entre formas adverbiais no *rã-txa hu-ni-ku~i*, investiguei os advérbios constantes nos 1015 primeiros fragmentos textuais da coletânea de lendas e relatos. Nessa amostra, não se revelou qualquer relação entre a transitividade verbal e o modo de manifestação dos advérbios. Em virtude disso, testei outras hipóteses de condicionamento para o fenômeno da alternância adverbial. Logo de início, ficou evidente que não fazia diferença a posição do advérbio na sentença. Tampouco importavam o caráter, estático ou dinâmico, do verbo da sentença ou a presença/ ausência de um sujeito explícito.

Por outro lado, não se pode descartar definitivamente a influência do modo verbal sobre a distribuição de alguns pares de formas adverbiais. Diferente de *namakia*, *namaki* foi atestado inclusive com verbos no imperativo e em sentenças negativas. Nenhuma sentença com verbo no imperativo continha *xinaxô*, mas sempre *xinã*. Sirva de ilustração a comparação entre os fragmentos textuais 536 e 22: 536. “*xinaxô ôa bari bôtça ki atça banai ka nõ*: outro dia, aquele sol (dia) outro com, macaxeira plantar vou”; 22. “*xinã ko-nõ-ka-wõ*: outro dia vamos!”. Traduzidos pela palavra portuguesa “agora”, *ran~u* e *ran~ukai* também não parecem aptos a variarem livremente. Isso porque somente *ran~u* foi localizado em sentenças com negação ou verbo no imperativo. Embora Capistrano de Abreu tenha descrito *raç’kaxô* como freqüentemente, e não exclusiva ou obrigatoriamente, relativo a verbos negativos, não pude encontrar ocorrências dessa forma em declarações afirmativas. Além disso, faltavam por completo exemplos de *raç’ka* em face de negações.

Apesar de seu alcance limitado e de sua natureza preliminar, minha análise da distribuição de sufixos adverbiais em narrativas do *rã-txa hu-ni-ku~i* foi capaz de delinear

uma tendência. Se houver um mecanismo de concordância adverbial na língua Caxinauá documentada por Capistrano de Abreu, é provável que a presença de modo imperativo e de negação estejam entre os seus fatores condicionantes.

5.3 Contextos de ocorrência do(s) sufixo(s) *-rã*

No âmbito do parâmetro interno complementar “Forma de ocorrência de fenômenos problemáticos”, investiguei os contextos lingüísticos em que se atestam sufixo(s) *-rã* nas lendas e relatos que integram o *rã-txa hu-ni-ku--i*. Capistrano de Abreu, como abordado no item 4.5.4, deixou claro que não tinha conseguido solucionar todas as questões levantadas pelas formas nominais e verbais que continham sufixos *-rã*. Com relação ao Caxinauá atual, persistem ainda algumas incertezas nesse aspecto. Camargo (1996: 6, nota 10) escreveu: “Le suffixe *-dan* [em contexto intervocálico realizado *-ran*] apparaît aussi bien associé à un nom (ou à un groupe nominal) qu’à un prédicat. Dans le premier cas, nous l’interprétons comme un thématisateur; dans le second, sa valeur est encore à l’étude.”

As formas incluindo um sufixo *-rã* certamente desafiaram Capistrano de Abreu não apenas porque constituíam tarefas difíceis precisar sua função e encontrar uma tradução adequada para elas, mas também por conta de sua considerável frequência nos relatos reunidos. Dos 112 textos reproduzidos no *rã-txa hu-ni-ku-i*, somente oito (ou menos de 7,2% do total) não continham exemplos de sufixo(s) *-rã* ou de suas variantes *-dã* e *-nã*. Vale dizer, em quase 93% dos relatos coletados figuravam formas com tais sufixos. *-Dã*, raramente expresso, manifestava-se na ausência de contexto intervocálico, posto que se dava de maneira sistemática a mudança de “d” intervocálico para “r”. Exemplificam a variante *-dã*, *tikix’dã* (“o preguiçoso”, 1167) e *mawamiç’dã* (“morremos”, 4892). Muito mais difundida revela-se a variante *-nã*, que tem lugar após sons nasais ou nasalizados, como em *ix’m~inã* (“urubu-rei”, 3011) e *õe ãi-nã* (“minha mulher”, 269).

Não espanta que Capistrano tenha postulado a existência de um *-rã* capaz de se “juntar a qualquer parte da oração como partícula de realce, ou para outros efeitos” (Abreu 1914: 18), conforme lembrado no item 4.5.4, pois são realmente muito variados os contextos em que se pode identificar tal terminação. Fica impossível, ainda, determinar para *-rã* um contexto característico ou privilegiado, sobretudo em se tratando de traçar uma distinção entre seus usos nominal e verbal. A diferença entre o número de relatos em que não foi encontrada a terminação *-rã* ligada a verbos (11, ou 9,8% do total) e o número de relatos em que a mesma terminação não foi identificada junto a nomes (21, ou 18,7% do total) não pode ser considerada significativa ou indicativa de qualquer tendência em especial.

5.3.1 Uma regularidade: a ocorrência em fronteiras de sintagma

Impõe-se desde uma primeira análise do fenômeno o fato de que o(s) sufixo(s) *-rã* contaria(m) com uma posição pré-determinada e invariável: derradeiro elemento em fronteiras de sintagma. Desse modo, é detectável como a última sílaba de advérbios, caso de *ôanirã* (“acolá”, 3093 e 3763) e *rarirã* (“ali”, 4932 e “ali mesmo”, 1631). No tocante a verbos e nomes, percebe-se que *-rã* se pospõe à marca opcional de plural *-bô*, como em *huniku~ibôrã* (“os caxinauás”, 2976, 2978) e *iuxibôrã* (“os diabos”, 4766, 4767), ou em *öiyabôrã* (“vendo estão”, 2349) e *mawaibôrã* (“enterraram”, 1470, “enterram”, 1471). Formas verbais contendo diversos sufixos constituem outra evidência de que o acréscimo de *-rã* corresponde à etapa final do processo de formação dos vocábulos. Tanto *pimamaikarã* (“comer fizeram não”, 1036) -- divisível em *pi-* (radical), *ma-* (causativo), *ma-* (negativo), *i-* (morfema temporal) e *-ka* (morfema testimonial¹¹¹) – quanto *pik~ibönarã* (“comeram a primeira vez”, 947) ilustram essa situação.

Servem como indício de que *-rã* aloja-se na fronteira dos sintagmas as inúmeras construções genitivas que assumem feição semelhante à de *ionô xakarã* (“de legumes cascas”, 2426) e *mana miyoirã* (“de manã a história”, 2648). O mesmo se nota com relação aos sintagmas em que um pronome pessoal desempenha a função de determinante, a exemplo de *ôe pitirã* (“minha comida”, 2419) e *nuk~u bakörã* (“nosso filho”, 3171).

Em razão de situar-se na fronteira dos sintagmas, muitas vezes *-rã* se une a posposições. Isso deve ter influído para que Capistrano de Abreu atribuisse a um dos sufixos *-rã* que identificou a capacidade de aliar-se a “qualquer parte da oração” e uma função um tanto imprecisa. Provavelmente, soaram-lhe intrigantes construções como: “*nônô mai yanôrã naikiaki*” (“aqui terra em ceu é”, 4886) e “*raç’ka waxô, ran~ukai bai tôrô pix’ta wamiç’bôki mai yanôrã*” (“assim fizeram, agora roçado redondo, pequeno fazem chão **em**”, 1466). Além de não diretamente associável a mecanismos morfológicos, a junção de *-rã* a posposições, ao menos segundo a tradução fornecida pelos informantes de Capistrano de Abreu, não traria nenhuma alteração semântica evidente. A comparação entre a versão portuguesa para as sentenças citadas logo acima e para outras similares, mas desprovidas do sufixo *-rã*, descortina a opção por construções em tudo idênticas, como evidenciam “*ôe hiwô yanô bana tânônã*” (“minha casa **em** plantar ir para”, 3390) e “*maxi ya-nô xubu wa-x-u*” (“praia **em** casa fizeram”, 258).

¹¹¹Sigo aqui a descrição proposta em Camargo (1991).

5.3.2 O comportamento de *-rã* em contextos verbais

Contrariamente ao que se observa para a maioria dos sufixos *-rã* expressos em contextos nominais no *rã-txa hu-ni-ku~i*, muitos *-rã* que se ligam a verbos se diferenciam dos *-rã* unidos a posposições, porque apresentam uma tradução para o Português. Em virtude disso, tornam-se portadores de uma função mais claramente reconhecível. Capistrano, conforme abordado anteriormente, delimitou três categorias de *-rã* verbal que contariam com correspondentes na língua portuguesa: 1) equivalente a “quando”; 2) substituto de pronome relativo e 3) substituto das conjunções *rab~i* e *raki-a*. Considerando-se o que há de comum nesses três tipos, pode-se afirmar que Capistrano de Abreu concebeu *-rã* junto a verbos como um índice de dependência sintática.

Em exemplos que incluíam os chamados “substitutos das conjunções”, Capistrano optou por grafar em itálico a conjunção no texto em Português, que inaugurava a oração. Assim, ficava assinalado para o leitor, o excepcional abandono do processo de tradução palavra por palavra. É o que se nota em 2343. “*rox~i kapa: ma òe in~u kai, m~i nabô ratô iôiyamaxwõe, òa dõtökanarã*” (“encarnado coati-purú *disse*: já eu embora vou, tuas gentes áquellas dize não! ***sinão*** me matar podem”).

Notas manuscritas de autoria de Capistrano presentes no exemplar do *rã-txa hu-ni-ku~i* conservado no Instituto Histórico do Ceará demonstram que, durante a revisão de seu trabalho, ele provavelmente se encontraria ainda mais certo de que *-rã* valia como um índice de dependência sintática. No volume anotado, trinta e um fragmentos textuais receberam uma inserção manuscrita da palavra “quando”, em direta correlação com uma forma verbal caxinauá contendo *-rã*, ou sua variante nasal. Outras nove notas transformaram em orações subordinadas diversas o correspondente em Português de formas verbais com *-rã*, caso da alteração manuscrita ao fragmento de número 4236, que passou a encerrar uma oração relativa. O informante ditou “*nuk~u nabô içô tibãinã*”, a que se deu a seguinte tradução impressa: “nossas gentes, do coatá atrás foram”. À mão, Capistrano cancelou a vírgula e fez uso da conjunção “que”, chegando a “nossas gentes **que** do coatá atrás foram”.

Se Capistrano tivesse empreendido uma revisão completa de sua obra sobre o Caxinauá, é bem possível que tivesse aplicado de maneira sistemática o processo patente naquela nota, pois muitos fragmentos textuais traduzidos por ele como uma sucessão de coordenadas aceitam uma releitura de feição ‘oração principal + oração subordinada’. Em 269, as sentenças caxinauás “*òe ãi-nã, atça bõtçô tã-wõe, ma rôx~i-yã-ki-rã*” foram passadas para a língua portuguesa como “minha mulher, macaxeira arrancar vai! já amadureceu”, mas para o último trecho caberia também “porque já amadureceu”. Uma conjunção explicativa

poderia ser igualmente empregada na tradução do fragmento 461: “*nuk~u möç ’té n~u karã, nukô dötötibôki*”; o que acarretaria “(porque) nós sós nós fomos, nos matarão”.

Ainda que freqüentemente formas com *-rã* admitam uma tradução portuguesa de natureza subordinada, não se pode estabelecer uma relação direta e necessária entre a presença da terminação em foco e vínculos entre orações. Afinal, não deixam de existir no *rã-txa hu-ni-ku~i* sentenças que em Português foram tratadas como subordinadas (seja na versão publicada ou nas notas manuscritas) e não revelam a participação do sufixo *-rã*. No material impresso, vale mencionar a sentença constante do fragmento 4032 “*na òe dunuwã buçõe pi paiki*”, que assumiu em Português o aspecto de “esta minha da sucury que buçã comer quiz”, englobando uma oração relativa. Do conjunto de notas manuscritas, vinte e quatro representaram acréscimos de “quando” relacionados a formas verbais sem o sufixo *-rã*. Em mais da metade dos casos, o verbo possuía o sufixo *-tã* (7 ocorrências) ou o sufixo *-xõ* (8 ocorrências). Não por acaso, Capistrano citou-os ao lado de *ya* como sufixos que poderiam remeter ao passado, presente e ao futuro e apontou indiretamente para seu papel de índices de dependência sintática, ao afirmar que “servem umas vezes de indicativo, outras de **conjuntivo**” (Abreu 1914: 20-21, negrito adicionado).

O caráter particular de certos sufixos verbais caxinauás me instigou a verificar como se dava a interação entre cada sufixo verbal constante da listagem fornecida por Capistrano nas “Preliminares” e a forma *-rã*. Como resultado do levantamento, conclui que apenas *-kawõe*, *-kõe* e *-wõe* não foram atestados diante de *-rã*. Tanto os sufixos *-k~i*, quanto *-tã* e *-xõ* apareciam, por vezes, desnasalizados como antecedentes do sufixo em consideração, que, diante deles, foi grafado invariavelmente *-nã*. Da mesma maneira que não parece haver restrições quanto ao uso de *-rã* associado a outros sufixos verbais, ele mostra-se apto a integrar vários tipos de sentenças. Com efeito, são milhares os exemplos de sentenças declarativas afirmativas que contêm *-rã* verbal, *-rã* nominal ou ambos. Ao último grupo pertencem 3511. “*rawõe nabôrã ma in~u karã*” (“suas gentes já embora foram”) e 934. “*rab~i baköpix ’tarã mawan~ubariérã t~eiimiç ’ki*” (“porem menino pequenino morrerá para o anno, cai”). A exemplo de muitos outros fragmentos textuais da recolha efetuada por Capistrano de Abreu, 934. testemunha que dois termos com *-rã* podiam ocupar posições contíguas.

Sentenças com formas verbais negativas podem igualmente apresentar o sufixo *-rã*, caso da anteriormente citada 1036, em que se lê “*pimamaikarã*” (“comer fizeram não”) e de 3910. “*rabô dabôrã datöiç ’marã*” (“aquelles dois medrosos-não eram”). Também sentenças interrogativas marcaram-se pela ocorrência do sufixo *-rã*, fosse em contextos nominais ou

verbais. Constituem exemplos do primeiro tipo 2874. “*xawõe, m~i nawarã harakirimõe*” (“jabuty, tua cantiga como é por ventura?”) e 2450. “*mairã bônãpa? ika*” (“terra levamos por ventura? fizeram”); enquanto 3290. “*nixökõe, rania xōki xōmō kãunarã*” (“tijuaçu, daonde o milho debulhado cahiu?”) ilustra o segundo caso.

O padrão que, até aqui, tem servido para descrever a manifestação de *-rã* em contextos verbais – situado na última sílaba da forma verbal – não foi detectado nas frases imperativas. Ou seja, nesse tipo de frase não se pôde reconhecer a estrutura esperada, composta por sufixo temporal + *-rã* (nesse caso específico, **wõe-rã*). No entanto, uma construção de frequência considerável no *corpus* e cuja tradução não difere da oferecida para as formas imperativas, de modo geral, parece ser o resultado da junção do sufixo *-rã* com a marcação de modo imperativo: radical + *-nã* + *-wõe*. Supondo-se que a natureza nasalizada do sufixo de imperativo tenha exercido influência sobre *-rã*, transformando-o em *-nã*, ficariam explicados trechos como: 138. “*pôk~i-nã-wõe*” (“cavemos!”); 151. “*ka-ri-nã-wõe*” (“vamos depressa!”) e 865. “*táu pôç ’tô xatōnãwõe*” (“paxiúba barriguda cortemos”).

5.3.3 O comportamento de *-rã* em contextos nominais

Embora o(s) sufixo(s) *-rã* referentes a nomes tenham sempre indiscutivelmente se alojado na fronteira dos sintagmas, sua análise está longe de poder ser tomada como algo simples. Ao mesmo tempo que são imediatamente identificáveis no corpo do texto, o reconhecimento de sua função exata desafia o analista. Diversamente do sufixo *-ra* Sipibo, que ocorre sistematicamente como a última sílaba do primeiro constituinte de uma sentença declarativa não-subordinada (cf. Valenzuela 2002, Weißhar e Illius 1990), não ganha sustentação a hipótese de que o(s) sufixo(s) *-rã* unidos a sintagmas nominais constantes da obra de Capistrano se prestem a apontar mecanismos morfológicos ou sintáticos.

Sendo assim, faz sentido procurar uma articulação entre o(s) sufixo(s) *-rã/-dã/-nã* registrados por Capistrano – que podem se ligar a sintagmas nominais desempenhando qualquer função sintática, em todas as ordens sintáticas observáveis -- e a progressão do conteúdo informacional da mensagem. Falharam, entretanto, as tentativas de correlacionar o(s) sufixo(s) *-rã* em relatos do *rã-txa hu-ni-ku~i* tanto com a entrada de novas informações quanto com a manutenção de um tópico¹¹². Com efeito, um actante que surge pela primeira vez no texto, assim como outro largamente comentado ou recentemente reintroduzido podem contar ou não com o sufixo *-rã*.

¹¹² Agradeço a decisiva colaboração, para a realização dessa análise, da Profª. Dra. Elke Nowak e de suas orientandas de Doutorado, na Technische Universität (Berlim), Hanna Stöcker e Nadine Proske.

Segundo a interpretação de Camargo (2005), *-rã* (*-dan*, na transcrição fonológica adotada pela autora) unido a sintagmas nominais funcionaria como “marca de tematização” (p. 59) ou “marca de tópico” (p. 76). Como tal, seria obrigatoriamente expresso nas sentenças em que não se emprega a ordem canônica sujeito-objeto-verbo. Em Caxinauá atual, portanto, “o actante que representa o agente sempre será marcado pelo caso ergativo, porém, o actante que representa o paciente requerirá, neste caso, a **marca de tematização, *-dan***” (Camargo 2005: 59, negrito adicionado). Para os dados coletados por Capistrano de Abreu, não se pode declarar que as sentenças com ordem OAV apresentem invariavelmente um objeto acompanhado do sufixo *-rã/ -dan* seguido de um sujeito com nasalidade final, marca que se atribui ao caso ergativo. Há, no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, tanto sentenças que obedecem ao padrão descrito por Camargo (2005: 59), caso das transcritas em (I)¹¹³, como outras com estruturas diversas, a exemplo do que se vê em (II) e (III):

(I) Objeto-*rã* + A-nasalizado + Verbo

2616. *höorã manã ~uiyama*: à jia manã viu não;

3378. *kapörã kun~i kuxa paia*: ao jacaré o puraquê espancar quiz

(II) Objeto-*rã* + A-não nasalizado + Verbo

2896. *kaxirã xuya damimiç 'kiaki kaxirã*: em morcego o rato se encanta, em morcego;

90. *maxö ya-bi-rã äi-bô a-miç 'ki*: urucú também mulher faz

(III) Objeto + A-nasalizado + Verbo

52. *ni txôxi t~i mö-nô-k~i*: mata secca o fogo queima;

849. *iuinakaraci ~ebebõ atça vua yabi pik~i*: caças muitas as mulheres, macaxeiras cosidas também, comem

A falta de regularidade patenteia-se, ainda, quando se considera a distribuição de *-rã* entre termos de uma oração que compartilham a mesma função sintática. Um aposto a um termo que contém *-rã* pode ou não usar do sufixo. No caso de 1799, os dois constituintes caracterizam-se pela presença do elemento em foco: “*õe kamanã mawa mötçaparã iuinaka daci atimiç 'dã*” (“meu cachorro muito marupiara caças muitas pega”). Em 1885, por sua vez, há uma sucessão de apostos com *-rã*, acarretando “*raç 'ka dakaimakiaki õe kukarã, õe öwa pôirã, çan~ibairã*” (“assim fazia meu tio, de minha mãe irmão, çan~ibari”). O fragmento 2383 pode ser lembrado entre os que expõem aposto sem a terminação *-rã*: “*ratõ hiwörã, hiwö xakatxé, äibó öç 'karabõ, bakõ pix'ta öç 'karabõ hiwö ~u~i, hiwöabõ*” (“sua casa, a casa vasia, mulheres duas, meninos pequenos dois, a casa olham (guardam), moram”). Uma terceira possibilidade pode ser ilustrada pelo fragmento 1426, em que apenas o aposto

¹¹³ Nessas sentenças, Capistrano traduziu o primeiro termo sob a forma de um objeto direto preposicionado, para evitar uma interpretação errônea da parte dos leitores.

registra ocorrência de um sufixo *-rã*: “*ran~ukãi mawa nãta n~u nimiç’kiaki, nuk~u iôxinã*” (“agora muito longe nós andamos, nossas almas”).

Assim como a relação de aposição, as enumerações agrupam termos que apresentam a mesma função sintática. Também nesse contexto não se observa uma obrigatoriedade na manifestação de *-rã*, que pode não aparecer; aparecer em todos os termos arrolados ou em qualquer um deles. Em 520, somente um sintagma nominal da enumeração porta o sufixo: “*bai waxõ, xõki banamiç’boki, atça yabirã, mani inõ, tama yabi, iôçô yabi, kari inõ, iôb~i yabi, barã in~u banamiç’bôki*” (“roçado fizeram, milho plantaram, macaxeira também, bananeira também, mudubim também, feijão também, batata também, inhame também, mamão também plantam”). Um dos termos deixa de conter *-rã* em 3903, que toma a forma “*ratõ kõnarã, manã in~u, kupirã*” (“seus nomes manã também, kup~i eram”). Já o fragmento 5053 integra o conjunto daqueles em que nenhum participante da enumeração ficou desprovido do sufixo: “*iôtã bö hiwoa, ~ika inãmiç’kiaki matcirã, iamö yabirã*” (“aranha com mora, ~ica deu-lhe, o frio, a noite também”). O mesmo pode ser afirmado acerca de 2307: “*rawõe ibôrã kaxayamakiaki, rawõe kamã yabirã*” (“sua mãe chorou, seu cachorro também”).

Com o objetivo de procurar compreender melhor a atuação de *-rã*, avaliei, ainda, a maneira como o sufixo se comportava em contextos caracterizados pela repetição de um sintagma nominal. Os resultados não se afastaram dos reconhecidos para a aposição e a enumeração, verificando-se a impossibilidade de determinar restrições consistentes e de estabelecer regras de distribuição. Inicialmente, parece ser necessário descartar qualquer limitação para a junção de *-rã* a um elemento que se reitera, como esclarecem 3692, em que as três ocorrências do mesmo termo têm *-rã* como sílaba final e 5725 em que esta situação recorre por quatro vezes. De fato, em 3692 tem-se: “*huni ku~i, hawõe kõnarã akuruarã, mawa dayakapa, mawa môtçaparã, mawa ãiracia, mawa bakö dacia, akuruarã mawa datömarã, akuruarã hamöç’ti txai ku~i iônaka dötöxõ nanöikatçi*” (“caxinauá, seu nome acuruá, muito trabalhador, muito marupiara, muito mulheres muitas com, muito filhos muitos com, acuruá muito medroso-não, acuruá elle só longe-muitíssimo caças matou moquear para”). Acompanhe-se também a sucessão de retomadas de um termo em 5725: “*haruk~u kõnarã tiwakiaki raruk~u kõnarã, apõ kõnarã xanökiaki apõ kõnarã*” (“do primeiro o nome seu ‘espremido’ é, do primeiro o nome seu é, do zangado nome seu ‘seco’ é; do zangado o nome seu é”).

Como se adiantou, não se pode imaginar que tenha validade universal o padrão ‘presença de *-rã* em sintagmas nominais reiterados’ que se poderia depreender de fragmentos

textuais como 3692 e 5725. Afinal, o *rã-txa hu-ni-ku~i* coleciona exemplos de sintagmas nominais repetidos que divergem quanto à ocorrência daquele sufixo. Identificam-se casos em que apenas a segunda menção leva *-rã*, como em 890 “~i *nabô*, ~i *nabôrã* raç’kamiç’ki” (“minhas gentes, minhas gentes assim fazem”); em 1368 “*xapô* pöxöa, bar~i kua, xôrômiç’ki, xurua, ~ebó tçökamiç’ki *xapôrã*” (“o algodão abriu-se, o sol queimou-se, boja, bojou, a mulher arranca o algodão”) e em 3492 “*huni mawa hönö ki datömiç’*, *hunirã naxiç’marã*” (“o verão muito água com amedronta-se, o verão banha-se não”). Em 1350 dá-se exatamente o contrário, com o sufixo somente na primeira referência: “*a~iburã daköiç’maki*, *ãibô diçi txaipa böna rawöe hiwö tã töwömiç’ki*” (a mulher se envergonha não, a mulher (casada de vespera) rede comprida nova sua casa em arma”).

Os fragmentos em que uma mesma palavra é expressa três vezes também não se governam por leis presumíveis. Comparem-se o fragmento 3692, citado anteriormente, com três menções acompanhadas por *-rã*, a (I) 3758 e (II) 2951, com uma única ocorrência de *-rã* e a (III) 1832, em que uma ocorrência do sintagma nominal deixa de revelar a terminação *-rã*:

(I) 3758. “*rawöe bötça* *äiyaimaköe*, *bötçarã* tçöã *bönöwatima*, *rawöe bötça* böç’té *äiyäköe*: seu irmão amulherou-se, com o irmão alguém maridar-se quiz não, seu irmão só amulherou-se”;

(II) 2951. “*na miyöi*, *kax~i in~u*, *kunô daminirã rawöe miyöi* *ratêx~u öe xinäi*: *na miyöirã* *ratexüki*, *yamaki*: esta historia, morcego também, orelha de pau encantaram-se, sua historia até aqui eu me lembro: esta historia até aqui, tem não mais”;

(III) 1832. *öe oparã* raç’kaniki, *öe öpa* max’kô *öe kama buyamaki*, *öe oparã* raç’kaniki, *rtki* [*ratêx~uki*]: meu pai assim fez, meu pai mais moço meu cachoro levou, meu pai assim fez, até aqui.”

Elaborado para sintetizar os resultados da investigação das formas de ocorrência de *-rã* em aposições, enumerações e repetições de um sintagma nominal, o quadro 5.3 abaixo torna patente a ausência de regras na distribuição daquele sufixo nesses contextos.

Quadro 5.3: Ocorrência de *-rã* em aposições, enumerações e repetições em Abreu (1914)

Contexto lingüístico	Formas com <i>-rã</i> atestadas no <i>corpus</i>
Aposições	Só no sintagma nominal determinado
	Só no aposto
	No aposto e no sintagma nominal determinado
Enumerações	Em qualquer dos sintagmas nominais
	Em mais de um sintagma nominal (quaisquer combinações)
	Em todos os sintagmas nominais
Repetições de um sintagma nominal	Em qualquer um dos sintagmas nominais
	Em mais de um sintagma nominal (quaisquer combinações)
	Em todos os sintagmas nominais

Se, como indica o quadro 5.3, dados constantes dos relatos e lendas fornecidos por Capistrano de Abreu não apontam para um funcionamento padronizado da interação entre repetição de sintagmas nominais e ocorrência do sufixo *-rã*, reforçam, por outro lado, a impressão de que esse elemento pertence ao domínio discursivo.

5.3.4 A terminação *-rã* e efeitos de realce

Estruturas circulares, que se notam por todo o *rã-txa hu-ni-ku-~i*, não preenchem exigências morfosintáticas e pouco ou nada contribuem para a tessitura do conteúdo informacional do texto. Por conta disso, possivelmente integram o grupo dos fenômenos lingüísticos que levaram Capistrano a associar *-rã* a efeitos de realce e de ênfase. Confirmam-se alguns exemplos ilustrativos: 2898. “*xuyarã öç’kamiç’ki xuyarã*” (“o rato assim faz, o rato”); 1103. “*dôn~u könörã iôri wamiç’ki, don~u könörã*” (“de cobra a pintura torta faz, de cobra a pintura”) e 1997. “*awarã huniku~i daminikiaki awarã*” (“em anta um caxinauá se encantou, em anta”).

É pouco convincente atribuir ao processo freqüente, nos textos caxinauás investigados, de duplicação dos pronomes pessoais uma função gramatical ou um papel de relevo na alternância informação conhecida/ informação nova. Dentre as ocorrências de *-rã* que se unem a pronomes pessoais, parcela significativa corresponde a uma menção do pronome acompanhado do sufixo seguida de reiteração do pronome, como indicam 2653. “*öarã ðe bônitéa rawa pitima*” (“eu, eu de fome tempo coisa alguma comer posso não”); 2655. “*miarã m~i baiyumamõe? aka*” (“tu, tu roçado sem és por ventura? fez”) e 1177. “*nukurã nõ iômötçôiç’maki*” (“nós, nós, ladrões somos não”). Embora aquela seja a situação mais comum, nem sempre as duas ocorrências do pronome surgem lado a lado. Uma sentença que pertence ao fragmento textual 483 atesta a possibilidade de inserção de outros elementos entre as formas pronominais: “*iarã nama kaya ~i kairã*” (“eu no meio direito (bem no meio) eu vou”).

Saindo-se das fronteiras dos fragmentos textuais segmentados e numerados por Capistrano de Abreu, unidades de maior porte sugerem igualmente a existência de efeitos discursivos que estariam vinculados ao emprego do sufixo *-rã*. De modo inquestionável, o recurso a repetições e ao paralelismo estrutural modela a feição de muitos dos textos reproduzidos no *rã-txa hu-ni-ku-~i*. Nesse sentido, as lendas e relatos caxinauás aproximam-se dos mitos Sipibo analisados por Illius (1999), em que esses dois processos de reiteração representariam um dos principais diferenciais entre a arte dos narradores míticos e a

linguagem cotidiana. Muito provavelmente também característico do gênero narrativa-mítica entre os Caxinauá, o paralelismo estrutural, na documentação reunida por Capistrano de Abreu, parece ter sido reforçado e evidenciado pela utilização de um sufixo *-rã*.

Com efeito, não são nada incomuns no conjunto dos textos ditados por Borô e Tuxin~i formulações em que atuam combinadamente a reiteração de estruturas e o sufixo *-rã*. Os fragmentos textuais de número 210 a 213, por exemplo, concluem-se todos pela construção ‘radical verbal + *katçi* + *-rã*’, passada por Capistrano para o Português na forma de uma oração subordinada final: 210. “*pia wa-ka-tci-rã*” (“frecha fazer para”); 211. “*pia-ya-i ka-ka-tci-rã*” (“caçar irem para”); 212. “*pia-ya-i ka-tcirã*” (“caçar ir para”) e 213. “*ratõ na-bô kuxa-ka-tci-rã*” (“suas gentes espancaram para”). Também guardam grande semelhança formal 1179 e 1180, em que marcam presença três ocorrências de *-rã*: 1179. “*iomõtçôrã txabôki, iomõtçôamarã pôki*” e 1180. “*iomõtçôrã ãiyômakî*” (“quem rouba ruim é, quem rouba não, bom é/ ladrão mulher sem é”). Salta aos olhos, ainda, a proximidade entre os fragmentos 2307 e 2313. O primeiro reporta a informação “*rawõe ibôrã kaxayamakiaki, rawõe kamã yabirã*” (“sua mãe chorando está, seu cachorro também chorando está”); conteúdo praticamente retomado pelo segundo -- 2313. “*rakia rawõe ibôrã kaxayamakiaki, rawõe kamã yabirã*” (“porem sua mãe chorou, seu cachorro também”).

Não deixa margem a dúvidas a extrema coincidência estrutural de sentenças quase idênticas, facilmente tomadas por desnecessárias quando desprezado o colorido próprio que individualiza o discurso mítico. Excluindo-se o segmento “*-bã*”, 2086 se veria transformado em uma repetição perfeita de 2083, ambos iniciados por um termo contendo *-rã*: 2083. “*iawarã huni ku~i iawanibôkiaki*” (“porcos os caxinauás porcos viraram”) e 2086. “*iawarã huni ku~i iawabãinibôkiaki*” (“porcos, os caxinauás porcos viraram, foram-se”).

O modo de narrar próprio dos Caxinauá, pelo que apontam os textos do *rã-txa hu-ni-ku~i*, lançaria mão, com frequência, de fórmulas responsáveis por inaugurar e terminar relatos, sintetizando seu conteúdo. Boa parte dessas fórmulas encerra comentários de natureza metalingüística e/ou conta com termos a que se liga um sufixo final *-rã*. Exatamente um quarto dos textos impressos no *rã-txa hu-ni-ku~i* é iniciado por tais construções, possuidoras de ocorrências do sufixo em análise. A porcentagem dos relatos cujo fechamento se vale dessas estruturas contendo *-rã* revela-se ainda mais significativa: quase 60%.

Como bem exemplifica o fragmento textual 4677, primeiro da lenda “O caxinauá que bebeu huni”, não se fazia obrigatória uma referência explícita ao tema desenvolvido ao longo da narrativa: “*õe nabôrã õç’kanikiani*” (“minhas gentes assim fizeram”). Traço comum a trechos iniciais dessa natureza e a outros que remetem diretamente ao assunto abordado

corresponde ao uso de construções caxinauás traduzidas em Português sob a forma de “assim fez” ou “assim fizeram”. Evidenciam tal fato igualmente os fragmentos introdutórios das lendas “O irmão morto pelo irmão” e “O maribondo enganando os urubús”, nomeadamente: 3794. “*õe nabô rôni daböç’, ratô kõnarã öç’karã: banö in~u, makari, öç’kanibôkiaki*” (“de minhas gentes varões dois só, seus nomes assim: banö também, makari, assim fizeram”) e 2775. “*binarã xötö parãkatçirã öç’kamiç’kiaki*” (“o maribondo urubús enganar para assim fez”).

Em um exemplo particularmente interessante, Tuxin~i começou a contar a história do “rato que virou morcego” mencionando o ato mesmo de contar (como o ato de registrar executado por Capistrano) e recorrendo ao sufixo *-rã* por duas vezes. Logo em seguida, utilizou-se de uma estrutura gêmea das citadas logo acima. Deveria provocar um efeito especial o recurso simultaneamente ao redobro do pronome pessoal e ao *-rã* na última palavra do fragmento, que representa justamente o relato: 2894. “*öeanã öe mia miyuinö, kõnöwö, kaxi miyui mia iunin~u, kõnô dikabi miyui mia iöin~u, kõnöwö miyuirã./* 2895. *kaxinã öç’kamiç’kiaki, mia iöin~u*” (“eu, eu te uma historia conto, escreve! de morcego a historia te conto, de orelha de pau também a historia te conto, escreve a historia!/ morcego assim faz, te conto”).

A forma *miyuirã* e a variante de transcrição *miyôirã* fazem parte também dos comentários metalingüísticos expressos no encerramento das lendas e mitos, cuja feição geralmente pouco se diferencia da já apresentada para os trechos iniciais. Em “O presidente”, por exemplo, o segmento final contém essa palavra, acompanhada de outras três portadoras do sufixo *-rã/-dã*, resultando em 4905. “*iöxinöe raç’kamiç’kiaki: nai nawarã, ratö nai döramiç’dã, iöx~i yabirã miyôirã, ratêx~uki*” (“a alma assim faz: do céu as das gentes, daquelles que o céu cortam a machado, das almas também a historia sua até aqui”). Nota-se igualmente um pequeno conjunto de finais *-rã*, que engloba uma ocorrência de *miyôirã*, no fragmento 2153, responsável pela conclusão da lenda “Os caxinauás que viraram porcos”, de acordo com a versão fornecida por Tuxin~i: “*õe nabô xönipaborã iawakatçirã öç’kanibôkiaki: öe iawa miyôirã ratex~uki, yamaki*” (“minhas gentes velhas porcos serem para assim fizeram: minha de porcos historia até aqui, não tem mais”).

Tendo em vista meu exame da forma de ocorrência do(s) sufixo(s) *-rã*, é plausível duvidar de que haja uma explicação de caráter gramatical para as três ocorrências de sufixo *-rã* em 2153 e para as quatro presentes em 4905, do mesmo modo que para outras centenas de casos identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku~i*.

Assim como sucedera a Capistrano de Abreu, não consegui encontrar uma função única e/ou inequívoca para a terminação *-rã*. Nem sequer tenho condições de determinar com segurança se, no *rã-txa hu-ni-ku-~i*, há um ou mais de um sufixos com esse corpo fônico. Apesar disso, parece acertada uma separação entre um *-rã* verbal, que atuaria como uma espécie de índice de dependência sintática, e um *-rã* de caráter discursivo, encarregado de enfatizar certos elementos do contexto de comunicação. Levando em conta os sete tipos de *-rã* propostos por Capistrano, vale dizer, equivalente a ‘quando’, pronome relativo e substituto de conjunções (junto a verbos); partícula de realce ou para outros efeitos e sufixo ‘obsuro’, (associáveis às diversas partes da oração), e substituto de pronomes de terceira pessoa e índice casual (ligados a nomes), julgo menos defensáveis os dois últimos. Com efeito, os dados analisados me fazem acreditar que, dificilmente, um *-rã* posposto a um sintagma nominal serviria para a expressão de mecanismos morfossintáticos ou obedeceria a alguma regularidade. No *rã-txa hu-ni-ku-~i*, o emprego de *-rã* em contextos nominais parece muito mais vinculado ao estilo narrativo do emissor do que exigido pela gramática da língua Caxinauá.

Capítulo VI

Considerações finais

CAPÍTULO VI

Considerações finais

De início, poderia afirmar, com base nas análises expostas no quinto capítulo, que Capistrano de Abreu era o “homem certo” porque propôs soluções descritivas adequadas. Não há, efetivamente, nenhum grande descompasso entre as descrições oferecidas e os dados registrados. Discordo, apenas, da sugestão de um sufixo *-rã* capaz de atuar como pronome de terceira pessoa e da crença na existência de um *-rã* indicativo de caso.

Se eu tivesse me limitado a fornecer essa resposta parcial, teria ficado impedida de compreender o papel que Capistrano de Abreu desempenhou na Sul-Americanística dos anos 1890-1929. As resenhas ao *rã-txa hu-ni-ku--i* escritas por líderes intelectuais daquela especialidade -- nomeadamente por Paul Rivet, Theodor Koch-Grünberg e Ferdinand Hestermann -- não permitem duvidar que o trabalho de Capistrano sobre o Caxinauá alcançou divulgação internacional e foi tomado como exemplar. Em função disso, tencionei investigar porque essa obra mereceu, de seus pares, tal julgamento. Dito de outra maneira, estive em busca de relações entre as soluções descritivas identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku--i* (que corresponderam à dimensão ‘interna’ do meu objeto de estudo) e o ideal de ciência e o modelo de organização social então vigentes na comunidade dos sul-americanistas (que representaram a dimensão ‘externa’ do objeto).

Nesse movimento de dupla orientação, à medida que percebia com mais exatidão o lugar ocupado por Capistrano de Abreu na Sul-Americanística de seu tempo, ia desenvolvendo uma visão mais precisa acerca da maneira particular como os sul-americanistas concebiam as línguas indígenas e empreendiam sua descrição. Pude constatar, por fim, que Capistrano realmente se alinhava com os referenciais então estabelecidos naquela especialidade, que sintetizo, avaliando como os pesquisadores considerados se posicionaram diante de três dicotomias: centro x periferia; unidade x diversidade e regra x uso. A primeira dessas dicotomias, que recorrem na história da lingüística, foi neutralizada pelos sul-americanistas do período 1890-1929.

1. Centro x periferia

As fontes analisadas apontaram que a comunidade dos sul-americanistas, no período em foco, não reconhecia uma oposição entre “centro” e “periferia”, no que tange aos agentes produtores de conhecimento científico relevante. Diversamente do que se observa em outros momentos históricos e em outros campos de estudo, pesquisadores europeus e sul-americanos

que se voltavam para o exame das línguas e culturas da América do Sul estabeleceram então uma cooperação científica intensa e proveitosa.

Não por acaso, von den Steinen esteve entre os principais defensores da realização de congressos internacionais dos Americanistas também em solo americano e Koch-Grünberg comemorou a retomada do intercâmbio com seus colegas sul-americanos, no pós-guerra. A urgência de reunir documentação sobre povos que se julgava fadados à rápida extinção contribuiu para que se desenhasse um projeto efetivamente coletivo e internacional de construção do conhecimento, em que se sublinhava a complementaridade entre o trabalho ‘de campo’ e o trabalho ‘de gabinete’.

Nesse contexto, o diálogo, por assim dizer, horizontal entre pesquisadores de países diferentes parece ter ganho muito mais destaque do que o diálogo vertical professor-alunos. A correspondência pessoal entre pesquisadores de nacionalidades diversas serve como um testemunho privilegiado da dimensão assumida pelo intercâmbio internacional de informações, no cotidiano dos sul-americanistas.

Além das menções diretas a colegas estrangeiros, que incluíam agradecimentos pelo envio de material lingüístico, os textos publicados encerram outras indicações do caráter internacional da Sul-Americanística entre os anos de 1890 e 1929. Creio, por exemplo, que Capistrano de Abreu não pensava em seus leitores brasileiros quando compôs verbetes como “*kôx-i-ka* sabiá, ave” e “*xô-i-ka* boto, mam. aquatico”.

2. Unidade x diversidade

Os sul-americanistas do período 1890-1929 almejavam o desenvolvimento de modelos não eurocêntricos de descrição lingüística. Desse modo, valorizavam soluções particularizadas, como a postulação, por Capistrano de Abreu, das categorias “*suffixos lexicos*” e “*suffixos syntaticos*” e de uma “*forma indifferente*”, que poderia servir de acusativo ou nominativo, em Caxinauá. Fica claro, portanto, que aqueles especialistas não se guiavam pela existência de uma unidade estrutural subjacente a todas as línguas humanas.

Cautelosos, preferiam não enfrentar a questão da unidade estrutural das línguas americanas, como um todo. Ainda não havia, de seu ponto de vista, documentação suficiente para permitir quaisquer conclusões confiáveis. Além disso, antes que se cunhassem definições consensuais para incorporação e polissíntese, os fenômenos que se achava característicos das línguas do continente americano, os sul-americanistas não enxergavam possibilidades de grandes avanços nesse campo.

Aplicada a uma esfera mais restrita, no entanto, a oposição unidade x diversidade revestiu-se de importância central na matriz disciplinar introduzida por von den Steinen. Estabelecidos critérios claros para a identificação do parentesco lingüístico, um dos mais sensíveis ganhos metodológicos daquela geração de etnógrafos-lingüistas, as famílias lingüísticas passaram a ser o espaço, por excelência, da unidade estrutural. Por isso, quando analisavam uma língua, os sul-americanistas tinham sempre em mente o comportamento de outras línguas da família, que valia como fator explicativo de destaque. Capistrano de Abreu não fugiu à regra, contrastando a morfologia verbal do Caxinauá com a morfologia verbal de outras línguas Pano, baseando-se em descrições de missionários castelhanos.

Embora as então chamadas ‘línguas mistas’ (que compartilhavam traços de duas famílias lingüísticas) impusessem dificuldades extras aos pesquisadores, não se colocava em questão sua legitimidade como veículos de comunicação. Deixando para trás as concepções de Martius, os sul-americanistas do período 1890-1929 encaravam com naturalidade as conseqüências do contato entre línguas faladas (originalmente) em territórios adjacentes. Na sua concepção, o convívio de dois ou mais idiomas autóctones gerava uma diversidade que não acarretava qualquer prejuízo.

Bem outra era a avaliação que os sul-americanistas faziam da influência das línguas que acompanhavam o avanço da exploração econômica: o Português, o Espanhol, a Língua Geral e o Quechua. Tanto quanto a penetração de hábitos e crenças de origem européia naquele meio, a difusão dessas línguas entre os indígenas sul-americanos significava a perda de sua autenticidade cultural e a progressiva introdução de uma unidade extremamente empobrecedora. Registrando o Xerente, o Taulipang, o Tapirapé, o Karajá e tantos outros “idioma[s] que ninguém quererá aprender [d]e índios que a civilização vai absorver” -- como destacou Lopes (1914) em sua resenha do *rã-txa hu-ni-ku--i* -- os sul-americanistas procuravam minimizar os efeitos desse processo.

Da parte de Capistrano de Abreu, cujo estudo sobre a língua Caxinauá foi recebido como uma valiosa contribuição nessa cruzada, esperava-se ainda um trabalho de relevância dedicado ao idioma dos Bacaris. É o que se nota, por exemplo, nas palavras endereçadas por Koch-Grünberg a um colega que vivia no Rio de Janeiro: „Wie steht es mit Capistrano de Abreu’s Bakairi-Werk? Ich erwarte es mit grosser Spannung.“ [Como vai a obra de Capistrano de Abreu sobre o Bacairi? Eu a aguardo com grande expectativa] (carta de Theodor Koch-Grünberg a Clemens Brandenburger, de 23 de setembro de 1920, Série “Correspondência”, Pasta 28, ATKG).

3. Regra x uso

A minha principal motivação para efetuar os levantamentos reportados no quinto capítulo derivou da constatação de que o *rã-txa hu-ni-ku~i* revela, ao lado de soluções descritivas irrepreensíveis no que tange à sua consistência e coerência, descrições que parecem merecer uma revisão. Para além de fomentar um debate em torno da adequação descritiva do trabalho de Capistrano de Abreu sobre o Caxinauá, essas propostas de análise que me soaram problemáticas ajudaram a iluminar o conceito de língua que orientava os sul-americanistas do período 1890-1929, fortemente imbricado com a maneira como aqueles especialistas enfrentaram a oposição entre “regra” e “uso”.

Dando preferência ao exame dos textos tradicionais, eles buscavam fazer do “uso” lingüístico o seu norte e não tinham a pretensão de alcançar sempre categorizações definitivas para as unidades lingüísticas. Nesse universo, não espanta que ninguém tenha posto em dúvida que o Caxinauá não contava com uma declinação obrigatória e invariável e que a “emphase” e o “rythmo” (Abreu 1914: 18) funcionariam como estratégias privilegiadas pelo falante caxinauá para distinguir entre o caso nominativo e o caso acusativo.

Sua condição de etnógrafos-lingüistas conferia aos sul-americanistas de então uma sensibilidade à função social da linguagem nas comunidades indígenas, que ultrapassava sua preocupação de compor gramáticas recheadas de regras inequívocas. Mesmo sendo indiscutivelmente especialistas – que, de forma alguma, confundiam-se com os ‘aventureiros’ – os sul-americanistas do período 1890-1929 estiveram a salvo dos males da excessiva especialização.

Bibliografia

I. Fontes primárias não-publicadas

1. Pertencentes ao Museu Etnológico de Berlim

Autos referentes a aquisições da Seção América, Vol. IB 29.

Autos referentes a aquisições da Seção América, Vol. IB 32.

Autos referentes à Coleção Karl von den Steinen/ Paul Ehrenreich, Vol. IB Litt K.

Autos referentes a mudança e montagem das coleções, Vol. Ic 5.

Autos referentes à primeira viagem do Dr. Max Schmidt, Vol. IB 83.

Autos referentes à viagem do Dr. Kissenberth, Vol. IB 76.

Autos referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44.

Autos referentes à viagem do Dr. Koch, Vol. IB 44a.

2. Pertencentes ao “Arquivo Paul Ehrenreich” do Instituto Ibero-Americano

Caixa 27/28 “América: Línguas”.

Caixa 47/48 “América do Sul: Listas de palavras/ Línguas”.

Caixa 68 “Resenhas”.

3. Pertencentes ao “Arquivo Theodor Koch-Grünberg” da Philipps-Universität-Marburg

Série “Listas de palavras/ Material lingüístico”.

Série “Manuscritos de palestras”.

Série “Resenhas de autoria de Koch-Grünberg”.

Série “Resenhas a Koch-Grünberg”.

Série “Correspondência”.

4. Pertencente ao “Arquivo Capistrano de Abreu” do Instituto Histórico do Ceará

Abreu, João Capistrano de. 1914. *rã-txa hu-ni-ku~i* — A língua dos caxinauás do rio Ibuaçu, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1ª edição. (Exemplar contendo notas manuscritas de autoria de Capistrano de Abreu)

II. Fontes primárias publicadas

Abreu, João Capistrano de. 1895. “Os Bacaerys”. *Revista Brasileira*, 1º Anno, I (16): 209-228, (19): 43-50, (22): 234-243.

-----, 1910. “Prologo de um livro em via de publicação”. *Revista da Academia Cearense*, XIV: 161-165.

-----, 1911. “Dois depoimentos”. *Jornal do Commercio* (25 de dezembro).

-----, 1912. “Dois depoimentos”. *Jornal do Commercio* (7 e 14 de janeiro).

-----, 1914. *rã-txa hu-ni-ku~i* — A língua dos caxinauás do rio Ibuaçu, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro: Typografia Leuzinger, 1ª edição.

-----, 1922. Prefácio e notas a Smith, Herbert H. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá. Notas de um naturalista*. Com um capítulo de Carlos von den Steinen sobre a capital de Matto Grosso. Cayeiras/ São Paulo/ Rio de Janeiro: Cia. Melhoramentos.

-----, 1922a. “Um grande mestre - Professor Said Ali”. *Revista Nacional* 4: 63-65.

-----, 1954. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, vol. I.

-----, 1954a. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, vol. II.

-----, 1969 [1895]. “Os Bacaeris”. *Ensaio e estudos (Crítica e História)*. 3ª série, p. 137-173.

- . 1969a [1911-12]. "Os Caxinauás". *Ensaio e estudos (Crítica e História)*. 3ª série, p. 174-219.
- . 1977 [1954]. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Brasília: Instituto Nacional do Livro, vol. III, 2ª edição.
- Adam, Lucien. 1879. *Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraibe*. Paris: Maisonneuve et Cie., Libraires- Éditeurs.
- . 1892. "Introduction". Coudreau, Henri. *Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Oyampi, Émérillon*. Paris: J. Maisonneuve, p. 1-9.
- . 1893. *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille caribe*. Paris: J. Maisonneuve.
- . 1905. "Grammaire de l'Accawai". *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 2: 43-89; 209-240.
- Borba, Telemaco. 1904. "Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná". *Revista do Museu Paulista*, VI: 53-62.
- . 1908. *Atualidade Indígena. Paraná-Brazil*. Curitiba: Imprensa Paranaense.
- Brinton, Daniel Garrison. 1901. *The American Race: a Linguistic Classification and ethnographic description of the native tribes of North and South America*. Philadelphia: David McKay.
- . 1970 [1890]. *Essays of an americanist*. Minnesota: Johnson Reprint.
- Chamberlain, Alexandre F. 1910. "Sur quelques familles linguistiques peu connues ou presque inconnues de l'Amérique du Sud. Étude d'orientation linguistique". *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 7: 179-202.
- Ehrenreich, Paul. 1891. "Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsere Kenntnisse." *Petermanns Mitteilungen* 37: 81-89; 114-124.
- . 1892. "Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos". *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*. VIII: 3-55.
- . 1894. „Materialen zur Sprachkunde Brasiliens: I Die Sprache der Caraya (Goyaz)". *Zeitschrift für Ethnologie* 26: 21-37; 49-60.
- . 1894a. „Materialen zur Sprachkunde Brasiliens: II. Die Sprache der Kayapo (Goyaz)". *Zeitschrift für Ethnologie* 26: 115-137.
- . 1895. „Materialen zur Sprachkunde Brasiliens: III. Die Sprache der Akuã oder Chavantes und Cherentes (Goyaz)". *Zeitschrift für Ethnologie*, 27: 149-162.
- . 1895a. „Materialen zur Sprachkunde Brasiliens: IV. Vocabulare der Guajajara und Anambé (Para)". *Zeitschrift für Ethnologie*, 27: 163-168.
- . 1895b. „Materialen zur Sprachkunde Brasiliens: V. Die Sprache der Apiaka (Para)". *Zeitschrift für Ethnologie*, 27: 168-176.
- . 1897. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet)*. Nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889. Braunschweig: Friedrich Vieweg und Sohn.
- . 1897a. „Materialien zur Sprachkunde Brasiliens. Vocabulare von Purus-Stämmen". *Zeitschrift für Ethnologie* 24: 59-71.
- . 1904. „Der XIV. Internationale Amerikanisten-Kongress zu Stuttgart". *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 10: 719-723.
- . 1905. *Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt*. Supplement von *Zeitschrift für Ethnologie*, 37. Jahrgang.
- . 1907. "Ethnographia selvagem". Tradução de Capistrano de Abreu. In: *Almanack Brasileiro Garnier para o ano de 1907*, p. 79-98.

- , 1907a. "A ethnografia da America do Sul ao começar o Seculo XX". Tradução de Capistrano de Abreu. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, XI: 280-305.
- , 1910. *Die allgemeine Mythologie und ihre ethnologischen Grundlagen*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung.
- , 1910a. "A ethnografia da America do Sul ao começar o Seculo XX". Tradução de Capistrano de Abreu. *Brasil Antigo, Atlantide e Antiguidades Americanas*. São Paulo: Casa Garraux, 2ª edição, p. 177-207.
- Grasserie, Raoul de la. 1890. "De la famille linguistique Pano". *Congrès International des Américanistes — Compte rendu de la septième session*, Berlin 1888. Berlin: W. H. Kühl, p. 438-449.
- , 1914. *Du caractère concret de plusieurs familles linguistiques américaines*. Paris: Jean Maisonneuve et Fils.
- Hestermann, P. Ferdinand. 1910. "Die Pano-Sprachen und ihre Beziehungen." *Verhandlungen des XVI Internationalen Amerikanisten-Kongresses Wien 9. bis 14. September 1908*. Zweite Hälfte. Wien und Leipzig: A. Hartleben's, p. 645-650.
- , 1913. „Zur Transkriptionsfrage des Yagan (Feuerland)“. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 10: 27-41.
- , 1914. "Die Schreibweise der Pano-Vokabularien — mit Benutzung von Angaben J. Capistrano de Abreu's und M. Said Ali Ida's". *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, XI: 21-33.
- , 1927. "Koch-Grünberg zum ehrenden Gedenken. Die Linguistik Südamerikas — besonders in Deutschland — von den ersten Xingú bis zur letzten Orinoko Expedition". *Folia Ethno-glossica, Blätter für Völkerkunde, Sprachwissenschaft, Verwandtes*. 3 (1): 1-4.
- , 1928. „Einleitung des Herausgebers“. In: Koch-Grünberg. 1928. *Vom Roroima zum Orinoco. Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. Vierter Band: Sprachen*. Stuttgart: Strecker und Schröder. S. XI-XII.
- Ihering, Hermann von. 1907. "A ethnologia do Brazil meridional". *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, XI: 229-236.
- , 1907a. „A Anthropologia do Estado de São Paulo". *Revista do Museu Paulista*, VII: 202-257.
- , 1911. "A questão dos índios no Brazil". *Revista do Museu Paulista*, VIII: 112-140.
- Kissenberth, Wilhelm. 1912. „Über die hauptsächlichen Ergebnisse der Araguaya-Reise“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 44: 36-59.
- Koch-Grünberg, Theodor. 1908. „Die Hianákoto-Umáua“. *Anthropos* 3: 1-112.
- , 1910. "Die Uitóto-Indianer. Weitere Beiträge zu ihrer Sprache nach einer Wörterliste von Hermann Schmidt (Manáos, Brasilien)“. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 7: 61-83.
- , 1910a. „Die Miránya (Rio Yapurá, Amazonas)“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 42: 896-914.
- , 1914. "Ein Beitrag zur Sprache der Ipuriná-Indianer (Rio Purus, Brasilien)“. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 11: 57-96.
- , 1917. *Vom Roroima zum Orinoco, Ergebnisse einer reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. Erster Band. Schilderung der Reise*. Berlin: D. Reiner.
- , 1924 [1916]. *Vom Roroima zum Orinoco, Ergebnisse einer reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. Zweiter Band. Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna-Indianer*. Stuttgart: Strecker und Schröder, Zweite Ausgabe.
- , 1927 [1920]. *Indianermärchen aus Südamerika*. Jena: Eugen Diedrichs, Zweite Ausgabe.

- , 1928. *Vom Roroima zum Orinoco. Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. Vierter Band. Sprachen.* (Hrsg. von Ferdinand Hestermann). Stuttgart: Strecker und Schröder.
- , 1941 [1917/1918]. "João Capistrano de Abreu — *rã-txa hu-ni-ku~i*, a lingua dos Caxinauás do Rio Ibuacú, affluente do Murú (prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro, 1914, 630 SS." Tradução de Manuel Said Ali. In: Abreu, Capistrano de. 1941. *rã-txa hu-ni-ku~i*. 2ª edição, p. 633-635.
- Koch-Grünberg, Theodor und Georg Hübner. 1908. „Die Makuschí und Wapischána“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 40: 1-44.
- Krause, Fritz. 1909. „Bericht über seine ethnographische Forschungsreise in Zentralbrasilien (Autoreferat)“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 39: 494-502.
- Nimuendajú-Unkel, Curt. 1914. „Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 46: 284-403.
- , 1915. „Sagen der Tembê-Indianer (Pará und Maranhão.)“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 47: 281-305.
- Nordenskiöld, Erland. 1922. *Indianer und Weisse in Nordostbolivien*. Stuttgart: Strecker und Schröder.
- , 1924. *Forschungen und Abenteuer in Südamerika*. Stuttgart: Strecker und Schröder.
- , 1930. "Karl von den Steinen". *Journal de la Société des Américanistes*, 22: 221-224.
- Rivet, Paul. 1910. «Les langues guaranies du haut-Amazone». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 7: 149-178.
- , 1910a. «Sur quelques dialectes panos peu connus». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 7: 221-242.
- , 1913. "SAMPALIO (Theodoro). *Os Kraôs do Rio Preto no Estado da Bahia*. (Les Kraôs du rio Preto dans l'État de Bahia). *Revista do Instituto historico e geographico brasileiro*, t. LXXV, 1912, Rio de Janeiro, 1913, p. 143-205." *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, X: 637-638.
- , 1914. "Bulletin Critique — Capistrano de Abreu (J.). *Rã-txa hu-ni-ku~i*, a lingua dos Caxinauás do rio Ibuacu affluente do Muru (prefeitura de Tarauacá) [*Rã-txa hu-ni-ku~i*, la langue des Caxinauás du rio Ibuacu, affluent du Muru (préfecture de Tarauacá)], Rio de Janeiro, 1914, 1 vol. 630 p." *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, XI: 333.
- , 1920. «Affinités du Sáliba et du Piaróa». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 12: 11-20.
- , 1921. «Nouvelle contribution a l'étude de la langue des Itonama». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 13: 173-195.
- Rivet, Paul et H. Beuchat. 1909. «La famille linguistique Cahuapana». *Zeitschrift für Ethnologie*, 41: 616-634.
- Rivet, Paul et Crequi-Monfort, G. de. 1913. "Les dialectes Pano de Bolivie". Louvain: J. B. Ista.
- , 1914. «La langue Mobima». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 11: 181-211.
- , 1921. «La famille linguistique Takana». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 13: 91-102; 281-301.
- Rivet, Paul et P. Reinburg. 1921. «Les indiens Marawan». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 13: 103-118.
- Rivet, Paul et Tastevin, C. 1927. "Les dialects Pano du haut Juruá et du haut Purus". *Anthropos*, 22: 811-827.
- Sampaio, Teodoro. 1901. "A 'Revista' ". *Revista da Sociedade de Ethnografia e civilização dos indios*, 1: VI-X.

- [s. d.]. [c. 1912] *Os krahôs do Rio Preto no Estado da Bahia*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite.
- Schmidt, Max. 1903. „Guaná“. *Zeitschrift für Ethnologie*, 35: 324-336; 560-604.
- 1912. „Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910.“ *Zeitschrift für Ethnologie*. 44: 130-174.
- Schmidt, P. Wilhelm. 1926. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätshandlung.
- Schuller, Rodolpho R. 1910. “Las lenguas de la Cuenca del Amazonas y del Orinoco”. *Revista Americana*, 622 -661.
- 1911. “Las lenguas de la Cuenca del Amazonas y del Orinoco (Continuación)”. *Revista Americana*, 25-84.
- 1912. “ “Yñerre”, O “Stammvater” dos indios maynas — Esboço ethno-linguístico. *Revista Americana*.
- Simoens da Silva, Antonio Carlos. 1913. *A bem da ethnographia brasileira e dos estudos americanistas*. Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.
- Steinen, Karl von den. 1886. *Durch Central-Brasilien Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F.A. Brockhaus.
- 1890. “Linguistique des peuples qui habitent le centre de l’Amérique du Sud”. *Compte-rendu de la Septième Session de Congrès International de Américanistes, Berlin 1-6 Octobre, 1888*. Berlin: Librairie W. H. Kuhl, p. 786-787.
- 1892. *Die Bakairi Sprache*. Leipzig: K. F.Koehler's Antiquarium.
- 1894. *Unter den Naturvölker Zentral-Brasiliens — Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiter Schingú-Expedition 1887-1888*. Berlin: Dietrich Reimer.
- 1895. „Die Schamakoko-Indianer – nach Guido Boggianis *I Ciamacoco*“. *Globus*, LXVII (21): 325-330.
- 1904. *Diccionario Sipibo*. Abdruck der Handschrift eines Franziskaners mit Beiträgen zur Kenntnis der Pano-Stämme am Ucayali herausgegeben von Karl von den Steinen. Berlin: Dietrich Reimer.
- 1906. “Der Verfasser der Handschrift ‘Arte de la lengua de los Indios Antis o Champas’ ”. *Internationalen Amerikanisten-Kongress. Vierzehnte Tagung, Stuttgart, 18-24 August, 1904*. Stuttgart/Leipzig, 1906, p. 603-605. Zweiter Teil.
- 1906a. “Diccionario Sipibo”. *Internationalen Amerikanisten-Kongress. Vierzehnte Tagung, Stuttgart, 18-24 August, 1904*. Stuttgart/Leipzig, 1906, p. 607-610. Zweiter Teil.
- 1998. *Conferências realizadas na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 1884 e 1888 pelo explorador e cientista Karl von den Steinen a respeito das expedições ao Xingu*. Cuiabá: IHGMT (Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso), Publicações Avulsas, nº. 4.
- Tavera-Acosta, B. 1921. “Nuevos vocabularios de dialectos indígenas de Venezuela”. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 13: 217-232.
- Tessmann, Günter. 1930. *Die Indianer Nordost-Perus – Grundlegende Forschungen für eine systematische Kulturkunde*. Hamburg: Friederichsen, De Gruyter & Co.

III. Fontes secundárias

- Sem autoria. 1867. “Der Purus, ein Nebenfluss des Amazonen-Stromes nach den Forschungen von W. Chandless“. *Petermanns Mitteilungen*, 7: 257-266.
- A Missão Salesiana (Colônia S. Coração). 1919. *Noções de catecismo em língua Boróro*. Cuiabá: Calhao e Filho.
- Abreu, João Capistrano de. 1941. *rã-txa hu-ni-ku-~i* — A língua dos caxinauás do rio Ibuaçu, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá). 2ª edição, com as emendas do autor e um

- estudo do Prof. Theodor Koch-Grünberg. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/ Livraria Brigueit.
- , 1976. *O descobrimento do Brasil*. Nota liminar de José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro/ Brasília: Civilização Brasileira/ Instituto Nacional do Livro, 2ª edição.
- Aguiar, Maria Sueli de. 1994. *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- Alemaný, Fr. Agustín. 1927 [1906]. “Castellano-Shipibo y Elementos de Gramática”. Izaguirre, P. Bernardino (ed.) *História de las misiones franciscanas*. Lima: Arguedas, p. 283-347.
- Ali, Manuel Said. 1908. *Difficuldades da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Laemmert e C. Livreiros.
- , 1919. *Difficuldades da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 2ª ed.
- , s.d. *Grammatica secundaria da lingua portugueza*. São Paulo: Cia. Melhoramentos.
- Almeida, Sílvio de. 1901. “Aparte constante na Acta da 2ª Sessão de iniciativa da Sociedade de Ethnographia e Civilização dos Índios”. *Revista da Sociedade de Ethnographia e Civilização dos Índios*, 1: 8.
- Amed, Fernando José. 2001. *História ao portador: interlocução privada e deslocamento no exercício de escrita de cartas de João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- , 2006. *As cartas de Capistrano de Abreu: Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda.
- Amoroso, Marta Rosa. 1996. “Capistrano de Abreu e os índios”. Reis, Elisa; Maria Hermínia Tavares de Almeida e Fry, Peter. *Política e cultura — Visões do passado e Perspectivas Contemporâneas*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, p. 182-196.
- Andresen, Julie Tetel. 1995. *Linguistics in America - 1769-1924 - A critical history*. London: Routledge.
- Altman, Cristina. 1997. “As gramáticas das ‘línguas-gerais’ sul-americanas como um capítulo da Historiografia Lingüística Ocidental.” [Texto proferido durante o I Congresso Internacional de la Sociedad Espanhola de Historiografia Lingüística, realizado na Universidade de la Coruña, Espanha, de 18 a 22 de fevereiro de 1997] manuscrito, p. 13.
- , 1998. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- , 2000. *Nossa língua e as Essoutras: uma Historiografia da Diversidade Lingüística*. Projeto Integrado de Pesquisa. São Paulo. CEDOCH/DL-USP. [Manuscrito inédito].
- Auroux, Sylvain (org.). 1989. *Histoire des idées linguistiques*. Tome I: *Le naissence des métalanguages en Orient et Occident*. Liège/Bruxelles: Pierre Mardaga.
- , (org.). 1992. *Histoire des idées linguistiques*. Tome II: *Le développement de la grammaire occidentale*. Liège: Pierre Mardaga.
- Aza, Fray José Pío O. P. 2005 [1924]. *Estudio sobre la lengua Machiguenga*. Edición, introducción y notas de Guillermo Lorenzo González. S. l. [Espana]: Ediciones Eunate.
- Baldus, Herbert. 1948. “Introdução” a “Contribuições para a Etnologia do Brasil”, texto de Paul Ehrenreich traduzido por Egon Schaden. *Revista do Museu Paulista*, II: 7-16.
- Barboza, L. B. Horta. 1919. *O Serviço de Protecção aos Índios e a Historia da colonisação do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C.
- Barros, Fausto Ribeiro de. 1950. *Padre Claro Monteiro do Amaral (Trucidado pelos índios ‘caingangs’, nos sertões do Rio Fêio)*. São Paulo: Indústria Gráfica José Magalhães.
- Betancourt, Ignacio Guzmán. 2000. *Bibliografía sobre Historiografía Lingüística y Filológica de Lenguas Amerindias*. Instituto Nacional de Antropología e Historia/ Dirección de Lingüística: México.
- Borba, Francisco da Silva. 1971. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP.

- Bosch, Miguel Marín. 1970. "Hacia una interpretación de la vida y obra del historiador brasileño João Capistrano de Abreu (1853-1927)". *Latino America* 3: 141-160.
- Bridges, Thomas. 1933. *Yamana-English. A dictionary of the speech of Tierra del Fuego*. Ferdinand Hestermann and Dr. Martin Gusinde (eds.) Mödling: Missionsdruckerei St. Gabriel.
- Calógeras, João Pandiá. 1927. "Capistrano de Abreu — Discurso proferido a 13 de Setembro de 1927 pelo Exmo. Sr. Dr. João Pandiá Calógeras na sessão do Instituto Histórico Brasileiro, comemorativa do trigesimo dia do passamento do historiador." *Annaes do Museu Paulista*, 3: XXI-XXXIII.
- Câmara Jr., J. Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*, com um suplemento sobre A TÉCNICA DA PESQUISA por Sarah Gudschinsky, do Summer Institute of Linguistics. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 2ª ed. revista.
- Camargo, Eliane. 1991. *Phonologie, morphologie et syntaxe: étude descriptive de la langue caxinauá (pano)*. Tese de doutorado. Paris: Université Paris-Sorbonne (Paris IV).
- , 1994. *Introdução ao caxinauá: fonologia e sintaxe (língua pano)*. Manuscrito inédito.
- , 1996. "Des marqueurs modaux en caxinauá". *Amerindia*, 21: 1-20.
- , 2005. "Manifestações da ergatividade em caxinauá (pano)". *Liames*, 5: 55-88.
- Cândido, Gláucia Vieira. 2004. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp: Campinas.
- Cardoso, Vicente Licínio. 1927. "Capistrano de Abreu – o homem livre. Artigo necrológico do Exmo. Sr. Dr. Vicente Licínio Cardoso, publicado a 18 de setembro de 1927 n' *O Jornal do Rio de Janeiro*". *Annaes do Museu Paulista* 3: XXXV-XXXIV.
- Cardus, R. P. Fr. José. 1886. *Las misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia*. Barcelona: Librería de la Inmaculada Concepción.
- Carmo, J. A. Pinto do. 1953. *Capistrano de Abreu e as suas traduções*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti.
- Cavalcanti, Amaro. 1883. *The Brazilian language and its agglutination*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- César, José Vicente. 1972. "Wilhelm Schmidt und die Sprachforschungen in Südamerika". *Verhandlungen des XXXVIII. Internationalen Amerikanistenkongresses*. Stuttgart - München, 12. bis 18. August 1968. Band IV, S. 453- 457.
- Christino, Beatriz. 2003. "Capistrano de Abreu (1853-1927) e um 'suffixo obscuro' do Caxinauá (língua Pano)". Comunicação apresentada no II Encontro Nacional do GELCO, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, outubro.
- , 2003a. "A revisão de uma análise? As notas de Capistrano de Abreu (1853-1927) em sua gramática do Caxinauá (língua Pano)". Comunicação apresentada no VI Enapol na Universidade de São Paulo, novembro.
- , 2004. "Os 'paradigmas de verbo' do Caxinauá (língua Pano), segundo Capistrano de Abreu (1853-1927)". Comunicação apresentada no XIX Encontro Nacional da ANPoLL, Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 28 de junho a 02 de julho.
- , 2006. "Nominal and verbal morphology in the *Vocabulario Conivo* and in the *Diccionario Sipibo*". Comunicação apresentada na IVth International Conference on Missionary Linguistics, Valladolid, 8-11 March.
- Christino, Beatriz e Aline Cruz. 2005. "O contato lingüístico para Martius (1794-1868), Steinen (1855-1929) e Ehrenreich (1855-1914)". *Papia* 5: 105-110.
- Clérot, Léon F. e Brandão, Paulo José Pires (orgs). 1924. *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas realizado no Rio de Janeiro, de 20 a 30 de agosto de 1922*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Colbacchini, Pde. Antonio. 1919. *A tribu dos boróros*. Rio de Janeiro: Papelaria Americana.

- Comas, Juan. 1974. *Cien años de Congresos Internacionales de Americanistas*. Ensayo histórico-crítico y bibliográfico. México: Instituto de Investigaciones Históricas/ Instituto de Investigaciones Antropológicas.
- Conrad, Robert. 1965. "João Capistrano de Abreu, Brazilian Historian". *Revista de Historia de América*, 59: 149-164.
- Coudreau, Henri. 1897. *Voyage au Xingú*. A. Lahure: Paris.
- Cruz, Aline da. 2005. *O resgate da Língua Geral: Modos de representação das unidades lingüísticas da Língua Geral Brasilica e do Tupi Austral na obra de Martius (1794-1868)*. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo.
- Derbyshire, Desmond C. 1999. "Carib". In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, Alexandra Y. (eds.). 1999. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press., p. 24-64.
- Dixon, R. M. W. 1979. *Ergativity*. *Language*, 55: 1: 59-138.
- . 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, Alexandra Y. (eds.). 1999. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dorigo, Carmem. 2002. "Ergatividade cindida em Matsés". *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo II. Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Aryon Dall'Igna Rodrigues (orgs.) Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, p. 102-111.
- Edelweiss, Frederico G. 1947. *Tupis e Guaranis – Estudos de etnonímia e lingüística*. Publicações do Museu da Bahia (n.º 7), Secretaria da Educação e Saúde – Bahia – Brasil.
- . 1987. "O Indianismo ao tempo do Império". In: Sampaio, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*, São Paulo: Cia. Editora Nacional. 5ª edição, p. 31-40.
- Ehrenreich, Paul. 1948. "Contribuições para a Etnologia do Brasil". Tradução de Egon Schaden. *Revista do Museu Paulista*, II: 17-135.
- Eisleb, Dieter. 1973. „Abteilung Amerikanische Archäologie“. In: Krieger, K. und Koch, G. (Hgs.). *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv. Beiträge zur Völkerkunde*. Neue Folge Band XXI (XLVI. Band). Berlin: Dietrich Reimer, S. 175-217.
- Erikson, Philippe et Camargo, Éliane. 1996. "Caxinaua, mais guère amazoniennes: qui sont-elles? Les devinettes transcrites par Capistrano de Abreu". *Journal de la Société des Américanistes*, 82: 193-208.
- Finck, Franz Nikolaus. 1910. *Die Haupttypen des Sprachbaus*. Leipzig: B. G. Teubner.
- Fonseca, João Severiano da. 1880. *Viagem ao redor do Brasil 1875-1878*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro e Cia.
- Franco, Cristina Alberts. 1999. *Aspectos lingüístico-culturais na tradução dos objetos etnográficos no Vol. I de Vom Roroima zum Orinoco de Theodor Koch-Grünberg*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Fringer, Katherine. 1971. "The contribution of Capistrano de Abreu to Brazilian Historiography". *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*, XIII (2): 258-278.
- Gabelentz, Georg von. 1892. *Handbuch zur Aufnahme fremder Sprachen*. Berlin: Kolonial-Abteilung des Auswärtigen Amts.
- Gagliardi, José Mauro. 1989. *O indígena e a república*. São Paulo: Hucitec/Edusp.
- Garcia, Rodolfo. 1926. *Glossario das palavras e phrases da lingua tupi, contidas na Histoire de la mission des pères capucines en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines do Padre Claude D'Abbeville*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- . 1928. "Capistrano de Abreu". *Boletim do Museu Nacional*, IV (1): 1-10.
- Gimenes, Luciana. 2005. *Fronteiras entre léxico e gramática na descrição do Tupinambá e do Guaraní nos séculos XVI e XVII*. Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado.

- Gonçalves, Marco Antonio Teixeira (org.). 1991. *Acre: História e Etnologia*. Rio de Janeiro: Núcleo de Etnologia Indígena/ Laboratório de Pesquisa Social – DCS – IFCS – UFRJ/ Fundação Universitária José Bonifácio.
- González, Guillermo Lorenzo. 2005. “Introducción al Estudio sobre la lengua Machiguenga de José Pío Aza”. In: Aza, 2005, p. XIII a XLVIII.
- Graebner, F. von. 1911. *Methode der Ethnologie*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung.
- Gurgel, Leoncio do Amaral. 1908. “Os indigenas”. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, XII: 319-330.
- Hartmann, Horst. 1973. „Abteilung Amerikanische Naturvölker“. In: Krieger, K. und Koch, G. (Hgs.). *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv. Beiträge zur Völkerkunde*. Neue Folge Band XXI (XLVI. Band). Berlin: Dietrich Reimer, S. 219-258.
- Henninger, Joseph. 1956. *P. Wilhelm Schmidt S. V. D. 1868-1954*. Eine biographische Skizze. Freiburg, Schweiz: Paulusdruckerei. Sonderabdruck aus *Anthropos*, 51 (1956).
- Illius, Bruno. 1999. *Das Shipibo. Texte, Kontexte, Kommentare. Ein Beitrag zur diskursorientierten Untersuchung einer Montaña-Kultur*. Berlin: Dietrich Reimer.
- Juul, Arne and Nielsen, Hans Frede (eds.). 1989. *Otto Jespersen. Facets of his life and work*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- Keller-Leuzinger, Franz. 1874. *The Amazon and Madeira Rivers — sketches and descriptions from the notebook of an explorer*. London: Chapman and Hall.
- Koch-Grünberg, Theodor. 1967. “Die Sintflut. Märchen der Kaschinawa-Indianer, Brasilien“. *Sudamerica*, XVIII (1-2): 20-21.
- Koerner, Konrad. 1978. *Toward a historiography of linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- . 1984. «Remarques critiques sur la linguistique américaine et son historiographie». *LI*, 8 (1): 87-103.
- . 1989. *Practicing linguistic historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- . 1995. *Professing linguistic historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- . 1996. “O problema da metalinguagem em historiografia da lingüística”. Tradução de Cristina Altman. *D.E.L.T.A.*, 12: 95-124.
- . 1999. “Linguistics and ideology in 19th and 20th century studies of language”. Paper originally presented in theme session “Language and ideology” at 6. ICLC (Stockholm, July 1999).
- Koerner, E. F. K. and Asher, R. E. 1995. *Concise history of the language sciences from the sumerians to the cognitivists*. Cambridge University Press/ Pergamon: Cambridge, UK.
- Kraus, Michael. 2004. *Bildungsbürger im Urwald. Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)*. Marburg: Curupira.
- Krieger, K. und Koch, G. (Hgs.). 1973. *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv. Beiträge zur Völkerkunde*. Neue Folge Band XXI (XLVI. Band). Berlin: Dietrich Reimer.
- Kuhn, Thomas. 1998 [1970]. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lehmann-Nitsche, Robert. 1910. *Vocabulario Chorote ó Solote (Chaco ocidental)*. Buenos Aires: Coni Hermanos. (De la Revista del Museo de La Plata, Tomo XVII e Tomo IV, segunda série).
- Leupp, Francis. 1910. *The indian and his problem*. New York: Charles Scribner’s Sons.
- Loos, Eugene E. 1999. “Pano”. In: Dixon, R. M. W. & Y. Aikhenvald, (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 227-250.
- Lopes, Oscar. 1914 (8 de fevereiro). “A semana”. *O Paiz*, Ano XXIX, nº 10. 716.
- Malan, Antonio. 1922. “Os borórós — Conferencia do Padre Antonio Malan”. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, XXV-XXVI-XXVII: 107-119.
- Marqués, F. Buenaventura. 1931[?]. “Fragmentos del Arte del Idioma Conivo, Setevo, Sipivo, y Casivo o Comavo que hablan los Indios así llamados que residen a las márgenes del

- famoso rio Paro, alias Ucayali, y de sus tributarios Manoa, Cushibatay, Pisqui, Aguaytia e Pachitea”. *Revista Histórica — Órgano del Instituto historico del Perú*, Lima, IX: 117-228.
- Martius, Carl Friedrich Phil von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliensis*, vol. II: "Wörtersammlung brasilianischer Sprachen, Glossarium linguarum brasiliensium, Glossarios de diversas línguas e dialetos, que fallão os indios do Brazil", Leipzig: Friedrich Fleischer.
- . 1905. "A ethnographia da America, especialmente do Brazil". *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*. Tradução de A. Loefgreen, revista por Theodoro Sampaio. IX: 534-562.
- Menezes, Raimundo de. s.d. *Capistrano de Abreu — Um homem que estudou*. São Paulo: Melhoramentos.
- Millet, L'Abbé. 1926. *L'oreille et les sons du langage d'après l'Abbé Rousselout*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- Miranda, A. Álvarez de. 1955. "El Padre Wilhelm Schmidt, España y la Etnología." *Arbor. Revista General de Investigación y Cultura*, 119: 275-287.
- Montag, Richard. 2005. *Participant referencing in Cashinawa*. SIL International.
- Montenegro, J. Arthur. 1919. "Índice geral das materias publicadas nos Boletins da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, até o anno de 1893". *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomos XXII, XXIII, XXIV; annos de 1909, 1910, 1911.
- Moreira e Silva. 1932. "O homem sul-americano perante a lingüística". *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, realizado no Rio de Janeiro, de 20 a 30 de agosto de 1922*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 3-71.
- Mori, Angel Corbera. 2002. "Historiografia dos estudos histórico-comparativos em línguas pano". São Paulo: Comunicação apresentada ao IX ICHoLS. Manuscrito inédito.
- Münzel, Mark. 2002. "Vom Erzählen zum Zuhören: Die Rolle der Interlinearübersetzung im Kampf gegen die Romantik in Brasilien." In: Scharlau, Birgit (Hrsg.) *Übersetzen in Lateinamerika*. Tübingen: Gunter Narr, S. 87-104.
- Murray, Stephen O. 1994. *Theory groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Navarro, Fr. Manuel. 1927[1903]. *Vocabulario Castellano-Quechua-Pano con sus respectivas gramaticas Quechua y Pana*. Izaguirre, P. Bernardino (ed.) *História de las misiones franciscanas*. Lima: Arguedas, p. 16-275.
- Nogueira, Baptista Caetano de Almeida. 1877. *Introdução a Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kirirí*. Mamiani, Luis Vincencio. *Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kirirí*. Rio de Janeiro: Typographia Central de Brown e Evaristo, p. IX – LXXII.
- . 1879. "Esboço grammatical do abáñeê". *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, VI: 1-90.
- Nowak, Elke. 1987. *Samuel Kleinschmidts 'Grammatik der Grönländischen Sprache'*. Hildesheim/ Zürich/ New York: Georg Olms.
- . 1996. *Transforming the images – Ergativity and Transitivity in Inuktitut (Eskimo)*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.
- . 1996a. "Considering the status of empirical research in Linguistics – Approaches and Attitudes since 1800". In: Hovdhaugen, Even (ed.). *...and the word was God. Missionary Linguistics and Missionary Grammar*. Münster: Nodus, p. 23-44.
- . 1999. "The 'Eskimo language' of Labrador: Moravian missionaries and the description of Labrador Inuttut 1733-1891". *Études/ Inuit/ Studies*, 23 (1-2): 173-197.
- . 2001. "Linguistics: Incorporation". *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Elsevier Science, p. 8935-8939.

- Oiticica, José. 1934. “Do método no estudo das línguas sulamericanas”. *Verhandlungen des XXIV. Internationalen Amerikanisten-Kongresses, Hamburg 7. bis 13. September 1930*. Hamburg: Friederichsen, De Gruyter, p. 272-297.
- Oribe, Aquiles B. 1927. *Capistrano de Abreu. Perfíles de su personalidad*. Montevideo: El “Siglo Ilustrado”.
- Paiva, Tancredo de Barros. 1931. *Bibliographia Capistraneana*. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”.
- Pätsch, Gertrud. 1980. “In memoriam FERDINAND HESTERMANN”. *Beiträge zur Ethnolinguistik zum 100. Geburtstag von FERDINAND HESTERMANN*. Jena: Friedrich-Schiller-Universität, S. 7-9.
- Pinto, Roquette. 1928. “Capistrano de Abreu.” *Boletim do Museu Nacional*, IV (1): 1-3.
- Prado, Maria Lígia Coelho e Capelato, Maria Helena Rolim. 1989. “A borracha na economia brasileira da Primeira República”. Capítulo III de Fausto, Boris (dir.) *O Brasil Republicano*, 1.º Volume – Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). 5ª edição. p. 285-307.
- Renard-Casevitz, France-Marie. 1998. “História Kampa, Memória Ashaninca”. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. In: Cunha, Manuela Carneiro da (org.). 1998 [1992]. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/ Fapesp, p. 197-212.
- Ribeiro, João. 1906[1888-1889]. *Diccionario grammatical*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Bello Horizonte: Francisco Alves, 3ª edição inteiramente refundida e muito aumentada.
- Ribeiro, João Coelho Gomes. 1901. “Os indígenas do sertão de Baurú — sua classificação ethnographica”. *Revista da Sociedade de Ethnographia e Civilização dos Índios*, 1: 79-82.
- . 1912. *Esboço de um projecto de lei sobre os Índios do Brasil*. Conforme as bases do Decreto n. 8072 de 20 de Junho de 1910. Rio de Janeiro: Papelaria Economica.
- Rivet, Paul et C. Tastevin. 1932. “Les dialects Pano du haut Juruá et du haut Purus”. *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, realizado no Rio de Janeiro, de 20 a 30 de agosto de 1922*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 227-278.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas brasileiras — Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- . 1993. “Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”. *D.E.L.T.A.*, 9 (1): 83-103.
- Rodrigues, João Barbosa de. 1890. “Poranduba Amazonense”. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, XIV: I-XV; 1-334.
- . 1885. *Rio Jauapery: Pacificação dos Crichanás*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Rodrigues, José Honório (org.). 1954. “Prefácio” a *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, vol. 1.
- Roth-Lutra, K. H. 1928. “IV. TH. KOCH-GRÜNBERG, *Vom Roroima zum Orinoco*. Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913, unternommen und herausgeben im Auftrage und Mitteln des Baessler-Instituts in Berlin. Vierter Band. Sprachen. Mit einer Karte. Strecker und Schröder, Stuttgart 1928.” Separat-Abdruck aus: *Internationales Archiv für Ethnographie*. XXIX: 157-8.
- Rousselout, L'abbé P. J. 1924. *Principes de phonétique expérimentale*. Nouvelle édition, corrigée et augmentée d'un supplément. Paris: H. Didier, Tome I.
- Saake, Wilhelm, S. V. D. 1961-1962. “Don Garrido und Dr. Koch-Grünberg”. *Staden-Jahrbuch*, 9/10: 137-141.
- Sala, Pe. Antonio Maria. 1920. *Ensaio de grammatica Kaiapó — Língua dos índios kaiapós — Brasil Central*. Separata do tomo XII da *Revista do Museu Paulista*.
- Saliba, Elias Thomé. 2006. “Prefácio”. In: Amed, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, p. 11-17.

- Salles, Antonio. 1938. *Retratos e lembranças (Reminiscencias Literarias)*. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva.
- Sampaio, Theodoro e Teschauer, Carlos. 1955. *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*. Salvador: Livraria Progresso Editora.
- Saraiva, F. R. dos Santos. 2000. *Novíssimo Dicionário Latino-Português — Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, etc.* Rio de Janeiro & Belo Horizonte: Livraria Garnier, 11^a. ed.
- Schaden, Egon. 1955. *Karl von den Steinen e a etnologia brasileira*. Separata dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo: s. ed.
- . 1956. *Karl von den Steinen e a exploração científica do Brasil*. Separata do Volume 4^o, n.º 2 da *Revista de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- . 1964. *A obra científica de Paul Ehrenreich*. Separata do Volume 12, n.º 1 e 2 da *Revista de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Schmidt, P. Wilhelm. 1912. *Der Ursprung der Gottesidee*. Münster: Aschendorff.
- Schwarcz, Lília Moritz. 1993. *O espetáculo das raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Sevcenko, Nicolau. 1983. *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 3^a edição.
- . 1998. *Orfeu extático na metrópole - São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 2^a edição.
- Skidmore, Thomas E. 1976. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Smith, Herbert H. 1922. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá. Notas de um naturalista. Com um capítulo de Carlos von den Steinen sobre a capital de Matto Grosso*. Tradução: Capistrano de Abreu. Cayeiras/ São Paulo/ Rio de Janeiro: Cia. Melhoramentos.
- Sombra, Luiz. 1913. “Os cachinauás — Ligeiras notas sobre seus usos e costumes”. *Jornal do Commercio*, Sábado, 11 de janeiro.
- Sousa, Antonio Pyrineus de. 1916. *Exploração do rio Paranatinga e seu levantamento topographico bem como o dos rios S. Manoel e Telles Pires*. Rio de Janeiro: Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas.
- Steinen, Karl von den. 1940. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Prefácio de Herbert Baldus, tradução de Egon Schaden. Separata enumerada da *Revista do Arquivo*, n.º XXXIV a LVIII. São Paulo: Departamento de Cultura.
- . 1942. *O Brasil Central*. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional.
- Stella, Jorge Bertolaso. 1928. “As linguas indigenas da America” – *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, XXVI: 9-172.
- Stegelmann, Felix. 1903. „Die Indianer des Rio Envira“. *Globus*, 83 (9): 135-139.
- Studart, Guilherme. 1910. “João Capistrano de Abreu”. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense*. Vol. I. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, p. 420-428.
- Swiggers, Pierre. 1990. “Reflections on (models for) linguistic historiography”. *Understanding the historiography of linguistics. Problems and projects*, p. 21-34. *Symposium at Esses*, 23-25 November 1989. Ed. por Werner Hülsen Münster: Nodus Publikationem.
- . 1990a. «Histoire et historiographie de l’enseignement du Français: modèles, objets et analyses». *Études de linguistique appliquée*, 78: 27-44.
- . 1993. «Language, langue(s), comparaison et histoire aux temps modernes: continuité et discontinuité de glissements conceptuels, d’approches variables, et de redéfinitions d’un objet multiple». *Münstersches Logbuch zur Linguistik*: 4.

- , 1997. *Histoire de la pensée linguistique - Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIX^e siècle*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Tastevin, Constantino. 1910. *La langue Tapihiya dite Tupi ou Ñeengatu (belle langue), grammaire, dictionnaire, et textes*. Vienna: Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, Schriften der Sprachenkommission, vol. 2.
- Taunay, Affonso de Escragnolle. 1927. "J. Capistrano de Abreu — In memoriam". *Annaes do Museu Paulista* 3: XIII a XVIII.
- Valenzuela, Pilar. 1999. "Adverbials, Transitivity, and Switch-Reference in Shipibo-Konibo". In: Billiup, Sabrina J.; John P. Boyle and Aaron M. Griffith (ed.). *The Panels, Theory and Linguistic Diversity*. 35: 355-371. Chicago Linguistic Society.
- , 2000. "Cuando los Otros no son los Mismos – Ideología y Análisis Gramatical: un caso desde la Amazonía Peruana". *Lexis* XXIV (1): 49-81.
- , 2002. *Relativization in Shipibo-Konibo. A typologically oriented study*. München: LINCOM Europa.
- Ventura, Roberto. 1988. *Escritores, escravos e mestiços (Raça e natureza na cultura brasileira)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Verneau, René. 1928. "L'oeuvre scientifique de la Société des Americanistes de Paris". *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas realizado no Rio de Janeiro, de 20 a 30 de Agosto de 1922*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Vol. II, p. 397-412.
- Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves. 1892. *Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vierkandt, A. 1897. "Die Indianerstämme Brasiliens und die allgemeinen Fragen der Anthropologie". *Globus* LXXII (9): 133-139.
- Vignaud, Henry. 1914. "L' Americanisme et la Société des Américanistes – Discours de reentrée de M. Vignaud, Président de la Société." *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, XI: 1-12.
- Villeroy, Ximeno. 1891. "Apontamentos sobre a linguagem dos índios Coroados-bororó". *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, VII: 81-91.
- Virchow, Hans. 1929. "Worte der Erinnerung an Karl von den Steinen". *Zeitschrift für Ethnologie*, 61: 401-406.
- Walle, Paul. 1914. «Les voyages, découvertes et aventures de M. Savage Landor au Brésil». *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, XI: 217-227.
- Weinstein, Barbara. 1993. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/ EDUSP.
- Weißhar, Emmerich und Illius, Bruno. 1990. „Eine Grammatik des Shipibo-Conibo mit Textbeispiel“. In: Illius, Bruno und Laubscher, Matthias (Hrsg.). *Circumpacifica: Festschrift für Thomas S. Barthel*. Frankfurt am Main/ Bern/ New York/ Paris: Lang. S. 563-587.
- Westphal-Helbusch, Sigrid. 1973. „Zur Geschichte des Museums“. In: Krieger, K. und Koch, G. (Hgs.). *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv. Beiträge zur Völkerkunde*. Neue Folge Band XXI (XLVI. Band). Berlin: Dietrich Reimer, S. 1-99.
- Zeitschrift für Ethnologie — Organ der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*. 1905. "Korrespondierende Mitglieder mit Angabe des Jahres der Ernennung".